



EDITORA
ANTROPUS

Diálogos Sobre Pré-História:

MENTE, CULTURA & SOCIEDADE

VOLUME I

MATUSALÉM ALVES OLIVEIRA &
MATHEUS GLEYDSON DO NASCIMENTO SALES
(ORG.)



**DIÁLOGOS SOBRE PRÉ-HISTÓRIA:
MENTE, CULTURA E SOCIEDADE**

VOLUME I

Matheus Gleydson do Nascimento Sales

Matusalém Alves Oliveira

(org.)



Conselho Editorial

Cleverton Lopes de Oliveira
Déborah Gomes Oliveira
Fábio Alves Gomes
Juliana Nascimento de Almeida
Matheus Gleydson do Nascimento Sales
Matusalém Alves Oliveira
Raphael Bispo Milhomens

Conselho Científico

Fábio Alves Gomes (UFCG)
Juliana Nascimento de Almeida (FUST)
Matheus Gleydson do Nascimento Sales (UEPB)
Matusalém Alves Oliveira (UEPB)
Washington Luiz M. da Silva (UFPE)

Expediente

Diretora Geral	Déborah Gomes Oliveira
Editor-Chefe	Matheus G. N. Sales
Revisor Geral	Matheus G. N. Sales
Capa	Lucinara de Souza Xavier



2024 EDITORA ANTROPUS

1ª Edição

Todos os direitos da obra

EDITORA ANTROPUS

www.antropuseducacional.com.br

Copyright da obra © EDITORA ANTROPUS, 2023.

Arte da capa - Lucinara de Souza Xavier

Essa publicação foi realizada por pesquisadores do grupo de pesquisa A Polissemia da Ação Humana - Uma abordagem filosófica das múltiplas relações constitutivas da condição humana (CNPQ).



<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1959097326802573>

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D537 Diálogos sobre pré-história [recurso eletrônico] : mente, cultura e sociedade / organizadores, Matusalém Alves Oliveira, Matheus Gleydson do Nascimento Sales. – 1. ed. – Campina Grande : Editora Antropus, 2022. 313p. ; v. 1 ; 1,97 MB.

Vários autores.
Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-84581-10-4

1. Pré-história. 2. Arqueologia. 3. Etnologia. 4. Civilizações antigas. 5. Evolução. I. Título.

21. ed. CDD 930

Elaborado por Estela F. P. Santos, Bibliotecária - CRB 15/841

SUMÁRIO

Prefácio.....	07
A transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro e seus vestígios na Grécia Pré-Homérica.....	26
Raça, Língua e Cultura; um resgate às origens.....	38
Social: a evolução da mente e o desenvolvimento da sociedade a partir de nossos ancestrais.....	46
Homens pré-históricos: uma análise sobre o prelúdio e o fim pela passagem do homem durante a sua evolução na terra.....	55
Raça e racismo: um conceito enraizado na sociedade.....	61
O primitivo e o contemporâneo: os princípios do primitivo e a fuga da modernidade (e de outros demônio).....	71
Aprendizado pré-histórico: da renegação ágrafa à legitimação das fontes e a validação interdisciplinar.....	80
Disputas evolutivas: a seleção natural e sexual como quebra-cabeça da evolução.....	88
Cooperação e altruísmo: uma perspectiva histórica, biogenética e sociocultural.....	99
O desenvolvimento da linguagem: da Pré-História à Contemporaneidade.....	110
O fim da era pré-histórica e a origem da escrita: desdobramentos da pesquisa dos indivíduos pré-históricos no Brasil.....	120
Do bisonte ao cordeiro: como hoje entende-se o surgimento, ainda na Pré-História, da moral e da espiritualidade.....	133
Por que nos tornamos homo sapiens curiosus, antes de nos tornarmos homo sapiens sapiens?.....	145

A evolução do comportamento humano no período pós-glacial até o fim da Pré-História.....	153
A importância da socialização humana na busca de poder e domínio para construção de uma civilização.....	162
O sedentarismo como estopim da revolução neolítica e as mudanças sociais: o papel da mulher neolítica.....	175
Primeiros modernos e sua nova forma de vida após a última era glacial.....	185
Paleolítico inferior: período mais longo da história da humanidade.....	194
Sociedade e cultura na Pré-História: origens e transformações dos costumes e convivências ao longo da história.....	207
Revolução cultural: perspectivas acerca do início da cultura pré-histórica.....	216
Homens pré-históricos e contemporâneo: sexo e questões evolutivas da reprodução.....	223
A grande revolução neolítica e o processo inicial da complexidade do mundo histórico e de suas organizações.....	234
Nossa origem: de onde viemos?.....	247
A construção da visão ocidental acerca da sociedade primitiva e seus impactos.....	256
Compreendendo a natureza humana através da psicanálise freudiana horda primária.....	265
O cérebro: inteligência, salto de desenvolvimento e interligação com a mudança do ser social e da sociedade.....	272
As profundas raízes da violência.....	282

Paleolítico médio: homem de neandertal, a dominação do fogo e a indústria musteriense.....	294
Os símbolos, os significados, e o desconhecido das itacoatiaras.....	305
Posfácio.....	312

PREFÁCIO

A **Editora Antropus** tem a satisfação de apresentar à comunidade universitária e sociedade, o volume I da obra *Diálogos Sobre Pré-história: Mente, Cultura e Sociedade*. Trata-se de uma coletânea de artigos organizada por mim e pelo Prof. Matheus Gleydson do Nascimento Sales, estabelecendo-se como uma publicação que muito honra o **Instituto Antropus Educacional**; vivendo um momento rico e fecundo, publicando temas de grande relevância para a atualidade e para a geração do conhecimento científico no estreitamento entre grupos de pesquisa e grupos de extensão. Ademais, essas atividades se manifestam para fortalecer o ensino de graduação e de pós-graduação como um todo, buscando resgatar a história de nossos ancestrais como também engrandecer a cultura e identidade nordestina e brasileira. Pois esse esforço em recompor nossa caminhada humana está registrado nos temas tratados pelos autores que, em grande parte jovens, já demonstram grande maturidade no assunto do homem pré-histórico e pelo próprio compromisso com a seriedade da investigação científica.

O nosso remoto ancestral, muito mais antigo do que se pensa, é o homem da pedra polida, simplesmente escolhida, que viveu antes do homem da pedra talhada e da pedra polida e que já era um homo sapiens. O homem neolítico é aquele que domesticou as plantas e os animais, tornando possível a civilização atual. Porque a Terra é um planeta maravilhoso e ímpar, e o homem é uma criatura singular que, sem dúvida, evoluiu, porém, foi e é diferente de todas as espécies atuais e pode se orgulhar dessa diferença, que não foi adquirida por acaso; sua aristogênese é outra. A narração é sobre a vida e o homem que, para compreender a magnitude e impressionante vitalidade acadêmica desses jovens que amam a pré-história, é preciso situá-los na sua própria história inserida e que está no eixo central de formação na instituição. Esta, com um elevado espírito científico norteou a todos que participaram de cada momento na elaboração desse conjunto de pensamentos, reflexões e ideias, que agora passamos a apresentar:

A TRANSIÇÃO DA IDADE DO BRONZE PARA A IDADE DO FERRO E SEUS VESTÍGIOS NA GRÉCIA PRÉ-HOMÉRICA é o artigo que **Matheus Gleydson do Nascimento Sales**, no qual inicialmente mensura a importância documental do poema épico de Homero que dá ao historiador ferramentas para a interpretação dos fatos históricos muito antes de 2500 anos. Nosso autor pormenoriza a consistência da narrativa que faz Homero chamando-a de “pistas”, indo ao âmago do

final da idade do bronze, abrindo espaço para uma investigação apurada da tecnologia na metalurgia do ferro. Há uma Grécia histórica e uma pré-histórica. Uma oral e outra documental. E o fim da cultura grega foi o início do Cristianismo. O Cristianismo tendeu a acabar duas coisas na Grécia: beleza e deuses. Os gregos têm sentimento de beleza (*kalos*). O amor grego é Eros. O amor cristão é Ágape. É uma cultura oriental fáustica como Fauno Barbieri no Museu de Munich, na essência do *kalos*. Na escultura, a *physis*, dormindo, descansando é a imitação perfeita da natureza. Olha a beleza grega por onde o naturalismo emerge de Apolo, deus da medicina com Hígia e Panaceia. Os gregos optaram por ela porque fizeram de sua necessidade uma virtude sobre o ideal de uma república aristocrática, governada pelos “melhores” – os *aristoi* ou *eupátridas* –, tidos como os sábios conhecedores do que é bom ou não, ainda que tardasse em constatar que não havia melhores. A polis grega assentava-se sobre diferenças hierárquicas: os gregos seriam superiores aos não gregos; o guardião ao artesão; o homem à mulher; o cidadão ao meteco; o pai ao filho; o amo ao escravo. A república platônica, governada por filósofos, seria pura utopia, sem qualquer possibilidade de eficácia e, quem ainda pensa que ela seja possível, contribuirá lamentavelmente para o dismantelo do que já se construiu bem até hoje. É um artigo de grande interesse para quem busca conhecer sobre uma grande fenda humana da pré-história antes dos textos mitológicos de Homero.

Sobre o trinômio RAÇA, LÍNGUA E CULTURA, **Abdias Ramos Neto Segundo** e **Ana Carolina da Silva Aleixo Xavier** fazem um resgate das origens hominídeas por essas três categorias indissociáveis, destacando antecipadamente o exame de uma certa antropologia física porque denotam as mudanças do hominídeo no seu porte físico, haja vista a interação entre os grupos, dando surgimento a novas raças e, com o aparecimento de outros povos, conseqüentemente, de novas características, originou assim uma nova raça; de tal forma que seus biotipos se identificam pela análise minuciosa das referidas calotas cranianas. Do mesmo modo em que, no Gênesis (Êxodo, 21/24) é lembrado o repúdio de Abraão, muito embora sendo parte da mesma família, o povo e o grupo continuam a ser identificados com o sangue, o que tristemente faz perdurar o mais perigoso dos mitos humanos, que é a raça. Muito proveniente da ignorância porque homo compreende uma única espécie *sapiens* e, dela, os grupos raciais são simplesmente variedades sub-específicas e nunca isoladas. Qualquer aversão às diferenças é, antes de tudo, um sentimento que se deixa alimentar pelo medo e pelo pânico calculados. A dominação e não o racismo é o pano

de fundo que agita o fenômeno da xenofobia. O conflito com o *pária* é menor que um pretense conflito étnico. É um conflito social em seu nível mais baixo: o menosprezo da pobreza. Assim, a xenofobia chega a ser, no final, um sentimento administrado pelo interesse utilitarista. O artigo interessa sobretudo aos que pretendem compreender o princípio dessas três categorias.

Partindo para uma investigação bio/psico/sociológica, analisando **A EVOLUÇÃO DA MENTE E O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE A PARTIR DE NOSSOS ANCESTRAIS**, **Adna Hellen Silva** e **Gisela Silva Barbosa**, fazem uma reflexão associativa entre o desenvolvimento social na pré-história, relacionado à evolução dos neandertais para *Homo sapiens*; fazendo uma séria abordagem sobre os estudos de Durkheim e Raymond Aron, pondo em nova discussão o debate da humanidade ser produzida de modo, fazendo destacar os instrumentos e artefatos como comprovação de ações interativas entre grupos, tanto em seus costumes, como *modus operandi*. Os seres vivos não existem cada um por si, tal como expressou Herbert Spencer na sua teoria da sobrevivência dos mais aptos. Não, porque os demais seres estão à mercê da ordem natural, da cadeia alimentar. No caso do homem, ele não fica sob qualquer ordem natural e sim por uma ordem artificial construída aleatoriamente como simples teoria não suscetível à universalidade. Tudo o que ocorre embora pareça injusto é necessário porque somos um movimento de dois agentes bipolares. Deus é o estável e instável ao mesmo tempo porque está sempre em movimento cósmico. Mas ainda estamos atrasados na cadeia da evolução em relação aos demais animais porque temos o egoísmo de temer o sofrimento. Compreenda que para você evoluir você tem que sofrer. Quem não sofreu pensa que é evoluído, mas não é. Cristo chegou ao ápice de sua evolução ao não temer o sofrimento, compreendendo a sua verdadeira necessidade de ir ao sacrifício da maneira como o cristianismo interpretou essa evolução máxima que foi se transformar em Espírito Santo! Apesar de ser difícil compreender, dor, guerras, calamidades, fome são adventos necessários para progredir a nossa espécie.

HOMENS PRÉ HISTÓRICOS: UMA ANÁLISE SOBRE O PRELÚDIO E O FIM PELA PASSAGEM DO HOMEM DURANTE A SUA EVOLUÇÃO NA TERRA, é a intitulação do artigo de **Anna Lorena Torres de Araújo** e **Inácia Lohanny Souto Oliveira** tomando por base a obra “Homens Pré-Históricos” do autor Robert J. Braidwood (1985). As autoras fazem uma investigação sobre os ambientes de moradia do homem pré-histórico; o que se torna o artigo de bastante im-

portância para aqueles que investigam a filosofia da tecnologia, como contribuição para a decifragem do elo perdido entre eles e nós no âmbito da história arquitetônica. Aquilo que a princípio foi apresentado por Wallace e Darwin como uma hipótese, transformou-se depois contra o princípio fundamental que deveria reger a ciência, numa espécie de dogma religioso, infalível, intocável, mas o Evolucionismo é apenas uma teoria. Por mais pancadas que a biologia formal bata sua cabeça com a própria mão, jamais será capaz de explicar a mente a menos que mude seus instrumentos. E isso ela não faz. A origem da vida é ainda mais séria. Jamais alcançaremos. Deus não nos deu a ferramenta necessária. Aqui, ele é sutil. A situação da biologia atual não é satisfatória. É um artigo feito para quem interessa sobretudo investigar sobre o sentido da história, ou por melhor dizer, uma filosofia da história. O abismo do subconsciente da psique humana, camada por camada, apenas começou a ser explorado recentemente. A altura e a elevação do superconsciente e de uma possível percepção extrassensorial é apenas aflorada.

RAÇAS E RACISMO: UM CONCEITO ENRAIZADO NA SOCIEDADE, é o tema do artigo de **Arthur Franklin Ferreira Lopes** e **Maria Clara Soares Silva**, tão oportuno para os dias atuais quando de aclama para a desconstrução da discriminação e xenofobia. Partindo de uma análise qualitativa com inclusão de relatórios e dos principais críticos e comentaristas, os autores reiteram uma discussão sobre as definições utilizadas para classificar quais e quantas são as “raças” existentes no Brasil, mostrando que a padronização dada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pela divisão, é ocorrida entre brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas, nos alerta que a definição de raça leva em conta critérios baseados em características físicas, como ferramenta utilizada de estratificação social, quando leva o racismo a um sistema doutrinário ou político que estabelece a exaltação de uma raça, em detrimento das demais, como um falso sistema que afirma a superioridade de um grupo racial relativamente aos outros.. A etnia refere-se, portanto, a identidades culturais e à nação, à forma política desta identidade. A história contemporânea, entretanto, tem revelado que, em qualquer caso, no qual se tem pretendido substituir o *étnos* pelos *demos*, ou vice-versa, resultou em tragédia. Se todos os integrantes de uma comunidade se mantivessem na reivindicação de suas origens e aspirações particulares, seria impossível manter-se nessa comunidade. A Ilustração usa a expressão cidadania no significado de liberação do *yugo*, e não eram então cidadãos por formarem parte do mundo dos vivos, mas por serem livres e iguais. Desse modo, a cida-

dania foi se tornando um título jurídico e um vínculo político somente acessível a quem reunisse determinados requisitos como nascimento e laços consanguíneos. Assim, o artigo é uma excelente oportunidade para os investigadores que estudam as minorias, segregação racial, direitos humanos e cidadania, no âmbito das diferenciações étnicas raciais e da desigualdade social contemporânea.

Uma ponte epistemológica sobre O PRIMITIVO E O CONTEMPORÂNEO: OS PRINCÍPIOS DO PRIMITIVO E A FUGA DA MODERNIDADE (E DE OUTROS DEMÔNIOS) é o excelente artigo de **Beatriz da Nóbrega Carolino** e **Gustavo Soares Mendes Oliveira**. Os autores investigam o *modus vivendi* de nossos ancestrais de 5000 anos, identificando-os como os primeiros humanóides na pré-história. Insinuam os autores que o léxico deveria ser empregado ao nosso estado evolutivo da sociedade moderna face o legado de atitudes realizadas pelo homem moderno: esses sim poderiam ser chamados de bárbaros, comparando as etapas civilizatórias vis-à-vis. Pelo contrário, teríamos muito a aprender com nossos ancestrais a partir de quando a ciência arqueológica desvendou, com clareza, costumes e práticas de existência. Destaque-se que os atuais seres domésticos - cerca de 60 animais e 800 plantas - foram criados pelo homem primitivo do período neolítico há milhares de anos antes de existirem indianos, chineses, egípcios, astecas e incas, usando genética não mendeliana, ignorando genótipos imortais e mesmo o citoplasma que envolve o ácido ribonucleico. Com sua astúcia, o homem neolítico tornou a vida humana menos árdua. Possuía enorme intuição e grande dose de bom senso. Mas este despertar da consciência do homem para o exame mais profundo da mente e da personalidade não pode ficar em um plano puramente especulativo, porém científico e objetivo. É um artigo para aqueles que se interessam sobre realizar um estudo comparado entre os estágios da evolução humana, quem sabe perfazendo uma crítica contundente aos tempos hodiernos.

Muito procedente é o estudo do APRENDIZADO PRÉ-HISTÓRICO: DA RENEGACÃO ÁGRAFA À LEGITIMAÇÃO DAS FONTES E A VALIDAÇÃO INTERDISCIPLINAR realizado por **Daniela Alves dos Santos** e **Thallyta Vytorya Silva Mouzinho**. Para as autoras, se a separação da Pré-história com a história foi realizada pela *episteme* da segunda ser apoiada por razões de presenças documentais em seu conceito mais conhecido e difundido, nada mais perpassa do que formações socioculturais validadas por áreas que se entrelaçam como a antropologia, arqueologia, paleontologia, biologia, química, entre outras. O mundo material é o mundo do interesse e no âmbito materialista

se tenta dar uma lógica ao conjunto. Seria a *episteme* (que chamamos de conhecimento) e não a *doxa* (que chamamos de mito ou opinião). Assim, a educação consolidou-se como um processo de formação do indivíduo tendo como fim o equilíbrio entre o seu ser racional e emocional e mesmo que o homem tenha sido definido biologicamente como o *homo sapiens*, isto é, o homem- inteligência, a inteligência sobrepondo-se ao instinto, é a mais nobre condição humana: a razão transformou a “besta humana”, como chamou GIBBON. A inteligência do homem tem crescido através da história e dos milênios. Quando o homem emergir da animalidade para a humanidade, o instinto perdeu a prevalência em função da inteligência. Desse modo, a palavra inteligência ficou usada em vários sentidos e, na psicologia, a palavra inteligência ficou usada tradicionalmente como uma faculdade, junto com as da vontade, memória, imaginação, intuição. Daí surgiu a ruptura entre o homem e o animal: os animais não têm cultura, são sequenciais; os seres humanos, têm cultura porque são conscientes. Portanto, o artigo das nossas autoras recupera e põe à tona a grande tese de Hegel: “Tudo que é real é racional e tudo que é racional é real”.

A genética e a evolução são discutidas no artigo DISPUTAS EVOLUTIVAS: A SELEÇÃO NATURAL E SEXUAL COMO QUEBRA CABEÇA DA EVOLUÇÃO, de **Denílson Jovencio de Souza e João Batista Mariano Pereira**. Eles investigam o caráter competitivo de tribos e povos, aludindo ao pensamento de evolucionistas do século 19, a exemplo de Charles Darwin, Alfred Wallace, Carl Pantin, Andrew Whiten, Richard Byrne, Amotz Zahavi, Robert Winston e os filósofos Herbert Spencer e Friedrich Nietzsche a respeito dessas competitividades oriundas da herança genética. Os autores de forma bastante consistente confrontam esses pensadores, que pode inferir na concepção que a evolução não tem retorno pois é cega surda e muda porque ninguém volta sobre passos já dados, pois a evolução é como o tempo: ocorre em uma só direção com dois bilhões de reprodução partenogênica de uma certa espécie com a ajuda das mutações da seleção natural e da adaptação entre adaptação. Mas então o que é inicialmente uma definição singular do sexo? Uma coisa é sexo outra coisa é sexualidade. A sexualidade chama-se partenogênese; sexo é deformíssimo sexual que é troca de informação genética. Envolve - nesse caso- altruísmo, fenótipos, genótipos, interação, copulatório, linguagem, raças, cruzamentos, Partenogênese meiótica e a meiótica energia. O debate pode assim levar a Freud, que foi o pensador que mais refletiu sobre sexo. Ele, já recém-formado em medicina, começou a estudar o inconsciente. Sonda

a mente sobretudo de mulheres históricas e as raízes da sua reflexão eram baseadas no *Tratado das Sensações de Condillac* (Séc. XVIII). A princípio Freud era um ateu convicto ou talvez um panteísta, acreditando na harmonia entre o Cosmos e a Natureza. Mas a verdade é que ele não conseguiu consolidar sua teoria, uma forma que deixou tudo muito aberto e não se pode cometer o erro de não deixar de pensar em sexo o as consequências mentais do homem a partir de sua sexualidade. A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade humana assim tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo universal, em sua objetividade.

Assim, também podemos observar no artigo **COOPERAÇÃO E ALTRUÍSM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA, BIOGENÉTICA E SOCIOCULTURAL** de **Maria Eduarda Santos da Silva e Weverton Santos Lima de Souza** quando discutem o percurso evolucionista das espécies quando estas elaboram diversos comportamentos que os auxiliaram na perpetuação de seus genes. Daí os autores astuciosamente e competentemente sinalizam a cooperação e o altruísmo como elementos categóricos que mantiveram-se fundamentais, ultrapassando o universo genético e indo de embate com o social. Alegam os pesquisadores que a cooperação caracteriza-se como um comportamento que visa o benefício da comunidade, ou seja, o compartilhamento de grupos entre grupos, exemplificando a alguns grupos ,pré- históricos e históricos que mantêm este comportamento mais observável, como o ato de partilhar o alimento caçado ou coletado com todos os indivíduos. Por outro lado, o altruísmo constitui-se a partir de um ato em que as ações voluntárias de um indivíduo beneficiam outros, extensivamente a outros animais como morcegos-vampiros que compartilham os alimentos fomentando laços afetivos. Um ato inteligente. Inteligência é no fundo o poder da mente de ajustar- se a novas situações e problemas. Assim, as três perspectivas esboçadas pelos autores levam a compreender e encarar a inteligência como uma capacidade de resolver de maneira criativamente e original, os problemas de situação, isto é, do meio em que vive. Porque nem todos os nossos comportamentos exigem uma atividade inteligente. Nossos hábitos são estruturas mecânicas de comportamento, que acionamos para a consecução de muitos objetivos, sem precisar mobilizar a inteligência.

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: DA PRÉ-

-HISTÓRIA À CONTEMPORANEIDADE foi o tema desenvolvido por **Emily Caroline Pereira da Silva**, investigando a história da linguagem verbal e o seu possível colapso na contemporaneidade que, segundo a autora, culmina na derrocada dos meios de comunicação que foram trazidos pela modernidade e que a comunicação verbal culminou, pela globalização e pelo advento da tecnologia digital atual, o revés da comunicação verbal mediante a substituição da linguagem falada pelo uso de imagens. O texto faz elencar como o homem “desenvolveu a sua comunicação através de gestos e sons, e posteriormente através de pinturas rupestres no período que compreende a Pré-História, mas, com o desenvolver das atividades, expansão, exploração de novos ambientes, aumento no número de indivíduos nos grupos e a evolução na capacidade cognitiva e corporal, o homem atingiu a linguagem verbal e escrita”. O artigo aponta que reduzir a *episteme* à análise de linguagem é a maior decadência da modernidade. É necessário um olhar para trás sobretudo no naturalismo de Rousseau e no Romantismo alemão, revisitando Goethe: esse fez uma das mais contundentes críticas ao paradigma da ciência moderna a partir da sua teoria das cores estudada durante dois anos, denunciando um reducionismo newtoniano. De certa forma, o artigo de Emily nos inspira a isso. A ciência moderna, seguindo aos enciclopedistas, separa o objeto de sua própria história: Separação do objeto investigador do objeto investigado. Infelizmente hoje seguimos ainda com essa mentalidade separatista quando numa sociedade tecnológica e digital presa a um capital financeiro transnacional, o que vale não é o valor existencial da sua vida, mas o valor financeiro da sua vida, quando a sua vida não é o que você “é” mas o que você “tem”: o “ser” foi substituído pelo “ter”.

O Brasil como espaço de investigação arqueológica é tratado por **Hemmyly Santos Araújo** e **Ana Augusta de Aguiar Rodrigues** no artigo O FIM DA ERA PRÉ-HISTÓRICA E A ORIGEM DA ESCRITA: DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA DOS INDIVÍDUOS PRÉ-HISTÓRICOS NO BRASIL. As pesquisadoras demonstram que entre” os inúmeros motivos que levam um historiador ou um indivíduo interessado apenas em história a pesquisar sobre a era pré-histórica, está o motivo do deleite em poder explorar e originar nele um sentimento investigativo para descobrir os rastros que a humanidade deixou e acaba por revelar”. Como a pré-história não possuía papiros pela ausência da escrita fica demonstrado que o trabalho do historiador é mais exaustivo nessa etapa porque tem apenas a arqueologia como andar, “valendo-se apenas das pinturas rupestres, restos de ossos de animais e

humanos, ferramentas criadas para caça e pesca, manifestações artísticas feitas em inúmeros materiais e construções que foram soterradas ao longo do tempo. Tudo isso está espalhado por todo o mundo e aguarda nosso encontro., para que possamos chegar ao fim de nossa investigação e descobrir o que esses achados influenciaram na Pré- História”. Por exemplo, quando do domínio da escrita depois dos pré-históricos , podemos destacar o que se chama de Pentateuco: são os cinco primeiros livros da Bíblia, “escritos” não por Moisés, mas tudo indica que tenha sido pelos escribas de Davi: O gênesis que trata do começo; o êxodo que fala sobre a saída do povo hebreu do Egito; O Levítico, que trata das Leis de Deus entregue por Moisés para os Levitas; os Números que trata da organização das tribos, recenseamento e seção das tribos; o Deuteronômio, que trata da repetição para as novas gerações de tudo que foi ensinado. Nessa perspectiva a arqueologia cresce no Brasil e exponencialmente no mundo contemporâneo porque sempre estamos aptos a desvendar linguagens e escritos de tempos passados.

Wellington da Silva Gomes Mendes e Jardel da Silva Melo contribuem nessa coletânea com o artigo DO BISONTE AO CORDEIRO: COMO HOJE ENTENDE-SE O SURGIMENTO, AINDA NA PRÉ HISTÓRIA, DA MORAL E DA ESPIRITUALIDADE. Estudar a pré-história é, certamente, complexo porque, além da carência de artefatos, fontes documentais principalmente, o pesquisador realiza em parte desenhos emanados da subjetividade, tentando materializar um tempo, uma época. Cientes desses aspectos, os autores do artigo emanam as contribuições de Leroi-Gourhan no âmbito da indagação de como poderia o visitante planetário estabelecer uma divisão ideológica entre o cordeiro cristão atravessado por uma espada e o bisonte ferido de lança. Isso posto, os autores partem para mostrar a objetividade na subjetividade, mostrando que esta é hoje a maior ferramenta do historiador da pré-história. A vida e o homem são estranhas entidades, ululando dia e noite na monstruosa solidão do universo. No íntimo de todas as pessoas há sempre um conflito entre sentimento e razão. Adaptação e a seleção natural aliadas, contemplam com espanto a singular espécie. As outras espécies logo aprenderam a respeitá-la e temê-la. As ignorantes foram e estão sendo castigadas. Outras, mais sábias, aproximam-se e submetem-se. Tomou forma e espalhou-se pelas famílias, tribos, fazendas, vilas, cidades e países. Na mitologia grega, Prometeu pagou seu atrevimento com o suplício. Dédalo, o construtor do labirinto, foi jogado dentro dele. Ícaro viu queimada suas asas. Para um grego a posição anti tecnológica resulta de uma posição necessária do humanismo. Ale-

xandria cria brinquedos com o domínio do motor de combustão interna. Não desenvolveu esse motor de forma produtiva porque a mão de obra era barata conquistando escravos. A civilização helênica, e romana e a ocidental tiveram um limite: traçaram o mapa da superfície consciente e voluntária da psique humana e a isto se reduzia o seu saber.

O espírito filosófico socrático do “conhece-te a ti mesmo” é inserido no artigo POR QUE NOS TORNAMOS HOMO SAPIENS CURIOSUS, ANTES DE NOS TORNAMOS HOMO SAPIENS SAPIENS? Os autores **João Victor Dias Ferreira** e **Victor Rodrigues Farias** assinalam que o estágio do homo sapiens somente foi atingido graças à perspicácia evolutiva humana que foi em busca do conhecimento que por sua vez fizeram distinguir de outros animais. A conquista da racionalidade humana é fruto do espírito de sobrevivência, numa espécie de entender a tecnologia como filha da necessidade. Assim, a curiosidade é uma característica natural desde o Australopithecus, que o fez adquirir a locomoção bípede, o desenvolvimento cerebral craniano em torno de 500 a 1500 cm cúbicos. Por estranho que pareça, há acontecimentos na evolução dos seres vivos que não podem ser explicados mesmo com a ajuda da teoria da aptidão das espécies criada por Lamarck que diz ser a vida um caráter adquirido e se transmite, por hereditariedade. Nossa curiosidade não é produto do cérebro e sim da mente. Nem é fruto da razão, nem da intuição. É fruto de pura astúcia que é uma mistura mal dosada de deduções e induções. A distância entre cérebro e mente é escandalosamente grande e a zona da astúcia é esquisita. Alguns pensadores analisaram diferentemente o problema, reconhecendo a personalidade e a intencionalidade do emocional, como na orientação da “lógica pascaliana do coração”. A lógica do coração de Pascal, ou como em SCHELER ao fazer da emoção um ato intencional, no qual são dadas essência sem significados. E assim a vida emocional não é uma espécie inferior à vida intelectual, mas tem sua própria autonomia. Ao lado da investigação das leis do pensamento existiria a investigação das leis da vida emocional.

A EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO DO PERÍODO PÓS-GLACIAL ATÉ O FIM DA PRÉ-HISTÓRIA escrito por **Jonhnattan Hudson Cadó Sousa** e **Pedro Igor Rocha Nogueira dos Santos**, contextualiza a evolução comportamental humana desde o período pós-glacial até o neolítico, traçando uma gênese de sua formação sociocultural e enfatizando as mudanças técnicas no processo de sobrevivência, que incluem ferramentas utilitárias usadas na vida cotidiana. Apresenta um balanço histórico da *Tekné* de tal forma que

podemos medir as etapas evolutivas dos comportamentos grupais e posteriormente sociais, mostrando o poder transformativo da técnica acoplado com o modo de vida e progresso da razão humana. E a competitividade de hoje? Na natureza o mais forte tem direito sob o mais fraco. Assim se dá na sociedade só que em lugar da força é a inteligência o poder de sobreviver. Agimos tal como a natureza porque aniquilamos os insetos que nos incomodam ou nos ameaçam, aniquilamos as bactérias que comprometem a nossa perspectiva de vida, aniquilamos animais e vegetais para nos alimentar. Continuamos no inconsciente defendendo que o verdadeiro fundamento moral é a lei da conservação da vida – na natureza e na sociedade. Ninguém defende a lei da conservação se a piedade com aclamam as diversas religiões. De um modo geral, Sócrates na antiga Grécia é o pai da psicologia, com a sua famosa frase” conhece- te a ti mesmo”, da mesma maneira que Tales de Mileto é o pai da física. Aristóteles foi quem primeiro escreveu sobre a psicologia no tratado PERI PSIQUE (De Anima, Da Alma).

A IMPORTÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO HUMANA NA BUSCA DE PODER E DOMÍNIO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO é o artigo de autoria de **José Caynan Nascimento Silva** e **Ithalo Christian Rodrigues Moreira** que, além de realizarem uma reflexão evolutiva do homem pré-histórico no contexto geral, apresentam pormenores da arte rupestre em Carnaúba dos Dantas/RN, no sítio Xique-Xique , a partir de observação presencial na dita região, o que foi possível comprovar pictoricamente a visualidade da arte, costumes, comportamentos afetivos. Um artigo bastante ilustrativo para quem se interessa a ler os detalhes estéticos pré-históricos no solo brasileiro. O homem é um animal gregário. Desde os primórdios da civilização, a socialização foi responsável pelo desenvolvimento humano. Atualmente, mais do que nunca, a capacidade de interação para gerar conhecimento é fator primordial na presente sociedade da informação, que é filha da mente evolutiva do homem. Cada ser humano possui uma mente rica, complicada e diferente. A convivência de mentes é difícil. Elas, no entanto, são versáteis. A estranha comunidade humana conjurou um ardil absolutamente indispensável para sobreviver. A neuropsicologia apareceu como ramo novo ou como Interciência, mostrando a existência de centros de prazer e centros de dor na cadeia evolutiva humana. Matrix é uma realidade sonâmbula e uma outra realidade. Hoje, o tempo histórico desaparece no tempo real, que é uma sucessão de instantes sem memória que se perdem na própria dispersão. Onde tudo é “indeciso”, a ética desaparece e não é mais passível fazer qualquer julgamento na

Arte, na Moral ou na Política. Onde tudo coincide com a própria imagem, não há mais espaço para a interpretação e o homem se torna realidade virtual da máquina.

Uma análise sobre a mulher pré-histórica é apresentada no artigo O SEDENTARISMO COMO ESTOPIM DA REVOLUÇÃO NEOLÍTICA E AS MUDANÇAS SOCIAIS: O PAPEL DA MULHER NEOLÍTICA quando os pesquisadores **José Douglas Gomes Almeida** e **Maria Eduarda Mendes de Lacerda** apresentam certos aspectos da vida em agricultura realizado pela dinâmica feminina no Crescente Fértil. Deus tem um plano e esse plano chama-se a Evolução. A evolução é o que prova a existência de livre arbítrio. Dizer que não existe livre arbítrio é o mesmo que o homem e a mulher seriam simples engrenagens com determinadas funções. De uma forma ou de outra o todo depende de todas as partes e a unidade faz o todo. Portanto, cada vida e cada matéria dependem um de todos. É impossível isolar algo ou alguém porque tudo possui a substância. Tudo se dá pela evolução que não é própria dos seres vivos apenas. Vivemos como tudo e todos: pela lei da conservação da vida. Se hoje se destaca bastante sobre o empoderamento feminino, vale ressaltar que os autores defendem o começo dessa ascensão da mulher desde a sua superação de um certo sedentarismo para uma vida em dinamismo, onde a prática da agricultura foi o celeiro dessa transformação do estático para o cinemático. Estudar sobre peculiaridades de gênero faz-se devido ao mundo da diversidade que estamos testemunhando e que nos remeteu também a uma reflexão sobre o papel do homem e da mulher em um tempo em que a família deixa de ser o centro de uma sociedade. HARTMAN na sua *Biologia Geral* (Allgemeine Biologie, Berlin, 2007) salienta que os animais superiores dotados de sistema nervoso se equilibram mediante reações internas (Endreaktion), denominados de irritações (Reis Reaktion), manifestando-se sob a forma de movimentos determinados (Bestimente Bewegungen) ou secreções glandulares (Druesensekretionen).

Sobre os PRIMEIROS MODERNOS E SUA NOVA FORMA DE VIDA APÓS A ÚLTIMA ERA GLACIAL podemos conhecer certas peculiaridades a partir do artigo de **José Tony Vidal Santos Junior** e **Bruno Gonçalves da Silva** quando relatam o modo de vida do homem pré-histórico na Europa-mediterrânea, com o uso de lâminas a partir da talha de pedras. Esse salto qualitativo de multiplicação de ferramentas para de diversos usos fez o pré-histórico asiático a sobressair no domínio de regiões em favor de sua sobrevivência. Tecnologia é assim um conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao

planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade. As técnicas são diversas habilidades de lidar com as tecnologias. Há um abismo existente entre o homem e a máquina e uma aversão dos humanistas pela técnica e a tecnologia. De um lado humanistas e de outro tecnólogos. Filósofos de um lado e engenheiros de outro. Tecnologia planta muitos problemas no âmbito teórico e prático: Ontológicos, epistemológicos e valorativos. Ao estudar o comportamento do indivíduo socialmente, é possível traçar estratégias, e elaborar um projeto para que sejam encontradas maneiras de trabalhar para o sucesso do conhecimento, fazendo com que o historiador absorva positivamente as informações que foram passadas. Hoje, o processo de planetarização é objetivo e subjetivo. Objetivamente, percebemos que tudo à nossa volta foi globalizado. Subjetivamente, cada indivíduo recebe “influxos do eu”, via rede, de todo o planeta. A inserção na rede produz um duplo espectral, um ego virtual, que no passado era representado pela alma.

Taissa de Oliveira dos Santos e Mônica Agra de Azevêdo Kermilin com o artigo **PALEOLÍTICO INFERIOR: PERÍODO MAIS LONGO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE** apresentam a habilidade do pré-histórico em transformar uma pedra em um instrumento funcional, capaz de auxiliar em tarefas cotidianas. Esse domínio não tão somente favoreceu a garantia de alimentação, mas agregou também uma funcionalidade na segurança de proteção contra predadores. As autoras destacam que embora não se saiba ao certo quem foram os primeiros a produzir tais objetos, face às divergências entre estudos arqueológicos e paleontológicos. Há uma unanimidade que esse salto quântico de emancipação em certas habilidades ocasionou o desenvolvimento do cérebro das espécies e da forma de vida humana como conhecemos hoje. De acordo com a ciência, a atmosfera da Terra há 3 bilhões de anos não possuía oxigênio. Compunha-se de Nitrogênio, Hidrogênio, Dióxido de Carbono, Metano e Amônia. Tudo cheirando a ovo podre e urina até 2 Bilhões de anos e algumas das vidas na época já possuíam dois sexos. Então, 3 bilhões de anos é a idade do surgimento do primeiro ser assexuado no oceano sem oxigênio e algo tão difícil de imaginar. Em 1985 se encontram fósil na África do Sul muito próximo ao que hoje visualizamos como bactéria com 3 bilhões de anos, também assexuada numa forma quase histórica, outras alongadas sem núcleo, nem corpúsculos ou organelas, tornando-se eucarióticas que começavam a usar e controlar o oxigênio. Na Austrália as fotos de criaturas de 3,6 bilhões de anos: Procarióticas. E essas criaturas possuem clorofila e foram chamadas

Histonas, bem próximo a sua composição Calcária, possuindo também uma espécie de proteção onde ele poderia ter escondido o primeiro ser vivo. O texto, portanto, promove uma aventura humana para compreender o grande intervalo do Paleolítico Inferior.

O artigo **SOCIEDADE E CULTURA NA PRÉ-HISTÓRIA: ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES DOS COSTUMES E CONDIÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA** de autoria de **Larissa Diniz Dantas** e **Maria Clara da Rocha Barbosa Souza**, relatam o advento da escrita, face à exploração arqueológica, sendo estabelecido que o desenvolvimento humano tivesse apenas cerca de 3,5 milhões de anos, enquanto os documentos escritos, cinco mil anos. Alertam as autoras que 99% da trajetória humana encontra-se justamente na pré-história e o homem, enquanto ser pensante, dotado de racionalidade, caminha pela Terra há pelo menos dois milhões de anos, porém só veio colocar em prática a escrita cinco mil anos atrás, provavelmente na crescente fértil. Assim, o conceito de pré-história, vai além da compreensão, bem como a problematização da demarcação da história através da escrita. Assim, há o argumento da relatividade cultural das etapas da pré-história de forma comparativa pelas dificuldades de interação de tribos no conviver com a cultura de outros povos e, assim, sempre será necessária a demarcação de um desenho constitucional entre elas. Nesse caso, segue-se o entendimento pela estratégia de independência cultural. A análise sobre aspectos de motivação e estímulo na sobrevivência é imprescindível para que se denota na cadeia evolutiva pela convivência na absorção do que lhe foi interagido, tornando eficaz o processo de compreensão epistêmica.

Lucas Lima Nunes e **Marcos Felipe Fonseca de Andrade** compõem o artigo **REVOLUÇÃO CULTURAL: PERSPECTIVAS ACERCA DO INÍCIO DA CULTURA PRÉ-HISTÓRICA** questionando a princípio se a cultura possui um início marcável ou se sempre existiu no âmbito social da humanidade? Refletem que a Cultura é uma palavra de muitos significados, sendo hoje um todo face ao pluralismo e multiculturalismo reinante. Assim, fazem mostrar que a Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo o comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica entre as variadas gerações. Caráter é o produto da consonância da Razão com a Emoção. O ser humano não cria nem intui, apenas tem condição de receber criatividade e intuição da inteligência do Universo. Thomás Edison, Einstein, da Vinci admitiram publicamente que algo vinha de fora para as suas

mentes. Mas este despertar da consciência do homem para o exame mais profundo da mente e da personalidade não pode ficar em um plano puramente especulativo, porém científico e objetivo. O abismo do subconsciente da psique humana, camada por camada, apenas começou a ser explorado recentemente. A altura e a elevação do superconsciente e de uma possível percepção extrassensorial é apenas aflorada. A civilização helênica, e romana e a ocidental tiveram um limite: traçaram o mapa da superfície consciente e voluntária da psique humana e a isto se reduzia o seu saber.

A GRANDE REVOLUÇÃO NEOLÍTICA E O PROCESSO INICIAL DA COMPLEXIDADE DO MUNDO HISTÓRICO E DE SUAS ORGANIZAÇÕES é analisado por **Maria Janaína Moreira Bernardo** e **Raquel Alves Aleixo Salvador** iniciando a discussão que a Revolução Neolítica ocorreu há 10 mil anos a.C. e que grandes mudanças sucederam-se não somente na vida de todas as gerações que herdarão um mundo bem diferente daquele que antecedeu a revolução agrícola. Destacam que anteriormente, no período Paleolítico, e ainda em boa parte do Neolítico, a caça e a coleta eram os únicos meios de sobrevivência que a humanidade tinha conhecimento e domínio. Dessa forma, a vida nômade era fundamental para que essas pessoas garantissem alimento e abrigo, sendo ponderada a evolução de forma lenta e gradual. Cito algumas das invenções do homem da pedra escolhida: o fogo permanente; a linguagem; o domínio do fogo; o misticismo; a pedra atirada com a mão; a pedra atada na ponta de um pau; a pedra atirada com uma funda; tiras de couro; cordões; redes para dormir, para pescar e caçar; armadilhas, lanças, arpões. Sabiam, ótica porque atiravam os arpões 2 dedos abaixo do peixe por causa da refração. Fizeram barcos de bambu, junco e couro. Faziam canais e represas. Tinha uma boa cerâmica. Faziam suas casas de pedra e barro. Faziam esteiras, tecidos, roupas, roldanas de toras e cordas de três voltas. Usavam sal nos alimentos e furtavam mel das abelhas. Os vestígios dessas invenções são encontrados na pedra talhada, na pedra polida e hoje. Depois dele, o homem moderno, domesticou apenas uma ave - o Periquito australiano, há 450 anos; alguns peixes de aquário, um cacto e o tritcale. De certa forma, o tema abordado por nossas autoras, nos remete a conhecer a grandeza e complexidade inovadora das organizações do período neolítico.

NOSSA ORIGEM: DE ONDE VIEMOS? Escrito por **Milena Araújo de Souza**, pelo título no parece uma abordagem de certa Teodicéia, mas já no começo vemos que se trata de um estudo sobre

a cadeia evolutiva humana, fazendo ao leitor a compreensão de que precisamos dar mais valorização aos nossos ancestrais, fato que por vezes é desprestigiado pelo próprio mundo científico. Indaga a autora que nenhum progresso hodierno preenche a lacuna da importância de nossos ancestrais, devendo ser caracterizado a reflexão da autora não como uma história cronológica de fatos, mas de um sentido dos fatos, ou seja, uma filosofia da história. 5 bilhões de anos – nascimento da Terra; 3 bilhões de anos – primeiro ser vivo; 2 bilhões de anos – primeiros fósseis; 500 a 800 mil anos- primeiros artefatos humanos; 15 a 25 mil anos- O homem nas Américas; 6200 anos- primeiro calendário egípcio; 3500 anos- Civilização da China. Descobrir formas para que sejam investigadas tais informações e conteúdo é sem sombra de dúvidas uma questão de extrema necessidade para o historiador, sendo um mediador de conhecimentos. O tempo parece não dar “tempo” para que o investigador da história faça essa recuperação de dados com primor merecido. Os veados dizem que já tivemos civilizações mais adiantadas. buscavam energia vital. São holísticos por fabricação e não lineares como a ordem quer que seja. O artigo nos remete às questões indagadas pelos pré-socráticos referentes ao “por que vim, por que vivo e para onde vou”.

No artigo **A CONSTRUÇÃO DA VISÃO OCIDENTAL ACERCA DA SOCIEDADE PRIMITIVA E SEUS IMPACTOS**, **Naiara Guimarães Abreu** e **Pedro Henrique Araújo Ferreira** problematizam que, com o avanço das ciências, a antropologia aparece desde a segunda metade do século XIX como uma disciplina científica, fazendo urgir os estudos sobre a diversidade cultural, usando as sociedades primitivas como área de experimento através da observação participante no território e pesquisas de campo. Os autores fazem de certa forma uma releitura sobre o método de Malinowski priorizando esse método como contingente e necessário para as investigações principalmente sobre o homem primitivo. Atualmente, presenciamos uma transformação social advinda do crescente acesso aos meios de comunicação e principalmente pela Internet. É a sociedade da informação, onde cada vez mais, os setores da sociedade percebem que a informação é poder, que a construção do conhecimento pode ser transformada em capital social, cultural e até econômico. Porém, há de se considerar que o modelo social da atualidade é altamente excludente, e contribui cada vez mais para o acirramento das desigualdades sociais, econômicas e culturais e, conseqüentemente, informacionais. A partir disso, é indiscutível a importância de um estudo mais aprofundado sobre as sociedades primitivas, buscando as justificativas necessárias para a compreensão de

certos interrogantes ao longo de todo desenvolvimento social. Uma coisa é refletir sobre o assunto por um viés oriental; outra pelo ocidental.

COMPREENDENDO A NATUREZA HUMANA ATRAVÉS DA PSICANÁLISE FREUDIANA NA HORDA PRIMA é um artigo escrito por **Nailde da Silva Costa** e **Igor Vieira Costa** fazendo um elo entre os estudos da pré-história com os estudos freudianos tendo como centro nevrálgico a teoria da evolução de Charles Darwin. O texto torna-se mais enriquecedor quando os autores perpassam pela confrontação com uma hermenêutica religiosa, da bondade natural do homem primitivo, sendo que a condição instintiva do homem pré-histórico discerne uma discussão psicanalítica da mente como espelho da natureza. A dúvida sobre a questão da natureza humana é afrontada com os estágios da psicanálise freudiana, além de problematizar que o trauma do desconhecimento das suas origens reflete em cima da narrativa do complexo de Édipo utilizado por Freud. O corpo não somente como físico, mas também como emocional e espiritual. A exemplo da cura de uma enfermidade cura jamais se dá por partes, mas pelo conjunto. Ninguém fica doente do fígado, mas do corpo em seu conjunto, como os Yoges e os Chi Kung seguem essa unidade, tendo em vista que devemos valorar a unidade mente/corpo/espírito. Os filósofos da antiguidade conflituam o corpo com a alma, pois nosso corpo sempre nos diz entre a consciência e organismo, a existência de uma comunicação chamada psicossomática, onde harmoniza o qualitativo com o quantitativo, pois quando a pessoa não une o corporal com o psíquico ela se destrói. É um artigo muito instigante para os que desejam revigorar reflexões sobre a bondade natural ou não da natureza humana.

OCÉREBRO: INTELIGÊNCIA, SALTO DE DESENVOLVIMENTO E INTERLIGAÇÃO COM A MUDANÇA DO SER SOCIAL E DA SOCIEDADE escrito por **Pedro Augusto Barbosa Herminio** e **Sonaly Araújo de Melo** apresenta uma discussão mais pautada numa antropologia física, inferindo ao cérebro a sua importância na formação da racionalidade humana. O cérebro em si é biológico e a mente é espiritual. O cérebro é limitado, a mente é infinita. O cérebro é racional, enquanto a mente é emocional. A mente humana, segundo alguns estudiosos, existe nos dois hemisférios cerebrais. Em um, ela é mais racional. No outro, mais sonhadora. A dosagem varia. Por isso, os homens variam nos seus temperamentos. A lógica genealógica é ao mesmo tempo condição de possibilidade do mundo concreto, como da linguagem que fala do que há no mundo. A lógica não está no mundo e nem é uma parte da linguagem: é o suposto da relação entre ambos, mundo e

linguagem. Podemos dizer, pois, que a lógica histórica é essa “crença” sem a qual tudo se desvanece porque fica sem fundamento a relação entre linguagem e realidade. É difícil crer na lógica para explicar que a linguagem nos fala do mundo e o descreve. Do mesmo modo que Kant nos pediu que acreditássemos no espaço e no tempo como formas da sensibilidade, sem as quais não era possível explicar a universalidade da ciência histórica.

AS PROFUNDAS RAÍZES DA VIOLÊNCIA, escrito por **Maria Eduarda Farias de Souza** e **Ruan Lucas Gomes da Silva**, traz à cena a violência como faceta da natureza humana e traz em discussão a tensão entre a bondade natural do primeiro homem versus a maldade. Como se os autores repensassem o tradicional debate sobre se o homem é bom por natureza ou não, rediscutindo Hobbes e Rousseau. As perversidades e maldades são sinônimos de irresponsabilidades, de forma que oriundas da natureza animal e mesmo sapiens, não deixamos de possuir sensações semelhantes aos chamados irracionais. Para frear tais reações, devemos fazer uso da racionalidade e fazermos ética, criando códigos de conduta para eliminar nossas más paixões. Quem faz o mal está escravizando o seu destino e quem faz o bem-estar libertando o seu destino. Pensar bem é sabedoria; pensar mal é ignorância. Pessoas que já despertam de manhã cedo pensando em prejudicar alguém e até mesmo pessoas que em seus cotidianos, no trabalho ou não, agem de forma prejudicial ao outro, achando que obtiveram vantagem, lucro sob o outro ou derrubar o outro, tornam-se cada vez mais escravizados em seus destinos distanciando-se da verdadeira liberdade que está ligada ao ato de fazer o bem. Liberdade não é somente livre escolha, mas necessidade. Ou seja, é necessário o estado de liberdade para se fazer o bem. E se você é superior você faz o bem. A violência contra a mulher contemporânea - principalmente nos países totalmente pobres ou nos pobres em que a mídia política precipitadamente os faz quase como ricos - não se dá apenas pelo físico, mas radicalmente pelo psíquico. Essa violência de gênero leva a mulher a uma dupla exclusão - dentro e fora de casa - o que é uma pseudoparticipação e um descaminho para a boa convivência entre os povos. O artigo nos remete a uma reflexão de como a humanidade já carrega essa faceta perversa de instinto animal desde os primórdios pré-históricos.

Finalmente o artigo PALEOLÍTICO MÉDIO: HOMEM DE NEANDERTAL, A DOMINAÇÃO DO FOGO E A INDÚSTRIA MUSTERIENSE de **Sebastião Henrique Gonçalves dos Santos** aborda o Paleolítico Médio como período que compreende de 250.000 até

40.000 anos atrás. Por ser o segundo maior período do paleolítico, destaca o autor que ele abarcou grandes mudanças evolutivas tanto na fauna como na flora do planeta Terra, destacando o *homolockens* (quando o homem domina a tecnologia do fogo) como determinante na condição evolutiva natural e grupal até nós. Antes era o cru e, depois do fogo, o cozido, como destaca Edgar Morin quando defende que com a técnica de fazer fogo ele se separa no comportamento dos demais animais passando a se alimentar de comida cozida. Rupturas entre a natureza e a técnica, ainda que primitivas, sempre existiram de fato, e é natural que os homens de épocas muito remotas tivessem sido forçados a meditar sobre problemas semelhantes. Para um grego a posição o salto da *tekné* resultou de uma posição necessária do humanismo. No século XX, pessimistas utópicos Fritz Lang e filósofos como Heidegger e Hans Jonas, as técnicas são diversas habilidades de lidar com as tecnologias. A tecnologia é a ideologização da técnica como paradoxo da comunicação de Baudrillard quando o mais próximo é mais distante. Para um grego a posição anti tecnológica resulta de uma posição necessária do humanismo. Altera comportamentos, não só individual, mas grupal. Segundo Léo Max e Lewis Montfort, a água continua essencial no desenvolvimento das sociedades pré- industriais . E a comunicação tornou-se o paradigma cultural do século XX/XXI, quando depois do telégrafo, da fotografia, do rádio, da televisão e da rede mundial de computadores(internet) fizeram a humanidade mais propensa a integração dos povos.

Ao final dessa pequena síntese dos capítulos, tenho a certeza de que outros volumes virão e com a positividade que os autores continuarão contribuindo para o fortalecimento da Instituição, da academia e da Pré-história. O livro sempre foi e será essencial para a formação do cidadão e para o compromisso social e da evolução mental humana. Parabéns aos autores e a administração da **Editora Antropus** pela ideia de lançar este livro. Seu trabalho dignifica e honra a todos os que fazem parte desse empreendimento.

Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira Professor Titular da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Chefe do Departamento de História da Universidade Estadual
da Paraíba (UEPB)

Campina Grande, 18 de julho de 2022.

A TRANSIÇÃO DA IDADE DO BRONZE PARA A IDADE DO FERRO E SEUS VESTÍGIOS NA GRÉCIA PRÉ-HOMÉRICA

Matheus Gleydson do Nascimento Sales¹

INTRODUÇÃO

A Grécia Arcaica é o recorte temporal eternizado pelo poeta grego Homero em seus poemas épicos *Ilíada*² e *Odisseia*³. Local também de uma civilização que passara a ser conhecida como micênica, é neste período que teriam acontecido as grandes aventuras dos heróis como Jasão em busca do velo de ouro, os dozes trabalhos de Hércules e os conflitos entre gregos e troianos. Este conflito que tanto foi relembrando pelos antigos helenos, como época de virtudes heróicas, grandes guerreiros e incríveis jornadas pelo mundo afora. Registrados nos poemas homéricos, podemos encontrar alguns vestígios de como seriam as relações pessoais e o nível tecnológico de uma cultura há muito desaparecida.

Vivenciando o final da época do bronze, os antigos helenos desenvolveram uma cultura que ao substituir a civilização minoica, desenvolveram uma talassocracia⁴ que abrangia todo mar Jônico e Egeu, chegando até os limites da Anatólia. Ao ignorarem o manuseio do ferro, foram surpreendidos por um povo indo-europeu conhecido como dórios, estes invadiram o continente, destruindo por completo a cultura micênica e jogando a Grécia em um período obscuro que duraria trezentos anos.

Ao escrever a *Ilíada*, Homero não apenas registra os feitos dos grandes heróis e como que os aqueus, após dez anos de conflito, conseguem finalmente vencer os troianos. Para além disso, Homero nos fornece um registro histórico ímpar, um documento que nos revela o nível de organização social e principalmente tecnológico deste povo. Trataremos a priori de analisar a definição de pré-história, problematizando sua periodização a partir do surgimento da escrita. Em seguida, ressaltamos a importância da tradição oral e dos aedos na formação e

1 Graduação em licenciatura plena em História - UEPB. E-mail: matheusales100@gmail.com

2 Trata-se de um poema épico, tradicionalmente sua autoria é atribuída ao poeta Homero, que narra os últimos dias da Guerra de Tróia.

3 Um segundo poema épico atribuído a Homero que trata de contar o retorno do herói grego Odisseu a sua casa em Ítaca.

4 Termo que é associado aos governos centralizados em suas forças marítimas. O termo pode referir-se simplesmente à supremacia naval de um Estado.

perpetuação de uma cultura. Logo após, narramos como se deu a invasão estrangeira na Grécia continental e a consequente passagem do período do bronze, conhecida pelos personagens do poema homérico, para a Idade do Ferro.

DEFININDO A PRÉ-HISTÓRIA E SUA PROBLEMATIZAÇÃO

Segundo Robert J. Braidwood (1974), A pré-história significa o tempo antes de a História começar a ser escrita. Ou seja, mais de 99% da trajetória humana se encontra na pré-história. Certamente, o homem enquanto ser pensante, caminha pela terra há pelo menos dois milhões de anos, porém só veio a desenvolver a escrita há cerca de cinco mil anos, provavelmente no crescente fértil. Entretanto, essa ideia é bastante criticada por ter dois grandes problemas; a saber, a escrita não surgiu em todos os lugares ao mesmo tempo e, em seguida o etnocentrismo resultante do ato de considerar apenas a escrita como fator cultural determinante para decidir, de forma arbitrária, quem se situa na história ou quem está à margem dela.

A ideia que as sociedades ágrafas, ou seja, sociedades sem escrita, não possuem história, surgiu alicerçado na Teoria da História conhecida como Positivismo, que teve como maior expoente o francês Auguste Comte (1798–1857)⁵. Ao aliar as ideias de progresso e o conceito de ordem, acreditava ele que o caminho imediato para a construção do conhecimento humano passava necessariamente pela historiografia oficial, escrita pelos Estados ou governos. A presença do domínio da escrita era uma necessidade para definir aqueles que se situavam na história, consequentemente aqueles que estavam no caminho do progresso, e aqueles cujo a historiografia ignorava.

Antes de adentrarmos ao momento histórico proposto por esse trabalho, é importante problematizar a definição arbitrária do termo Pré-História. Tendo como um único fator cultural determinante o domínio (ou não) da escrita como requisito para situar aqueles povos que compõem a história, e aqueles que estão fora desta. Isto causa-nos um desconforto; devemos então considerar civilizações tão complexas como os incas, ou os nativos brasileiros como comunidades que se encontram à margem da historiografia oficial?

Tal ideia começou a ser mais firmemente criticada já a partir

5 Auguste Comte, filósofo francês que formulou a doutrina do Positivismo. Comte também é visto como o fundador da disciplina acadêmica de sociologia.

do século XX, influenciado por teóricos como Marc Bloch⁶, a Escola dos *Annales* trouxe a possibilidade de uma gama maior de documentação. Essa nova visão da Pré-História possibilitou a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, dando a esses povos sem escrita mais protagonismo e importância. Entretanto, apesar da problemática ainda presente acerca da definição arbitrária, o termo pré-história manteve seu significado original, representando o período transcorrido do surgimento dos primeiros hominídeos até a escrita. Talvez por falta de definição melhor. (SILVA; M.SILVA, 2005).

O recorte temporal aqui estudado é a Grécia pré-homérica, momento onde a civilização micênica atingia o seu apogeu. Durante esse período os micênicos tinham pouco ou nenhum domínio da escrita, seus feitos heroicos são registrados pelo poeta grego Homero (VIII a.C.), séculos após os eventos, nos poemas *Iliada* e *Odisseia*. Sendo assim, representam um “prato cheio” para os pré-historiadores, como explica TRIGGER (1968):

Quase todas as culturas altamente desenvolvidas da África e da Europa, da idade do bronze assim como as sociedades coletoras de alimentos e horticulturas mais simples, esparsas pelo mundo, situam-se fora dos limites da história. Estes grupos a-históricos constituem, precisamente, o maior ponto de atração para os antropólogos, com seu tradicional interesse por sociedades de pequena escala e sem escrita. (TRIGGER, 1968, p. 2).

A IMPORTÂNCIA DA TRADIÇÃO ORAL E A PARTICIPAÇÃO DOS POETAS

Numa sociedade ágrafa, ou seja, uma sociedade que desconhecia a escrita como ferramenta de perpetuação de sua tradição, destaca-se a enorme importância e influência que os poetas e os *aedos* tiveram na formação educacional dos antigos helenos. Sobre esses poetas que recitavam suas músicas e poemas, escreve Colombani:

Ser *aedo* na Grécia Antiga era ter o papel de compor e cantar, acompanhado de seu instru-

6 Historiador francês, um dos maiores críticos do Positivismo e um dos fundadores da Escola dos *Annales*.

mento de corda, a *phórmix*, poemas de caráter épico. A própria etimologia da palavra nos demonstra o ofício iminente do *aedo*: esse nome vem de *aidós*, que significa cantor (COLOMBANI, 2005, p.6).

Os serviços dos *aedos* eram destinados a parcela mais rica da sociedade, reservado para aqueles que podiam pagar para ouvir o *aedo* declarar os poemas e narrativas heróicas, especialmente em banquetes. Entretanto, não era raro ouvi-los em festins religiosos ou em comemorações esportivas, como no caso dos jogos olímpicos e das Panatenéias, que tinha um caráter duplo; esportivo e religioso. Na qual, as obras de Homero, este considerado o maior e mais importante poeta da antiguidade, possuía uma posição de destaque.

Ademais do papel das recitações, o *aedo* tinha uma função prática de itinerante, viajando entre as cidades helênicas, seja no continente, seja nas colônias da Ásia Menor⁷, buscando o seu público. Segundo Pierre Carlier, Homero teria passado por Ítaca, reino lendário do grande herói mítico Odisseu, gênio militar por trás da vitória grega sobre os troianos e protagonista da Odisseia, e teria até mesmo desembarcado na atual Espanha. (CARLIER, 2008, p.6).

Homero (século VIII a.C.) tem uma origem envolta em mistério, não se pode afirmar com certeza onde teria nascido o maior dos *aedos*, há quem diga que Homero fosse mesmo um estrangeiro, pois um dos seus nomes significa “refém”. Outros, situam seu nascimento na região da Jônia, em alguma colônia asiática. Certo é, que Homero foi um dos personagens mais celebrados no mundo antigo, sua influência não encontrou barreiras na Grécia, influenciando obras e civilizações posteriores como o Império Romano.

Entre suas obras destaca-se a *Ilíada*, um poema épico que narra como os heróis gregos zarparam em direção a Tróia a fim de resgatar Helena, é uma das obras mais conhecidas da humanidade. Da cólera de Aquiles até os funerais de Heitor, a *Ilíada* fornece um valioso registro histórico de como viviam aqueles povos do final da época do bronze, momento imediatamente anterior à invasão dos dórios à Grécia continental.

7 Também conhecida na Antiguidade como Anatólia, era uma região repleta de colônias gregas como Mileto, Éfeso e Halicarnasso, berço da filosofia e história respectivamente.

A ILÍADA E O PERÍODO DO BRONZE

Escrita por volta do século VIII a.C., a *Ilíada* é uma narrativa épica composta por vinte e dois cantos, 15.693 versos de seis sílabas (hexâmetros) e se propõem a narrar, de modo não cronológico, o desenrolar da Guerra de Tróia. A narrativa homérica tem início com o desafeto entre Aquiles e Agamêmnon até encontrar seu fim com os funerais do herói Heitor. Entre os últimos cinquenta e um dias, abarcados pelo poema, é possível identificar alguns vestígios da tecnologia empregada em tal conflito.

No Canto I do poema, após Agamêmnon ofender a um sacerdote do deus-sol, Febo Apolo começa a exterminar os gregos, Aquiles então após reunir a assembleia para investigar o motivo de estar colérico o deus, é ofendido e ameaçado por Agamêmnon, comandante em chefe da expedição grega. Injuriado, Aquiles se prepara para sacar sua espada, nas palavras de Homero:

[...] sobre se a espada cortante, ali mesmo, do flanco arrancasse e, dispersando os presentes, o Atrida, desta arte, punisse, ou se o furor procurasse conter, dominando a alma nobre. Enquanto no coração e no espírito assim refletia, e a grande espada de bronze arrancava, do Céu baixou prestes Pala Atenas, mandada por Hera, de braços muito alvos, que a ambos prezava e cuidava dos dois por maneira indistinta. Por trás de Aquiles postando-se, os loiros cabelos lhe agarra, a ele visível somente, nenhum dos presentes a via. (HOMERO, 2016, Canto I, l. 190).

Injuriado e ultrajado, Aquiles reflete se deve vingar a ofensa, castigando-o com a morte, e se prepara para sacar a espada de bronze da bainha, mas logo é impedido pela deusa Atena. Esta linha do poema revela-se como um importante documento histórico, o domínio do ferro neste momento era então desconhecido aos gregos, se houvera algum conflito, este deveria ter ocorrido no final do período do bronze.

Outro momento da *Ilíada* reforça o manuseio do bronze em detrimento do ferro, no qual Páris, príncipe troiano responsável pelo rapto de Helena, enfrenta Menelau⁸, o esposo traído, em um duelo que deci-

8 Rei de Esparta, irmão de Agamêmnon e legítimo esposo de Helena, que ao ser traído, zarpa em direção a Tróia a fim de restituí-la.

dirá o destino da rainha grega. Páris após ser desarmado, é atacado por Menelau, que ao investir sua espada contra o elmo de Páris, vê sua arma se despedaçar, justamente por ser ela de bronze:

Páris, entanto, encurvou-se, escapando da lívida Morte. O nobre filho de Atreu sacou logo da espada e, elevando-se, na crista do elmo tremenda pancada atirou; mas a espada veio ali mesmo fazer-se pedaços, das mãos lhe escapando. O louro herói Menelau para o céu volta os olhos e exclama: “Zeus pai, nenhum dos eternos te pode vencer em crueldade, pois esperava, realmente, vingar-me da injúria de Páris! Mas, em vez disso, quebrou-se-me a espada nas mãos [...] (HOMERO, 2016, Canto III, l. 360).

Portanto, tomando como evidência as armas de bronze de que ambos exércitos possuíam, é possível determinar o nível tecnológico dos antigos helenos. Sendo a *Ilíada* um relato de um conflito histórico ou não, é possível afirmar que os antigos micênicos se situavam no limiar do período do bronze entre 1300 a.C. e 1200 a.C., a introdução do ferro na Grécia continental só viria a acontecer com a posterior invasão estrangeira dos dórios.

PASSAGEM DO NEOLÍTICO PARA A IDADE DOS METAIS

O gênero homo certamente surgiu na África, em algum momento por volta de 200.000 a.C., e foi desenvolvendo-se, enquanto espécie, no decorrer de um longo espaço de tempo, vindo a atingir um ponto decisivo por volta de 50.000 a.C., ao desenvolver uma vida cultural extremamente rica e complexa, atestadas para inúmeras pinturas rupestres e os variados utensílios por eles deixados. A Pré-História, termo do qual já discutimos sobre sua problematização, foi dividida a partir da sistematização das três idades, proposto pelo arqueólogo Christian Thomsen (1820), a saber; Idade da Pedra, Idade do Bronze e Idade do Ferro, sendo aperfeiçoada mais tarde pelo inglês Sir John Lubbock, que desenvolveu os termos paleolítico e neolítico, mantendo a Idade dos Metais.

O Neolítico é um período compreendido entre 12.000 e 5.000 a.C., se diferencia do Paleolítico pela melhor elaboração e sofisticação dos instrumentos de pedras encontrados neste período, o que atesta uma

gradual evolução e desenvolvimento na feitura de tais artefatos. Gordon Childe⁹ (1978) atesta que esse momento foi marcado por extremas mudanças climáticas, um rápido aumento da temperatura que resultou no derretimento das calotas polares formadas durante a última glaciação. A elevação da temperatura e da umidade, ajudaram a desenvolver grandes áreas de clima temperado, e o aumento dos rios, auxiliou na formação de ambientes mais agradáveis, dessa forma estimulando uma complexidade ambiental, e por sua vez facilitando a sedentarização dos humanos pré-históricos. A economia, outrora predatória e coletora, vai gradativamente sendo substituída por uma produção baseada na agricultura e criação de animais. Sobre essa revolução, escreve Gordon Childe:

Qualquer que seja sua origem, a criação de animais deu ao homem o controle de seu abastecimento de alimento, da mesma forma que o cultivo da terra [...] devemos lembrar também que a produção de alimentos não substituiu imediatamente a coleta (CHILDE, 1978, p. 90).

A sedentarização, a gradual substituição da caça predatória para o cultivo de grãos e domesticação dos animais, e as alterações sociais resultantes dessa revolução, auxiliaram aos homens pré-históricos, gradativamente entrarem em outro período, a Idade dos Metais. Iniciada por volta de 5.000 a.C., a metalurgia se desenvolve amplamente, e o calcolítico inaugura esse novo momento, também conhecido como Idade do Bronze. Com o domínio do cobre e posteriormente o do bronze, o homem se habilita a elaborar ferramentas cada vez mais complexas de acordo com suas necessidades, como machadinhas, foices de metal e charrua. Com o aumento tecnológico, também se nota uma maior complexidade social, evidenciado pelo fim do igualitarismo e o início da especialização do trabalho.

O machado de pedra, ferramenta característica de pelo menos parte da Idade da Pedra, é um produto doméstico que podia ser feito e usado por qualquer pessoa, num grupo autônomo de caçadores ou camponeses. Não exige especialização do trabalho nem um comércio fora do grupo. O machado de bronze, que o substituiu,

9 Vere Gordon Childe, nascido na Austrália, foi um grande filólogo que se especializou em arqueologia, mais conhecido por suas escavações no sítio Neolítico de Skara Brae em Orkney.

não só é uma ferramenta superior como também pressupõe uma estrutura econômica e social mais complexa (CHILDE, 1978, p. 24).

O período do bronze foi o momento em que a civilização micênica teria encontrado o seu apogeu, o crescimento das cidades e povoados é algo bastante notável neste período. Foi também o local onde, segundo os poetas e *aedos*, teriam acontecido as grandes aventuras heróicas e as grandes guerras que moldaram a ética e a moral dos antigos helenos. Para além de conquistas militares e evolução alimentícia, o domínio do bronze propiciou uma profunda mudança cultural e artística, sendo palco, e recorte temporal das grandes tragédias clássicas como *Édipo Rei* do dramaturgo grego Sófocles¹⁰ e *As Troianas* escrita por Ésquilo¹¹, sendo, portanto, uma peça fundamental na construção cultural helênica

A INVASÃO DOS DÓRIOS E A INTRODUÇÃO DO FERRO

A civilização minóica e a seguinte, aqui objeto de nosso estudo, a civilização micênica protagonizaram as épocas heróicas, eternizadas pelos poetas e recitadas pelo *aedos* nas praças públicas e em simpósios, desde Teseu, herói ateniense até a Guerra de Tróia, os antigos helenos viveram uma época de virtudes que seria celebrada e rememorada pelos séculos a fora. Porém, essa cultura da Idade do Bronze encontra seu fim nas mãos de um povo estrangeiro que ao invadir a Grécia com armas de ferro, põe fim a uma cultura micênica. Sobre essa invasão, escreve Mário Curtis Giordani:

[...] pelo ano 1100 a.C., os dórios atingem a ilha de Creta. Cnossos e outras cidades sofrem destruição e massacres. Minoanos e Aqueano, agora unidos diante da ameaça comum, refugiam-se e resistem nas montanhas. A vitória dos dórios é o triunfo das armas de ferro sobre as de bronze utilizadas ainda pelos micênicos [...]
(GIORDANI, 1967, p. 53).

10 Foi um grande dramaturgo grego, autor de célebres obras como; *Antígona* e *Electra*.

11 Junto de Sófocles e Eurípides, Ésquilo figura entre os grandes dramaturgos da Grécia Antiga, é também o autor das tragédias *Os Persas*, *Eumênides*, *Prometeu Acorrentado* e *Orestia*.

A invasão é tão abrupta e a ruptura é tão nítida que o passado glorioso do Império de Minos¹² e sua civilização se confunde com a lenda. Os grandes feitos dos guerreiros Aqueus sobrevivem em forma de tradição oral, a escrita linear se perde, a Grécia é jogada em um período obscuro que duraria séculos. “Durante e após a invasão dórica, a Civilização peninsular atravessa um período obscuro no qual se produz a chamada primeira expansão colonizadora grega provocada pelos invasores” (GIORDANI, 1967).

Ao adentrar cada vez mais no território grego, os dórios enfrentam frágil resistência, especialmente na Ilíria, Épiro, Tessália e Macedônia, mas logo caem frente aos invasores. É difícil traçar o itinerário dos dórios a desbravarem os novos territórios, Cohen escreve:

Expulsos do Épiro e da Etólia pelos dórios, os helenos, que aí viviam em paz, fogem para a Élide. Cem anos mais tarde, os dórios por sua vez seguem-nos no Peloponeso, devastam a Argólida, ocupam a Lacônia e obrigam os últimos aqueus a isolar-se nos elevados planaltos da Arcádia. Da Tessália, numerosos são os eólios que passam para a Beócia, mais numerosos ainda os que embarcam a fim de não sofrerem o jugo dos vencedores (COHEN, apud GIORDANI, 1967, p. 103).

Ainda segundo GIORDANI (1967), houveram alterações nas formas de sepultamento na Grécia após as invasões, o ferro, que os micênicos consideravam como material precioso, passa a ter um emprego generalizado. A destruição dos aqueus marca o fim de uma era, a era dos heróis e das aventuras fantásticas, e dá início a outra, essa que no seu cerne, irá gerar a filosofia, a política na sua forma mais inovadora, a democracia. A Atenas do século V a.C., a representante da Era de ouro grega¹³ é, de certa forma, herdeira daquela cultura eternizada por Homero e sempre rememorada pelos poetas posteriores, e que ao ignorarem o manuseio do ferro, encontraram seu fim justamente por causa deste.

12 O lendário rei Minos teria governado a cidade de Cnossos, ele é a inspiração para o mito de Teseu e o Minotauro. Representando simbolicamente a vitória dos micênicos sobre a minoica, termo esse que também deriva do rei Minos.

13 Sob o governo de homens como Péricles (c. 495-429 a.C.), Atenas e conseqüentemente toda Grécia experimenta um período de florescimento da política, filosofia e artes. Tucídides (c. 460-400 a.C.) chega mesmo a chamar Péricles de *Primeiro Cidadão de Atenas*, não no sentido literal, mas como sinônimo de virtuoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição oral desde seus primórdios constitui uma ferramenta essencial e indispensável na perpetuação de uma tradição e transmissão de valores de um determinado grupo. Seja os bardos na Escandinávia, ou os *aedos* na Grécia, ao narrarem ou cantarem os feitos dos grandes heróis, estes ajudaram uma sociedade ágrafa a perpetuar seus costumes e tradições. Heródoto (c. 485-425 a.C.) considerado o pai da história, dedica belas palavras ao poeta Homero, ao qual considera como um dos principais formuladores de toda a complexa mitologia grega. Para além das narrativas épicas, Homero ajuda um povo a encontrar a sua identidade, ao escrever os poemas e ao praticamente criar uma nova língua, reunindo vários dialetos locais. Homero faz algo similar o que fez o poeta romano Virgílio (c. 70-19 a.C.) que por solicitação do imperador romano Augusto César (c. 63-14 a.C.), escreve a Eneida¹⁴, um dos mais belos poemas já feitos, e para além de seu caráter estético, Virgílio ajuda a construir a identidade do povo romano.

Ademais, o poema épico também serve como um importante documento histórico, um relato, que talvez não inteiramente verossímil, constitui evidências que podem auxiliar o historiador a compreender melhor um passado tão distante e uma cultura que há muito desapareceu. Homero ao narrar os conflitos da Guerra de Tróia, apresenta algumas pistas de qual seria o nível tecnológico dos antigos helenos, vivendo o final da Idade do Bronze, desconheciam o manuseio do ferro. E por esta razão, nada puderam fazer ao verem sua pátria ser invadida e tomada de assalto por um povo estrangeiro, os dórios. Estes que versados na metalurgia do ferro, se apoderam das maiores cidades helênicas, destroem a civilização micênica e jogam a Grécia em um período obscuro que duraria séculos.

Entretanto, a queda de uma civilização proporciona a oportunidade de surgimento de uma outra. A invasão estrangeira plantou a gênese do que seria o povo grego que conhecemos, a síntese de ao menos quatro grupos distintos, a saber: os eólios, os jônios, os aqueus e os dórios. Ao combinarem suas tradições e costumes, criam um povo, que apesar de não ser homogêneo, compartilham crenças, línguas e hábitos comuns. A introdução do ferro pelos dórios, seria de grande valia séculos depois, quando o exército persa atravessa o Helesponto e invade

¹⁴ Poema épico que narra a jornada de Enéias um príncipe troiano, filho de Vênus, que após os gregos desfazerem as muralhas de Tróia, a pedido de sua mãe, foge da cidade e peregrina até chegar à península itálica, e lá seus descendentes Rômulo e Remo irão fundar a cidade de Roma.

a Grécia continental e são finalmente parados na Batalha de Maratona (Heródoto, Livro VI), justamente por possuírem uma arma que os persas ignoravam, o ferro. Sendo assim, as gerações de helenos que se sucederam, sejam esses atenienses, espartanos ou tebanos, embora não tivessem um senso de nação única, olhavam para o seu passado heróico, nas memórias eternizadas pelos poetas, a época das grandes aventuras narradas pelo aedos, e encontravam ali o seu antepassado comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIDWOOD, R. J. **Homens Pré-Históricos**. Trad. Carlota Barriounevo. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1985.

CARRIER, Pierre. **Homero**. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa, 2008.

CASTRO, Roberto CG. A Grécia antiga: uma visão panorâmica. **International Studies On Law And Education**, Porto, p. 61-72, 2014.

CHILDE, V. Gordon. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

COLAMBANI, María Cecilia. **Homero. Iliada: uma introducción crítica**. Buenos Aires, 2005.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia**. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª edição, 1967.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. Petrópolis: Editora Vozes, 7ª edição, 1987.

HERÓDOTO, **História**. Tradução J. Brito Broca. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2019.

HOMERO, **Iliada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Nova Fronteira, 1ª edição, São Paulo, 2015.

SILVA, Kalina Varderlei; SILVA, Macial Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo, 2005.

TRIGGER, B. G. **Além da história:** os métodos da Pré-História. São Paulo, 1973.

VIRGÍLIO, **Eneida.** Tradução de Carlos Alberto Nunes e organização de João Angelo Oliva Neto. São Paulo, editora, v. 34, 2014.

GOSDEN, C. **Pré-história:** Uma breve Introdução. Edição de bolso. [S.l.]: L&PM, 26 de setembro 2012. 160 p.

RAÇA, LÍNGUA E CULTURA: UM RESGATE ÀS ORIGENS

Abadias Ramos Neto Segundo¹
Ana Carolina da Silva Aleixo Xavier²

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de expor o início da história da humanidade e também os seres humanos que foram se transformando e assim se adequaram no seu respectivo espaço e tempo. Nessa perspectiva, considerando a raça, a língua e a cultura como aspectos primordiais e inerentes a nossa evolução, partindo destas análises é possível compreender as raízes de nossas crenças, costumes, hábitos e culturas.

Estando presente essas ideias no livro *Além da história: os métodos da Pré-História* do autor Bruce Trigger, publicado pela editora da Universidade de São Paulo no ano de 1973, sendo dividido em capítulos em que o segundo capítulo intitulado Raça, Língua e Cultura.

O capítulo transmite os conhecimentos mediante o surgimento das raças e a sua perspectiva de investigação a partir da análise de esqueletos de uma determinada população que existiu naquela localidade. Tendo assim uma base de como era o seu constituinte racial, a partir da mudança no seu porte físico que com o aparecimento de outros povos e consequentemente de novas características originando assim uma nova raça. Entretanto, esse tipo de abordagem pode apresentar contra fatos de que caso não exista essa evidência física, ficará inacessível o estudo por se tratar do momento chamado pré-história e existir uma escassez dessas evidências. Contudo, este tipo de indagação poderia ser assim dizendo que não houve uma mudança no padrão de determinada raça, o que se tornaria algo impossível de compreender pois com a imigração e a mistura de novas pessoas e hábitos, passa a ser uma mescla de aderentes a determinado biotipo.

De acordo com o autor do livro, a língua originou-se com a necessidade do homem verbalizar aquilo que antes não era possível fazer com a comprovação de documentos escritos, já que na pré-história, como foi mencionado anteriormente, era mais complexo o que se tem conhecimento acerca da linguística é proveniente de estudos feitos após os acontecimentos. Para SAUSSURE (1857-1913) a língua é a parte

1 Graduação em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: abdias.segundo@aluno.uepb.edu.br

2 Graduada em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: ana.aleixo@aluno.uepb.edu.br

social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Sendo assim, é um elemento vivo que está sempre em constante transformação, mas dependendo totalmente de seus falantes, já que os mesmos fazem uso da língua constantemente.

É difícil determinar onde uma língua realmente se originou, tendo em vista a sua capacidade de mudança e o crescente fluxo de novas culturas em dado local, acabam por assim tornar-se tudo muito plural, em países que são oriundos das chamadas línguas românicas que por sua vez são herança do latim, e com o passar dos anos deu origem a novos idiomas. Tudo isso em decorrência desse intercâmbio linguístico, lembrando que uma língua não precisa de grandes movimentos revolucionários para que venha a ser consolidada.

A cultura de um povo é originária desde a base cultural que determinado grupo carrega é algo que está no seu âmago. Com o auxílio de elementos arqueológicos datados dessa época, é possível ter uma noção do surgimento das civilizações e seus respectivos aspectos culturais, entretanto, variando do local ao qual esses materiais foram encontrados, pode ocorrer o desaparecimento devido fatores externos, como o clima da localidade, por exemplo. Abordando uma cultura de maneira singular olhando para um aspecto que apresenta, como também pode-se fazer olhando para uma comunidade inteira.

A cultura também é perpetuada a partir da sua transmissão oral, tendo em vista que muito antes de escrevermos, falamos. Porém, essa maneira pode apresentar certos erros, já que a cultura sempre se encontra em processo de transformação. Com o passar dos anos, esses aspectos, sejam eles culturais, linguísticos ou raciais, vão mudando e se transformando de acordo com o tempo, o momento histórico ao qual aquela sociedade está passando e suas interações com hábitos das diversas partes do mundo. Dessa forma, convém considerar uma influência da evolução nessas características que sempre estiveram e estarão latentes na memória enquanto humanidade, já os povos da pré-história deixaram marcas que transcendem a linha do tempo, seja elas pelo aparecimento ou desaparecimento de um povo ou por fatos históricos aos quais foram deixados como uma herança.

Tem-se conhecimento de que esses três aspectos se originam da mesma base de etnias, uma vez que com o passar dos tempos foram se desenvolvendo em sua determinada localidade, originado assim outros povos com hábitos divergentes, mas que apresentariam entre si um divi-

sor comum, portanto, apresenta a mesma origem. Porém, o ser humano mesmo apresentando a capacidade de se desenvolver e evoluir, acabou por entender que devido a essa variação linguística, racial e cultural não apresentaria uma base comum, pois as mesmas podem comungar de aspectos e crenças diferentes, derrubando a teoria de que esses aspectos são congruentes entre si.

CULTURA

O estudo da cultura se dá a partir de evidências encontradas pela arqueologia, a qual possibilita materiais de grande valor histórico e auxilia o próprio historiador a entender como se dava certos costumes das sociedades passadas. Para Edward Tylor (1832-1917), a cultura consiste em um conjunto de regras, leis, tradições, costumes e religiões, um todo complexo que se divide em estágios para acontecer. Diante disso, desde as primeiras sociedades é possível identificar indícios de grupos bem definidos e organizados, o que é feito em uma sociedade na própria cultura tem uma função.

Seguindo esta linha de pensamento, é imperioso destacar que a arqueologia foi de grande importância para facilitar o estudo realizado sobre materiais antigos. Sendo este auxiliado pelo desenvolvimento do carbono 14, o método de datação tornou-se mais eficiente e possibilitou uma precisão maior aos historiadores para realizar uma classificação de materiais de acordo com determinadas culturas e relações que possuíam entre si. No entanto, nem sempre os materiais que são encontrados por arqueólogos possuem qualidade suficiente para realização de estudos precisos, já que o historiador precisa realizar um estudo concreto sobre o tempo histórico no qual aquele material pertence, ou seja, é necessário uma reprodução da organização social e o modo de pensar daquele povo.

Além disso, o fator climático implicava na manutenção dos artefatos, visto que estavam expostos aos efeitos causados pelas variações do tempo e aliados à degradação, muitos materiais de grande relevância foram perdidos. Neste sentido, realizar reconstruções precisas sobre os acontecimentos históricos tornava-se algo muito difícil, já que os materiais de estudo sofriam com as ações do tempo. Um grande exemplo disso é o povo Nabta Playa, os quais são descritos como os astrônomos do deserto núbios, se configuram como uma civilização que existiu há mais de 11 mil anos e que para alguns pesquisadores foi a primeira cultura a deixar provas de investigações astronômicas, além de criar gigan-

tescas estruturas de pedra com objetivo de rastrear os movimentos das estrelas. Outro ponto importante é que o povo Nabta Playa viveu em um ambiente crítico, o que ajudou a explicar o porquê de existir tão pouco material para obter um estudo mais amplo e adequado dessa cultura. Sendo assim, provavelmente esse povo foi base para outras civilizações antigas e deu continuidade ao estudo.

Embora alguns pesquisadores criem teorias que esse povo foi ancestral de civilizações que futuramente vieram a habitar as margens do rio Nilo, a falta de documentos faz com que os estudos continuem apenas de forma teórica. Assim, é de suma importância entender como a falta de documentos pode impactar negativamente uma civilização com potencial para tornar-se um ponto de estudo, bem como mudar o entendimento sobre a astrologia moderna tratada apenas como uma simples teoria.

ANTROPOLOGIA FÍSICA

A antropologia física ou biológica estuda os aspectos comportamentais e biológicos dos seres humanos, seus parentes primatas não humanos e seus ancestrais hominídeos extintos. Neste sentido, usando a teoria da EVA Mitocondrial, que é o nome no qual é conhecido o Mais Recente Ancestral Comum – MRCA – (do inglês Most Recent Common Ancestor) por descendência matrilinear de todos os seres humanos vivos na atualidade. Dessa maneira, pode-se estudar e conhecer melhor a origem humana, o parentesco na qual possui e até onde essa evolução pode levar a humanidade.

Sob tal ótica, várias espécies de hominídeos já habitaram a terra a milhares de anos atrás, tais como *Australopithecus Anamensis*, que viveu na terra entre 4,2 milhões e 3,9 milhões de anos. Os primeiros fósseis encontrados dessa espécie foram seus dentes, achados em 1988 na Baía de Allia, território do Quênia na África. Já em 1994, ainda no Quênia, nove fósseis foram encontrados em Kanapo; *Australopithecus Afarensis*, espécie essa que viveu entre 3,9 milhões e 3 milhões de anos, aproximadamente. Com traços semelhantes a um macaco, essa espécie possuía uma testa baixa, nariz chato e queixo pequeno. Já suas pélvis e pernas se assemelhavam a dos humanos modernos, deixando a entender que esses seres eram bípedes; *Kenyanthropus Platyops*, assim como o *Australopithecus Anamensis*, o *Kenyanthropus* teve parte do seu crânio encontrado no Quênia por cientistas que dataram esse fóssil por cerca de 3,5 milhões de anos.

Com similaridades em seu crânio ao seus antecedentes o *Australopithecus Afarensis*

*(Encontrado em 1974 em Hadar, Etiópia, por Tim D. White e Donald Johanson, esse fóssil ficou conhecido por “O joelho de Johanson”, graças ao antropólogo ter encontrado o AL 129-1, uma articulação do joelho, espécie datada em 3,4 milhões de anos.) e ao *Australopithecus Africanus*, mas sua face era mais larga e achatada, além de ter dentes menores, diferente dos outros dois hominídeos; *Australopithecus Africanus*, era similar ao *Australopithecus Afarensis* e também era bípede. Viveu entre 3 e 2 milhões de anos, seu cérebro era um pouco maior do que os chimpanzés, mas ainda não havia áreas suficientes para falar a respeito; *Australopithecus Garhi*, espécie que ganhou nome em abril de 1999, possuía dentes exatamente grandes e a estrutura do seu crânio era primitiva.

Já seus ossos úmeros e seu fêmur apresenta similaridade com os humanos modernos; *Australopithecus Aethiopicus*, espécie datada entre 2,6 milhões e 2,3 milhões de anos, possuindo um cérebro pequeno e foi descoberta pelo paleontólogo Alan Walker; *Australopithecus Robustus*,

com uma constituição física parecida ao *Australopithecus Africanus*, sua face era achatada e seus dentes eram pequenos. Viveu por volta de 2 milhões e 1,5 milhões de anos atrás. Além disso, estudos realizados com fósseis encontrados sugerem que essa espécie já fazia uso de ferramentas para escavar; *Australopithecus Boisei*, apresenta similaridades ao *Australopithecus Robustus*, mas seu rosto e dentes eram maiores, alguns especialistas acreditam que os dois variam da mesma espécie. O *Australopithecus Boisei* existiu entre 2,1 milhões e 1,1 milhão de anos; *Homo Habilis*, esse foi o maior salto evolucionista hominídeo. A espécie recebeu esse nome graças às suas habilidades com ferramentas que foram encontradas junto aos seus fósseis. Seu cérebro era um pouco maior do que o *Australopithecus*, além de que segundo alguns antropólogos, essa espécie pode ter sido capaz de se comunicar de forma rudimentar. Viveu entre 2,4 milhões e 1,5 milhões de anos. *Homo Erectus*, este possuía um esqueleto mais robusto do que os homens modernos, indicando a força física dessa espécie.

Assim como o *Homo Habilis*, possuía dentes proeminentes com grandes molares, queixo pequeno e um crânio grande e longo. Viveu entre 1,8 milhão de anos e 300 mil anos; *Homo Ergaster* tem origem de uma distinção do *Homo Erectus* da África, como classificam alguns cientistas. Eles apresentam diferenças do *Homo Erectus* asiático, já que

o asiático possuía um cérebro maior; Homo Antecessor, encontrado no ano de 1997, no sítio arqueológico da caverna Atapuerca na Espanha. Essa espécie gera dúvidas da sua existência, para muitos cientistas sua descoberta tem como base um espécime jovem. Seus fósseis são datados em cerca de 780 mil anos atrás; Homo Sapiens ou Heidelbergensis, espécie de forma arcaica de Homo Sapiens, possuía o crânio mais arredondado e um cérebro maior que do Homo Erectus e menor que o homem moderno. Esse homínídeo começou a aparecer há cerca de 500 mil anos; Homo Sapiens Neanderthal, existiu entre 230 mil e 30 mil anos, possuindo um cérebro maior que os seres humanos modernos, essa espécie chegou a coabitar com o Homo Sapiens Sapiens e sua extinção ainda é um mistério para os cientistas; Homo Sapiens Sapiens conhecidos como os primeiros homens modernos a aparecer há cerca de 120 mil anos, espécie tão desenvolvida que há 40 mil anos já fabricavam suas próprias ferramentas e nos últimos 20 mil anos os homens modernos começaram a criar arte. E é onde nos encontramos hoje, mas será possível a continuidade da evolução levar a constituição de uma nova espécie? Levando em consideração que causará uma mudança comportamental e mudará totalmente o que entendemos como sociedade desenvolvida.

LÍNGUA

Diferente da antropologia física que estuda a vida passada através dos fósseis, o estudo da linguística pré-histórica torna-se mais complicada para realização de pesquisas, já que o pré-historiador não detém material suficiente para realizar uma pesquisa sobre o que de fato deu origem a dialética usada nos dias atuais. Além de que para realizar uma datação precisa, é necessário entender onde se passa e qual período histórico cada língua pertence. Para a realização desse estudo, o pré-historiador se propõe a tentar entender a origem da língua através das informações ou com dados linguísticos coletados posteriormente ao período em estudo (McCall, 1964: 62-71).

Diante desse contexto, o historiador procura nas diferentes línguas sinais de parentescos, tais como fonéticos (palavras de mesmo significado); relações históricas que se tem entre elas etc. Usando esses procedimentos, o historiador consegue construir com mais segurança qual era a gramática que as sociedades primitivas tinham, a sua fonética no momento de comunicação com membros da própria espécie e um léxico. Dessa forma, torna-se mais fácil datar o período histórico no

qual as espécies faziam uso desses dialetos.

Com o intuito de estabelecer uma relação cronológica entre as línguas, Morris Swadesh (1909-1967), desenvolve o método que ficou conhecido como “Método de Swadesh”, fazendo uso de um tipo específico de léxico-estatística, conhecido por Glotocronologia e desenvolvido sob dois pressupostos, tais como se realmente existiu um vocabulário básico relativamente estável em todas as línguas do mundo e se quaisquer substituições acontecem de forma análoga ao decaimento radioativo.

Mais difícil do que descobrir a dialética, era realizar uma distribuição geográfica das línguas a cada cultura, já que a dificuldade se baseava em distinguir onde a língua era falada e qual grupo cultural fazia uso dela. Para contornar esses problemas, alguns linguísticos atribuíam teorias para facilitar uma distribuição para cada cultura, com regras a fim de realizar uma pesquisa sobre as famílias culturais. Uma separação era feita para conseguir analisar o maior número de características entre os diferentes tipos de dialetos estudados e se possuíam algum tipo de similaridades para obter dados e informações e registrar os meios comuns nas línguas das diferentes culturas.

Pelo fato de haver tão pouco material concreto, várias regras e teorias que deixavam dúvidas sobre a real origem das línguas, causavam uma impressão falsa que algumas delas podiam fazer parte da *proto-língua. Cabe ao historiador interpretar os acontecimentos da época, já que as línguas se espalhavam entre os povos como o efeito da migração, ocasionando uma mistura entre línguas ancestrais e outras línguas já produzidas por outros tipos de culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme essa linha de pesquisa, é possível analisar e entender as diferentes mudanças que ocorreram em tempos pré-históricos na raça humana, na sua língua e na sua cultura. Além disso, para uma melhor compreensão de cada área é necessário que estas sejam estudadas individualmente, usando as informações e dados adequados para cada evento. Somente assim, será possível analisar as relações existentes entre elas em situações históricas específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAUSSURE, Ferdinand. Objetivo da Linguística. In: **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. p.22.

TRIGGER, Bruce C. Raça, Língua e Cultura. In: **Além da história: os métodos da pré-história**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p.9-18.

SOCIAL: A EVOLUÇÃO DA MENTE E O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE A PARTIR DE NOSSOS ANCESTRAIS

Adna Hellen Silva¹

Gisela Silva Barbosa²

INTRODUÇÃO

Diante do empecilho de perceber que existem diversos artigos sobre desenvolvimento social, todavia, são muito poucos aqueles que associam o desenvolvimento social da pré-história, algo que é extremamente relacionado à evolução dos neandertais para *Homo sapiens*. Durkheim começa do pressuposto que o homem é resultado da sociedade. Aron cita, “[...] o indivíduo nasce da sociedade, e não a sociedade nasce do indivíduo” (2003, p. 464). Dessa forma, pode-se perceber que o progresso do indivíduo se existe partindo da evolução de uma sociedade, mas que um depende do outro.

Entendendo-se então que o desenvolvimento social é algo que acontece de acordo com o nosso destrinchamento humano, desde do momento em que nascemos até nossa morte, isso faz com que acabe se tornando assunto um tanto inusitado para maior parte das pessoas, tal desenvolvimento é bastante característico também da evolução social como um todo, desde de aprender a fazer pequenas armas para caça, até mesmo com relação a aproximação com outros seres.

Algo que pode ser indagado é o tipo de questionamento que está sendo feito, o desenvolvimento social que é da mente humana pode ser analisado em uma perspectiva historiográfica? Na verdade não se é comum fazer esse tipo de pergunta para profissionais da área, o primeiro lugar que seria questionado seria possivelmente um psicólogo ou psiquiatra, que estudam mais diretamente a mente e o desenvolvimento de um ser humano para entrar em um meio social, também se é possível se procurar um sociólogo ou antropólogo mais precisamente para entender essas relações sociais para se entender a formação de grupos até mesmo médicos e neurologistas, onde falam sobre a forma como o crânio foi expandindo o seu tamanho para dar espaço ao cérebro e permitir o seu progresso, todos eles podem dar alguma resposta, mas todos, de alguma forma ou outra, necessitam ir à procura de pesquisas arqueológicas para

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: adna.hellen@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: gisela.barbosa@aluno.uepb.edu.br

conseguir respostas. Por este motivo Mithen fala que a Arqueologia tem a capacitação não só de contribuir, as também de ser uma grande chave da compreensão do intelecto do passado, já que só é possível compreender o presente a partir do momento em que se volta ao passado para entender como tal evento foi desencadeado (MITHEN, 2013).

O ESTUDO EM FASES MENTAIS

Inicialmente iremos usar como base a divisão feita por Mithen (2003) como base inicial para esse artigo na intenção de mostrar um pouco da questão sobre a mente, que foram classificadas em 3 fases: A mente humana possui diversos complexos que ainda não são possíveis de entender devido ao seu próprio funcionamento, por vezes, isso acaba por atrapalhar seu estudo, todavia, é viável tentar entender suas transformações e crescimento através das espécies ancestrais do *Homo Sapiens Sapiens*, nesse contexto, iremos usar como base a divisão sobre a mente feita por Mithen (2003) usaremos com seu pensamento descrito em seu livro, com o intuito desse trecho ser usado para comparar com a evolução do cérebro e da mente que ocorreu ao longo da pré-história, dessa forma começaremos com a sua classificação sobre a mente, que se dividiu em 3 fases:

Fase 1; Mentes regidas por um domínio de inteligência geral e tomadas de decisão. Fase 2; Mentes onde a inteligência geral foi suplementada por várias inteligências especializadas, cada uma devotada a um domínio específico do comportamento e funcionando isoladamente. Fase 3; Mentes onde as múltiplas inteligências especializadas parecem trabalhar juntas, havendo um fluxo de conhecimento e de ideias entre os domínios comportamentais (MITHEN, 2003, p. 105).

Diante da fala de Mithen, será explicado sobre a evolução do ser humano enquanto visão de científica, irá ser discutido sobre os ancestrais e a forma de como esse desenvolvimento gradual da mente humana, com o objetivo de mostrar como diversos detalhes dos avanços feitos contribuiu e influenciou na forma de relacionamento que a espécie desenvolveu entre si. Em seu livro, Rodrigues cita Daniel Quinn em um texto onde nos trás uma classificação que será usada onde fala

que após os primatas, vieram os *Australopithecus*, que se tornou *Homo Habilis*, passou a ser *Homo Erectus*, deu origem ao *Homo Neandertal* e ao *Homo sapiens* até chegar ao *Homo sapiens sapiens*. (RODRIGUES, 2008, p. 36). Que acabam por ter uma ideia de quais são os antecedentes que acabam por fazer com que a socialização seja da maneira como é nos dias atuais.

O AUSTRALOPITHECUS E A FASE 1

Em seu livro, Wilson fala que há necessidade de proteger o ninho vem antes mesmo dos australopitecos, de é uma necessidade que até mesmo os chimpanzés e os bonobos compartilhavam assim como anunciar uma nova descoberta de uma árvore com frutas aos companheiros, mas não compartilhar com os mesmos, todavia quando se conseguir carne acabava por se distribuir, um compartilhar que se restringia somente a caça e que normalmente ainda pode ser visto e que os primeiros homínídeos acabaram por também imitar parte desse comportamento. (WILSON, 2013) O que se pode observar é já uma certa divisão de grupo entre aqueles mamíferos, divisão de grupo que se foi trazida para os ancestrais da raça humana.

O primeiro Hominídeo que se tem conhecimento é o *Australopithecus*, e até hoje existem sete espécies que se tem conhecimento: *afarensis*, *aethiopicus*, *robustus anamensis*, *africanus*, *bahrelghazali*, e *boisei*, foram encontrados esqueletos mais antigos como o da espécie *Australopithecus anamensis*, que podem datar de 4,1 milhões a 4,2 milhões de anos atrás, porém uma das principais fontes de estudos e também a mais famosa, é a do esqueleto de *Lucy*, uma fêmea da espécie *Australopithecus afarensis*, descoberta em 1974 pelo professor e antropólogo Donald Johanson, na região de Hadar na Etiópia, a estimativa é de que *Lucy* tenha vivido 3,2 milhões de anos atrás, com um pouco mais de um metro de altura, ela tinha algumas características semelhantes com a de um macaco de membros curtos, porém era bípede e caminhava de forma ereta, a estrutura de seu maxilar e dentes eram projetados para realizar a mastigação de alimentos duros e de pouca qualidade. Os *Australopithecus* habitavam cavernas, viviam em bandos, coletavam raízes, frutas e sementes e um consumo ocasional de carne, porém como seus cérebros não eram desenvolvidos não havia a presença de linguagem e nenhuma forma de cultura, características essenciais para o desenvolvimento de uma linguagem. Contudo segundo o arqueólogo e paleoantropólogo Louis Leakey (1995) “Uma vez que o nosso ances-

tral distante tornou-se um macaco bípede, muitas outras inovações evolutivas tornaram-se possíveis, como aparecimento definitivo do *Homo*” (LEAKEY, 1995 p. 14), como consequência da sua mudança de postura, da forma de coleta de alimentos (que teve uma maior diversidade devido a novas possibilidades de obtenção de alimento) e da variedade em sua alimentação, foi possibilitada uma maior expectativa de vida e um aumento no número da população pois sua nova dieta permitiu um maior acúmulo de energia nas fêmeas, o que fez com que fosse possível um aumento no número de acasalamentos na espécie.

A “Fase 1” pode ser dita como o do *Australopithecus* quanto a questão dos conhecimentos gerais, onde sabem em que local podem encontrar comida, como localizar outros da mesma espécie, reconhecer outros indivíduos e seus semelhantes e uma leve socialização quando a questão era inverno e precisavam se aquecer, era necessário que eles estabelecessem uma união para um bem maior que era sobrevivência do grupo, assim como o uso de objetos pontiagudos para abrir ou cortar um alimento, isso pode ser facilmente considerado como uma inteligência geral que ajudou os primatas. Essas interações sociais eram um tanto limitadas, não andavam em grandes grupos, o principal intuito era não ser uma presa tão fácil para os predadores.

FASE 2 E OS HOMOS HABILIS E HOMOS ERECTUS

O período do Paleolítico foi importante tanto pela a elevação da criação de pedras mais elaboradas para a caça e pesca (já que o paleolítico também é conhecido como idade da pedra lascada) e também permitiu o domínio do fogo por parte desses homínídeos. (RAGGIOTTI, CAMPOS, LEMOS, 2014). Esse conhecimento do fogo, que a princípio era originado pelos raios que caíam do céu que o originou, mas como visto no filme A Guerra do Fogo (1981), com o tempo algumas tribos acabaram por dominar a criação do fogo através da fricção de galhos, sendo assim considerado por Christian, uma aprendizagem coletiva, que aos poucos foi passando de tribo em tribo (GEBARA; COSTA; SARAT, 2014).

Que foi então que a partir dessas ferramentas mais avançadas, capazes de ferir a caça e até mesmo que fosse possível até se utilizar dela para uma retenção de calor, que corroborou a possibilidade de se migrar, isso sem contar também com sua possibilidade de enxergar um pouco mais alto em comparação aos demais primatas para saber se tinham caça para conseguir se perseguir com o intuito de abater a presa,

com essa expansão de horizonte, a possibilidade de migrar para regiões onde se poderia ter mais caçar foi um estímulo para que os *Homo erectus* começa a migrar:

A primeira viagem intercontinental ocorreu há aproximadamente 2 milhões de anos, quando hominídeos *erectus* e bípedes saíram da África. Cérebros maiores e membros longos que um dia pensou que adiantaram o êxodo, provavelmente não eram necessários para essas jornadas prematuras. Caminhar ereto sobre dois pés liberou as mãos desses hominídeos e levou ao aumento do uso especializado de ferramentas (GOUCHER; WALTON; REIS; VISENTINI, 2011).

Como o gênero *Homo* tinham uma alimentação diversificada já que se alimentavam de carnes e vegetais, a sua sobrevivência foi garantida pela seleção natural, o surgimento de pastos permitiu também uma melhor visualização de sua caça e com isso tanto a busca quanto o consumo de carne se tornaram mais frequentes. Com o tempo, essa carne acabou sendo utilizada como principal fonte de proteína, agora com a possibilidade de utilizar o fogo para deixar a carne melhor, o tempo com suas gerações se encarregou de mudar a mordida e o tamanho do cérebro.

Dessa forma citada acima, podemos entender melhor como a fase dois de Mithen que fala que a inteligência geral ganhou especialidades diversas para um domínio específico de um comportamento e funcionamento restrito para a função daquela pessoa (MITHEN, 2003). Pode-se associar um pouco com a ideia de que uma inteligência maior para se conseguir uma arma mais avançada e mais efetiva, assim como agora se percebe a migração, já que esse conhecimento acaba por permitir também a migração para lugares mais frios, no qual o *Homo* acabava por extrair a pele de suas caças para se proteger do frio e tinha dominado o fogo para se aquecer. Quando em A Guerra do Fogo (1981) mostra que são os machos do grupo que vão à procura do fogo, se mostra de forma implícita, que o mais comum era os machos resolverem tal situação, enquanto claramente as fêmeas ficavam com as proles da tribo do protagonista, especificamente, mostrando claramente um começo de divisão de trabalho dentro de um conjunto do *Homo*, com o intuito de mais do que se proteger, já que era comum balbuciar sobre o que estava sentindo e por serem de um mesmo ciclo, acabavam por entender como uma mesma língua que se perdia com o tempo à medida que aquele grupo ia se separando ou, a posteriori, morrendo sem deixar muitos descendentes.

FASE 3 E O HOMO NEANDERTAIS, HOMO SAPIENS E HOMO SAPIENS SAPIENS

Com o movimento das placas tectônicas, a mudança no relevo e fluxo dos ventos, foi inevitável a escassez de chuvas, que também foi um dos fatores que fez com que as florestas tropicais fossem substituídas por savanas, causando a extinção dos primatas que dependiam do que era fornecido pelas florestas para sobreviver, porém foram essas condições que fizeram o gênero *Homo* evoluir. A crença que cérebros maiores e sua sociabilidade entre outros mamíferos e primatas é uma prova que os seres humanos fazem parte de um *continuum* seletivo, faz-se perceber um aprimoramento na linguagem, sinais e em suas memórias coletivas (FOLEY, 2003), essas características formam a cultura. A criação da linguagem foi um fator de extrema importância pois facilitou a organização de atividades como a da caça e da coleta, um dos principais motivos que fizeram o *Homo* sobreviver.

Os homens modernos se organizavam em grupos e segundo Engels (2012) os primeiros homens tiveram uma divisão de trabalho natural, onde os homens saiam para caçar, pescar e produzir os alimentos, enquanto a mulher preparava a comida e fazia as roupas, isso se mostra em acordo com a visão de Lessa (2012) onde evitava-se que a mulher participasse de atividades mais perigosas como a caça pois era ela quem garantiam a reprodução biológica do grupo. Porém como foi noticiado no site Socientífica (2020), o fóssil de uma mulher portando um kit com ferramentas de caça encontrado no sul do Peru, esse tipo de descoberta pode refutar suposições sexistas sobre a posição da mulher nas comunidades primitivas e abranger a ideia de que mulheres poderiam participar da caça quando precisasse.

Engels (2012) fala que quando ainda existiam relações entre irmãos, irmãs e primos, o primeiro progresso da evolução na organização da família teria sido na exclusão de relacionamentos entre pais e filhos, ainda de acordo com Engels (2012) o segundo progresso teria sido o surgimento da família *punaluana*, que teria estabelecido a exclusão das relações sexuais entre irmãos (ENGELS, 2012, p. 56), dessas famílias consanguíneas surgem então as gens, que seriam uma união de ambos.

Entretanto a vida do homem muda drasticamente com a Revolução Neolítica, período no qual acontece a passagem do nomadismo para o sedentarismo, com grandes acontecimentos como a domesticação gradual de animais como vacas, cavalos, ovelhas e etc, a capacidade de produção e acumulação de alimentos e a de criação de novos instru-

mentos, essas seriam as primeiras posses do homem, e responsáveis por estabelecerem para sempre uma nova visão de mundo, comportamento e organização social.

A agricultura foi surgindo de modo desigual ao redor do mundo e de acordo com Engels (2012, p. 39), a partir dela, as populações de cada continente/região começaram a se desenvolver de forma diferente, esse tipo de desenvolvimento acabou gerando uma cadeia de acontecimentos, pois com o acúmulo de alimento, o homem necessitava de um sistema de controle de produção e de desenvolvimento de mais tecnologias. A vida sedentária proporcionou a possibilidade de surgimento dos seus primeiros especialistas como por exemplo os escribas, a escrita foi criada então com o principal objetivo de controlar a agricultura.

Segundo Chang em seus estudos publicados sobre (1958) as relações entre disposição espacial de comunidades e organização clínica de agricultores primitivos e (1962) sobre povos caçadores de renas no Ártico. Analisa que esse exemplo de conhecimento obtido ajudaria a definir correlações estatísticas entre os planos dos estabelecimentos e organizações da comunidade. Conhecendo esses planos das comunidades pré-históricas, pode se ter uma noção da variedade de tipos de estrutura social destes grupos. Levando em consideração o filme *A Guerra do Fogo* (1981) podemos perceber que existe uma diferença de uma tribo para outra, onde a tribo dos personagens principais principais não sabem produzir o fogo, enquanto a outra tribo da personagem feminina possuía o conhecimento de como produzir a chama, e no fim, ela acaba por ensinar com a tribo do seu parceiro.

Diante o que foi apresentado acima, a fase 3 de Mithen onde ele fala que essas inteligências especializadas acabaram por se unir e criando uma troca constante de conhecimento entre esses indivíduos, criando de certa forma, uma padrão de comportamento compartilhado por todos que vivem naquele grupo (MITHEN, 2003). Pode-se perceber que a sociedade começa a se formar no momento em que os povos se estabelecem perto dos rios e se começa a agricultura, as divisões de trabalho começam a ser mais estabelecidas, tecnologias começam a se formar, desde a roda até as melhores lâminas para se capinar e se caçar, grande conjunto de famílias começam a se agrupar junto a outro grupo familiar que já vive no local, se desenvolvendo em um conjunto até se ver necessária uma discussão sobre limites, isso é início da socialização dos *Homo sapiens* e *Homo sapiens sapiens* que foram desenvolvidos a partir dos seus ancestrais e seus conhecimentos acumulados ao longo dessa trajetória, que é uma longa rota para um ser humano e uma peque-

na espaço de tempo para o planeta Terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, se é possível perceber o quanto o crescimento dos nossos ancestrais foram, de certa forma, definitivos para o desenvolvimento humano nos dias atuais, para que pudéssemos criar objetos facilitadores, desde rodas ou ferramentas, a uma língua e padrão de escrita exclusivamente para a raça do *Homo*, o próprio ato de ler e de escrever são consequências de milhares de anos de nossos ancestrais que evoluíram seus melhores traços para facilitar sua sobrevivência, como por exemplo o tamanho do polegar, a forma como a própria língua ganhou mais ramificações nervosas deixando mais fácil para conseguir falar as diversos códigos existentes hoje no planeta, assim como é possível entender o que foi escrito nesse artigo.

Cada espécie antecessora a *Homo sapiens sapiens* foi importante para a constituição do que nós tornamos hoje, é essencial então, que ocorra o estudo de seu desenvolvimento e comportamento em sociedade, já que por muitas vezes eles nos acompanham até hoje e tem influência em grande parte das questões sociais que nos cercam, como por exemplo o relacionamento entre pessoas da mesma família ou a união entre indivíduos que têm uma mesma crença ou que vivem em condições semelhantes, também é possível desconstruir ideias de que todos os lugares do mundo se desenvolveram de uma forma semelhante ou que se precisam de fatores exatos como a criação da escrita ou grandes monumentos para definir o progresso de uma civilização, quando se pode analisar diversos agentes que contribuíram para cada parte do crescimento individual e social de um povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Guerra do Fogo, Dirigido por Jean-Jacques Annaud. Canadá. 1981.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução Sérgio Bath. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHANG, Kwang-chih. **Ensaio sobre Study of the Neolithic Social Grouping: Examples of the New World**. Wiley: Boston, 1958.

CHANG, Kwang-Chih. “Study of the Neolithic Social Grouping: Examples from the New World.” **American Anthropologist**, vol. 60, no. 2, 1958, pp. 298–334. JSTOR, <www.jstor.org/stable/665164>. Acessado dia 23 Nov. 2020.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade**. Unesp. São Paulo, 2003.

GEBARA, Ademir. Et al. **Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras**. SciELO – EDUEM, 2014.

GOUCHER, Candice. Et al. **História Mundial: Jornadas do Passado ao Presente**. Penso, 2011.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MITHEN, Steven. **A pré-história da mente: uma Busca das Origens da Arte Religião e da Ciência**. 1ª Ed. Editora Unesp, 2003.

RODRIGUES, Danielle. **Direito & Os Animais, ao: Uma Abordagem Ética, Filosófica e Normativa**. Juruá Editora, 2008.

RAGGIOTTI, Naiara. Et al. **Um pouco de História**. Editora Melhoramentos, 2014. TRIGGER, Bruce. **Além da história: os métodos da pré história**. E.P.U, São Paulo, 1973. WILSON, Edward. **A Conquista Social da Terra**. Companhia Letras, 2013.

WILSON, Edward. **A Conquista Social da Terra**. Companhia Letras, 2013.

HOMENS PRÉ HISTÓRICOS: UMA ANÁLISE SOBRE O PRELÚDIO E O FIM PELA PASSAGEM DO HOMEM DURANTE A SUA EVOLUÇÃO NA TERRA

Anna Lorena Torres de Araújo¹
Inácia Lohanny Souto Oliveira²

INTRODUÇÃO

Nesse artigo pretende-se fazer uma breve abordagem de caráter introdutório e sintético sobre um tema amplo, o qual ainda é motivo de especulações e dúvidas acerca da origem do homem no globo terrestre, se tratando especificamente do prelúdio e do fim da Pré-História tomando por base a obra “Homens Pré-Históricos” do autor Robert J. Braidwood (1985).

Em primeiro lugar, será abordado com maior consistência o desenvolvimento do cenário inicial da humanidade, partindo especificamente da idade do gelo e suas mudanças no decorrer do tempo, de acordo com o Pré-Historiador Robert J. Braidwood, buscando-se uma breve visão de entendimento a respeito do primeiro “berço da humanidade”. Depois, destaca-se a relação que o homem pré-histórico desenvolveu em seus diversos ambientes de moradia. Por fim, é enfatizado o modo de como se procedeu o desfecho final para o início de toda a evolução humana.

Para tanto, a fim de proporcionar clareza e um bom entendimento ao texto, é importante salientar que, embora a Pré-História seja um período de constantes mudanças a longo prazo, este artigo será realizado tratando de forma aprofundada somente acerca do prelúdio e do fim. Sendo assim, serão abordados a procedência e todas as etapas que contribuíram crucialmente para o estudo dessa determinada Era.

UMA VISÃO SOBRE A MUDANÇA EUROPÉIA

Primordialmente, o primeiro conceito a se elucidar, conforme Robert J. Braidwood, é o fato de que o cenário inicial da humanidade foi certamente o Velho Mundo, uma vez que os primeiros homens não

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: anna.lorena@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: inacia.oliveira@aluno.uepb.edu.br

conseguiram alcançar as Américas até quase o fim da Idade do Gelo, já que evidentemente não foram encontrados vestígios que comprovem esse indício.

Com a iniciação da última grande glaciação da Idade do Gelo, o autor apresenta a pontuação de uma “subfase” para este período (BRAIDWOOD, 1985, p. 93). Tal pontuação esclarece que a última glaciação foi um assunto de dois períodos de derretimento, com uma “subfase” no final da segunda parte, que vinha a ser a última vez de uma descongelação. Ademais, a Idade do Gelo foi um período de mudanças contínuas durante longos ciclos de tempo, a partir do momento que as últimas geleiras começaram a derreter, alterações significativas passaram a suceder com a humanidade. Mudanças estas que, chegaram a afetar até mesmo a geografia europeia, como o exemplo citado na obra (BRAIDWOOD, 1985, p.78), da possibilidade da Grã-Bretanha e a Irlanda tornarem-se ilhas em 5.000 a. C., e a inconstância do Báltico, que por vezes era um mar salgado e em outros momentos um grande lago de água doce.

Em suma, é evidente que grandes camadas de gelo mudam completamente a temperatura global, sem a Idade do Gelo o clima do mundo teria sido completamente diferente. Diante disso, pode-se perceber como os animais e os homens eram submetidos a se deslocarem de um ambiente para outro, a fim de melhores condições de vida, temperatura e alimento. Logo, é importante destacar que as geleiras devem ser enxergadas como causas para lembrar do mundo em mudanças o qual viviam os homens pré-históricos. Assim como os animais e plantas utilizados para se alimentar e o clima do qual tinham que se proteger, pois permaneciam em constantes mudanças.

Outrossim, o autor ressalta o surgimento de uma melhoria (BRAIDWOOD, 1985, p. 94), por assim dizer, para com o cenário de estudos acerca dessas mudanças, na qual após alguns milhares de anos obtêm-se materiais arqueológicos adequados a temperaturas divergentes e favoráveis para compreensão do modo de vida da época. Tais mudanças ocorreram até mesmo nos próprios homens, bem como na forma de como viviam e com o passar do tempo, eles criaram ferramentas e armas favoráveis para o seu ambiente de caça e moradia. Assim, tem-se um acervo mais completo do que em qualquer momento anterior, o qual detém-se de uma intensa aparição de ferramentas com uma funcionalidade avançada para a época. Esta melhoria foi de suma importância para a enfim percepção do que antes não era tão claro para os estudiosos acerca da produção dessas ferramentas e a partir disso começa-se a

notar a capacidade que os homens tinham de se adaptarem às mudanças desde então. Nota-se que poucas, que se diga nenhuma, mudanças verdadeiramente básicas no modo de vida foram descritas até então.

O arqueólogo Gordon Childe, como bem citado na obra, aponta o problema enfrentado pelos europeus de 10.000 a.C., a 3.000 a.C., como uma dificuldade de readaptação ao ambiente de floresta pós-glacial. Paralelamente, tal argumento está interligado aos contratemplos que surgiram com o derretimento do último gelo, que gradualmente trouxeram vastas mudanças perceptíveis nas ferramentas e hábitos para uma melhor condição de vida. Contudo, os indivíduos ainda eram os mesmos, com trabalhos simples e eficientes para suprir a necessidade de seus povoados, permaneceram exercendo as mesmas funções que exerciam anos antes. Tal qual é citado no texto “mudaram apenas o suficiente para que não precisassem mudar”.

PASSAGEM SOBRE O OUTRO LADO DO MUNDO E SUAS TEORIAS

A concepção indagada na obra, acerca de que o conhecimento claro desse período de tempo em outras partes do mundo é escassa até os dias atuais, apenas alguns locais são de presente discussão no meio acadêmico. O surgimento e desenvolvimento desses indivíduos introduzem a fase terminal do antigo modo de vida de coletar alimentos. É a partir disso que apresenta-se o início gradual de uma construção em direção à primeira mudança básica na vida humana. Mudança esta que, como o autor bem cita, representou uma revolução tão importante quanto a Revolução Industrial. Uma vez que os homens aprendem a manipular plantas e domesticar animais e também começam a produzir o próprio alimento. Com isso, é apresentado um sistema eficaz de suprimento da comunidade e a partir disso esses indivíduos puderam se estabelecer nas comunidades agrícolas das aldeias. O surgimento dessas aldeias engloba uma nova forma de vida.

Existe uma teoria geral sobre como aconteceu a revolução na produção de alimentos, a qual depende diretamente da ideia de mudança natural no meio ambiente. Uma teoria antiga sobre a revolução citada até então, que traz uma ideia de que se o equilíbrio entre natureza e cultura fosse perturbado resultaria em uma mudança, tal teoria não é nova. A teoria é embasada no ponto de que, durante a época das geleiras, havia uma ampla faixa de ventos de chuva ao sul das geleiras. Mas ao longo do tempo e com as mudanças climáticas, quando as geleiras

derreteram para o norte, o cinturão de ventos de chuva também deve ter se movido para o norte. Logo, os grupos que viviam ao sul e leste do Mediterrâneo foram afetados diretamente com seu suprimento de água secando, os animais que caçavam estavam morrendo ou se mudando. Dessa forma, homens, animais e plantas tiveram que se agrupar em um mesmo local e irem à procura de novas formas de adaptação e sobrevivência. A presença da domesticação dos demais seres vivos praticada pelos homens tem forte presença nesta teoria.

Contudo, essa teoria foi estabelecida antes do saber concreto sobre qualquer coisa em detalhes acerca da pré-história posterior no Oriente Próximo e no Oriente Médio. Neste momento atual sabe-se que os fatos que foram encontrados não se ajustam à velha teoria. Ademais, Robert J. Braidwood aponta inicialmente uma explicação básica dada pela antiga teoria a respeito da mudança climática (BRAIDWOOD, 1985, p. 102), logo após ele introduz também que se o cinturão de chuva moveu-se para o norte quando as geleiras derreteram pela última vez (BRAIDWOOD, 1985, p. 103), ele deve ter se movido na mesma direção em épocas anteriores.

Ou seja, os homens poderiam já ter presenciado mudanças climáticas iguais a esta que os fizeram se adaptar novamente, sobretudo é ele que pontua uma indagação: “por que a domesticação não aconteceu antes, então?”. Questionamento este que, impõe uma visão onde tudo o que se sabe até então sugere que a velha teoria era uma explicação simples demais para ser a verdadeira, mas ainda assim não traz uma nova explicação concreta para cessar as dúvidas sobre esta determinada passagem de tempo.

A VISÃO E PONTUAÇÃO DO AUTOR ACERCA DA EVOLUÇÃO E DO FIM

É crucial o entendimento sobre a diferença existente entre a divisão feita por alguns arqueólogos e a divisão feita por Robert J. Braidwood. Comumente, que grande parte dos arqueólogos preferem um esquema antigo de nomes para as subdivisões de conhecimento ativo à sociedade, mesmo que não sejam estudiosos, sendo eles: paleolítico, mesolítico, neolítico. Já o autor tem uma visão diferente acerca destas nomenclaturas, uma vez que esses termos podem significar, conceitos diferentes para indivíduos diferentes. Posteriormente, o autor introduz seu próprio esquema de subdivisão, opta-se por categorizar como estágios, pois muitas dessas fases ainda não acabaram. Observando que

seu entendimento acerca dessas divisões de estágio, são em termos de tecnologia e economia, não porque acredita-se que a tecnologia e a economia são os únicos domínios importantes da cultura, mais porque na maior parte do tempo pré-histórico, os materiais deixados para os arqueólogos tendem a se limitar à tecnologia e à economia.

As duas primeiras Eras da fase designada de produção de alimentos, vem a surgir na Ásia Ocidental com uma certa rapidez revolucionária. Isso é confirmado pela velocidade relativa com que os traços de novos artesanatos são encontrados nos primeiros locais de comunidades agrícolas. O autor acredita que, a primeira Era do estágio de produção de alimentos foi um período de cultivo e domesticação dos primeiros animais, como também afirma uma colocação de sua crença, pois segundo sua perspectiva, a evidência real para esse período anterior é tão pequena que faz-se necessário configurá-la com um palpite. É também nesse mesmo período que pode-se notar uma tendência de que os indivíduos começaram a se tornar mais civilizados e passíveis com o povo vizinho. Logo, levando-se em consideração que toda a pontuação sobre essa Era é feita de acordo com uma visão do autor. Dessa forma, o fim dessa Era caminha diretamente para a iniciação de um período da principal comunidade agrícola da aldeia.

Por fim, conforme as ideias explanadas, pode-se compreender que os homens se tornam homens quando a evolução os leva a um determinado ponto. Tal ponto seria o pivô para que a coordenação olho-mão-cérebro fosse suficiente para que as ferramentas pudessem ser produzidas de acordo com os seus conjuntos de hábitos duradouros, e é a partir disso que nota-se a existência de homens capacitados a darem início a grande evolução humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesse artigo, demonstrar, segundo a obra “Homens Pré-Históricos” (1985) do autor e Pré-Historiador Robert J. Braidwood, os conceitos que devem ser levados em consideração ao se pensar em “prelúdio e fim da Pré-História”. Notavelmente, bem como discorrido ao longo desse artigo, é possível compreender que as diversas etapas climáticas ocorridas no passado foram de suma importância para a evolução do homem pré-histórico, uma vez que a cada fase de estágio modificada no ambiente, tornou-se possível uma certa adaptação, seja com ferramentas ou técnicas adequadas para sua sobrevivência. Logo, é suscetível que há lições a serem aprendidas com todo o passado do ho-

mem, não especificamente lições de como ganhar batalhas e conquistas políticas, mas a forma de como a humanidade caminhou e evoluiu em diferentes estágios, sejam eles climáticos ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIDWOOD, Robert John. **Homens Pré-Históricos**. Trad. de Carlota Barrionuevo Martín. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 1985.

GOUCHER, Candice. Et al. **História Mundial: Jornadas do Passado ao Presente**. Penso, 2011.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MITHEN, Steven. **A pré-história da mente: uma Busca das Origens da Arte Religião e da Ciência**. 1ª Ed. Editora Unesp, 2003.

RODRIGUES, Danielle. **Direito & Os Animais, ao: Uma Abordagem Ética, Filosófica e Normativa**. Juruá Editora, 2008.

RAGGIOTTI, Naiara. Et al. **Um pouco de História**. Editora Melhoramentos, 2014. TRIGGER, Bruce. **Além da história: os métodos da pré história**. E.P.U, São Paulo, 1973. WILSON, Edward. **A Conquista Social da Terra**. Companhia Letras, 2013.

WILSON, Edward. **A Conquista Social da Terra**. Companhia Letras, 2013.

RAÇAS E RACISMO: UM CONCEITO ENRAIZADO NA SOCIEDADE

Arthur Franklin Ferreira Lopes¹
 Maria Clara Soares Silva²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca, por meio de uma revisão bibliográfica, analisar os conceitos de raça e racismo, tendo em vista sua influência dentro do cotidiano de indivíduos que têm seu “tratamento” baseado em tais especificações. Com isso, as definições utilizadas para classificar quais e quantas são as “raças” existentes no Brasil, cabe ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde a divisão é ocorrida entre brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas.

Concomitantemente, vale ressaltar que a definição de raça leva em conta critérios baseados em características físicas, e é utilizada como ferramenta de estratificação social, ademais quando tratamos de racismo, que é um sistema doutrinário ou político que estabelece a exaltação de uma raça, em detrimento das demais, um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial relativamente aos outros, preconizando, em particular, o isolamento destes no interior de um país (segregação racial) ou até visando o extermínio de uma minoria: o racismo anti-semita dos nazistas. Assim, a cor da pele tende a ser associada de forma racista à atribuição de sucesso e ao fracasso social aos indivíduos, alguns biólogos chegaram a sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos.

Sob esse viés, cabe ressaltar a vinculação do racismo com a visão etnocêntrica entre algumas culturas e a crença de superioridade dentre algumas delas, o que faz com que se dissemine a ideia de hierarquia entre raças e etnias. Assim, na última década, vem aumentando no Brasil a produção científica vinculada a questões relativas à raça, cor e etnia. As abordagens são diversas, tratando-se não só da investigação de possíveis diferenças étnico-raciais na gênese e comportamento de doenças e agravos, como também da análise das desigualdades em saúde.

Por conseguinte, o presente artigo tem por objetivo englobar questões referente a raças e ao racismo, com intuito de explicar, exem-

1 Graduação em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: arthur.lopes@aluno.uepb.edu.br

2 Graduada em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: maria.clara.silva@alunoo.uepb.edu.br

plificar o conhecimento a partir destes, trazendo dados e significações do ponto de vista científico e também individual, quando se parte do ponto de um determinado ser humano que, tem em sua rotina, traços que marcam a divisão de raça e o preconceito racial.

RAÇAS E RACISMO: UM CONCEITO ENRAIZADO NA SOCIEDADE

O conceito de raça veio do italiano *razza*. Inicialmente era usado pela Zoologia e na Botânica, ambas buscavam classificar as espécies em animais e vegetais. Contudo, a partir do latim medieval o conceito de raça começou a sofrer algumas alterações, passando assim a designar descendência, ou linhagem, assim organizando um grupo de pessoas que possuem algumas características físicas em comum. O Brasil é constituído por diversas etnias-raciais. No entanto, isso não diminui as desigualdades existentes em nosso país. Embora formados essencialmente por pardos, índios negros, é mínima a parcela da população que se define assim. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) - IBGE (2019), 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas.

Sob esse viés, sueco Carl Von Linné, era botânico e viveu no século XVIII, foi ele o primeiro pesquisador a fazer referência à cor da pele como um critério definidor das diferenças entre os seres vivos. Ele criou o sistema de classificação que ainda hoje é utilizado, e estabeleceu o nome científico de *Homo sapiens* para a espécie humana. Mas, sem contrariar o pensamento dominante na época, fez a divisão da humanidade em subespécies de acordo com a cor da pele, o tipo físico e pretensos traços de caráter. Lineu, como é conhecido em português, foi além dos critérios biológicos, ele associou características culturais a cada tipo de humano. Africanos como espertos e negligentes, americanos como obstinados e educados, asiáticos como rigorosos e avarentos e europeus como inventivos e descuidados (Oliveira, 2003). Tradicionalmente, a consideração de raça pode ser utilizada como ferramenta de estratificação social, isso é um reflexo da centralização destas características nas sociedades ocidentais.

Dessa forma, a respeito de raça e etnia, e também pelo fato desses termos serem usualmente utilizados de forma indiferenciada, é preciso esclarecer a definição de cada um. Segundo Oliveira (2003), etnia pode ser definida como um grupo de indivíduos ou comunidades que

reconhecem a mesma origem gentílica, assim compartilhando traços culturais comuns que remetem a um passado. Contudo, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. Ainda, a raça por sua vez, é utilizada para caracterizar traços biológicos herdados que diferenciam grupos humanos. Assim, no século XVII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Elas são divididas em três: branca, negra e amarela.

Concomitantemente, a cor da pele de cada indivíduo é definida pela concentração de melanina, enquanto a chamada raça branca tem menos concentração de melanina, assim tendo cabelo e olhos mais claros, a negra apresenta uma alta concentração de melanina, tendo cabelo, pele e olhos mais escuro. A dita raça amarela está em uma posição intermediária. A cor resultante pela concentração de melanina é basicamente um critério artificial. A partir disso, o conceito de raça cientificamente é invalidado, isso pelo fato de que embora cada pessoa possua seu patrimônio genético diferenciado, isso não é suficiente para classificá-las em diferentes grupos. Lamentavelmente, foi estabelecida uma escala de valor entre as raças, isso foi feito a partir de uma junção entre cor da pele (biológico) e as qualidades psicológicas, intelectuais e culturais. Partindo disso, a raça “branca” foi considerada superior a “negra” e a “amarela”, o que está relacionado a características físicas hereditárias, como a própria cor da pele e o formato do crânio, além do tamanho dos lábios e do nariz. Por conta disso, acreditava-se que os “brancos” seriam mais inteligentes e honestos, conseqüentemente mais aptos a realizar outras atividades, ou até mesmo dominar outras raças.

RAÇAS NA CIÊNCIA

Outrossim, com a chegada do século XX, e o avanço de processos genéticos, como no projeto genoma humano, descobriu-se no sangue critérios químicos mais determinantes para consagrar a divisão da humanidade. Através dos grupos de sangue, algumas doenças hereditárias e alguns outros fatores como do da hemoglobina passaram a ser encontrados com mais frequência em algumas raças do que em outras. Assim, os estudos também constataram que os materiais genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais distantes do que os pertencentes a raças diferentes. Dessa maneira, para exemplificar, um brasileiro pode, geneticamente, ser mais próximo de um chinês do que de um português.

Sob esse ponto de vista, fica claro que o conceito de raça que utilizamos atualmente não tem nenhuma relação com a biologia, ele é aplicado como uma forma de relação de poder e de dominação e é carregado de ideologia. Ademais, cada nação tem sua definição, ela é determinada pela estrutura da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Quando observamos exemplos de Inglaterra e Estados Unidos, podemos perceber como tal designação teve certo contraste. Consoante, enquanto no primeiro a raça como questão censitária começou a ocorrer em meados de 1990, no segundo este tipo de informação já era coletada desde os primeiros censos. Além disso, no Brasil, os abolicionistas não incentivaram o combate às questões de ideologias raciais, isso pelo fato de que embora fossem a favor da libertação dos negros, eles mostravam-se contra a imigração africana. Não obstante, tal posicionamento era baseado em leis que proibiam a imigração de africanos, essa que só foi retirada de uso muitos anos depois. É por conta disso que os conceitos de branco, negro e mestiço não significam a mesma coisa em todos os países.

Porquanto, a cor da pele tende a ser associada de forma racista à atribuição de sucesso e fracasso social aos indivíduos, alguns biólogos chegaram a sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. Entretanto, esta definição persiste tanto no meio acadêmico, na produção de trabalhos e estudos, como também no uso popular. Embora concordem com os estudos que mostram que não existe comprovação científica para o conceito de raça, acreditam que o uso da concepção como realidade social e política seja válido. Uma sociedade que deseja aumentar as vantagens da diversidade genética de seus membros deve ser igualitária, isto é, deve oferecer aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher caminhos, meios e modos de vida diversos de acordo com as disposições naturais de cada um.

RACISMO HODIERNAMENTE

Ademais, “A palavra racismo é uma filha do século 20, embora aquilo que nomeia tenha raízes bem mais fundas na história. A mais antiga menção conhecida surgiu na revista francesa

“Revue Blanche” em 1902, assinado por A. Maybon, como racisme”. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade entre duas noções. “Por definição ele pode ser entendido como a crença, atitudes e conformações institucionais que tendem a denegrir, subjugar e excluir

grupos e pessoas em virtude de caracteres fenotípicos e/ou afiliação étnica” (Clark, R., Anderson, 1999, p.54). O racismo pode envolver uma grande quantidade de aspectos para a sua caracterização, processos de hierarquização, discriminação e exclusão de um determinado grupo, ou de um componente deste, que por no olhar do outro apresentar uma característica subjetiva, torna-se distinto. O racista cria a raça no sentido sociológico, no imaginário dele não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos, e sim uma classe que com linhas culturais, linguísticas e religiosos, que são naturalmente inferiores.

Bem como, o racismo proporciona o Conjunto de circunstâncias necessário para a criação e a conservação de estereótipos, preconceitos e discriminação. No Brasil, por exemplo, uma representativa constatação é que os negros vivem menos que os brancos, “O último Relatório Anual das Desigualdades Sociais, do Núcleo de Estudos de População, da Unicamp, publicado em 2011, mostrou que a expectativa de vida entre negros no Brasil é de 67 anos. Já os brancos vivem em média 73 anos. Não há dados nacionais atualizados sobre essa diferença.”

Sobretudo, uma das possíveis explicações para isso é que os não brancos, quando comparados aos brancos, são expostos a situações específicas devido a sua alocação social, o que no decorrer da vida ocasiona a submissão a estados de estresse crônicos, minando a capacidade de adaptação e predispondo a doenças. Outro fator é a morte prematura, principalmente por serem vítimas mais frequentes de crimes, “A taxa de homicídios de negros no Brasil saltou de 34 para 37,8 por 100 mil habitantes entre 2008 e 2018, o que representa aumento de 11,5% no período, de acordo com o Atlas da Violência 2020 divulgado nesta quinta-feira (27).”

Estamos no terceiro milênio, e carregamos o saldo negativo de um racismo que começou a ser elaborado no fim do século XVIII. A consciência política reivindicativa das vítimas do racismo nas sociedades contemporâneas está cada vez mais crescente, o que comprova que as práticas racistas ainda não recuaram. Existe um verdadeiro abismo que separa os negros dos brancos. Isso pode ser representado em diversos aspectos da sociedade, como a taxa de natalidade entre crianças negras e brancas, “Em 2017, 50,7% das crianças até 5 anos que morreram por causas evitáveis eram pardas e pretas, enquanto 39,9% eram brancas, segundo dados do Ministério da Saúde.”, a situação é tão grave que na “África do Sul e no Zimbábue, por exemplo, as estatísticas das Nações Unidas indicam que a taxa de mortalidade na população até 5 anos é de 67/1.000 nascidos vivos e de 74/1.000, respectivamente”,

sendo assim menores do que a do Brasil.

Concomitante a isso, o impacto da desvantagem social que é causado aos negros está totalmente ligado à razão entre a limitação e a oportunidade de mudança, como também a maior exposição a fatores nocivos no curso da vida. Assim, essas disparidades na área da saúde retratam a real desigualdade social existente. Embora nos últimos anos tenham existido ações que tentam diminuir essa desconformidade, na prática ainda não se percebe mudanças efetivas na determinação social da saúde das minorias.

Assim, depois de 1991, onde na África do Sul ocorreu o fim do apartheid, não existe mais, em nenhuma parte do mundo, um racismo que seja praticado pelo próprio estado e explícito. Lá, existia um sistema “totalitário controlava a vida pública, a vida privada e a vida íntima das pessoas, em especial dos negros, mas também dos mestiços e indianos”. Hoje, países como Estados Unidos, a própria África do Sul e os países da Europa ocidental se encontram todos hoje em mesmo pé de igualdade com o Brasil, todos tem um racismo de forma implícita, às vezes sutil (salvo muitas exceções). Os sul africanos apresentaram grande melhoria no quesito do combate a discriminação racial, hoje eles estão no caminho da construção de uma nova democracia, que definem como sendo uma “democracia não racial”. Os americanos também apresentaram grande evolução, eles aplicaram e incrementaram as políticas de “ação afirmativa”, cujos resultados na ascensão socioeconômica dos afro-americanos são inegáveis.

Ainda mais, no Brasil o mito existente em relação à democracia racial bloqueou durante muitos anos o debate nacional sobre as políticas de “ação afirmativa”. Fato este que pode ser comprovado se fizermos uma comparação com os Estados Unidos, enquanto lá essas políticas começaram a ser implementadas em meados da década de 1960, em nosso país, isso só ocorreu praticamente no ano de 2001. Outro fator que dificultou a implementação dessas políticas foi o mito do sincretismo cultural, ele atrasou o debate que buscava demonstrar a importância da implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro.

A DESIGUALDADE POR RAÇAS E ETNOCENTRISMO

Com isso, a questão que surge é: de onde vem a explicação para a desigualdade social que tanto influencia o racismo existente em nosso país? Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “um trabalhador branco recebeu, em média, 72,5% a mais do

que um profissional preto ou pardo em 2017. Enquanto uma pessoa branca teve rendimento médio de R\$ 2.615 no ano passado, um negro (soma da população preta e parda) recebeu R\$ 1.516”. Quais fatores causam essa disparidade? um deles é o acesso à educação. Souza, Ribeiro e Carvalhaes (2009), admitem que diferenças de cor de pele podem ser uma causa importante na desigualdade do acesso ao ensino. Em uma sociedade como em nosso país que busca uma menor desigualdade de renda e de oportunidades entre diferentes pessoas que a compõem, as leis existentes como as presentes na constituição que garantem os mesmos direitos civis não são suficientes. Na prática o que observamos no cotidiano da população é que nem todos usufruem os mesmos direitos sociais e oportunidades. Pode parecer comum fazer essa consideração, mas, ao analisar o caso brasileiro podemos ver que impera no país uma confusão, por parte dos políticos, da mídia e principalmente de seus discursos, conforme explica Souza (2005). Cada um deles prega que as causas das desigualdades brasileiras estão inteiramente ligadas à questão racial, no entanto, não é isso que vimos até o momento. Na ciência que fala sobre a identidade racial, tem-se observado que a repetição da exposição ao racismo no âmbito de um grupo social tende a desafiar a capacidade do indivíduo manter seu bem-estar, como diz Eccleston (2008).

É evidente que, o meio cultural em que o ser humano encontra-se inserido é o que auxilia na definição do seu caráter e personalidade, não com o conceito de raça ligado à fatores externos e distantes do biológico, pois tal fator racial é dificilmente capaz de determinar quais tipos de tarefa um indivíduo pode realizar. Ademais, nenhuma cultura está ligada a uma única “raça”, tendo em vista que esse termo refere-se a “um agrupamento natural de homens que apresentam um conjunto de caracteres físicos hereditários em comum”, ou seja, a cultura em si, modela o biológico, ela refere ao caráter do ser, e só a história pode explicar as diferenças culturais.

Infere-se, portanto, que a prática do racismo inicia-se assim que se fixam diferenças em genótipos, considerando-se que a noção de “raça” como fato adquirido e remonta-se de caracteres físicos a um modo de comportamento, qualidades morais ou aptidões intelectuais. Sob o mesmo ponto de vista, segundo o escritor Carlos Drummond de Andrade, In: O Avesso das Coisas, 6ª Edição 2014 “Para suprimir o racismo seria necessário suprimir a noção de raça” o que reforça o ideal deste ligado à uma herança da estrutura social e do período colonial brasileiro.

A partir disso, vale ressaltar a significância do etnocentrismo, que trata de uma visão do mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais. Ainda mais, tal visão etnocêntrica, contribui para o exercício do racismo, pois se tem em vista que, acaba por prevalecer uma ideia em parcela dos homens brancos que, por exemplo, a África é um continente atrasado, apesar disto ser resultado da exploração europeia sobre tal. A partir disso, é demonstrado que o modo etnocêntrico de enxergar os indivíduos, remete a um ponto de vista que parte do seu próprio pressuposto, fazendo de si e de sua cultura um ponto inicial para analisar a do outro, e como já exemplificado, o etnocêntrico encontra-se por se denominar superior a outro ser humano que pela sua análise, torna-se inferior, seja por sua cultura, aspectos religiosos, étnicos, e também, raciais.

Porquanto, segundo H. –V. Vallois os caracteres que designam a raça estão divididos em quatro, destes são: Os caracteres anatômicos que tratam da estrutura do corpo, fisiológicos que remetem ao funcionamento dos órgãos, psicológicos que faz referência ao mecanismo do cérebro, como também, patológicos que concerne às reações à doenças. Entretanto, a cor e traços fenotípicos que são representações visíveis não podem ser usados como marcadores genéticos de raça, ou seja, o genótipo não corresponde a um único fenótipo. Pois, por exemplo, os habitantes da Oceania, no oeste do pacífico, embora compartilhem a mesma pele escura, cabelo e crânio com africanos, são mais próximos geneticamente dos europeus.

Em suma, o presente artigo traz a conceituação de raça e racismo, como também a maneira que tais são referidos no âmbito da sociedade brasileira, questões como a desigualdade entre negros e brancos, acesso a educação, etnocentrismo. Assim, ressalta a importância de ter conhecimento destes.

No Brasil a identificação dos indivíduos geralmente é realizada através da cor de pele, traços do nariz, tamanho dos lábios, cabelo, com a influência direcionada a fatores fenotípicos, ou seja, a aparência e status social. Mas também tal identidade vem a depender do contexto situacional do indivíduo e de sua região geográfica. Dessa forma, é visto que ocorre uma ligação ao conceito racial já definido ao decorrer do trabalho.

Portanto, verifica-se que o atual conceito de raça não detém ligação com o biológico, e que, apesar disto, ele encontra-se enraizado em diversas populações pelo mundo, o que concerne no racismo, como é

observado, ressaltando no meio profissionalizante existe uma desigualdade a respeito de negros, pardos e brancos, assim como, no habitat educacional, tendo em vista a diferenciação no tipo de oportunidade oferecida a esses mesmos indivíduos.

Ademais, como foi dito por Nelson Mandela “Eu odeio a discriminação racial mais intensamente e em todas as suas manifestações. Eu lutei durante toda a minha vida, eu a combati, e vou fazê-lo até o fim dos meus dias.” Assim, tal frase demonstra o sentimento de alguém que é discriminado conforme a ideia de raça expressa na atualidade.

Por fim, quando se trata da utilização de um sistema de classificação com foco nas segmentações sociais e econômicas, com o objetivo de demonstrar as diferenciações em segmentos populacionais, que traz uma limitação, é inegável a adequação do IBGE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma sociedade justa e igualitária não é uma tarefa que possa estar restrita somente a ONGs e organizações de Direitos Humanos. Por mais preparadas que essas entidades e serviços estejam, são apenas uma parte dessa construção, que para somar um inteiro deve contar com a participação de toda a federação. Esse processo, de fim da separação em raças, não pode ser visto como uma montagem em uma linha de produção na qual cada peça já vem pronta para ser encaixada em seu lugar específico.

A formação dessa nova maneira de vida é algo muito mais complexo para a qual não existe uma forma de metodologia definida que garanta resultado satisfatório em todas as situações. Exige a mobilização de diversos setores, estes ligados às mais diversas esferas, na busca de alternativas que possam superar os entraves para o fim do racismo. É preciso um maior preparo dos profissionais para que superem todas as barreiras que foram construídas durante anos de escravidão e pós-escravidão em nosso país. A quebra de conceitos pré- estabelecidos, que pode ser feita com a ajuda da cultura, através de peças e conteúdos visuais, despertarão na sociedade um maior desejo em ter outra visão sobre o tema, assim quebrando certos paradigmas.

Outro aspecto a se considerar diz respeito ao próprio conhecimento popular, que além de insumo para a construção de uma nova visão social, juntamente com o conhecimento científico, pode fornecer alternativas para a realização de atividades de cunho educativo. A mú-

sica pode ser citada como exemplo, na qual uma forma de comunicação criada pela própria população e para a população que se adapta de maneira eficaz na busca por objetivos.

Por fim, foi possível perceber que, até o momento, as pesquisas realizadas com a população têm se concentrado nas atividades de caráter informativo. Entretanto, esse campo de pesquisas constitui um terreno de amplas possibilidades para estudos, e para a descoberta de novas metodologias que sempre serão necessárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, F. **A saúde da população negra no Brasil**. Brasília: Organização Panamericana de Saúde, 2003.

Clark, R., Anderson, N. B., Clark, V. R., & Williams, D. R. (1999). **Racism as a stressor for african americans: a biopsychosocial model**. *American Psychologist*, 54, 805-816.

SOUZA, P., RIBEIRO, P., CARVALHAES, F. Desigualdade de oportunidades no Brasil: Considerações sobre classe, educação e raça. In: **Revista Brasileira Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, 2010, vol. 25, n. 73, jun.

SOUZA, J. Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira. In. **Revista Lua Nova**. São Paulo: CEDEC – USP, 2005, n. 65, mai-ago.

Eccleston, C. P. (2008). **The psychological and physical health effects of stigma: the role of self- threats**. *Social and Personality Psychology Compass*, 2, 1-12.

FARO, A., Pereira, M. **Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse**. In: Scielo, 2011.

O PRIMITIVO E O CONTEMPORÂNEO: OS PRINCÍPIOS DO PRIMITIVO E A FUGA DA MODERNIDADE (E DE OUTROS DEMÔNIOS)

Beatriz da Nóbrega Carolino¹
Gustavo Soares Mendes Oliveira²

A DECADÊNCIA DO MODERNO E A ADOÇÃO DA TRADIÇÃO

Uma das maiores questões da humanidade é entender como viveram suas sociedades: desde o início de suas primeiras civilizações, há 5000 anos, diversas culturas tomaram forma e foram se moldando, até chegarem a serem o que conhecemos hoje. Os primeiros humanóides, na pré-história, ainda estavam desenvolvendo maneiras de registrarem seus costumes, o que torna escasso as informações dessa época e difícil a compreensão de seu comportamento. O foco deste texto é justamente esses homens primitivos, além dos “bárbaros” modernos.

De forma geral, este artigo terá como objetivo geral analisar algumas dessas formas de se ler a história das civilizações humanas, bem como o entendimento de certas sociedades sobre outras sociedades, além da desesperança que adentrou o espírito do homem conforme o progresso se tornou cada vez mais danoso. Mais especificamente, iremos lançar uma luz em teorias e concepções que buscam estudar o comportamento de diferentes povos e as divergências dos conceitos do que é primitivo e do que é moderno.

Adiante a necessidade de se ter uma melhor interpretação da pluralidade de pensamentos que passaram pelas distintas eras da história da humanidade, as teorias que serão apresentadas ao decorrer deste trabalho irão se manifestar como formas de auxiliar-nos a assimilar melhor a visão de mundo de uma multiplicidade de culturas mais simples que a nossa. Devido a estes fatos, buscou-se a apuração de dados e informações para responder à pergunta: como essas sociedades arcaicas podem nos influenciar a ter uma qualidade melhor de vida e o que podemos aprender com o selvagem?

O fator ambiental é um dos principais agentes motivadores dessa recusa a modernidade: “Quando a extração de recursos ou a geração

1 Graduada em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail:beatrizcarolino@hotmail.com

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: gs4140809@gmail.com

de dejetos é maior do que a capacidade do ecossistema de reproduzi-los ou reciclá-los, estamos frente à depredação e/ou poluição, as duas manifestações de uma crise ambiental” (FOLADORI, 2018, p.1). Ou seja, enquanto o capitalismo progride, os recursos naturais vão diminuindo, junto com a qualidade de vida da população. É visto assim, que com essa crise de riquezas naturais, o homem moderno procura cada vez mais formas alternativas e sustentáveis de poder manter-se.

É aí que o selvagem entra: seus modos mais simples de se viver, balanceando entre a saciação das necessidades dele e a preservação do meio ambiente, são vistos como uma alternativa interessante.

O fato é que nossos ancestrais viveram cerca de dois milhões de anos em harmonia com o meio ambiente e não como um poder externo exercido sobre ele. Nas sociedades de caçadores-coletores, por exemplo, não existia qualquer hierarquia entre a espécie humana e as outras espécies animais. Entretanto, na nossa civilização, essa hierarquia foi tão profunda que hoje vivemos a era do Antropoceno. (ARAÚJO, 2016, p.6).

É assim que os ancestrais da humanidade viviam: em uma comunidade isenta de desigualdade social e de degradação exorbitante da fauna e da flora. Por isso o homem primitivo pode ser considerado como uma referência para os tempos atuais. Aliás, não só os primitivos, como nossos povos nativos também: ambos tinham (e têm) uma relação equilibrada com a natureza, consumindo o que precisam e reutilizando o excedente. Caso a população que se diz “civilizada” não aprenda alguns hábitos com os citados, a própria vai estar se encaminhando para a extinção e cavando sua própria cova.

Mas, como podemos entender essas sociedades arcaicas? Como e porque elas vivem dessa forma? Ao longo do tempo, várias correntes teóricas foram surgindo para tentar responder essas perguntas e traduzir os pensamentos e as organizações dessas comunidades para que seus ritos, credos e mitos sejam compreensíveis para nós. Não é uma tarefa muito fácil, pois, segundo ROGNON (1991), O selvagem pode assumir uma infinidade de imagens, mutuamente contraditórias. Sendo ele uma figura versátil, variando de lugar para lugar, o que faz com que seja difícil encaixá-lo em apenas um padrão. Porém, nada que não tenha sido destrinchado e simplificado para uma melhor compreensão: de acordo

ainda com ROGNON (1991), Três escolas dividem o campo de batalha: o primitivismo, o marxismo, e o dinamismo.

O MITO DE UMA SOCIEDADE CIVILIZADA

É assim que a complexidade dos primitivos e das culturas que rodeiam o globo são exemplificadas: três escolas diferentes (o dinamismo, o neo-marxismo, e o primitivismo), com três abordagens diferentes para explicar o funcionamento das estruturas sociais que prevalecem nesses povos. Apesar de terem um modo de viver mais modesto, são comunidades que funcionam bem, e elas estão satisfeitas com isso. É aí que vimos como o “progresso” que achamos que estamos vivendo pode ser uma mentira, pois “a sociedade parece ter alcançado um falso apogeu com a abundância de objetos de consumo, informação e tecnologia.” (ARAÚJO, 2016, p.2). Estamos esgotando recursos naturais e vivendo em uma ilusão de sociedade superior e desenvolvida.

Certas ideologias e vertentes apareceram em oposição à essa degradação acelerada do meio ambiente, tal como o anarcoprimitivismo, formulado por John Zerzan:

O anarcoprimitivismo de Zerzan parte de alguns pressupostos básicos. A identificação de uma profunda crise em vários níveis, tais como: individual, social e ambiental impulsionada pelo capitalismo tecnológico. Faz a crítica a uma oposição fraca e faz a defesa da anarquia como a única oposição radical à ordem dominante. [...] Segundo Zerzan, antes da agricultura a humanidade teria existido em estado de graça, tranquilidade e efetiva comunhão com a natureza, muito difícil para o indivíduo contemporâneo imaginar, quanto mais compreender (ARAÚJO, 2016, p. 5).

Em suma, o anarcoprimitivismo prega que o estado natural do homem seria o melhor pra ele. Seu erro veio após a invenção da agricultura, responsável pelo surgimento do sedentarismo, que consequentemente moldou as primeiras civilizações, e com ela, as primeiras formas de opressão das classes mais altas contra castas mais baixas. Eventualmente, tudo isso foi evoluindo do mundo antigo para esse que temos hodiernamente.

Não é uma surpresa muito grande que pensamentos desse tipo com um grande pessimismo acerca do nosso futuro tenham florescido nos últimos tempos, considerando que o sistema atual está demonstrando diversos sinais de desgaste: a Terra tem alcançado temperaturas exorbitantes, e gradualmente chegando em um ponto onde será impossível reverter as mudanças causadas pelas interferências das grandes indústrias nela. A humanidade terá que fazer a escolha de sacrificar ou o capitalismo, ou o planeta em que vive. Em conclusão, se não tomarmos as devidas medidas, iremos assistir o ruir da sociedade com nossos próprios olhos. Segundo GONÇALVES, 1989, p.136):

Vivemos um momento crítico. Um momento que clama por lucidez, criatividade e imaginação. De todos os lados, à direita e à esquerda, avalia-se que vivemos uma intensa crise no plano econômico, no plano jurídico-político, no plano dos valores e das normas, da arte e da cultura. A ciência, cada vez mais transformada em força produtiva, encontra-se com a necessidade de repensar os seus fundamentos epistemológicos e metodológicos, enfim, sua relação com a filosofia.(GONÇALVES, 1989, p.136).

É visto assim que, apesar do século XXI testemunhar o ápice da ciência e da informação, a desigualdade está também mais em alta do que nunca. Males como o capitalismo, esse “desenvolvimento” que abocanha as riquezas naturais e a mentira de uma sociedade que está em um nível superior às outras são veneno para o bem-estar social. O retorno aos modos de se viver de uma sociedade primitiva parece ser uma ideia radical, mas é uma alternativa no mínimo interessante.

Caso nada mude, esse culto aos primitivos só vai perdurar. Nos tornamos cada vez mais inseparáveis da tecnologia. A sustentabilidade e a preservação do meio ambiente são temas cada vez mais recorrentes no nosso dia-a-dia, e a tendência é só piorar. O retorno a esses modos arcaicos, característico de nossos ancestrais, resolveria esses dois problemas em uma cajadada só: ficaríamos mais dependente da natureza do que nunca, e tomaríamos dela somente o necessário.

AS TRÊS ESCOLAS: PRIMITIVISMO, [NEO] MARXISMO E DINAMISMO

Ao longo da história foram criadas três correntes teóricas (primitivismo, marxismo e dinamismo), que surgiram para explicar o funcionamento e pensamento social das estruturas que prevalecem em determinados povos como: ritos, crenças e mitos. O primitivismo cultural é a crença das pessoas que vivem em uma sociedade complexa e em evolução, e que uma vida mais simples e primitiva será melhor. Acreditando que os humanos podem viver em harmonia com a natureza, a tecnologia e o mundo moderno progressista é destrutivo e todos nós seremos mais felizes em um estado mais primitivo.

O marxismo difundiu-se na Europa, principalmente, por conta dos sindicatos e dos partidos de orientação socialista e comunista que surgiram no período, fazendo com que grande parte da classe trabalhadora, também denominada proletariado, enxergasse a situação de exploração em que vivia.

O dinamismo social, diz respeito às mudanças que ocorrem na sociedade, principalmente quanto aos costumes que vão desde a moral que filosoficamente é imutável, mas na prática sabemos que se altera, até aceitação quanto a forma de governo e religiosidade. Associar a sociedade moderna com a primitiva nos traz a visão de como o mundo está se encaminhando e os perigos que a modernidade nos traz, como a destruição do natural.

PRIMITIVISMO, CULTO DO BOM SELVAGEM

O primitivismo é a adoração da pureza primitiva, da ordem perdida e dos verdadeiros valores antigos: saúde, harmonia moral e sabedoria de vida. A sociedade primitiva é uma sociedade sem um estado, classes e indústria. Optam por manter sua forma social e se recusam a progredir, é vista com um olhar antiocidental pelos ocidentais por ser contra o progressismo. Começaram a surgir críticas de ordem científica que diziam que a aculturação era perdição cultural. Porém esse ponto de vista é apenas um pressuposto, já que as sociedades tradicionais eram dinâmicas e repleta de inovações. As críticas e políticas feita por uma equipe de antropólogos marxistas, em um pequeno panfleto chamado “lê selvagem à lá monde” por Jean-Loup Amselle:

Não há mais sociedades primitivas: o terceiro

mundo tornou-se durante as últimas décadas o campo fechado dos conflitos armados, o lugar escolhido para as operações de desenvolvimento, os deslocamentos de população e os clubes de férias. (AMSELLE, 1998, p.118).

Em Maio de 68 surgiu uma “crise de civilização” onde o mito do produtivismo e do crescimento exacerbado da economia chega ao fim. Dessa maneira a ecologia passa a brilhar e tudo aquilo que não fere a natureza, aparece em comunidades do sul. O desejo aparece no campo intelectual. Dessa forma o primitivismo é apenas a tradução etnológica dessa nova forma insidiosa dessa ideologia dominante (ecologia). A ideologia falha em reconhecer que a luta de classes como o motor da história, então afirmou a culpa coletiva do mundo branco no genocídio, ao invés de analisar o papel dirigente da na colonização: as contradições entre as classes são vistas pelos primitivistas contra tradição inteira. Assim sendo uma sociedade da ordem, harmonia, sem repressão nem estado, sociedade de abundância.

(NEO) MARXISMO, A ÚLTIMA AMBIÇÃO DE SÍNTASE

O marxismo tem sintaxe de estudo das sociedades vinculadas com as relações reais. A partir desse fato o mito e o rito atribui-se uma função social política, assim sendo um objetivo de poder, o açambarcamento de bens e o domínio de produção. Nesse sentido, para essa vertente não existe o primitivo, já que os ritos e mitos passados conseguem ser atribuídos na sociedade atual, assim, todas as sociedades obedecem às mesmas leis (materialismo histórico).

O elemento primitivo nas sociedades eram o parentesco ou religião, porém para os marxista isso era falso, pois as sociedades pré-capitalistas e nações industrializadas, as condições de modo de vida e as condições materiais que determinam a maneira como pensam. Desse modo, o corpo de pensamento elaborado por Karl Marx (1848), relações de produção, classes sociais e exploração só podem ser aplicadas em sociedades sem estado e sem indústrias. Como exemplo disso: as explorações que é um evento universal causado pelo sobre trabalho de pessoas em sociedades industriais, que certo grupo é privilegiado e outro em condições desumanas de trabalho.

Os desenvolvimentos econômicos, em qualquer sociedade, estão sujeitos a tensões, contradições e conflitos. Dessa maneira, a principal distinção entre as sociedades primitivas e modernas é que uma produz

mito e outra ideologias. Portanto, a atividade dos pesquisadores marxistas é acrescentar o domínio reservado da antropologia social ao campo de aplicação do materialismo histórico, é de fato, provar que a validade universal de conceitos e métodos elaborados consagradas as formações econômico-sociais, onde a produção capitalista não se faz presente.

Em suma, a doutrina de pensamento marxista utiliza uma interpretação materialista do desenvolvimento histórico e uma visão dialética de transformação social. Considera que todo tipo de sociedade vigente, a universalidade de suas leis, ou seja, para todos os cidadãos, de forma alguma pode sofrer exceção, independentemente de qualquer circunstância.

DINAMISMO, OU DESCOBERTA DO PRAGMATISMO ENTRE OS SELVAGENS

Na concepção do dinamismo as sociedades primitivas são conhecidas como organizações aproximativas e variáveis. Portanto deve ser rejeitado o conceito de que as sociedades primitivas são “sociedades frias” e que apenas as sociedades modernas têm história. Toda sociedade apresenta certa continuidade, em que respeita seus costumes e favorece a epidemia de novos elementos.

Portanto, para o dinamismo não existe um só tipo de modernidade, ou apenas um único modelo a ser copiado. Em sua visão estamos longe do evolucionismo, pois cada sociedade leva consigo diversos destinos possíveis, de fato critica os modelos síncronos e estruturalistas e acredita que a principal transformação, dessa forma se diferenciando do marxismo, pois não são apenas as condições materiais e estruturas econômicas, mas sim os conflitos políticos e os objetivos. Na análise dinamista tudo gira em torno da política, é um motor que determina toda máquina, assim se reduzindo a todos os fenômenos há objetivos políticos, assim, suas escolhas são estratégias de longo prazo.

Os mitos e ritos no dinamismo são modificados através da visão e interesses do locutor, são manipulações sutis por parte do orador, que tem interesse de aproximar os mais velhos com os mais novos. Suas crenças independente disso não interferem na vida cotidiana. Os primitivos são pragmáticos não são como Lèvy-Bruhl em seu livro falava:

O conjunto de hábitos mentais que exclui o pensamento abstrato e o raciocínio propriamente dito parece ser encontrado em um grande

número de sociedades inferiores e constitui um traço característico e essencial da mentalidade dos primitivos. (BRUHL, 2015, p.11).

Ao contrário, os primitivos estão interessados em suas atividades rituais, até mesmo na política e religião. Dessa maneira, não há momentos primitivos que, em uma sucessão cronológica

linear, sejam substituídos por momentos modernos subsequentes. O que se compreende como primitivo pode, inclusive, conviver com o que se denomina moderno. E, além disso, nem sempre o primitivo é o tempo histórico antecedente ao moderno. Nem sempre, também, o moderno é o presente. O retorno a esses modos arcaicos, resolveria esses dois de um só vez, assim ficaríamos mais dependentes da natureza do que nunca, e tomaríamos dela somente o necessário. Que dessa forma, a sociedade atual possa aprender com o nosso passado e respeitar o nosso planeta de forma que preserve a vida da humanidade, que, assuntos como ecologia sejam cada vez mais retratados.

É visto assim que o colapso ambiental nunca esteve tão iminente. A elite e as indústrias estão aumentando seu poderio cada vez mais, e, como em uma progressão aritmética, os recursos naturais do planeta Terra vão diminuindo junto. As escolas teóricas mencionadas tiveram a função de nos apresentar modos e formas diversas de se viver em sociedade, e, apesar de parecerem, de primeira vista, um pouco utópicas, é importante frisar que até hoje existem comunidades que convivem prosperamente daqueles jeitos. Basta somente decidir que estilo de vida é o mais benéfico para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, R. B. D. A ANTROPOLOGIA UTÓPICA DE JOHN ZERZAN: O ANARCOPRIMITIVISMO COMO SAÍDA PARA A CRISE AMBIENTAL. **MEIO AMBIENTE E DIREITO À VIDA: PREMÊNCIAS, SENTIDO E PRÁTICAS**. Minas Gerais, v. 01, n. 03, p. 2-5, out./2016. Disponível em: <http://portaleventosacademicos.pucminas.br/index.php/simposioics/VSICS/paper/view/737>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FOLADORI, Guillermo. **O capitalismo e a crise ambiental**. Edição 05, Paraná, v. 01, n. 05, p. 1, fev./2001. Disponível em:

brorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A3o-5-Artigo-08.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

GONÇALVES, C. W. P. Os (dê)s caminhos do meio ambiente. 15. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1989. p. 136. LÉVY-BRUHL, Lucien. **A Mentalidade Primitiva**. Niterói: Teodoro, 2015.

ROGNON, Frédéric. **Os primitivos, nossos contemporâneos**. 1. ed. Campinas: Papirus Editora, 1991. p. 126-135.

APRENDIZADO PRÉ-HISTÓRICO: DA RENEGAÇÃO ÁGRAFA À LEGITIMAÇÃO DAS FONTES E A VALIDAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Daniela Alves dos Santos¹
Thallyta Vytorya Silva Mouzinho²

INTRODUÇÃO

Pré-história em seu conceito mais conhecido e difundido, seria todo o tempo antes de uma história documentada, abarcando o que aconteceu desde o surgimento da vida na terra, a evolução da espécie humana, até o aparecimento da escrita. Como o homem tem mais ou menos meio milhão de anos, e a escrita só foi inventada a cerca de cinco mil anos atrás, quase cem por cento da história humana está concentrada no período pré-histórico.

Referente ao estudo da época mais antiga da humanidade, percebemos que ela se trata de formações sócio-culturais, sabemos que os indivíduos desse tempo não produziram registros escritos sobre suas atividades ou sobre seus entendimentos acerca do universo. A compreensão a respeito do passado pré-histórico é cercada por desafios incomensuráveis. Devido a uma grande escassez de documentos, tanto os pesquisadores, como os historiadores são estimulados a buscarem e validarem os mais diversos conhecimentos, abrangendo outras áreas de estudo para então, promover uma retomada das ações dos primeiros humanos do planeta terra. O estudo desse passado, aplica-se em áreas como a antropologia, arqueologia, paleontologia, biologia, química, entre outros.

A partir do século XIX, alguns historiadores voltaram-se para a concepção que o estudo do passado só seria possível por meio de uma documentação escrita, portanto, julgavam que a compreensão desta era não poderia se sustentar em bases verdadeiras. Entretanto, na atualidade essa concepção acabou perdendo espaço, por haver outras maneiras de recuperação desta época. Os historiadores obtiveram o entendimento de que não somente fontes escritas seriam capazes de resumir tal compreensão. Voltaram-se as atenções sobre manifestações artísticas, sobre a oralidade, a cultura material e outros vestígios, para enfim, obter

1 Graduada em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: daniela.santos@aluno.uepb.edu.br

2 Graduada em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: thally.mouzinho@aluno.uepb.edu.br

um entendimento daquele tempo, deixando para trás a visão de que a pré-história seria um tempo destituído de história e assim, baseando-se em diferentes fontes podemos compreender um pouco sobre o passado pré-histórico.

PRÉ-HISTÓRIA E SEU DILEMA CONCEITUAL

A abordagem da Pré-história em matérias de estudos populares como, livros didáticos, geralmente trazem uma visão distorcida a seu respeito, tratando-a apenas como uma introdução à História. Tal acontecimento, se deve em parte por seu conceito mais conhecido ser por definição, o campo de estudo de um passado remoto da humanidade, indo do seu surgimento até a chegada da escrita .

Esse conceito, elaborado no século XIX, nos traz dois grandes problemas. O primeiro deles seria o fato de que a escrita não foi algo que surgiu de maneira homogênea ,e tão pouco ao mesmo tempo em todos os lugares . A outra dificuldade seria o etnocentrismo, resultante da consideração da escrita , elemento cultural restrito de determinadas culturas, o fator determinante de quem fazia parte e tinha história. No mesmo século, a vertente positivista da historiografia ocidental, enfatizava a importância do documento escrito para se produzir conhecimentos, implementando a ideia de que sociedades ágrafas, não teriam história.

A partir do século XX, começa-se a reconhecer que a história é algo inseparável de toda a humanidade, e a ideia de que sociedades sem escrita estariam de fora, passou a ser criticada intensamente tanto por historiadores ,quanto por outros cientistas. No decorrer desse período, ela se tornou uma disciplina histórica com metodologia própria. Essa disciplina teria a especificação de estudar as antigas culturas ágrafas e estabelecer métodos de investigações, usando como base vestígios materiais das sociedades passadas e não uma documentação propriamente escrita, como cartas ou livros.

O Historiador Leroi-Gourhan ,afirmou que essa disciplina possibilita uma fácil abordagem, pois o objeto de estudo, estaria abandonado a milhões de anos pelo chão nos sítios arqueológicos, onde segundo sua percepção, precisaria apenas cavar e descobrir os vestígios das antigas culturas. Mesmo fazendo esta afirmação, Gourhan defendeu que o historiador precisaria de outras ciências para um bom entendimento dos vestígios escavados. A pré-história , então, caracteriza-se como uma ciência interdisciplinar, empregando métodos e dados da Geologia, Paleontologia, Geografia, Arqueologia, entre outras.

FONTES HISTÓRICAS: ALÉM DAS PALAVRAS, PARA NOVOS SENTIDOS

Quando o assunto se refere ao aprendizado do passado histórico, uma das primeiras coisas que vem à cabeça são as fontes, e a problemática do que considerar uma fonte histórica, de determinado período. Essas fontes também podem ser chamadas de registros, documentos e vestígios, termos que fazem uma correlação de definição do que foi produzido pelos humanos ao longo do tempo, sendo uma herança material e imaterial deixada por nossos antepassados, servindo de base para construção e entendimento do conhecimento histórico.

O termo documento é considerado um clássico, entretanto essa palavra atrela-se às ideias de registros escritos e oficiais, por isso atualmente historiadores têm preferido usar o termo vestígio, defendendo a concepção de que fonte histórica não fica restrita apenas a um documento oficial; mitos, fala, cinema, literatura, música, entre outros produtos da humanidade, tornam-se e se tornarão fonte para futuros conhecimentos a respeito da nossa história.

A partir de 1930, a escola dos *Annales* impulsionaram críticas a essa concepção de documento, sofrendo influências de Karl Marx, para ele os historiadores estavam ligados às suas classes sociais e não podiam ser imparciais, tal ideia motivou a pesquisa dos materialistas históricos e dos *Annales* para o campo interpretativo e analítico, mudando assim o conceito de documento, oportunizando renovações no pensamento e na pesquisa histórica.

Referente ao descobrimento do que ocorreu na Pré-história, se requer um esforço maior para aprendermos como era a vida naquela época. Na atualidade o estabelecimento interdisciplinar, nos traz mais descobertas e entendimentos. Investidores apoiam-se nas pinturas rupestres, nos fósseis de humanos e animais, objetos, rochas, plantas entre outras inúmeras formas de registros, através deles formam-se uma base de aprendizado, que elucidam dúvidas e questões daquela época.

Tal investigação, apoia-se em áreas como a Antropologia, em que os antropólogos físicos estudam ossos, dentes e outras partes do corpo humano, eles possuem um grande saber referente aos fatores biológicos das “raças” humanas e trabalham com fósseis, tendo a capacidade de identificar por meio deles as diferentes espécies humanas. Os arqueólogos, por sua vez, são os cientistas responsáveis pela procura de objetos como: ferramentas de pedra e metal, cerâmica, túmulos, cavernas e cabanas antes habitadas pelo homem. Essa área fornece uma

história da atividade humana, em que houve a produção de resultados e vestígios concretos reconhecíveis.

Os geólogos, também contribuem com a função de contar a idade das rochas, cavernas e leitos de cascalho em que ossos humanos ou objetos feitos pelo homem foram encontrados. Paleontólogos, paleobotânicos e paleoclimatologistas são responsáveis respectivamente, pelo estudo de fósseis animais, plantas e climas antigos, esses conhecimentos tornam possível conhecer os tipos de animais e plantas que viveram nos tempos pré-históricos e até eram usados como alimento pelo antigo homem.

Observando o número crescente de áreas que complementam os estudos para obtenção de uma reconstrução do conhecimento histórico, percebe-se o quanto é indispensável essa relação interdisciplinar. Essa era remota é tão rica quanto qualquer outra, tendo em vista que a mesma, é o maior período da nossa história e se tem poucos conhecimentos a respeito dela.

Desde que a linguagem surgiu, a educação ajuda o homem a garantir a sobrevivência. Ela permite que as habilidades e os conhecimentos adquiridos com a experiência sejam repassados para as gerações seguintes. Mas, por muitos séculos, não existiam professores, e todos os adultos transmitem informações aos jovens. Isso acontecia de forma oral e espontânea. (LOMBARDO, 2008, p. 32).

Durante a pré-história, o objetivo educacional estava voltado para a sobrevivência do grupo. Não se tinha consciência de que a transmissão dos conhecimentos dos mais velhos para os mais novos seria uma forma de educar uns aos outros.

A educação dos jovens, nesta fase torna-se o instrumento central para a sobrevivência do grupo e a atividade fundamental para realizar a transmissão e o desenvolvimento da cultura. [...] o homem primitivo, que através da imitação, ensina ou aprende o uso das armas, a caça e a colheita, o uso da linguagem, o culto dos mortos, as técnicas de transformação e o domínio do meio ambiente. (VIRUTOUS, 2008, p.3).

Havia uma mistura de arte e magia, deste modo ambas estabeleceram uma relação com a educação pré-histórica. As pinturas rupestres, tornaram-se exemplos destas correlações. Além do seu significado mágico, que seria a reprodução na vida real do que havia sido desenhado, elas serviam para mostrar aos jovens táticas de caçada, entretanto, não deixavam de ser manifestações artísticas do período. Não sabendo fazer a diferenciação entre ciência e magia, as pessoas agiam por instinto, transmitindo para o grupo o que achavam necessário para garantir a sobrevivência.

Podemos dizer que o estudo pré-histórico, volta-se para fragmentos concretos do passado. Na busca de sua reconstrução, nos situamos no espaço e no tempo, e inferimos nexos causais entre eles. Ou seja, visamos compreender o contexto dos vestígios, quando e de que forma eles foram produzidos no espaço, buscando identificar suas sequências causais.

Assim, a pré-história é atravessada por um paradoxo epistemológico. Embora se apoie na sua relação interdisciplinar, seu foco de interesse é a mudança, a transformação, ou seja, o processo temporal, que sofreram transformações pela própria evolução da compreensão da mente humana no tempo, mediante a possibilidade de existência no espaço, seja por meio de suas manifestações artísticas, sua oralidade, cultura material ou outros vestígios que possam se integrar a esses entendimentos.

Desta forma, não há como negar a riqueza de informações desse ramo de conhecimento, que trilha as conquistas do homem sobre a natureza. A confecção de utensílios, construções habitacionais, desenvolvimento da arte rupestre e o domínio da agricultura, só são alguns dos outros assuntos que integram essa época, que possui em seus períodos uma vasta gama de informações históricas. As fontes que o homem deixou são parte da nossa história, de uma Pré-história que precisamos conhecer, não é um tempo antes do tempo, mas um tempo em que não se escreveu, um tempo de oralidade. Após o surgimento de uma história escrita, áreas como a Arqueologia permitem estudar com rigor, contar, socializar e fragmentar os conhecimentos dessa era remota.

Sob o ponto de vista da sua evolução metodológica, está no estudo dos elementos desenterrados e/ou encontrados no tempo, o entendimento do que fomos e de como nos transformamos. Entretanto, ao longo dos anos, o ser humano entendeu a necessidade de dar autenticidade aos documentos criados por ele, mesmo sem ter consciência os homens pré-históricos criaram suas próprias documentações, o

exemplo amplamente conhecido são as gravuras rupestres, deixadas em pedras e paredes de cavernas. Logo, uma equipe multidisciplinar tem reconstruído a história dos povos antigos, através de artefatos deixados em locais de escavação.

Desde os primeiros anos de vida, um fator chave para a construção das novas identidades sociais, remete-nos a pensar em que presente se alicerçam as bases pra uma vindoura sociedade. Nos palcos do presente, pensar nas novas gerações e no processo interativo da socialização ,é uma tarefa relevante no estabelecimento dos pilares ,que se pretende obter em termos de sucessos educacionais.

Podemos identificar diversas razões para um reforço do ensino Pré-histórico nos programas educativos. A originalidade e autonomia desse campo científico interdisciplinar, proporciona aos alunos a conquista do entendimento do passado por suas próprias vias de interpretação, através desse processo de descoberta. O aluno é confrontado com um objeto que o chama atenção, e compreender como as diferentes disciplinas se combinam para basear seu entendimento.

No Brasil, essa disciplina ainda é algo emergente. Entretanto, ao estudarmos povos ágrafos, observando seus costumes, suas culturas, os professores podem combater o etnocentrismo em sala de aula. Contudo, não podemos encarar esta época como apenas um período distante e obscuro que antecede a história da humanidade. Precisa-se perceber a história como um processo, reconhecendo nos atos e comportamentos dos homens pré-históricos muito do que nos tornamos. Trabalhamos com seres que possuíam imaginação e sentimentos, por exemplo, os neanderthal, desenvolveram ritos fúnebres, algo que ao longo dos anos sofreu alterações mas, não deixou de existir, continuamos com este hábito antigo. Justamente esses detalhes permitem aos estudantes, uma identificação como sendo da mesma espécie desses homens antigos.

As compreensões artefactuais, assim como a da sua própria existência humana a partir da sua gênese evolutiva, mostra a diversidade consente de uma reflexão sobre a utensilagem contemporânea, designadamente em museus, sendo espaços potencializados da compreensão do comportamento humano, a partir dos objetos e suas cadeias de produção técnica e econômica.

O conhecimento do passado pré-histórico, marcado pelo distanciamento temporal, convoca a atenção aos materiais e técnicas exigidas, suscitando a recomposição da unidade do conhecimento da realidade, seja ela passada ou presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pré-História no seu conceito, seria todo o tempo antes de uma história documentada, indo desde o surgimento da vida terrestre, evolução da espécie humana, até o aparecimento da escrita. Entretanto, como visto ,tal definição nos traz problemas de dialética, a consideração da escrita como marco, de quem tinha e fazia parte da história, e seu etnocentrismo. Tendo em vista ,que a escrita não surgiu de maneira homogênea e no mesmo período temporal em todos os lugares, este conceito excluiria da história humana as sociedades ágrafas, como é o caso do período pré-histórico.

Contudo, foram descobertos uma imensa quantidade de documentos não escritos, como as pinturas rupestres, sítios arqueológicos, ossadas, fósseis, entre outros, eles permitem o estudo da ação desses seres humanos que viveram a milhares de anos, esses vestígios, atualmente são tratados como fontes históricas e a pesquisa sobre eles permitem a aprendizagem do passado. Esses registros ratificam as narrativas históricas, e são formas de análises do passado remoto.

Essa era da história humana, é o estudo de fragmentos concretos do passado, na busca pela compreensão e reconstrução desse período, nos situamos no espaço e no tempo. Utilizando os vestígios, identifica-se quando e de que forma foi produzido esse espaço, buscando identificar suas sequências causais. A humanidade em sua totalidade cronológica, construíram uma cultura material, que por muito tempo foi renegada por alguns estudiosos, porém, com o movimento ressonante de mudanças epistemológicas, documentos não necessariamente escritos, trouxeram a materialidade e o saber das épocas passadas, passando a ser usados por historiadores em vários contextos.

A partir do surgimento da escrita , o homem passou a documentar todos os seus feitos, assim permitiu-se estabelecer a evolução humana. O estudo do passado pré-histórico, apoiou-se na interdisciplinaridade das outras áreas do conhecimento, e a compreensão dessa era ganhou uma abrangência maior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ARTE DA PRÉ-HISTÓRIA. Brasil Escola. Disponível em: <<https://m.brasilecola.uol.com.br/historiag/a-arte-prehistoria-nos-periodos-paleolitico-neolitico.htm>> Acesso em: 15 nov.2020.

BRAIDWOOD, Robert John. **Homens Pré-Históricos**. Trad. Cartola Barrionuevo Martin. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, c 1975.

HORDAKIS, A. **Aristóteles e a Educação**. São Paulo: Loyola, 2001.

JORGE, V. O. **Arqueologia em construção: ensaios**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

KARMAL, L.; NETO, FREITAS J.A. **A Escrita da Memória**, São Paulo, Brasil, Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p. 13-119.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

OLIVEIRA, A. C. **Pré-História**, 9ª ed. São Paulo, Editoria Ática, 1996, p. 27-35.

SANTOS, Tamires. **Momento da história sem escrita**. Educa mais Brasil, 05 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.educa-maisbrasil.com.br/enem/historia/prehistoria>> Acesso em: 14 nov. 2020.

SILVA, K.V; SILVA, M.H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. Ed., reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

DISPUTAS EVOLUTIVAS: A SELEÇÃO NATURAL E SEXUAL COMO QUEBRA- CABEÇA DA EVOLUÇÃO

Danielson Jovencio de Souza¹
João Batista Mariano Pereira²

INTRODUÇÃO

Sabe-se que desde os primórdios da humanidade já existia uma competição entre indivíduos da mesma espécie na luta pela evolução, pela continuação dos seus genes. Alguns cientistas como: Charles Darwin, Alfred Wallace, Carl Pantin, Andrew Whiten, Richard Byrne, Amotz Zahavi, Robert Winston e os filósofos Herbert Spencer e Friedrich Nietzsche, buscam compreender através de rigorosos estudos como se dava tais competições e quais indivíduos possuíam mais vantagem e desvantagem em relação a tal fator, quais fatores os tornavam aptos ou inaptos à evolução de sua espécie e quais os meios utilizados por eles para chegar a tal conquista. Neste estudo será abordada a posição desses autores em relação ao comportamento das espécies em sua busca evolutiva, de forma natural, sexual e psicológica, mostrando o papel importante de cada uma dessas formas para o processo evolutivo das espécies.

Segundo Charles Darwin, na natureza, o indivíduo mais forte é, portanto, mais capaz de sobreviver, dando continuidade aos seus genes. De acordo com a sua teoria da seleção natural, o mais forte prevalecia na cadeia evolutiva. Segundo ele, se arriscar foi uma forma importante de adaptação e sobrevivência.

A competição desempenhou um papel importante na evolução das espécies, pelo fato de determinar quem era o mais forte, ou seja, quem tinham as melhores estratégias, quem acasalaria e daria continuidade aos seus genes, quais fatores naturais, sexuais e de caráter psicológico favoreciam determinada espécie de indivíduos. Salientando que os machos da espécie eram os mais competitivos e as fêmeas sempre optaram por escolher aqueles com bons genes pela segurança que passavam. Essas disputas físicas, sexuais e cerebrais em prol da evolução dos indivíduos foram importantes para a evolução e com isso, continuidade das espécies, pois obrigavam os seres a tentarem se superar a cada

1 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: danielson.souza@aluno.uepb.edu.br

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: joao.mariano@aluno.uepb.edu.br

momento, buscando o aprimoramento das mais complexas ferramentas de adaptação e graças a esse mecanismo que os indivíduos se superaram ao longo dos séculos.

CONCEITOS, TEORIAS E SOBREVIVÊNCIA

Fazendo um estudo sobre as variedades das espécies, percebe-se como vêm a serem perfeitamente definidas, em que na maioria das vezes são diferentes entre si, mesmo sendo da mesma espécie, ou como surgem essas espécies distintas. Considera-se que dois naturalistas chegaram independente à concepção de seleção natural, Darwin e Wallace com suas teorias bastante parecidas ficam evidente essa similaridade na relevância da seleção natural para o processo evolutivo, segundo Pantin (1959). Partindo do pressuposto, esta ocorre devido ao grande poder de aumento dos organismos que existem na natureza e que atua no sentido de preservar as variações que forem úteis para a espécie. Concomitantemente eles concordam com esses aspectos.

Na teoria da evolução de Charles Darwin, o então diplomado em Teologia pela Universidade de Cambridge, mais conhecido como a sobrevivência do mais forte, o primeiro responsável por analisar e imaginar essa teoria foi o filósofo inglês, Herbert Spencer, no ano de 1852, para ele os humanos estavam assim como as espécies selvagens, compactuam-se, para assim formar superorganismos.

Segundo Mário e Sheila Mazzoline (2006), para Darwin o mais forte era aquele organismo biologicamente mais coerente com o espaço e tempo de sua reprodução. Já para Spencer, o mais apto era aquele que tinha mais qualidades humana como psicológica, moral e físicas. Spencer também dizia que caso não houvesse limites, aqueles indivíduos menos aptos, seriam excluídos das seleções naturais, pois quem fosse da classe mais baixa como sem dinheiro, educação e qualidades seriam transpostos por indivíduos com características mais convenientes. Sendo assim, Spencer foi um dos principais representantes do evolucionismo nas ciências humanas.

Porém, de acordo com Humano, demasiado humano (1878), Nietzsche considera que não é o único ponto de vista relevante a partir do qual se pode explicar o progresso ou o fortalecimento do homem. Para o filósofo Friedrich Nietzsche, o acaso na luta pela vida auxilia tanto os fortes como os fracos e a pluralidade substitui a força e a fecundidade aumenta com a possibilidade de destruição.

Assim, ao invés de conceituar qualidades e características mais

propícias para linhagem consequente, associava as características mais habituais. O mais apto nesse contexto é quem consegue superar as dificuldades, aquele que não recorre ao rebanho para se conservar. Logo, o indivíduo é capaz de criar uma nova ordem, ou melhor, uma nova moral. Ou seja, há uma oposição de ideias entre eles, pois enquanto Darwin utiliza a palavra “forte” no sentido de mais apto a vencer a luta pela existência. Nietzsche, não aceita esse gradualismo que devido à luta pela sobrevivência ser acirrada, uma pequena variação provoque um desequilíbrio considerável.

Para Galton (1822-1911), o primo de Darwin, as classes médias e altas possuíam habilidades superiores que deveriam passar às novas gerações, algo que deveria ser encorajado nessas classes para garantir a sobrevivência era casar cedo e ter muitos filhos. Nessas circunstâncias ele utilizou a ideia de seleção natural para criar uma nova ciência: a eugenia, isto é, para Galton as qualidades físicas, mentais e morais dos humanos que eram herdadas. A eugenia apresentava-se de duas formas distintas: a positiva, que propunha o povoamento do planeta com pessoas sadias, e a negativa que a inferioridade é hereditária e para evitar a degeneração da espécie, deveriam ser utilizados métodos como esterilização, segregação e restrição à imigração, além de concessão de licença para casamentos.

Por outro lado, fica evidente que a análise dos “Darwinistas Sociais” é preconceituosa, ou melhor, constantemente errada, em que apoiava a esterilização e a degradação dos deficientes físicos ou mentais e a excisão da população inferior geneticamente, mas aconteceu a suplantação em que nas sociedades modernas as diferenças não atrapalham nossos potenciais reprodutores. Levando-se em consideração as pequenas diferenças entre as espécies, as quais, até onde nossa ignorância permite discernir, parecem desimportantes. Não devemos negligenciar a possibilidade de que o clima, a alimentação e outras circunstâncias tenham algum efeito direto, ainda que menor.

Ainda mais, como são produzidos mais indivíduos do que o número que poderia sobreviver, existe sempre uma luta pela existência, seja entre um indivíduo e outro de uma mesma espécie, seja entre indivíduos de espécies distintas, seja entre os indivíduos e as condições de vida. Um exemplo nítido disso é de certo animal, que de algum modo, protege seus próprios ovos e seus filhotes, produz-se um pequeno número, e a matriz é mantida integralmente, mas, se muitos ovos ou jovens forem destruídos, muitos devem ser produzidos, ou então a espécie será extinta.

Constantemente algumas espécies estão sempre, em um dado momento, multiplicando-se com maior velocidade do que antes; se todo o fizesse ao mesmo tempo, o mundo não teria como acomodá-las. A competição entre os grupos da mesma espécie é o que move a seleção natural assim como a separação da linhagem do ‘homo’ das outras espécies, o que os diferencia é o tamanho do cérebro. Em cada espécie atuam muitas restrições em distintas épocas da vida e em diferentes estações ou anos, pode ser que uma delas seja mais poderosa, mas todas concorrem para determinar o número médio de indivíduos ou mesmo a existência da espécie.

Em alguns casos, pode-se mostrar que restrições muito diferentes atuam sobre uma mesma espécie em vários distritos. Enquanto o homem seleciona apenas para seu próprio bem; a natureza, apenas para o bem do ser do qual ela cuida. O filme *A guerra do Fogo* retrata esse contexto de sobrevivência.

O filme *A guerra do fogo* retrata bem as constantes disputas para a sobrevivência dos grupos, para assim perpetuar seus genes e se reproduzirem. O filme expõe de forma clara e objetiva todo o processo da evolução da espécie humana, e a sua luta pelo alimento e pela sobrevivência, onde por volta de 80.000 anos, uma tribo primitiva protege o fogo (algo muito valioso na época), porém, depois de um ataque de uma tribo vizinha, acaba apagando o fogo, e com o objetivo de conseguir uma nova chama de fogo a tribo primitiva sai pela selva pré-exílica (Jacques, 1982, DVD).

Cogita-se que o filme trata basicamente de como o ser precisou se adaptar às condições da natureza para assim sobreviver, na qual o processo de domínio do fogo e sua produção foram de fundamental importância para o processo de “hominização” (à forma atual do homem), ou seja, indo na mesma concepção de adaptação e sobrevivência do mais forte da teoria darwinista. “Os habitantes de cada período sucessivo na história do mundo superaram seus predecessores na corrida pela vida, e são neste sentido, superiores na escala da natureza” (DARWIN, 1859, p. 343; 448).

Convém lembrar que as constantes lutas para a sobrevivência começa bem cedo, ainda na transformação de um ovo em um feto, pois

está ligada diretamente ao processo humano, uma intensa batalha entre a vida e a morte. Isso pode ocorrer devido ao tamanho do bebê humano, falta de nutrientes, ou até mesmo a falta do bom funcionamento sanguíneo. Podemos trazer o conceito do psiquiatra Cury (2018), na qual contextualiza alguns fatores importantes da vida, em que nos torna um dos maiores vencedores do mundo, assim afirma:

Um dia você foi inscrito para participar do maior concurso do mundo, da maior corrida de todos os tempos. Acredite, você estava lá! Eram mais de quarenta milhões de concorrentes. Pense nesse número. Todos tinham potencial para vencer e só um venceria, analise as chances, zero, zero, zero, você nunca foi tão próximo de zero, tinha todos os motivos para ser um grande perdedor. Qualquer um acharia loucura participar dessa corrida. Mas você participou e ainda achava que iria vencer, talvez fosse melhor se conformar com a derrota. Mas você era o ser mais teimoso do mundo, sua garra era incrível, a palavra desistir não fazia parte do seu dicionário genético. Por quê? Porque, se perdesse essa corrida, perderia o maior prêmio da história, qual? A vida. Que disputa era essa? A disputa do espermatozóide para fecundar o óvulo. A corrida pelo direito de formar uma vida. Talvez você nunca tenha imaginado, mas já participou da mais excitante e perigosa aventura da existência. Seria mil vezes vencer as eleições do seu país. É incrível, mas você venceu! (CURY, 2018, p. 30).

Precipuamente, são de fundamental importância o conhecimento e a compreensão dos aspectos da vida, pois verá que o ser humano é um campeão desde sua fecundação, que venceu milhões de espermatozoides. Nada mais fácil do que admitir em palavras a verdadeira luta universal pela vida, e nada mais difícil do que manter essa constatação sempre em vista. Devido a essa luta, qualquer variação, por menor que seja, e não importa qual a sua causa, tenderá à preservação do indivíduo, a esse princípio, pelo qual cada variação mínima é preservada conquanto que seja útil, dá-se o nome de seleção natural, para diferenciá-lo do poder humano de seleção.

SELEÇÃO NATURAL E SUAS ASSOCIAÇÕES

Na natureza o indivíduo mais forte, conseqüentemente está mais apto à sobrevivência, dando assim continuidade aos seus genes, perdurando entre as gerações. Segundo a teoria natural de Charles Darwin, vigor físico, a lei do mais forte predomina no meio natural. Darwin também aborda acerca da seleção sexual. Acreditando ele ser a luta entre indivíduos de um sexo, na maioria das vezes macho, pela posse do sexo oposto. A Seleção Natural pode ter sido importante para aquele ser que se arrisca, porque esse buscou novas formas de adaptação e sobrevivência.

Segundo Charles Darwin (1859, p. 151) “essa seleção depende não tanto de luta pela existência quanto de luta pela posse das fêmeas, e o seu resultado não é a morte de um dos combatentes, apenas uma prole reduzida ou a ausência de prole.” Para explicar por que ocorre a seleção sexual o biólogo evolutivo e geneticista Ronald Aylmer Fisher formulou a teoria do gene sexy.

Na teoria do gene sexy, a fêmea é atraída pelo macho de melhores atributos físicos, seja uma plumagem que se difere dos demais, seja uma calda ou qualquer outro atributo diferente. A fêmea o escolhe por se sentir segura próxima a esse macho. E com isso o macho ganha a disputa dos demais e consegue acasalar com a fêmea e dar continuidade a sua prole.

A seleção sexual é menos rigorosa que a seleção natural. Na maioria dos casos os machos mais vigorosos, que estão mais adaptados a seu lugar na natureza, são os que ligam uma progênie mais numerosa. Em muitos casos, porém, a vitória depende não do vigor, mas da posse de certas armas, exclusivas do sexo masculino. Um touro sem chifres ou um galo sem esporas tem chances exíguas de legar uma prole. (DARWIN, 1859, p. 151).

O biólogo Fisher (1890-1962), tem também uma teoria chamada Seleção Descontrolada, que de acordo com ele a teoria dos Bons Genes tem suas variáveis, muitas vezes delimitadas a qualquer utilidade genética necessária.

O ensinamento da obra O Príncipe (1532), de Maquiavel, inspirou dois biólogos da Universidade de St. Andrews na Escócia Andrew

Whiten e Richard Byrne a aplicarem seus ensinamentos numa teoria alicerçada na “hipótese de inteligência social” que afirma: lidar com relacionamentos humanos exige mais inteligência que uso de ferramentas ou esforço de sobrevivência diária. Segundo a teoria, o comportamento maquiavélico representou um impulso para

o crescimento evolutivo do cérebro do homem. Aparentemente uma complexa fusão entre seleção sexual e da constante necessidade de interação social utilizando certa inteligência maquiavélica pode ser a explicação plausível ao crescimento avantajado dos cérebros dos seres humanos. Os preceitos maquiavélicos eram usados como inteligência motriz para persuasão e manipulação do sujeito.

Consoante Robert Winston (2002, p. 252) “é necessário mais inteligência para ser um manipulador do que para ser manipulado.” Logo, a evolução cerebral foi um fator imprescindível para a evolução das espécies, pois ela propiciou a superação e aprimoração das habilidades dos seres. Fazendo com que os seres buscassem a interação entre eles para tomada de decisões e também manipulação dos seres de determinado grupo.

Estudos com primatas e outros animais demonstram aos dois biólogos que uma capacidade cerebral considerável, em especial o aumento do córtex, aparenta ser necessária para a memória de que um indivíduo precisa para a formação do conhecimento social mais elevado e o aprendizado rápido de novas táticas de aprendizado. (WINSTON, 2002, p. 252).

A Seleção Natural pode ter sido importante para aquele ser que se arrisca, porque esse buscou novas formas de adaptação e sobrevivência. Confirmando certa dualidade entre a Seleção Natural e a Seleção Descontrolada.

Já o biólogo israelense Amotz Zahavi, um exímio observador de pássaros, lançou uma teoria chamada de Princípio da Desvantagem, que ia contra a teoria de Fisher, sugerindo que existiam desvantagens quando o macho de determinada espécie se arriscava em perigosos confrontos a fim de impressionar a fêmea da espécie, com o intuito de ser beneficiado com o acasalamento para dar continuidade aos seus genes.

Usando como exemplo pássaros, que ao arriscar-se de maneira estabanada eram predados. Ele acreditava que o animal deveria saber o

momento propício para arriscar-se, o momento que ele corresse menos perigo em fazer isso, e não a todo o momento. E afirmava que esse era um indicador do bem estar genético do animal. Desse modo, dizia que o que se arriscava de toda forma não era o que possuía bons genes, e sim, os que tinham os genes ruins e usavam de certa “mentira” para parecer ter bons genes. Tal teoria acredita que a honestidade é a melhor política da tomada de decisão do macho da espécie.

Essa hipótese científica proposta pelo biólogo israelense explica como a evolução pode acarretar uma forma “honestá” ou confiável de sinal entre os animais. As fêmeas buscam utilizar esses sinais para a escolha do parceiro ideal. O princípio da desvantagem propicia um sistema seguro no qual os indivíduos machos apresentam seus atributos através de caracteres sexuais que cativam à fêmea e também impede a trapaça na comunicação entre parceiros sexuais.

E que tal atitude é estratégia para desmascarar os que possuem genes inferiores, ou seja, em longo prazo a força do gene inferior não terá êxito. Zahavi cita como exemplos os machos de genes bons e ruins de espécime de pássaros arabian babler.

A teoria de Zahavi também pode ser aplicada ao intrigante comportamento de alguns mamíferos, a exemplo as gazelas que às vezes quando seu bando é atacado ficam sobre suas pernas traseiras como aviso à presença de predadores. No Princípio da Desvantagem de Zahavi, isso gasta energia, é arriscado e pode ser fatal. O biólogo afirma com sua tese que a desvantagem só pode ser encarada por aqueles com bons genes, com isso, as gazelas com bons genes têm maiores chances de escaparem dos predadores.

Tal ideia não foi vista com bons olhos pela comunidade científica, já que Zahavi acreditava que seu princípio podia explicar qualquer comportamento de uma espécie. Havia descrença no seu princípio por ele nunca ter formulado sua teoria em termos matemáticos, o que causava tal desconfiança de biólogos e ecólogos. Ele sempre buscou transmitir sua teoria formalmente. Tempos depois sua teoria foi traduzida para um computador capaz de avaliar como a estratégia de “agir com honestidade” de Zahavi funcionava em longo prazo. E ficou claro que só funcionaria quando a desvantagem tivesse custo alto. O princípio da desvantagem tem como principais fatores negativos o risco, o gasto de energia e a precipitação.

A competição teve um papel primordial na evolução das espécies. Ou seja, sobre quem era mais forte, quem tinha as melhores estratégias e quem iria acasalar e dar continuidade aos seus genes. Tudo isso

depende de se ter um bom gene. Além disso, os machos das espécies eram os mais competitivos e as fêmeas sempre optavam por escolher aqueles dotados de bons genes pela segurança passada por eles.

Segundo Charles Darwin (1859, p. 151) “muitas vezes as peculiaridades se manifestam em apenas um dos sexos e tornam-se hereditariamente ligadas a ele. Logo, é provável que o mesmo fato ocorra na natureza”. Essas disputas de cunho físico e cerebral em prol da evolução dos indivíduos foram importantes em longo prazo, pois força os seres a tentarem se superar a cada momento, buscando dominar as formas mais complexas de adaptação para fortalecerem-se e com isso, sobreviverem e darem continuidade a espécie. Passo a passo os indivíduos conseguiram ficar mais inteligentes e com maiores chances de sobrevivência na natureza. Com isso, mudou a forma de interação e agrupamento dos grupos sociais. Agora o poder da interação e da persuasão era insubstituível para o progresso das espécies, pois através dela que havia a tomada de decisão e o destino dos indivíduos.

Conforme Robert Winston (2022, p. 268) “ a competição representou uma força motora para a evolução humana.” Portanto, esse instinto competitivo foi fundamental para os indivíduos em todas as áreas da vida. Foi através dessa força motriz que os seres tornaram-se o que são hoje e puderam se aprimorar diante da ciência, da tecnologia e da forma de pensar e agir, assim como a forma de viver em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, faz-se mister que a seleção natural é um modo diferente da evolução, em que a sobrevivência e a reprodução diferenciam os indivíduos de uma certa população. Pois, a partir desse processo, ocorre constantemente uma luta pela sobrevivência das espécies. Desse modo, apenas os organismos mais aptos são selecionados, eliminando aqueles desvantajosos para essa mesma condição. É necessário salientarmos que a seleção natural só ocorre através de alguns fatores como variabilidade, reprodução diferenciada e hereditariedade.

Dado o exposto, a seleção sexual é uma forma singularizada da seleção natural, que está relacionada com a vantagem que certos seres possuem sobre outros do mesmo sexo, sendo assim, essa seleção pode acarretar na competição entre parceiros e indivíduos de uma população, resultando no processo reprodutivo.

A seleção pode ocorrer de duas formas: seleção intrasexual, mais conhecida como competição entre machos, em que os indivíduos

do sexo menos limitado, principalmente os machos, competem agressivamente entre si, por acesso ao sexo. E a seleção intersexual, conhecida como escolha de parceiro, na qual os machos competem para serem escolhidos pelas fêmeas.

Deste modo, os machos fazem um certo tipo de sedução para chamar a atenção das fêmeas, como exemplo os gatos utilizam o grito para conquistar a fêmea, já a gata emite um miado muito característico quando está no cio para atrair a atenção dos gatos. Destarte, quem decide se vai rolar ou não é a fêmea, e através disso os machos apelam para as mais estranhas formas de conquista.

Portanto, percebemos por meio dessas análises a importância da vida; que em meio a tantas circunstâncias a qual nos é apresentada, ou seja, diante das constantes evoluções, e através disso as ideias evolucionistas de Darwin, Spencer e Galton em que se compactuam suas similaridades, porém, há algumas controvérsias diante do contexto, pois nem todos concordam com suas ideias, Outros, simplesmente se omitem da discussão, para evitar confrontos (CARVALHO; SOARES, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, R.; SOARES, M. H. F. B. A polêmica Evolução biológica x Criacionismo na formação inicial do docente em Ciências Biológicas. In: GUIMARÃES, S. S. M.; PARANHOS, R. de D.; SILVA, K. M. A. e. (Orgs.). **Formação de professores de Biologia: os desafios da trama**. São Carlos. Pedro & João Editores, 2013. Cap. 8, p. 149-173.

CURY, Augusto. **Você é insubstituível**. Rio de Janeiro. Sextante, 2018.

DARWIN, Charles. **On the Origin of the Species**. London, Murray and Sons, 1859.

Humano, demasiado Humano § 224, ksa 2.188. Tradução conforme Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo, Editora Nova Cultural, 2000.

La Guerre du Feu. Direção: Jean-Jacques. Produção: Everett McGill, Ron Perlman, Nicholas Kadi. Roteiro: Gérard Brach. França/Canadá, Dolby Digital, 1982. DVD.

PANTIN, C. F. A. Alfred Russel Wallace, F.R.S., and his essays of 1858

and 1855. Notes and Records of the Royal Society of, London 14 (1): 67-84, 1959.

PAULO, Pedro. **O grande livro de Charles Darwin**. São Paulo. Ubu Editora, 2018.

WINSTON, R. **Instinto Humano**. Tradução: Mário M e Sheila Mazzoline. São Paulo, Globo S.A, 2006.

Zahavi, Amots (1975). **Mate selection**: A selection for a handicap. Journal of theoretical Biology. 53 (1): 205-214.

Zahavi, Amots (1977). **Theoretical cost of honesty**: Journal of Theoretical Biology. 67 (3): 603-605.

COOPERAÇÃO E ALTRUÍSMO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA, BIOGENÉTICA E SOCIOCULTURAL

Maria Eduarda Santos da Silva
Weverton Santos Lima de Souza

INTRODUÇÃO

As espécies, de maneira geral, durante o percurso evolucionista, precisaram elaborar diversos comportamentos que os auxiliaram na perpetuação de seus genes. A cooperação e o altruísmo foram dois destes que mantiveram-se fundamentais, ultrapassando o universo genético e indo de embate com o social.

Assim sendo, a cooperação caracteriza-se como um comportamento que visa o benefício da comunidade, ou seja, o compartilhamento de grupos entre grupos. A exemplo atual, algumas tribos indígenas mantêm este comportamento mais observável, como o ato de partilhar o alimento caçado ou coletado com todos os indivíduos.

Enquanto que, o altruísmo constitui-se a partir de um ato em que as ações voluntárias de um indivíduo beneficiam outros. Como por exemplo o que ocorre entre os morcegos-vampiros que compartilham o alimento recolhido no período noturno com os seus semelhantes que não obtiveram sangue suficiente na colheita. Vomitam uma parte do sangue obtido e entrega, de maneira que o usufruidor não morra de fraqueza. Como este comportamento é comum entre eles, o indivíduo pode contar que, em uma situação parecida, será alimentado e sobreviverá.

Historicamente, os humanos, principalmente, fortaleceram os laços mais intensamente, construindo famílias. Através de benefícios para sobrevivência, a partir do compartilhamento de alimentos e proteção e dos laços afetivos, como o próprio ato sexual. Segundo, WINSTON (2006), as relações familiares foram as mais intensas constituídas para a proliferação desta espécie específica, deste gene, isto é, um intenso comportamento cooperativo e altruísta fora fortalecido em prol de um grupo menor.

O presente artigo, de caráter bibliográfico, tem como foco principal analisar alguns estudos sobre os tópicos acima levantados. Em outras palavras, foi realizada uma seleção de materiais mais relevantes no Google Acadêmico a partir dos termos base da nossa pesquisa: co-

operação e altruísmo. Assim, através das discussões obtidas entre os autores da vasta literatura bibliográfica, observamos que este tema é amplamente debatido com diferentes perspectivas, desde questões bio-genéticas até socioculturais. Desta forma, o material em questão, é mais um fator contribuidor para ampliar os debates no meio acadêmico.

A TEORIA DO GENE EGOÍSTA

Esta teoria obteve repercussão em 1976 a partir do biólogo evolucionista Richard Dawkins no seu livro intitulado de “O gene egoísta”. Todavia, teve como base o trabalho de William Hamilton no ano de 1960, o qual enfatizava a importância do gene de um indivíduo como princípio da alteração evolutiva.

A ciência, de maneira geral, possui em sua constituição básica a necessidade da experiência, isto é, um problema levantado precisa de comprovação, através dos testes. Sendo assim, esta teoria foi bastante útil para o meio acadêmico formular mais debates acerca da questão: “somos seres egoístas em essência?” Tal essência se refere diretamente a nossa constituição química, biológica e fisiológica, mas não menos importante, também a evolutiva, social e cultural. É necessário que haja a perspectiva de um problema partindo da análise de todas as áreas que podem contribuir com soluções, reduzindo as lacunas que uma única óptica não consegue em particular.

Assim, durante o curso da evolução, o gene teve e ainda mantém a sua importância, entretanto, outras constituições bioquímicas foram essenciais para a manutenção e proliferação dos genes, a exemplo as moléculas e todas as estruturas com suas respectivas funções foram e permanecem auxiliando os genes.

Diante disso, observamos o “instinto” da cooperação até mesmo no nível molecular. Apesar de haver durante a evolução a seleção de quais genes são bons e quais são ruins, tendo o meio sua significativa importância para realizar tais escolhas. Mostrando-nos que os genes têm o propósito de sua própria sobrevivência para a perpetuação daquela espécie específica.

Contudo, “muitas pessoas supõem que, como nossos genes são egoístas, assim são os seres humanos em seus relacionamentos com os outros” (WINSTON, 2006, p. 326). Mas, tal afirmação não só diz respeito a uma questão genética. Nos tempos atuais, principalmente os fatores socioculturais têm papel fundamental para nos constituir como sujeitos buscando nossos próprios interesses. Porém, a cooperação en-

tre os indivíduos, independentemente de ser a nível molecular, como a necessidade da copulação bem sucedida para a perpetuação do gene na prole, como também a nível sociocultural, um exemplo específico seria subir de cargo na empresa através do seu próprio mérito, tornam-se mais benéficas do que a competição, dado que, se esta tivesse obtido sucesso, talvez não estaríamos hoje levantando tais reflexões (WINSTON, 2006, p. 321-327).

Altruísmo em família

O altruísmo familiar se refere aos indivíduos que partilham de benefícios a favor de seus parentes mais próximos, como os pais, filhos, irmãos e primos. Quanto maior a proximidade parental, mais intensa serão as relações.

As relações familiares são uma parte de nosso instinto social. Como por exemplo, entre alguns indígenas é mais visível este comportamento. Dado que, as ações de um indivíduo beneficia os outros, como o compartilhamento do alimento que foi caçado ou do local de moradia (WINSTON, 2006, p. 327-329).

A hipótesedo Grande Ferro

Termo atribuído a John Tooby e Leda Cosmides, os quais sugeriram que a seleção em família é o fundamento responsável por nossos instintos de cooperação em grande escala no mundo moderno. Isto é, como nossa evolução iniciou-se a partir de grupos pequenos e familiares, adquirimos uma maior probabilidade para cooperar com todos os sujeitos de um grupo específico.

Deste modo, somos mais aptos para cooperar na savana do que para as sociedades modernas. Estes ambientes enormes e complexos habitados por sujeitos modernos são confundidos como nossos parentes próximos, embora não nos proporcione nenhum interesse genético. Sendo assim, a cooperação nestes locais é um produto mal adaptado da seleção em família, mesmo que sejamos todos um pouco cooperativos porque temos o mesmo mecanismo mal adaptado (WINSTON, 2006, p. 329-332).

“Conscientemente ou não, todos fazemos uma distinção, ainda que, com a decadência da família nuclear e a maior mobilidade, os laços biológicos se tornaram mais frágeis” (WINSTON, 2006, p. 331).

Altruísmo recíproco

A cooperação entre as espécies não estagna apenas entre familiares e não-familiares. Há uma vasta quantidade de seres que atuam em reciprocidade. Por exemplo, algumas bactérias evoluíram e desenvolveram a capacidade de se alimentar dos dejetos de locais poluídos, contribuindo para a “limpeza” destes ambientes inóspitos (WINSTON, 2006, p. 332-333).

COOPERAÇÃO NA SAVANA

A savana não seria e não foi um ambiente facilitador para as espécies, especialmente os seres humanos que precisaram se alimentar dos restos de algum animal atacado por outro ou caçavam (WINSTON, 2006, p. 333-335).

Todavia, os humanos que se reuniam em grupos tinham mais chances de sobreviverem em períodos críticos. Uma parte do grupo, por exemplo, poderia percorrer outras áreas em busca de alimentos ou a cooperação entre os membros poderia auxiliar na defesa contra a ameaça dos predadores. Assim, “as chances de ser comido são maiores para aqueles que perdem o instinto de se agrupar” (WINSTON, 2006, p. 335).

ALTRUÍSMO ATRASADO

O altruísmo atrasado é a retribuição de um comportamento benéfico para um indivíduo não- instantaneamente. A exemplo, os morcegos vampiros, como é difícil que todos se alimentem, os que conseguem, geralmente ingerem uma quantidade maior, regurgitam uma parte para os que não conseguiram se alimentar. Entretanto, “eles não regurgitam sangue para qualquer um: doam apenas para outros morcegos com os quais convivem bastante e que lhes fizeram o mesmo favor no passado” (WINSTON, 2006, p. 336).

CONHECENDO SEU GRUPO

É fundamental que conheçamos os sujeitos que mantemos algum grau de relação, e o elo para isso é o diálogo, a comunicação. Diante disso, segundo WINSTON (2006), o pesquisador Dunbar concluiu em seu trabalho de que o natural de um grupo humano para interações

sociais seria de 125 a 150 pessoas. Analisando este resultado com o advento das redes sociais, poderíamos observar o crescimento exponencial destas quantidades, apesar das relações serem geralmente em um ambiente artificial. Assim, “nosso círculo de amizades reflete os limites de nossa capacidade cognitiva” (WINSTON, 2006, p. 338).

RISCO E CONFIANÇA

Vivemos em um mundo globalizado, o qual possibilitou uma imensa rede de cooperação, do objeto à ação mais simples, somos englobados por esta teia invisível. Assim sendo, cada situação em nossas vidas depende muito de cooperação e confiança, e consequentemente dos riscos assumidos (WINSTON, 2006, p. 339-340).

PROBLEMA DO INDOLENTE

A cooperação em qualquer meio é facilitada se tiver uma convenção, lei arbitrária ou regra, a fim de que ocorra sempre essa colaboração, consequentemente facilitando a vida de todos. Indolente, pessoa que contribui menos para um esforço coletivo, nesse contexto. Todos estão cooperando em um projeto em busca de um benefício para todos ao final, o indolente no meio da ajuda visa diminuir o esforço, se poupando fisicamente ou psicologicamente, tirando vantagem, o qual é definido como algo racional do ser humano, mas continua com o mesmo benefício que aqueles que cooperaram de forma incessante. Essa forma racional de pensar acaba catalisando o egoísmo, diante disso, se todos começarem a virar indolentes e egoístas, pois é melhor ser indolente do que subsidiar os outros, assim não haverá benefícios coletivos e apenas o individual. Portanto não teríamos os serviços públicos, entre outras coisas, se estendendo até os recursos naturais, a exemplo se cada pescador puder decidir se reduz ou não sua pesca, o racional é continuar no melhor nível para ele, porém, o resultado inevitável seria a extinção das colônias de peixe (WINSTON, 2006, p. 341-343).

IDOLENTE NA SAVANA

A vida em grupo com a cooperação, mesmo com os custos da contribuição, possui seus benefícios: as pessoas vivem mais, comem melhor e têm mais filhos, tudo isso através da colaboração, transformando o benefício final maiores que os custos da contribuição. Porém

se um cooperador se tornar um indolente temos a possibilidade de afetar todo o grupo, transformando-os em indolentes, portanto não haveria cooperação para o bem de todo o grupo. Os indolentes conseguem as coisas sem investir nada. Eles têm todos os benefícios da vida em conjunto sem qualquer custo inicial. A exemplo de custos iniciais e benefício final, temos os impostos, pode ser que a maioria concorde que o proveito de escolas, estradas, policiamento e hospitais são maiores do que os custos de contribuição (WINSTON, 2006, p. 343-344).

Dilema do prisioneiro

Nas estratégias de cooperação existe a possibilidade de falha por conta dos interesses pessoais. Diante disso, por mais que a cooperação entre um grupo ou dois indivíduos seja benéfica para todos, o auto-interesse racional fará o indivíduo trair por ser mais vantajoso unicamente. A colaboração será derrotada por esse pensamento racional, a traição, pois trair vale a pena conforme o projeto de cooperação (WINSTON, 2006, p. 344-351).

Pré-condições para a evolução da cooperação

O ser humano tem maior facilidade de manter uma relação de reciprocidade com apenas uma pessoa, como o cônjuge, um amigo, um funcionário, um cliente, porém, quando essa relação se expande para um maior número de pessoas, um grupo maior, conseqüentemente o laço recíproco e cooperativo torna-se dificultoso. Maiores são as possibilidades de existirem indolentes e traidores nesses grupos de elevado número de pessoas (WINSTON, 2006, p. 352-353).

Reconhecendo trapaceiros

De forma empírica, a cooperação não é automática e universal. Instintivamente colocamos a cooperar em certos momentos, contudo, há possibilidades de ocorrerem ações de trapaceiros. Diante disso, para manter uma cooperação, precisamos saber quem está sendo indolente ou traidor, necessitamos dessas informações para que a colaboração seja estável, porém, não é muito fácil obtê-las. Joel Winston, estudante de Ph.D. juntamente com seus colegas, trabalhando no grupo do Ray Dolan, do Instituto de Neurologia de Londres, publicaram uma descoberta na qual passaram por testagens. Portanto, eles dizem que um

aspecto-chave da interação social humana é a avaliação dos rostos que encontramos e vemos, nestas faces, sinais de honestidade (WINSTON, 2006, p. 353-356).

PUNIÇÃO ALTRUÍSTA

Se tivéssemos a possibilidade de detectar os trapaceiros, deveria ser aplicada uma punição ao indolente ou traidor dentro da colaboração, contudo, se não fosse aplicado uma pena, a habilidade de detecção não valeria de nada. Segundo um economista suíço, estamos de acordo em punir quem esteja se aproveitando da ocasião, mesmo que a punição custe algo para quem está punindo. Diante disso, Ernst Fehr, da Universidade de Munique, através de seus testes, descobriu que a raiva é a razão das pessoas punirem os trapaceiros mesmo tendo um custo inicial para isso (WINSTON, 2006, p. 357-359).

A BONDADE COMO SENTIMENTO ASSOCIATIVO COM O ALTRUÍSMO E A COOPERAÇÃO

A partir da complexa e intensa evolução, principalmente no que tange às interações socioculturais, os indivíduos desenvolveram comportamentos cooperativos e altruístas mais elaborados através dos circuitos neurofisiológicos e etológicos das emoções sociais, do que da lógica seletiva dos genes. Isto é, não é somente uma questão biogenética, mas também de caráter pró-social.

Diante disto, segundo LENCASTRE (2010) a bondade caracteriza-se como um sentimento moral, ou seja, a disposição geral para praticar o bem. Está envolvido com a compaixão, isto é, a necessidade de aliviar o sofrimento dos outros, e também ao altruísmo, que é a emoção social que dela deriva.

Como já abordado no material, a maioria das espécies se comportam de maneira bondosa, altruísta ou cooperativa com os sujeitos de grau parental mais aproximado. Entretanto, tais comportamentos são mais explicitados e detalhados na espécie humana, devido a estrutura linguística, ou seja, a nossa capacidade de comunicação ou até somente por símbolos específicos compartilhados entre os humanos, como por exemplo algumas expressões faciais universais e a capacidade do julgamento moral.

Todavia, os sentimentos ou emoções de caráter recíproco positivo não advém apenas das relações socioculturais. De acordo com

Lencastre:

A bondade e a compaixão, e a disposição moral que delas deriva, são traços especificamente humanos; mas importa compreender que carregam dimensões filogenéticas que inscrevem a raiz da bondade e da moralidade na natureza e não só, como se costuma pensar, nas leis e normas das culturas. (LENCASTRE, 2010, p. 120).

OS PRÓS E CONTRAS DA COOPERAÇÃO

De acordo com ALENCAR (2010), os laços sociais no Ambiente de Adaptação Evolutiva (AAE) entre os seres humanos eram mantidos com base na confiança. As competições só apareciam em casos de extrema escassez de recursos. Entretanto, a competição não é o único fator que inibe a cooperação ou o altruísmo, mas no próprio ambiente de cooperação há os trapaceiros, isto é, indivíduos que não cooperam, mas usufruem da cooperação do outro. Assim como, a reputação ou status adquirido de bom cooperador nos influencia a cooperar com quem tem a fama de bom cooperador, apesar de que nunca tenhamos estabelecido uma relação direta com ele. Porém, como já apontado, mantemos a tendência de cooperar com indivíduos de um grau maior de parentesco ou que já nos beneficiou anteriormente.

ALTRUÍSMO PARENTAL E NÃO-PARENTAL

Entre os animais, os comportamentos altruístas e cooperativos tinham uma maior probabilidade de aperfeiçoamento entre os aparentados do que entre os sem parentesco nenhum. Pois, o animal possui mais genes semelhantes com seu parente do que o não aparentado, assim sendo, na medida em que o animal pratica um ato altruísta com seu parente, beneficia a espécie própria e mantém as chances de reprodução. Portanto, o ato altruísta se torna um ato de egoísmo genético. Essa teoria foi dada por W. D. Hamilton, em 1963, na introdução de seu trabalho sobre altruísmo e cooperação, no livro “A evolução do comportamento altruísta” (LENCASTRE, 2010 apud HAMILTON, W.D, 1964).

Trivers, em 1971, em seu livro “A evolução do altruísmo recíproco”, oferece uma explicação para o ato altruísta entre animais que não possuem parentesco. Diante disso, na explicação de Trivers, o

comportamento altruísta acontece se os indivíduos forem diferencialmente altruístas com aqueles que foram altruístas consigo próprios. Por exemplo, os morcegos-vampiros compartilham o alimento recolhido no período noturno com os seus semelhantes que não obtiveram sangue suficiente na colheita. Vomitam uma parte do sangue obtido e entrega, de maneira que o usufruidor não morra de fraqueza. Como este comportamento é comum entre eles, o indivíduo pode contar que, em uma situação parecida, será alimentado e sobreviverá. Esse tipo de altruísmo foi caracterizado de “altruísmo recíproco” (LENCASTRE, 2010 apud TRIVERS, R. 1971).

COMPORTAMENTOS PRÓ-SOCIAIS E A RELAÇÃO COM A COOPERAÇÃO E O ALTRUÍSMO

O ato de colaborar é impulsionado por uma motivação social, na qual podemos dizer que o sistema motivacional da pessoa envolve orientações para crenças, valores e objetivos individuais, que acabam por participar ativamente na promoção de padrões de interação social específicos, como a cooperação.

Condutas pró-sociais são aquelas que representam ações ou atividades consideradas socialmente positivas, que visam atender às necessidades e ao bem-estar de outras pessoas, como, por exemplo, o altruísmo, a generosidade, a cooperação, os sentimentos de empatia e simpatia, entre outros. Por outro lado, comportamentos antissociais incluem atitudes ou atividades consideradas como socialmente negativas, voltadas, por exemplo, à destruição ou ao prejuízo de outras pessoas, e relacionadas a comportamentos egoístas, competitivos, hostis e agressivos (PALMIERI;BRANCO, 2004 apud BROWNELL ; CARRIGER, 1990; EISENBERG ; MUSSEN, 1989; HOFFMAN, 1990; STAUB, 1989, 1991).

A cooperação, em uma análise de padrões culturais, através dos estudos de Triandis, em 1995, em seu livro “Individualismo e coletivismo”, é entendida como um dos aspectos característicos de grupos sociais coletivistas, onde a motivação individual sistematicamente se refere ao grupo de pertencimento constituído pela família, tribo ou nação. Em alguns casos, a prioridade dos objetivos do grupo coletivista é mais importante que os objetivos individuais (LENCASTRE, 2010 apud TRIANDIS, H. C. 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o exposto, compreende-se a importância do instinto da cooperação, desde a savana, sendo uma ação de maneira conjunta para uma finalidade ou um objetivo em comum, obtendo mais eficiência entre os familiares. Assim, através desse ato podemos obter benefícios coletivos, mesmo o individualismo sendo algo racional do ser humano, tais privilégios da colaboração, superam as consequências de ser um indolente. À vista disso, todos nós seremos beneficiados se colaborarmos, se não o fizermos, perderemos. Portanto, nascemos para viver nossas vidas em cooperação com os outros, parentes ou não, e nascemos com aptidão de distinguir quando os membros da comunidade cooperativa estão falhando em seu papel. Além disso, o altruísmo, como foi discutido, é de suma importância para o funcionamento da cooperação no grupo, mas também necessário para a sobrevivência, exemplo são os morecos-vampiros que se encaixam no “altruísmo atrasado”, e se faz necessário para o desenvolvimento da sociedade ou agrupamento.

O artigo, através de análises dos materiais mais relevantes encontrados no Google Acadêmico, obteve resultados explicitados ao longo do desenvolvimento. Desse modo, o presente material servirá de fonte para pesquisas futuras, pois, é um tema amplamente debatido com diferentes perspectivas, da ciência dos genes até valores socioculturais. Portanto, torna-se um conteúdo fundamental para acrescer as discussões no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALECAR, Anuska Irene. Boas e más razões para cooperar do ponto de vista de crianças: uma análise evolucionista. **Estudos de Psicologia(-Natal)**, v.15, n.1, p.89-96, jan-abril/2010.

LENCASTRE, Marina Prieto Afonso. Bondade, Altruísmo e Cooperação: considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. **Revista Lusófona de Educação**, n.15, p.113- 124, 2010.

LENCASTRE, Marina Prieto Afonso. Evolução do altruísmo e da cooperação nos grupos humanos. **Construir a Paz: visões interdisciplinares e internacionais sobre conhecimentos e práticas**. Porto: e-Book

UFP. v.3, p.59 - 62, 2013.

PALMIERI, Marilícia Witzler Antunes; BRANCO, Angela Uchoa. Co-operação, competição e individualismo em uma perspectiva sócio-cultural construtivista. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.17, n.2, p.189-198, 2004.

WINSTON, Robert. Cooperação e altruísmo. In: **Instinto humano: como os nossos impulsos primitivos moldaram o que somos hoje**. São Paulo: Editora Globo, 2006. cap. 7, p.318 - 363.

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: DA PRÉ-HISTÓRIA À CONTEMPORANEIDADE

Emily Caroline Pereira da Silva¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo abordar a história da linguagem verbal e o seu possível colapso na contemporaneidade através dos meios de comunicação que foram trazidos pela modernidade. Destarte, a finalidade do mesmo é expor que, os mesmos meios que outrora possibilitaram a expansão da comunicação através da globalização e da tecnologia foram responsáveis pelo revés da comunicação verbal mediante a substituição da linguagem falada pelo uso de imagens (*emo-ticons* e figurinhas).

Sabe-se que ao longo do tempo o homem viu a necessidade de ter um meio de se comunicar e obter um laço que o conectasse até o outro, mas não apenas isso, ele enxergou que era necessário perpetuar a suas vivências e as do seu clã.

Portanto, o foco é elencar como o homem desenvolveu a sua comunicação através de gestos e sons, e posteriormente através de pinturas rupestres no período que compreende a Pré-História, mas que com desenvolver das atividades, expansão, exploração de novos ambientes, aumento no número de indivíduos do grupo e a evolução na capacidade cognitiva e corporal, o homem atingiu a linguagem verbal e escrita.

2. A LINGUAGEM COMUNICATIVA NA PRÉ-HISTÓRIA

2.1 A comunicação dos hominídeos

Entende-se que a comunicação verbal e a escrita surgiram juntamente com as sociedades egípcias e mesopotâmicas, o que compreende por volta de 4000 a.C. Para tanto, a partir de análises e estudos a comunicação dos hominídeos se dava a partir de gestos, sons e ruídos, no período que compreende a Pedra Lascada (paleolítico inferior), em virtude de primitivos não terem o domínio da fala.

Segundo a Teoria da Continuidade (1996) a linguagem por ser tão complexa não poderia ter surgido na sua forma final, mas através de

¹ Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: emilycarolpsilva@gmail.com

um processo de evolução que teve início com os ancestrais primitivos. Em contrapartida, Chomsky (1996) argumenta que houve um processo de mutação em um indivíduo por volta de 100 mil anos atrás, dessa forma a linguagem se efetuou numa forma “perfeita” e “quase perfeita”; defendendo dessa forma, a “Teoria da Descontinuidade”. Corroborando com isso, Darwin (1861) enuncia que “Não posso duvidar que a linguagem deva sua origem à imitação e modificação, com apoio de sinais e gestos, de vários sons naturais, e gritos instintivos do próprio homem”.

2.2 ARTE RUPESTRE

As sociedades pré-históricas são consideradas sociedades sem escrita (ágrafas), portanto sem história, pois só era considerado a existência de um grupo através de documentos escritos. Para tanto, a partir da fixação dos homínídeos - processo nomeado de sedentarização - o homem enxergou a necessidade de registrar as suas práticas através de pinturas, rompendo os limites da ausência da comunicação verbal. A arte rupestre representava as atividades do cotidiano como: caça, pesca, conquistas. Parellada (2009) evidencia que “A arte rupestre possibilitou tanto a marcação das relações objetivas entre homens e mulheres, quanto das relações expressivas entre homens e animais”.

3. DESENVOLVIMENTO DE ESCRITAS ANTIGAS

3.1 PEDRA DE ROSETA

Uma das descobertas mais importantes do mundo, foi a Pedra de Roseta. “A chave para o passado” foi encontrada em 1799 na expedição do General Bonaparte, a partir disso foi possível ter o conhecimento de três mil anos “perdidos” da história egípcia. O grande obstáculo para decifrar eram os hieróglifos, já que a princípio tentou-se lê-los como palavras e não como desenhos e sonorizá-los, esse trabalho foi realizado pelo cientista inglês Thomas Young e pelo linguista francês Jean-François Champollion. Szklarz (2019) destaca que:

Começou associando nomes gregos como Ptolomeu aos hieróglifos correspondentes [...] a solução do jovem (Champollion) foi aplicar o copta, o idioma dos primeiros cristãos do Egito que ainda era falado em algumas igrejas de Paris. Ele percebeu que a sonoridade do copta se

relacionava com a da antiga língua. Se pudesse coincidir os sons do copta com os dos hieróglifos, poderia fazer falar os faraós. (SZKLARZ et al., 2009).

Corroborando com a pesquisa de Szklarz, o historiador Júlio Gralha (2019) afirma que “Enquanto o idioma grego ajudou a entender o hieróglifo, o copta ajudou a sonorizá-lo”. A partir da leitura de Champollion foi possível conhecer alguns faraós e seus decretos legislativos, além de compreender a dinastia ptolomaica quando então a pedra foi gravada. Atualmente a Pedra de Roseta se encontra em Londres.

Os hieróglifos eram perfeitos para inscrições talhadas nas paredes dos monumentos de pedra, pirâmides, templos, preservando, assim, os fatos históricos, biografias, sortilégios e preces. (CASSON, 1969).

3.2.1 SUMÉRIOS E A ESCRITA CUNEIFORME

A escrita cuneiforme criada pelos sumérios por volta de 3500 a.C., considerada uma das escritas mais antigas, quando ocorreu um dos maiores marcos da História, já que através do domínio da língua foi possível se achar e se obter descobertas sobre o passado e se tendo obras literárias como: O Mito da Criança e a Epopeia de Gilgamesh. Contribuindo com outros povos para constituição de leis, como do Império Babilônico com o Código de Hamurabi.

3.2.2 EGÍPCIOS

Os egípcios também foram responsáveis pela criação dos “correios”, no século XII. A princípio as mensagens eram entregues em ladrilhos de cerâmica, posteriormente para argila até que fosse criada uma espécie de papel (papiro). Os escribas dominavam a escrita, sendo o conhecimento transmitido de pai para filho, faziam uma inscrição no final do texto (colofão), sendo o nome do redator como garantia de autenticidade do documento, no qual nunca registrava sua posição pessoal a respeito do documento que elaborava (POZZER, 2004).

3.2.3 FENÍCIOS

Os fenícios a partir do comércio marítimo propagou de modo expansivo a comunicação, sendo responsável pela criação do alfabeto

em meados de 1200 a.C. que foram usadas pelas escrituras hebraicas, aramaicas e pela fenícia. Com os cretenses criaram também uma espécie de “pombo correio”. Na Fenícia o alfabeto continha as vogais, assim influenciando as escritas grega e latina, dando um passo para desenvolver a escrita cursiva (KARNAL,2004).

3.2.4 GREGOS E ROMANOS

Já os gregos eram mestres na comunicação oral. As principais informações de interesse público eram espalhadas pelos arautos, avisos, além de boatos e fuxicos. Mas também tiveram influência na comunicação visual e escrita, com suas peças de teatro e seus épicos (MONTEIRO, 2016).

Infere-se que devido ao grande Império e método de dominação, os romanos foram responsáveis por “universalizar” a comunicação e expandi-la., dessa forma o jornal foi criado.

O autor Tom Stadge afirma em seu livro (*Writing on the Wall – Social Media, The first 2.000 Years*) que os romanos redigiram textos no papiro e essas mensagens eram enviadas a um grupo específico com o intuito de serem adicionados comentários ao texto original, formando assim uma rede de comunicação.

4 A TORRE DE BABEL

A Babilônia era uma pequena província gerida pelos amorreus, mas que com as técnicas de exploração e dominação se tornou um grande império. A narrativa bíblica acerca da Torre de Babel - originário do hebraico בבל referente a “*babul*” que significa confusão, mistúia de línguas - (Ferreira, 2000, p.81) relata em Gênesis que todos os povos do mundo falavam a mesma língua, posteriormente ao grande evento do dilúvio. O objetivo de Ninrode - o grande responsável pela construção dessa torre na Babilônia - seria alcançar o céu e torná-los conhecidos, desta forma, perpetuariam o seu legado, já que a Torre seria alta o suficiente para ser vista pelo mundo inteiro.

Ao decorrer da construção o ser divino não teria gostado dessa intenção, causando assim, a pluralidade das línguas, desse modo os pequenos grupos que se entendiam se agruparam e passaram a migrar pelo mundo. Portanto, esta seria a forma dos antigos e judeus - cristãos explicarem a diversidade e a nacionalidade dos povos. Alguns estudiosos relatam que a queda da Torre está associada com a queda do tem-

plo-torre de Etemenanki, na Babilônia.

5 CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA E ERA DIGITAL

Estudos recentes mostram que o desenvolvimento da fala se deu principalmente a partir da evolução do *Homo sapiens*. O homem conseguiu emitir e falar devido a desenvoltura no processo evolutivo do seu corpo, mais especificamente da laringe, afirmando a teoria de Darwin.

A laringe encontra-se numa posição muito mais baixa nos humanos que nos demais primatas, o que determina a nossa capacidade para produzir sons não nasais muito mais claros. A distância maior entre a laringe e as fossas nasais, nos permite emitir certos sons com força e clareza, sobretudo, nas vogais “i” e “u”. (HENRIQUE et al., 2016).

Concomitantemente a isso, o paleoantropólogo Juan Luis Arsuaga em “A espécie elegida” enuncia que a laringe dos homínídeos era mais elevada, o que possibilita que eles bebessem e respirassem ao mesmo tempo sem engasgar. O mesmo acontece com bebês que amamentam, apenas aos 18 meses, a laringe baixa possibilitando a reprodução de sons.

Para tanto, o fator expansionista da comunicação foi a partir do século XVIII, quando os irmãos Chappe criaram o telégrafo com 196 sinais diferentes. Em 1840, Samuel Morse criou um telégrafo mais moderno, originando o famoso Código Morse. Posteriormente os meios de comunicação foram se desenvolvendo e se tornando mais independentes com a invenção do telefone, da televisão e do rádio, que são considerados marcos históricos e cruciais para ampliação da comunicação em escala mundial.

Entretanto, o fator decisivo para globalização ocorreu na terceira revolução industrial no século XX, com o total avanço da tecnologia, modernização dos computadores e a invenção da *internet*, que possibilitou que com um “clique” o mundo estivesse na frente de uma pessoa.

Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão

da sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. (CASTELLS, 2003, p.7).

Castells relata que após o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, houve o lançamento do primeiro satélite artificial (Sputnik), que se originou na internet. Por conseguinte, em 1990 foi desenvolvida a World Wide Web (WWW), pelo engenheiro inglês Tim Bernes-Lee. Que possibilita a utilização da interface gráfica e sites mais dinâmicos. (MONTEIRO, 2016)

A invenção de sites de busca como o Yahoo, Explorer, Google expandiu a internet e possibilitou que o homem se comunicasse com as bifaces do mundo. Em 1996 foi lançado serviços de webmail e hotmail, iniciando assim o caminho para o ápice do que hoje conhecemos, as redes sociais. É importante ressaltar que, era estimulado o uso da escrita, hoje não mais para evidenciar sua existência na história, mas para deixar claro que o sentimento de posse do até então maior meio de comunicação.

O ápice da comunicação mundial se deu a partir de 2003, com a criação do Orkut que tinha o objetivo de ampliar e conhecer pessoas, logo o Facebook e anos depois o WhatsApp e Instagram cresceram, e se espalharam pelo mundo todo. O objetivo é mostrar que existe um meio que facilita a comunicação das pessoas em todo o mundo, pelos fatores globalização e capitalismo.

No entanto, em consequência dessa grande rede midiática que tem o objetivo de explorar a comunicação, facilmente trouxeram e evidenciaram a pictografia (emojis, emoticons, stickers) - que não mais pintada em cavernas, mas com a junção de sinais virtuais - utilizadas para expressar um sentimento ou palavra.

Pictogramas são signos de comunicação visual, gráficos e sem valor fonético, de natureza icônica figurativa e de função sinalética. São autoexplicativos e apresentam como principais características: concisão gráfica, densidade semântica e uma funcionalidade comunicativa que ultrapassa as barreiras linguísticas (CAMPOS, 1977, p. 40).

A pictografia está presente no nosso cotidiano, sendo ela capaz de deixar clara uma informação ou sentimento. Segundo Moro (2016)

ela é influenciada pelo fator cultural que o indivíduo que envia e recebe está inserido.

[...] Não pode ser vista como algo generalizado, universalizado ou percebido por qualquer pessoa, pois os meios culturais, a assimilação e até mesmo a localização geográfica em que as pessoas se encontram podem alterar o tipo de uso e seu contexto de entendimento. (MORO, 2016, p.3).

A tecnologia é crucial para o movimento do mundo e das pessoas, sem ela boa parte das atividades que exercemos estaria parada. A verdade é que o processo evolutivo do homem se tornou cíclico. Ora o homem pinta em caverna e não se comunica através da oralidade, ora o homem vive em mundo sem internet e desenvolve sua escrita tornando-a um marco diferencial, ora o homem se estagna e volta a se comunicar através de pictografias.

O conceito de “era tecnológica” encobre, ao lado de um sentido razoável e sério, outro, tipicamente ideológico, graças ao quais os interessados procuram embriagar a consciência das massas, fazendo-as crer que têm a felicidade de viver nos melhores tempos jamais desfrutados pela humanidade. Para dar essa impressão, faz-se mister recorrer a diversos sofismas (...). Um deles, que desde já convém mencionar, consiste na conversão da obra técnica de valor moral. A sociedade capaz de criar as estupendas máquinas e aparelhos atualmente existentes, desconhecidos e jamais sonhados pelos homens de outrora, não pode deixar de ser certamente melhor do que qualquer outro precedente. (...) Logo, esta época é superior a todas as outras, e qualquer indivíduo hoje existente deve dar graças aos céus pela sorte de ter chegado a presente fase da história, onde tudo é melhor que nos tempos antigos. Com esta cobertura moral, a chamada civilização técnica recebe um acréscimo de valor, respeitabilidade e admiração, que, naturalmente, reverte em benefício das camadas superiores, credoras de todos esses serviços

prestados à humanidade, dá-lhes a santificação moral afanosamente buscada, que, no seu modo de ver se traduz em maior segurança. (PINTO, 2005, p.41).

Desse modo, os meios tecnológicos alcançados são o resultado do cruzamento de percepções sociais e culturais que foi gerado de forma lenta, porém progressiva, através dos mecanismos pertencentes a uma sociedade. Ocasionalmente as muitas interpretações sobre um mesmo objeto ou caractere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista disso, a comunicação é um meio indispensável para os animais - seja ele racional ou não - porque é através desse movimento que um consegue chegar até o outro, apalpar e alcançar determinados objetivos. Para tanto, a escrita - uma forma de comunicação - é restrita aos humanos, que imprescindivelmente conseguiu através do tempo e da evolução social, cultural, linguística, física e cognitiva perpetuar a sua história, registrando seu cotidiano, a priori, em cavernas, as consideradas artes rupestres.

Portanto, ao enxergar que para manter-se no tempo era necessário registrar a existência do mesmo e de seu grupo, o homem passa a escrever sua história por meio de cartas, documentos, mensagens, códigos, assinatura e símbolos. É indispensável não rever que o mesmo meio que possibilitou o império da comunicação, foi responsável por causar choques na fala, partindo da premissa de que uma mesma simbologia pode ter diferentes interpretações em culturas distintas.

Conforme a progressão evolutiva, foram desenvolvidas tecnologias que alcançariam lugares ainda mais distantes, por meio da comunicação, que agora não mais reproduzidas através de sons, gestos ou mensagens escritas a punho, mas por meio da chave que alavancou o que chamamos de era digital: a internet. Contudo, o processo evolutivo da comunicação possibilitou a expansão e migração do homem para as interfaces da Terra, viabilizando o ápice do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Daniel. **Língua Solta**: A expansão dos idiomas. Aventuras

na História, 2017.

CASSON, L. **O Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Ed. S.A, 1969.

DARWIN Charles. **The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex**. Londres: John Murray, 1871.

DUCHEIN, M. **Os Arquivos na Torre de Babel: Problemas de terminologia arquivística internacional**. Acervo, v. 20, n. 1, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio**. 4 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.81.

GROBEL, Maria Cecília Blumer; TELLES, Virgínia Lúcia Camargo Nardy. Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita, e, a evolução da autenticidade documentoscópica. São Paulo: **Revista Acadêmica Oswaldo Cruz**, 2014.

HENRIQUE. Diógenes. **A Evolução do Homo Sapiens e o desenvolvimento da fala**. Sociotífica, 2016. Disponível em: <https://sociotificica.com.br/evolucao-do-homo-sapiens-e-o-desenvolvimento-da-fala/#:~:text=A%210a>. Acesso em 23, dez, 2020.

HURFORD, James; STUDDERT, Michael Kennedy; KNIGHT, Chris. **The origin of language and cognition. Approaches to the Evolution of language: social and cognitive base**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KARMAL, L.; NETO, Freitas, JA. **A Escrita da Memória: Interpretações e análises Documentais**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

MORO, Gláucio Henrique. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. Paraná: **Revista de Estudos da Comunicação**, 2016.

NIDECK, Fernanda. **Romanos usavam redes sociais há dois mil anos**. BBC, 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131106_livro_midiassociais_fl. Acesso em: 21, dez. 2020.

PINTO, A. Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, v. 2. [encontra%2Dse%20numa,i%E2%80%9D%20e%20%E2%80%9Cu%E2%80%9D](#). Acesso em: 23, dez. 2020.

SZKLARZ, Eduardo. **Pedra de Rosetta: A chave para o passado**. Aventuras na História, 2019

O FIM DA ERA PRÉ-HISTÓRICA E A ORIGEM DA ESCRITA: DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA DOS INDIVÍDUOS PRÉ-HISTÓRICOS NO BRASIL

Hemmyly Santos Araújo¹

Ana Augusta de Aguiar Rodrigues²

INTRODUÇÃO

Entre os inúmeros motivos que levam um historiador ou um indivíduo interessado apenas em história a pesquisar sobre a era pré-histórica, está o motivo do deleite em poder explorar e originar nele um sentimento investigativo para descobrir os rastros que a humanidade deixou e acaba por revelar. Esses vestígios não têm origem em papiros, livros e cartas deixadas, visto que a escrita não se originou naquele período. Portanto, tudo o que se sabe sobre a pré-história hoje, deriva de pinturas rupestres, restos de ossos de animais e humanos, ferramentas criadas para caça e pesca, manifestações artísticas feitas em inúmeros materiais e construções que foram soterradas ao longo do tempo. Tudo isso está espalhado por todo o mundo e aguarda nosso encontro. Para que possamos chegar ao fim de nossa investigação e descobrir o que esses achados influenciaram na Pré-História.

Como a História é uma ciência que está em constante movimento e em sucessivas modificações, algumas eras se encerram, enquanto outras iniciam. É justamente por isso, que neste artigo abordaremos de forma breve e direta o que foi a era pré-histórica, destacando seus desdobramentos e descobertas, dando continuidade ao motivo do encerramento da era pré-histórica e o que isso significou para a posteridade. Sendo a escrita, o principal motivo para marcar o fim da era pré-histórica. É preciso evidenciar e compreender como essa ferramenta de estudo chegou ao Brasil e o que ela modificou. No mundo contemporâneo, ainda existe a presença de indivíduos que não possuem acesso à escrita. Todavia, a não utilização dessa ferramenta fez com que esses seres fossem considerados indivíduos pré-históricos? isso será respondido ao longo do artigo.

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: hemmyly.araujo@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: ana.rodrigues@aluno.uepb.edu.br

O QUE FOI A PRÉ-HISTÓRIA?

A Pré-História pode ser entendida como um longo período de desenvolvimento da raça humana que evoluiu gradualmente ao longo do tempo. Todavia, Daniel Wilson, irá definir a Pré- História como um estudo relacionado a períodos ou tipos de dados históricos, cujo registro não foi intencional. (TRIGGER,1973, p.4). No entanto, a definição e finalização da Pré- História ainda gera polêmica entre historiadores e outros estudiosos. Em geral, a Pré-História é definida como a “história da história” ou a introdução do que se entende por história hoje conhecida. sendo a mesma, dividida em três períodos, configurando-se com as grandes descobertas e evolução do homem, a saber: o Paleolítico, o Neolítico e a Idade do Metal.

PERÍODO PALEOLÍTICO

O Paleolítico ocorreu há cerca de 4 milhões de anos até 10 mil a.C., sendo conhecido também como Idade da Pedra Lascada, devido a confecção dos primeiros instrumentos que tinham como material principal, pedras, ao qual eram lascadas umas nas outras até obter-se o formato desejado, assim como era utilizado também madeira e ossos. Durante esse período se tinha a necessidade de praticar o nomadismo, devido às mudanças climáticas existentes, principalmente a transição da era glacial. Além do que, a sociedade existente era coletora, ao qual alimentava-se de restos de animais, já que não possuem intelecto suficiente para exercer domínio das técnicas de agricultura. Entretanto, ao evoluir, o homo erectus descobre e desenvolve o domínio do fogo, no qual facilita o cozimento dos alimentos, além de servir como proteção. Apareciam as primeiras pinturas rupestres, considerado um dos meios de entendimento das civilizações anteriores à escrita, ainda que deixadas lacunas acerca do que se queria ser repassado através da mesma, além de se estabelecer o sepultamento e desenvolvimento religioso com os *neandertais*. Esse foi o período mais duradouro da Pré- História, dividindo-se em paleolítico inferior, médio e superior.

PERÍODO NEOLÍTICO

O período Neolítico ocorreu de 10 mil a 4 mil a.C., sucedendo a fase do paleolítico e caracterizando-se como a Idade da Pedra Polida. As ferramentas antes desenvolvidas agora estavam mais aperfeiçoadas,

as pedras se tornavam afiadas possibilitando que a partir desses instrumentos, tornassem a caça mais fácil, devido ao porte ou temperamento do animal caçado. Os homens começam a deixar para trás a característica de selvagens, e o clima se torna mais ameno, certamente isso não se trata de um processo decorrente da noite para o dia, mas estabeleceu-se vantagens para que fosse possível o processo de sedentarização dos indivíduos. Possibilitando a habitação de grupos nas margens de inúmeros rios, além de começarem a desenvolver o seu contato com a agricultura e o pastoreio. Esse fato é conhecido como a Revolução Neolítica, que é justamente a união de todos estes fatores citados anteriormente.

Começamos a encontrar vestígios de vida mais permanente em acampamentos ao ar livre, embora as cavernas ainda fossem habitadas no início da era terminal. Não é de se estranhar que o “povo da floresta” já tenha domesticado o cachorro. Nesse sentido, toda a era da coleta de alimentos estava se preparando e quase “incipiente” para o cultivo e a domesticação dos animais. (BRAIDWOOD, 1957, p.89).

Os indivíduos passam a entender que quanto mais recursos gerados, através de uma espécie de agricultura de subsistência, gera o aumento da população, visto que, a convivência entre eles estava em evidência, afinal, durante esse período já possuíam uma linguagem, ainda que baseada em sons e gestos.

IDADE DOS METAIS

O período neolítico tem seu fim, dando espaço para a última fase da Pré-História, conhecida como a Idade dos Metais, surgindo em aproximadamente 3000 a.C., perdurando até 1000 a.C. Esse período será marcado pela descoberta dos metais, e consequentemente da metalurgia. A forma mais evoluída do ser humano agora já se desenvolvia, o *homo sapiens sapiens*.

A princípio o cobre, por ser muito maleável, era moldado a frio [...] Tempos depois os metais passaram a ser aquecidos [...] Entre os metais, o ferro foi o mais difícil de manusear [...] Em razão de sua durabilidade e flexibilidade, ele foi capaz de substituir os outros metais na confec-

ção de numerosos artigos. (BRAICK; MOTA, 2010, p.25).

Logo, tudo que antes era feito de pedra, agora passava a ser originado do metal, como pontas de flechas, machados, e materiais que facilitam ainda mais a agricultura, na qual se torna intensiva, possibilitando a sobra desses alimentos, antes produzidos na intenção de alimentar a população. E o que fazer com esses alimentos? Nesse momento, se desenvolve o escambo, a troca de gêneros agrícolas e outros instrumentos fundamentais para a sobrevivência. Estabelece as primeiras cidades, próximas aos rios, fazendo com que essas sociedades se configurarem como indivíduos pré- civilizados. O seu fim, ocorre em cerca de 3000 a.C., com o advento da escrita, na região mesopotâmica.

O QUE MARCOU O FIM DA PRÉ-HISTÓRIA

Toda essa introdução acerca do que foi a Pré-História, é necessária para que possa compreender justamente o seu fim. A escrita se desenvolve na região mesopotâmica, mais precisamente com os sumérios em 3000 a.C., marcando o fim desse longo período. O seu conceito é uma longa problemática, influenciando e estando totalmente associado ao fechamento desse ciclo pré-histórico. Desde quando elaborada no século XIX, esse termo não leva em conta justamente o fato de não se ter estabelecido a escrita ao mesmo tempo em todo planeta, e pelo fato de se ter muita ênfase no etnocentrismo, restringindo as demais sociedades que não deixaram vestígios escritos. Essa denominação é recorrente da vertente positivista, que faz parte da Historiografia ocidental. De fato, é essencialmente interessante os impactos causados por esses escritos, mas não só através deles que se pode conhecer sobre a cultura de um povo. Durante o século XX, o uso desse termo tende a revoltar os historiadores, antropólogos e demais cientistas sociais, que consideram como história, todo o legado de um povo, independente de vestígios escritos ou não, o que dificulta a legitimação de seu fim.

Contudo, é importante considerar também os artefatos deixados pelos antepassados, ao qual podemos encontrar nos famosos sítios arqueológicos. Não precisa ir muito longe para que se encontre exemplos. No Brasil, temos o exemplo do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sudeste do Piauí, que possui apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia, para que se possa conhecer melhor a história do homem da América do Sul, se tornando no ano de 1991, Patrimônio Mundial da

Humanidade, através da nomeação pela UNESCO. O Pré-Historiador Leroi-Gourhan defende a interdisciplinaridade para se analisar esses vestígios deixados pelos antepassados.

Apesar dessa afirmação, foi o próprio Leroi-Gourhan quem defendeu que, para o bom entendimento desses vestígios escavados, é preciso que o pré-historiador utilize outras ciências. A Pré-história, assim, caracterizar-se-ia por ser uma ciência necessariamente interdisciplinar, pois precisa, em seu cotidiano, empregar métodos e dados da Geologia, da Paleontologia e da Geografia, sem falar da História e da Arqueologia. (M. Silva; K. Silva, 2005, p.38).

Com isso, podemos associar a citação anterior ao pensamento do historiador francês Marc Bloch, como sendo um dos fundadores da Escola dos *Annales*, que tecia críticas ao positivismo. Em sua obra *Apologia da História* (1949), ele defende a interdisciplinaridade, que permite com que suas conclusões se tornem mais completas. As fontes históricas apresentam grande importância, mas só acreditar, por exemplo, que as pinturas rupestres significam uma forma de expressão, não é suficiente. As fontes não falam por si, sendo esse o real papel do pré-historiador, tentar reconstruir a cultura dessas civilizações, associando esse papel com a arqueologia, que em conjunto, atuam como uma ferramenta para a História. O fim da Pré-História pode ser atribuído justamente pela forma de pensar do indivíduo, quando se passa a ter consciência de que ele deve buscar sempre o melhor, que a convivência proporciona uma troca maior de informações, como ocorreu através das trocas por meio do escambo, a escrita se torna então, apenas um desses detalhes que marcam a História.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA PARA A SOCIEDADE?

Desde as primeiras pinturas rupestres, no período Paleolítico, os homens já traçaram seus primeiros sinais de comunicação, ainda que seus significados sejam uma incógnita para nós. Entretanto, essa linguagem desenvolveu-se, através da convivência exercida durante toda a história humana. A comunicação se estabelece por meio de gestos e sons emitidos, como vemos nos homens *neandertais*, e essa interação

se estabelece através da Revolução Neolítica, intensificando-se com a Idade dos Metais, com os primeiros indícios das cidades. O indivíduo passa a buscar por uma melhora, essencialmente em seu modo de interação social, deixando seu estado de barbárie. O desenvolvimento da escrita não é justamente o fator que define o fim da Pré-História para a entrada da história, mas sim essa evolução de pensamento e linguagem. A escrita e a leitura são um modo de arte, um meio de expressão. “Em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido” (FREIRE, 2005, p.21). Em suma, a leitura e a escrita, atualmente se apresentam como uma ferramenta, que pode atingir a sociedade, ocasionando em possibilidade, uma transformação social.

A PRÉ-HISTÓRIA E O SEU ROMPIMENTO

A humanidade ao longo da sua existência, partilhou e partilha de culturas, religiões e línguas das mais diversificadas, possibilitando, descobrir novos conhecimentos e assim poder compreender a sua forma de agir e pensar, estando inserida numa dada sociedade. O que se sabe hoje de indivíduos pré-históricos não deriva de documentos oficiais, cartas ou papiros deixados para trás. Tendo em vista que a escrita não havia chegado a originar-se. Porém, pode-se dizer que tais indivíduos tiveram menor importância para a história por não terem obtido conhecimento da escrita? Todo o seu desenvolvimento e contribuição seriam deixados para trás simplesmente por não utilizarem dessa ferramenta? Tais indagações circulam na mente de alguns indivíduos, mas isso será respondido no decorrer da análise.

A origem da escrita marcou o fim da Pré-História para o “início” da história e esse fato revolucionou o mundo inteiro, possibilitando que o conhecimento fosse perpetuado e propagado para as gerações futuras a partir da criação da escrita. Todavia, nem todos possuíam acesso desta ferramenta, tendo em vista que a mesma não se originou em todos os lugares e ao mesmo tempo. Isso fez com que os indivíduos que não possuíssem acesso e conhecimento da escrita, fossem deixados para trás perante ao que a sociedade denominou de história e não mais pré-história. Deixados pelo tempo, os únicos seres inseridos dentro da era histórica, eram os que possuíam acesso e conhecimento da escrita. Prova disso, se encontra na afirmação de ROBERT, (1957) em sua obra Homens pré-históricos:

Pré-história significa o tempo antes do início da história escrita. Na verdade, mais de 99 por cento da história do homem é pré-história. O homem tem pelo menos meio milhão de anos, mas ele não começou a escrever história (ou a escrever qualquer coisa) até cerca de 5.000 anos atrás. (BRAIDWOOD, 1957, p.5).

Dessa forma, é perceptível a compreensão de quão vasto e duradouro foi o período da Pré- História. No entanto, muitos indivíduos não conseguiram se inserir na “história” por não utilizarem da escrita, fazendo com que suas conquistas e desdobramentos ficassem na Pré-História e não avançassem historicamente. O Brasil é um exemplo a ser utilizado, tendo em vista que até a chegada dos colonos em 1500, a escrita não se fazia presente na vida dos indígenas. Portanto, a origem e o desenvolvimento desses povos, antes da escrita, acabaram sendo esquecidos em alguns casos e tendo menos importância do que a disseminação das ferramentas escritas que os portugueses utilizaram para “educar” os indígenas. Fato que se comprova na contemporaneidade, pois pouco se aborda no âmbito escolar sobre a história dos indígenas antes da colonização.

PRÉ-HISTÓRIA NO BRASIL

Em um vasto e enigmático território para os antigos, localizado na América do Sul, com enfoque no Brasil, encontram-se sublimes patrimônios como a pedra do Ingá, a mística Pedra de Retumba e entre tantos patrimônios, trazendo consigo grandes tradições culturais, religiosas e artísticas que por um longo período foram desconhecidas ou apagadas com o tempo. Até a chegada dos chamados colonizadores, o Brasil era um lugar de riquezas naturais que muitos não conheciam, além de seus habitantes, ou pelo menos é o que ensinaram durante toda a formação educacional.

Inseridos em seu próprio território e cercados por diversos grupos indígenas, elaboraram rituais; canções, que acabaram sendo eliminadas pelo massacre ocorrido durante a colonização. Vale ressaltar que tais povos não sentiam a necessidade de utilizar a escrita, por ser desconhecida em território brasileiro, até a chegada dos colonizadores. Os portugueses, por sua vez, vieram em busca de riquezas, como ouro e prata. Porém, até hoje há dúvidas se o Brasil seria realmente o foco dos portugueses.

[...] A princípio Cabral não sabia que espécie de povo vivia naquela terra. Endereçado à Índia, talvez esperasse encontrar, acompanhados de súditos, aqueles potentados orientais com os quais Gama se avistara, pois quando alguns indígenas foram conduzidos à sua presença, recebeu-os no seu navio, numa cadeira alcatifada, em vestes de gala e um pesado colar de ouro no pescoço. Mas os selvagens desnudos diante dele, no convés, não possuíam a refinada civilização da Índia. Sua agricultura não era extensiva nem complexa e suas povoações eram simples choças cercadas de palissadas numa clareira da mata...] (MARCHANT,1943, p.17-18).

Logo, é perceptível compreender a chegada dos primeiros povos a explorarem as riquezas e os povos do Brasil. Os índios que ali viviam, seres que para os portugueses não eram comuns, acabaram sendo chamados de Selvagens. Esta denominação obteve este resultado, tendo em vista que os indígenas não possuíam acesso à educação que os portugueses usufruíram, nem gozavam de roupas, culturas e religiões utilizadas como a dos portugueses. Como forma de tornar esses indivíduos desconhecidos dos portugueses, purificados do pecado e da maldade que os cercavam, acaba sendo implantado um meio educacional que será utilizado pelos chamados Jesuítas. Esses indivíduos, encontravam-se inseridos em uma congregação religiosa. Sendo os seus princípios fundamentais, a busca pela perfeição humana por intermédio da palavra de Deus; a obediência absoluta e a disciplina severa e rígida. Toda vida, os jesuítas, por sua vez, sofreram dificuldades em determinadas áreas, pois nunca estiveram no Brasil e nem conheciam os indivíduos que ali estavam inseridos.

Ao desembarcar no Brasil, o padre Manuel da Nóbrega faz a nomeação de seus ajudantes para algumas funções essenciais. Desse modo, com a nomeação e atribuição de funções aos demais padres jesuítas, é redigido o primeiro status ou catálogo da missão brasileira. A utilização de um método de ensino para conversão do índio ao catolicismo deve-se à seguinte questão: e, como iriam os padres jesuítas pregar a fé católica se não conseguiam se comunicar com

os indígenas? O plano de estudos organizado pelo padre Manuel da Nóbrega consistia em duas fases: na primeira fase, considerada como do ensinamento dos estudos elementares, era constituída pelo aprendizado de português, do ensinamento da doutrina cristã e da alfabetização. Para a segunda fase do processo de aprendizagem idealizado por Manuel da Nóbrega, o aluno teria a opção para escolher entre o ensino profissionalizante e o ensino médio, segundo suas aptidões e dotes intelectuais revelados durante o ensino elementar. Como prêmio para os alunos que se destacaram nos estudos da gramática latina, previa-se o envio em viagem de estudos aos grandes colégios de Coimbra ou da Espanha. (Shigunov; Shizue, 2008, p.176).

Além disso, a difusão de ritos, canções e palavras de fé, não teriam sentido e importância alguma, se os indígenas não conseguissem compreender o que se era propagado, visto que dominavam outras línguas. Em outras palavras, o papel dos jesuítas na difusão da fé cristã e na transformação dos seres indígenas em seres de Deus, seria totalmente negligenciado e a fé católica não se expandiu no Brasil. Por isso, foram ensinados para além da fé cristã, a língua portuguesa, fazendo com que se rompesse a era pré-histórica em que os indígenas estavam inseridos. Com isso, os indígenas passaram a ter acesso e domínio da leitura e da escrita, fazendo-os entrar na era da história. A difusão do ensino da língua portuguesa resultou em uma expansão tão significativa que hoje é considerada a língua oficial do Brasil. Fato que explica a disseminação quase inexistente das diversas línguas utilizadas pelos indígenas, antes da chegada dos portugueses ao Brasil. Tendo em vista que muitas dessas línguas acabaram se extinguindo durante a escravidão e morte de muitos indígenas. Porém, para que a língua portuguesa se propagasse, era necessário que os indígenas fossem libertados, não sendo mais escravos como em sua grande maioria. Em outras palavras, nem todos tiveram acesso à educação.

INDIVÍDUOS PRÉ-HISTÓRICOS INSERIDOS NA CONTEMPORANEIDADE

Ao longo da análise, foi destacado o significado da escrita e sua função como principal rompimento com a Pré-História. Em resumo, a

escrita revolucionou o mundo de tal forma, que hoje, tudo o que se propaga e se transfere aos indivíduos têm sua origem e base nos inúmeros ancestrais que guardaram seus escritos para as gerações futuras, formando uma enorme Alexandria. Dessa forma, o mundo se desenvolve e modifica-se aos poucos, fazendo com que todos os indivíduos nele se insiram e desfrutem de seus avanços. O Brasil, por sua vez, também utiliza de suas tecnologias oriundas do uso da escrita. No entanto, ainda existem indivíduos que são considerados pré-históricos, por não possuírem acesso e conhecimento da escrita, visto que hoje o conhecimento básico desta ferramenta se faz obrigatório.

Utilizando dados (IBGE, 2015) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima-se que em 2015 cerca de 8% da população seja analfabeta (12,9 milhões de pessoas). Esse índice de analfabetismo varia bastante conforme a região geográfica, indo de 16,2% no Nordeste para cerca de 4% no Sudeste e no Sul, e também por idade, com uma taxa de 0,8% entre jovens de 15 a 19 anos e de 22,3% entre pessoas com 60 anos ou mais. (BRAGA; MAZZEU, 2017, p.25).

Apesar do rompimento com a Pré-História, os seus resquícios ainda se fazem presentes na contemporaneidade. Os traços de seus descendentes ecoam sobre esses indivíduos. Todavia, é perceptível compreender que a escrita acaba não sendo um motivo suficiente e único para romper-se com a Pré-História. Esses indivíduos não serão considerados pré-históricos por não usufruírem do acesso à escrita. É fato que esses cidadãos terão dificuldade em ingressar para algum ramo de trabalho; que não conseguirão entender o que se passa nos sites, jornais e revistas, na qual parte de sua propagação é realizada através da escrita. Mas esses indivíduos desenvolveram-se em outros aspectos como na linguagem, cultura, religião e economia. A escrita, foi uma ferramenta crucial para o rompimento com a pré-história, mas não foi a única. As cidades foram fundadas, a economia e a agricultura surgiram. Esses também foram aspectos originados do meio para o fim da Pré-História e que com o tempo se desenvolveram. Esses aspectos também possuíam caráter de influência para o desenvolvimento do mundo e o fim da Pré-História. Portanto, é imprescindível considerar tais fatores relevan-

tes para a contribuição do fim da Pré-História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que a partir da Pré-História, é possível compreender como a sociedade passa a atuar hoje, as primeiras trocas através do escambo evoluíram, e o homem passa a gerenciar isso através do uso de moedas e cédulas de dinheiro. Os transportes que se possuem hoje, são confeccionados através do uso da metalurgia, desenvolvido na Idade dos metais, que deu origem posteriormente ao uso das ligas metálicas. A escrita se desenvolve, possibilitando um avanço na comunicação, visto que como citado ao longo do desenvolvimento do artigo possibilita a expressão através de palavras, e a partir delas o conhecimento. Deve salientar ainda, a questão de preservação de sítios arqueológicos, como o do Parque Nacional da Serra da Capivara, visto que esses vestígios arqueológicos também possuem significados que dizem muito a respeito desses povos. Praticamente todas as áreas do meio social se fundamentam no homem pré-histórico.

Esta pesquisa explorou as origens do termo pré-história, guiada pela importância que a origem da escrita significou para os antigos. A evidência é que, como propagação de uma causa geral para o fim da pré-história, pode levantar questões na mente humana. Falando em fim da pré-história, é famoso pela resposta que o principal motivo foi a origem da escrita, na qual foi mencionada no decorrer da análise. Evidenciando que somente a escrita não pode ser considerada o único motivo para tal fim, haja vista que outros fatores também influenciaram o desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, ao disseminar o conhecimento em sala de aula, o aluno terá uma grande quantidade de informações sobre quem eram os povos indígenas antes da colonização e o uso da escrita. Garantindo que a cultura existente antes da chegada dos portugueses ao Brasil não seja esquecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROBERT J. Braidwood. **Homens pré-históricos**. Editado de Lilian A. Ross. Estados Unidos: Terceira edição, 1957.

SHIGUNOV, NETO, A e MACIEL, L. S. B. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro**: algumas discussões. Editora UFPR, Curitiba:

p. 169-189, 2008.

BRAGA, Ana Carolina e MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, v.21, n.1, p. 24-46, 2017. MARCHANT, Alexander. Do escambo à escravidão. Tradução de Carlos Lacerda. Companhia Editora Nacional, vol.225, 1943.

CLERMONT, Gauthier. **O Século XVII e o problema do método no ensino ou no nascimento da pedagogia**. Cap.4,p.120-147.

CATOIRA, Thais e AZEVEDO, Neto. Itacoatiaras do Ingá: As diferentes ‘escritas’ no imaginário da pedra das águas. **Revista ANTHROPO-LÓGICAS**. 2018.

OLIVEIRA, Motta e org. **Salvamento arqueológico da pedra de Retumba: a evidenciação de uma lenda**. Clío Arqueológica 2020, v35N1, p.39-52.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2 reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MAIOR, Souto. **Os biomas e as sociedades humanas na pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil**. Fundação museu do homem americano- FUMDHAM, IPSIS gráfica e editora, São Paulo, 2014, pg.241-249.

BACHELOT, Luc. Aventuras e desventuras da escrita. A propósito da interpretação do nascimento da escrita na Mesopotâmia. **Cadernos do Lepaarq**, v. XVII, n.33, p. 223-250, Jan- Jun. 2020.

TRIGGER, Bruce. **Além da história: Os métodos da Pré-História**. Editora Pedagógica e universitária Ltda, São Paulo, 1973.

BRAICK, Ramos. **História das cavernas ao terceiro milênio**. 2.edi.
São Paulo: Moderna, 2010.

DO BISONTE AO CORDEIRO: COMO HOJE ENTENDE-SE O SURGIMENTO, AINDA NA PRÉ-HISTÓRIA, DA MORAL E DA ESPIRITUALIDADE

Wellington da Silva Gomes Mendes¹

Jardel da Silva Melo²

INTRODUÇÃO

Estudar a pré-história é, certamente, complexo. E, sobretudo, a dificuldade de obter informações acerca desse período é um dos problemas centrais que o envolve. A Academia, hoje, acredita que os supostos ancestrais da espécie *Homo Sapiens Sapiens* teriam sido os primeiros a manifestarem aquilo que seriam comportamentos morais e religiosos, ainda na época Paleolítica. Entretanto, antes de entender (introdutoriamente) como e por que surgiram, e como foram expressas, tais condutas, é interessante abordar os conceitos para cada um dos tópicos necessários para bem compreender de qual assunto estamos a, realmente, descrever; contextualizar, portanto, é a palavra certa.

Contudo, antes convém destacar que, assim como foi instigado por Leroi-Gourhan (1987, p. 12) “¿Cómo podría el visitante planetario establecer una división ideológica entre el cordero cristiano atravesado por una espada y el bisonte herido de lanza?”, a sociedade moderna não tem como afirmar, concretamente, a respeito desse tempo tão distante e, no qual, se há poucos registros – que, por sua vez, podem receber deduções em bases frágeis, como ele demonstra durante todo o seu livro “*Las religiones de la préhistoire*”. Pois, como as representações de um homem crucificado, nos templos católicos, não significam necessariamente a revelação da prática de crucifixão no século XXI, muito do que se supõe através das artes rupestres (e que, sim, têm presença religiosa) pode ser totalmente verídico ou não.

PRÉ-HISTÓRIA: DEFINIÇÃO E COMO, AQUI, APRESENTAR-SE-Á

Definir o que seria pré-histórico, não é tão simples. Pelo contrário, há diversas concepções acadêmicas aos seus limites; porém, ainda

1 Graduação em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: wellington.mendes@aluno.uepb.edu.br

2 Graduação em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: jardel.melo@aluno.uepb.edu.br

não se há um consenso. Seu fim ocorre com a invenção da escrita ou da agricultura? E o seu início, com o homem moderno ou com aqueles que seriam as espécies anteriores de homínídeos? São essas as questões que, até então, encontram-se em aberto.

Neste trabalho, no entanto, levar-se-á em conta aquilo que Eliade e Couliano (1999, p. 245) entenderam:

O termo “pré-história” abrange o imenso período que vai do aparecimento dos primeiros ancestrais do homem (pelo menos seis milhões de anos) até o surgimento local da escrita. Na prática, os vestígios mais antigos da pré-história, passíveis de serem interpretados em termos religiosos, foram datados de cerca de 60000 a.C. (ELIADE; COULIANO, 1999, p.245).

Nesse sentido, crê-se que o surgimento de tais atitudes espirituais, e morais também, ocorreram, praticamente, no Paleolítico Superior (a partir de 40000 a.C.) – ao menos, assim o é considerado pela maioria dos especialistas que abordam essa questão. Em razão disso, o foco voltar-se-á, quase que exclusivamente, nessa direção. Embora haja especulações de que desde o Paleolítico Médio, e até no Inferior, também já houvesse tais sinais, de forma rarefeita.

ÓPIO DO POVO OU A BUSCA PELA TRANSCENDÊNCIA: O QUE É RELIGIÃO?

Religião, no seu sentido etimológico “*religare*”, significa religar-se – ou só ligar-se – com os deuses, com o passado sobrenatural. Todavia, Karl Marx (2010, p. 145), ferrenho crítico à dita alienação, considera-a como “[...] o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo.” Ou, em outras sentenças, ele explicita que, diante da morte e das incertezas de onde vem e para onde vai, o homem começou a criar para si deuses, heróis e/ou forças sobrenaturais para buscar alívio, e/ou ser um meio, criado ou redefinido, para a exploração de classe.

Mircea Eliade (1992, p. 97), grande nome na área do estudo das religiões, em contrapartida, define que o homem, em qualquer contexto histórico, tem uma tendência à religiosidade – seria um “*homo religiosus*”. O qual “[...] acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o

sagrado, que transcende este mundo e aqui se manifesta, sacrificando-o e tornando-o real”. Ou seja, “Não há povo, por mais primitivo que seja, em que não se veja a religião” (MALINOWSKI, 1948, apud SIMÕES, 1994, p. 11); Assim, essa segunda concepção afirma “*A nuestro juicio la religiosidad [...] no está encadenada a lo biológico*” (FRANKL, 1994, p. 74). – está muito além. Não é algo apenas adquirido.

Todo homem, mesmo o dito “[...] areligioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados” (ELIADE, 1992, p.98) – a própria teoria marxista tem um quê de ontologia cristã: o proletariado como um herói, o prometido (ELIADE, 1992, p. 99). Não só isso, aqueles que se consideram sem religião acabam encontrando-a, despercebidamente. Através de

[...] locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana. (ELIADE, 1992, p. 18-19).

CONTRA O PRÓPRIO HOMEM, CONSCIÊNCIA DE CULPA OU O CHAMADO À RESPONSABILIDADE: O QUE É MORAL?

A moralidade, segundo Nietzsche (2003, p. 73), seria a “interiorização do homem”, no qual “Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro [...]”. Em síntese, por causa de certo bem ao grupo, estabelecem-se normas, que caso desobedecidas poderiam resultar em castigos físicos ao indivíduo, a reprimir os “instintos do homem selvagem, livre e errante [...] contra o homem mesmo”, contra a sua própria essência; e, ainda, ele seria considerado como um “causador de danos, [...] um irresponsável” (NIETZSCHE, 2003, p.71).

Em Freud (2010), quase semelhante, a consciência moral também seria consequência de impulsos agressivos interiorizados, que

provocariam a insatisfação do indivíduo. Com “duas origens para o sentimento de culpa”, ou moralidade. O medo da autoridade, que a sociedade tem, por exemplo, de retaliar-lo por atos proibidos; e o medo ante a consciência, ou Super-eu, que passa a vigiá-lo, também, nos pensamentos e desejos – a causar até neuroses. “O primeiro nos obriga a renunciar às satisfações instintivas, o segundo nos leva também, ao castigo, dado que não se pode ocultar ao Super-eu a continuação dos desejos proibidos.”

Para Frankl (1995, p. 112 apud PEREIRA, 2014, p. 424), todavia, “Não existe um instinto moral no mesmo sentido da palavra de um instinto sexual; pois não sou impelido por uma consciência moral, mas tenho que me decidir diante dela”. Nesse sentido, para ele, a moral é aquilo que dá ao homem potencial de escolher a forma de como ele agirá, tanto para o que ele considera bem geral ou não. – É um viés menos negativista, diferente das concepções nietzschianas e freudianas. E em concordância com Arendt (1999), quando afirma que quaisquer pessoas, até as “assustadoramente normais”, podem cometer barbáries.

A PRESSÃO DA NATUREZA PARA O DESENVOLVIMENTO DO CÉREBRO

Segundo Hayden (2003, p. 24), as mudanças climáticas na África, provavelmente, acirraram as disputas, por vegetais e frutas, entre os proto-humanos e os primatas. Estes teriam maior vantagem. Com isso, aqueles foram obrigados a irem para a savana – local mais inóspito, pela necessidade de garras para cavar, ter agilidade e/ou dentes afiados para matar animais, o que os humanos não tinham; além do constante perigo de predadores (já que ali nem árvores altas, para esconder-se, havia).

Tudo isso colaborou para que, assim como se hipertrofia os músculos, na academia, através de exercícios físicos que os forcem, desenvolvessem o cérebro (um músculo). Esse ancestral teria que usar e criar artefatos que o auxiliassem – até ferramentas para criar outras. “As mais antigas pedras lascadas conhecidas foram produzidas para realizar funções que não podiam ser feitas pelo corpo humano. Ou seja, apesar de rústicos, os instrumentos eram resultantes de uma intenção que só o homem possuía” (CÁCERES, 1996, p. 14). Destarte, com um cérebro mais aprimorado, e maior, surgem novas possibilidades e perspectivas para o homem, que avança evolutivamente.

LINGUAGEM: MARCO DECISIVO

A linguagem é um acontecimento revolucionário na história da humanidade. Com sons inefáveis ou não, é ela que propiciou ao homem conquistar relações interpessoais – o que, a posteriori, ocasionou em certas atitudes morais –, o compartilhamento de experiências vividas – com forte relação à mistura de crenças e a formação de certa religião –, e na manutenção da espécie.

Pois, segundo a exposição de Hayden (2003, p. 34), ela pode ter sido a consequência da necessidade dos proto-humanos em comunicar-se, como uma ajuda durante a caça. Ou, talvez, do *Boom Criativo*, do crescimento cerebral, de nenhuma ou a síntese dessas situações.

A LOTERIA NATURAL: IMPRESCINDIBILIDADE DE VÍNCULOS AFETIVOS

Como supracitado, o homem foi forçado a adaptar-se a cenários, a ele, problemáticos. Uma dessas situações é a não compreensão do funcionamento do ambiente que o cercava. A instabilidade, portanto, de fatores naturais, como secas e a presença de chuvas fortes, períodos em que frutos e vegetais não estavam propícios ao consumo, dentre outros – em tempo em que eles não dominavam técnicas agrícolas – deixava-os à sorte de como o local prover o alimento, a manutenção do lugar em que habitavam etc..

Sob essa perspectiva, conforme Hayden (2003, p. 29-30), para lidar diante dessas crises e desastres, esses indivíduos deveriam estabelecer alianças com outros bandos. Conquanto, como os primatas tendem a viver em grupos e defender os seus habitats, ocorreria, ao invés de guerrear, a necessidade de oferecer presentes, ajudas e serviços entre si para o estabelecimento de vínculos, que seriam úteis. Desse modo, além de uma maior interação entre parentes, culturas e experiências diferentes começam a interligarem-se e a produzir simbologias religiosas e morais.

AS CONCEPÇÕES GERAIS DA RELIGIÃO PARA O “HOMO RELIGIOUSUS” DO PALEOLÍTICO

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa ten-

dência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. (ELIADE, 1992, p. 13-14).

Uma característica fundamental da espiritualidade desses povos é relativa à sua visão de mundo: este lugar profano poderia receber a presença do sagrado. Mircea Eliade (1992, p. 13), então, define sob o termo de “hierofania” a “[...] manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore”, que

Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania (ELIADE, 1992, p.13).

Conseqüentemente, para manter-se em sintonia com o sagrado, que pode o próprio cosmos/ ambiente ao redor tornar-se sinal de sua presença, os homens começaram a procurar formas de unir-se a ele. Danças, o uso de máscaras, algumas comidas e a busca do êxtase, por plantas ou ritmos que o propiciem, eram utilizados (HAYDEN, 2003, p. 7). E isso com o respeito às outras crenças: esses povos não criam que a sua religião seria superior às dos outros bandos (HAYDEN, 2003, p. 10).

AS RELIGIÕES PALEOLÍTICOS: ANIMISMO, TOTEMISMO E XAMANISMO

Animismo

Steven Mithen (2002) ao descrever sobre a capacidade dos seres humanos em antropomorfizar outros seres, como uma criança que atribui características humanas, como opiniões e desejos, a um brinquedo, de certa forma, está a descrever uma prática espiritual dos pré-históricos, o animismo. “O animismo [...] consiste na projeção ingênua de características humanas sobre entes inanimados.” (VANZAGO, 2012, p. 15). Ou seja, os proto-humanos teriam credo que plantas, animais e objetos teriam *anima*: que pode ser traduzido como alma, vida ou potência a ser algo. – Talvez, a primeira manifestação de religiosidade entre a espécie humana.

Totemismo

De totem, que significa, “[...] entre os Odjibwa da América, o animal cujo nome o clã usa e que é considerado o antepassado da raça.” (ELIADE, 1992, p. 11), o totemismo é a crença de que, não só um animal, mas plantas e seres inanimados seriam ancestrais de uma determinada tribo. Em contraste com o animismo – que coloca esses outros seres como humanos –, essa concepção faz do homem descendente de um totem. No qual o clã acreditava ser da mesma família (não por laços sanguíneos) de outros que tinham o mesmo que o seu.

Para Freud (2013), o totemismo seria um sistema de organização social de todas as culturas. Marcado por respeito e proteção entre os integrantes do grupo. “Totem” é, por um lado, um nome de grupo e, por outro, um nome indicativo de ancestralidade. Sob o último aspecto, possui também uma significação mitológica.” Mais, ainda, podem ser tidos como um brasão familiar; segundo:

Schoolcraft [...] sobre los totems de los indios de América del Norte: “El totem, dice, es, de hecho, un dijubo que corresponde a los emblemas heráldicos de las naciones civilizadas, y que cada persona está autorizada a llevar como prueba de la identidad de la familia a la cual pertenece. Lo cual demuestra la verdadera etimología de la palabra, que se deriva de *dodaim*

que significa pueblo o residencia de un grupo familiar”. (apud DURKHEIM, 1968, p.116).

Cabe, também, considerar que

[...] em 1869, J. F. Mac Lennan afirmava que o totemismo constitui a primeira forma religiosa. Mas investigações posteriores, sobretudo as de Frazer, mostraram que o totemismo não se difundiu por todo o mundo e que, portanto, não podia ser considerado a forma religiosa mais antiga. (ELIADE, 1992, p. 11).

Xamanismo

No xamanismo tem-se como uma figura bastante importante o Xamã, “um funcionário social que, com a ajuda de espíritos guardiães, atinge o êxtase para criar um relacionamento com o mundo sobrenatural em nome dos membros de seu grupo”. (HULTKRANTZ, 1973, p. 34, apud HAYDEN, 2003, p. 46). Em outras palavras, o xamanismo desenvolve-se como uma crença marcada por episódios de êxtases, em que guiados pelos xamãs, os indivíduos poderiam alcançar bens, como a restituição da saúde. Isso porque ele entrava em contato com os espíritos para alcançar benefícios ao grupo, mas também pessoais – eles, não eram necessariamente bons: muitas vezes, depois da iniciação, para ser verdadeiramente considerado como tal, eles enlouqueciam e podiam tentar o mal aos seus. (HAYDEN, 2003, p. 46-52).

O ROSTO, MATERIAL, DA RELIGIÃO PALEOLÍTICA

Leroi-Gourhan (1987, p. 78), didaticamente, questiona como um extraterrestre reagira e entenderia a liturgia de uma missa católica. As suas primeiras impressões, com certeza, tenderiam a afirmar que era um rito ingênuo e sem base na realidade. Depois, talvez, um ritual em agradecimento e/ou em súplica pelo alimento, pela colheita, através do consumo da hóstia feita de trigo. Somente após pesquisar compreenderia a religião e o simbolismo elevado dos cristãos, com “*una cosmogonia bien estructurada e ideas notablemente elaboradas sobre la vida y la muerte*”. Por essa analogia, então, ele explica o quão difícil é, para as sociedades modernas, assimilar a ritualística dos paleolíticos. Quase nada, materialmente, tem-se sobre esse período: gestos e palavras não

se fossilizam.

Entretanto, a Sociedade Científica aceita que há alguns vestígios de práticas religiosas desse tempo. A forma que foram encontradas osadas humanas – semelhante a enterros –, as pinturas rupestres, alguns objetos – uns que aparecem quase que sem utilidade prática; outros como pedras, lanças juntos aos ossos; artefatos decorados/tingidos com ocre – são algumas dessas possíveis evidências. Inclusive “[...] *el hombre de Neanderthal tenía comportamientos que iban más allá del beber y el comer, de que amasaba bolas, recogía fósiles y ocre, ocultaba a algunos de sus muertos y, quizá, devoraba a los demás*” (LEROI-GOURHAN, 1987, p. 73).

Direto da pré-história: atuais princípios morais já existentes antes da escrita

Freud (2013) afirma que “As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os membros do clã totêmico do sexo oposto.”. Ou seja, em referência ao seu Complexo de Édipo: o filho não deveria assassinar o pai (ancestral poderoso, símbolo familiar) para relacionar-se, sexualmente, com sua mãe (principal membro feminino da família) – ou com uma parente mais próxima. E tudo isso, por imposição: “de forma violenta pela geração anterior.”.

Já Bohem apresenta a moralidade, principalmente em benefício do grupo, diante da vida e da morte, desses povos:

Pré-historicamente, matar membros de grupos era moralmente condenado, pois a crença de que “não matarás” precedeu temporalmente, em muito, os escritos da Bíblia. No entanto, essa condenação antiga e universal estava sujeita a importantes exceções. A morte por misericórdia era tolerada, assim como o infanticídio como forma de controle de natalidade, enquanto a pena de morte era legítima como uma estratégia de grupo para lidar com atos extremos, intoleráveis e inevitáveis de outros desvios sociais. Tais práticas foram o resultado de intenções da comunidade e, para serem adotadas, tiveram que ser fortemente aprovadas - ou pelo menos ser moralmente apoiadas - por todo o grupo. (apud ARRUDA, 2020, p. 112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito além do que o senso comum considera – e mais do que este trabalho veio a conseguir descrever – pode-se perceber uma (ou o início de uma) complexidade social desses povos da Idade da Pedra Lascada, ou do Período Paleolítico. Não só eram governados por instintos. Talvez por algo resultante de instintos ou de um quê que se encontra naturalmente no homem. Mas, sem dúvidas, é um campo histórico, ou fora da história, que ainda precisa de mais investigações. Como visto, muito daquilo que ali surgiu tem poder e influencia as relações que a sociedade moderna ainda pratica.

Ademais, esperamos que este texto torne-se obsoleto o mais rápido possível. Não, não porque ficou bastante ruim ou porque apresenta alguma coisa, até o momento, diferente do que a Academia entende como certo. A razão desse desejo é justamente por querer outros avanços acerca dessa temática, que o permita ceder espaço a obras mais complexas e menos introdutórias que essa. Assim, conseguiremos, (a sociedade em geral) compreender quem somos e o porquê de agirmos de determinadas maneiras: a religião e a moral são apenas instituições humanas para alívio e/ou controle pessoal e coletivo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CÁRCERES, Florival. **História geral**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

DURKHEIM, E. **Las formas elementales de la vida religiosa**. Tradução espanhola de Iris Josefina Ludmer. Buenos Aires: Editorial Schapire S.R.L., 1968.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. Tradução de Beatriz Perrone- Moisés e Ivone Castilho Benedetti. São

Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea; Couliano, Ioan P. **Dicionário das Religiões**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANKL, Viktor E. **La presencia ignorada de Dios**: psicoterapia y religión. Tradução castelhana de J.M Lopez de Castro S.J. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HAYDEN, Brian. **Shamans, sorcers, and saints**: a prehistory. Washington: Smithsonian Institution, 2003.

LEROI-GOURHAN, André. **Les religions de la préhistoire**. Tradução espanhola de Concepción Aya Gaseni. Barcelona: Editorial Lerna, S.A, 1987.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.

MITHEN, Steven. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. Tradução de Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PEREIRA, I. S. Consciência moral transcendente e experiência religiosa na obra de Viktor Frankl. **Pensar plural**: experiência humana e religiosa. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 44, n.3, p. 418-432, set-dez. 2014.

SIMÕES, Jorge. **Cultura religiosa**. O Homem e o Fenômeno Religio-

so. São Paulo: Loyola, 1994.

VANZAGO, Luca. **Breve história da alma**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

POR QUE NOS TORNAMOS *HOMO SAPIENS CURIOSUS*, ANTES DE NOS TORNARMOS *HOMO SAPIENS SAPIENS*?

João Victor Dias Ferreira¹
Victor Rodrigues Farias²

INTRODUÇÃO

A alguns milhões de anos atrás, os homens começaram a ficar de postura ereta, alterando a musculatura e o corpo para andar em pé, o que deixou as mãos livres para manipular objetos para a caça. Além disso, também fizemos com que nossa mente se elevasse, superando os outros animais, nos tornando seres pensantes. Tudo isso levou a que o comportamento humano fosse fundamentalmente diferente dos outros animais, graças ao seu psiquismo, o homem tornou-se um ser biológico e cultural ao mesmo tempo. Uma síntese de características hereditárias e adquiridas.

O presente artigo se propõe a mostrar a evolução física e mental do homem, a partir da pré- história até os dias atuais. E o quanto a curiosidade ajudou o homem, que à medida que nossa compreensão da realidade evoluiu, evoluímos juntos. adaptaram-se aos limites impostos pelos ambientes. Aprendemos a manipular o fogo, fabricar instrumentos para caça, viver em grupos. Conseguimos chegar à lua, entendemos o funcionamento do nosso planeta, etc. Tudo movido pela curiosidade. A curiosidade é uma característica natural, o homem sempre é curioso, sempre busca conhecer e aprimorar novas coisas.

O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO

Tudo começou na savana com o Australopithecus, há cerca de 4 milhões de anos a.C., tinha cerca de 1,20 m de altura, locomoção bípede e olhos encovados, com um volume do cérebro de 500 centímetros cúbicos. O desenvolvimento do cérebro trouxe capacidades de abstração e discernimento cada vez maiores, estimulando os órgãos dos sentidos. O cérebro é a maior arma para nossa evolução. Como diz Winston, no seu livro “Instinto Humano”:

1 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: joao.dias@aluno.uepb.edu.br

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: victor.rodrigues@aluno.uepb.edu.br

De fato, a expansão do número de células cerebrais (até o nosso estado atual, com cerca de 100 bilhões de células nervosas) resultou em uma mente cada vez mais sofisticada. Continuamos a desenvolver uma série de instintos, concomitantemente a um extraordinário salto em nossa aprendizagem, emoção e racionalidade. (WINSTON, 2002, p. 17).

A partir disso, o homem aprendeu a andar de postura ereta, sem o uso das mãos que agora seriam livres, ganhando mais flexibilidade de geração em geração ao passar dos séculos. O uso da mão e do polegar foi fundamental para a evolução do homem, como diz Engels: “O aperfeiçoamento gradual da mão do homem e a adaptação concomitante dos pés ao andar em posição erecta exerceram, [...], certa influência sobre outras partes do organismo.” (1876, p. 2), porque a partir disso o homem vai se aperfeiçoando e se adaptando a ficar em pé e usar as mãos para outros afazeres, que acaba influenciando outras partes do organismo. No que Darwin vai chamar de correlação do crescimento. Manipular o fogo, domesticar animais, criar e usar ferramentas para a caça e pesca foram outras consequências dessa transformação do homem, tendo uma vida segura e melhor. As relações de cooperação possibilitaram a formação de grupos maiores, cooperando na formação e criação das primeiras civilizações e, conseqüentemente, na cultura. Já que o ser humano, tem a capacidade de romper com seu passado, questionar o presente e criar um novo futuro, diferente dos animais que, em grande medida, vivem uma vida de repetição do padrão básico vivido pela sua espécie.

Assim, diferente dos outros animais, os homens não são apenas seres biológicos. Os homens são também seres culturais, que modificam a natureza ao seu favor. Ademais, o ser humano não nasce pronto pelas forças da natureza. A vida de cada indivíduo depende de si mesmo, num eterno processo de descobertas e invenções.

O homem se tornou um animal curioso e saiu a explorar o mundo, rompendo com mitos e fantasias, como diz Leonard Mlodinow: “À medida que nossa compreensão de mundo natural evoluiu, deixamos de pensar que as marés eram regidas por uma deusa, para entendê-las como resultado da força gravitacional da lua [...]” (MLODINOW, 2015, p. 4).

O QUE NOS FOI CONTEMPLADO GRAÇAS A CURIOSIDADE?

A capacidade e a necessidade da busca nos contemplou com diversos pontos essenciais para que sejamos como somos hoje, a curiosidade e o aprendizado que adquirimos no decorrer da evolução nos tirou da posição de homem primitivo e nos levou a um escalão mais avançado de desenvolvimento. A razão causou no ser humano uma transição de homem primitivo para o *homo sapiens sapiens*.

O desejo de saber, de refletir e criar, exercido ao longo de milhares de milênios, nos forneceu as ferramentas para sobreviver, para construir um nicho ecológico único para nossa espécie. Usando mais o poder do nosso intelecto que do nosso físico, moldamos o meio ambiente segundo nossas necessidades, em vez de permitir que o ambiente nos molda-se ou nos derrotar-se.” (MLODINOW, 2015, p. 11).

Essa curiosidade nos proporcionou e proporciona muitas coisas; o teatro por exemplo, trata-se de uma arte que não se conhece a origem nem as circunstâncias para que pudesse ocorrer seu desenvolvimento, mas que nasceu junto da curiosidade do homem, que sempre usou sua observação das coisas e dos animais e de tanto observar, por exemplo um pássaro, conseguiu desenvolver uma capacidade de imitá-los, com essa percepção de estudá-los e analisar seu jeito de locomoção, anos depois com muito estudo pôde-se iniciar estudos e experiências para o que hoje é o avião. Portanto é perceptível a capacidade que o ser humano tem de a partir de uma observação casual de um elemento da natureza, conseguir usar aquele conhecimento para gerar algo importante para sua vida.

Não obstante, a vontade de explorar não se dá somente no lugar onde encontramos-nos, na verdade esse desejo abrange sempre uma meta de expandir seus horizontes de conhecimento, uma das ferramentas mais imprescindíveis para que essa expansão tenha se tornado possível foi a bússola, porém se o homem não houvesse se interessado pelo estudo e pelo entendimento do magnetismo não teria chances de conseguir desenvolver essa invenção que foi essencial para localização dos navegadores durante explorações à territórios desconhecidos; imagine: E se o físico inglês William Sturgeon não tivesse tido curiosidade

de estudar a atração e a repulsão dos elementos com magnetismo e, a partir disso, inventado o primeiro eletroímã em meados de 1825? Não haveriam chances de ter-se buscado essa ferramenta como recurso, até porque o ser humano pode ser curioso mas só lhe é possível o uso das informações que lhe pertencer em seu espaço, o homem só consegue adquirir o conhecimento se esse objeto fizer parte de seu tempo e de seu espaço, ou seja, se ele fizer parte das suas experiências e suas vivências.

Portanto, é necessário que entendamos a importância que há na busca pelo conhecimento e pela evolução do nosso intelecto, pois a lâmpada, as ferramentas básicas (machados de pedra, por exemplo), o telefone, entre outras coisas que nos foram contempladas graças às buscas feitas por seus fundadores e o interesse que tiveram em obter um esclarecimento se suas teorias dariam certo ou não.

HOMEM, O ANIMAL MAIS CURIOSO

Antes de tudo lembremos que a curiosidade é uma característica natural e inata do ser humano, e é muito importante quando pensamos em exploração, investigação e aprendizado, podendo ser considerada como a grande força que arranca o homem do seu estado de estagnação para fazê-lo mover-se e buscar o novo. Todas as profissões exigem do fervor da curiosidade, seja para sua execução ou para o aprimoramento de sua atividade. No decorrer dos tempos, o ser humano pôs-se em uma trajetória na qual a meta era a constante busca pelo conhecimento.

Mas por que há em nós essa tamanha curiosidade e essa incessante busca pelo novo? O aprimoramento intelectual e capacidade de criar invenções desenvolvidas por si, fez com que o ser humano conseguisse impor-se como espécie, o físico do ser humano não o favorece em defesa nem em ataque se comparado a qualquer outro animal, na espécie não há o fator de ser o mais forte, nem rápido e nem com habilidades de voar. Platão descreve em uma de suas obras que isso foi destacado no mito de Pitágoras que contava uma situação com o Deus Prometeu onde ele proferia que “Quando Prometeu veio examinar a distribuição dos recursos, viu as várias criaturas bem providas de tudo, enquanto o homem encontrava-se nu, descalço, sem proteção ou armas. Sem saber o que fazer, roubou dos deuses o domínio do fogo e das artes e presenteou-os ao homem. Assim, o homem ficou com as técnicas para se conservar vivo, mas sem a arte da política.” Nesse trecho podemos perceber que a inutilidade do homem sobre os perigos do mundo era

muito evidente e impossibilitaria sua sobrevivência em meio a todas as outras criaturas, devido a isso teve-se que ajudar aquela espécie frágil, então deu-se o conhecimento do fogo para sua proteção e da arte para sua comunicação. Não somente nos foi concedido a capacidade de sermos curiosos, tanto que a curiosidade é irresistível para o ser humano, quando se há uma caixa em uma sala nós almejamos descobrir o que há dentro da mesma.

E essa curiosidade que possuímos nos é dado como uma ferramenta de sobrevivência para que possamos nos desenvolver em todos os quesitos. Então seria mesmo o homem o animal mais curioso? Se pegarmos em um contexto completo, todas as conquistas e descobertas que temos tem como base na vontade que houve de buscar o desconhecido e pôr-se a prova de conseguir “explorar o nunca explorado”, foi devido à curiosidade que o homem conseguiu ir além dos mitos e das crenças e conseguiu expandir seus horizontes e chegar até a parte desconhecida das maritimidades, podendo assim ter mais conhecimento sobre o mundo e sobre rotas possíveis para explorações.

A curiosidade natural do ser humano, o leva a explorar o ambiente que o cerca, observando, analisando, realizando experiências, procurando saber o porquê das coisas. Desta forma, busca conhecer o meio ambiente no qual está inserido. E foi através da compreensão e da explicação de inúmeros processos e fenômenos dentro de todas as áreas de conhecimento, que moldamos nosso desenvolvimento. Childe vai dizer no seu livro “A evolução cultural do homem”:

O ser humano pode ajustar-se a um número maior de ambientes do que qualquer outra criatura, multiplicar-se infinitamente mais depressa do que qualquer mamífero superior, e derrotar o urso polar, a lebre, o gavião e o tigre, em seus recursos especiais, Pelo controle do fogo e pela habilidade de fazer roupas e casas, o homem pode viver e vive e viceja, desde os pólos da Terra até o equador. Nos trens, automóveis que constrói, pode superar a mais rápida lebre ou avestruz. Nos aviões e foguetes pode subir mais alto do que a águia, e, com os telescópios, ver mais longe do que o gavião. Com armas de fogo pode derrubar animais que nenhum tigre ousaria atacar. Mas fogo, roupas, casas, trens, automóveis, aviões, telescópios e armas de fogo não são parte do corpo do homem. Eles não são

herdados no sentido biológico. O conhecimento necessário para sua produção e uso é parte do nosso legado social. Resulta de uma tradição acumulada por muitas gerações e transmitida, não pelo sangue, mas através da linguagem (fala e escrita). A compensação que o homem tem pelos seus dotes corporais relativamente pobres é o cérebro grande e complexo, centro de um extenso e delicado sistema nervoso, que lhe permite desenvolver sua própria cultura (CHILDE, 1925, p. 40).

Sendo assim parte-se desse ponto que o sujeito possui as condições de possibilidade da experiência. Existem duas fontes do conhecimento do sujeito, são essas a sensibilidade e o entendimento, a sensibilidade guia-se por meio dos objetos dados na intuição, já o entendimento dá-se por objetos pensados nos conceitos. Define-se a sensibilidade como o modo que somos afetados pelos objetos, passivamente; e intuição como a maneira direta de nos referirmos aos objetos. O funcionamento disso se dá de acordo com as sensações tidas pelos objetos, como a cor, seu cheiro, sua textura, etc. E essas sensações são o que podemos chamar de conteúdo da experiência. Mas para que a experiência tenha funcionalidade é necessário que esses conteúdos sejam colocados em formas prioritárias que são o tempo e o espaço do indivíduo, ao nos referirmos ao espaço quer dizer o exterior e os conhecimentos materiais adquiridos e o tempo é o interno de si e suas memórias, ou seja, qualquer conhecimento externo dos objetos é necessário que ordene-os em uma forma espacial, e que sem o conhecimento prévio ou uma breve ideia do que seja é impossível haver o conteúdo da experiência.

Com tudo isso podemos perceber que a curiosidade é habilidade imprescindível para nosso avanço social, tecnológico, moral, etc. Para isso lembremos do que foi retratado anteriormente e vejamos que sem a busca pelo novo e pelas ferramentas certas, nossa sobrevivência teria sido imensamente penosa. O que seria dos grandes cientistas se eles não tivessem tido a curiosidade de buscar quebrar o tradicional e guiar-se por caminhos desconhecidos? O que será de você se parar de ser curioso sobre o que pode ser melhor para você e para todos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados, conclui-se que há um

valor imprescindível para o homem: sua curiosidade. A necessidade do ser humano mostrar-se capaz de apartar-se às condições impostas pelos ambientes nos quais habitavam era indispensável, o desenvolvimento do cérebro foi um ponto que veio de acordo com o fator de luta pela sobrevivência, o raciocínio de criar as ferramentas para caçar animais para que pudesse alimentar-se, o raciocínio de pôr-se em cavernas e nessas cavernas desenhava suas vidas em paredes, entre outros fatores. Dessa forma, nos esclarece que o ser humano teve, por obrigação, evoluir da maneira como é hoje; a postura, o uso das mãos, o distanciamento comportamental dos primatas, a maneira de se postar para poder lutar com mais flexibilidade, pois devido a sua estrutura, sem presas, sem garras, sem pelos, o que nos diferenciaria seria a nossa capacidade de raciocinar e calcular nossos passos. Por todos esses aspectos, só poderemos entender o quão importante foi toda a nossa vontade de buscar, quando entendermos o quão longe fomos, quando entendermos tudo que passamos e que nos sujeitamos para a busca da aprendizagem. No século I a.c. o general romano Pompeu encorajava os seus marinheiros com a famosa frase “*Navigare necesse, vivere non est necesse.*” ou seja, “Navegar é preciso, viver não é preciso”, nos evidenciando assim que a luta para a busca do conhecimento foi árdua e dificultosa.

Nós nos tornamos “*Curious*” antes de sermos “*Sapiens*” pois para que nós possamos nos tornarmos seres verdadeiramente pensantes devemos, primeiramente, querer pensar; a curiosidade é a necessidade de saciar-se com o preenchimento de informações específicas nas quais nós almejamos alcançar naquele momento, trata-se de buscar as informações para nos adaptarmos a um mundo de incertezas, de surpresas e perigos, medos e vontades. O desejo de saber ativa nossa dopamina e nossa motivação nos faz sentir-se mais completos de conhecimentos e realizados; a teoria da pulsão também nos dá uma iluminação maior sobre esse fato, é a teoria na qual se refere que a vontade de aprender envolve o corpo e a alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENGELS, Friedrich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. **Revista trabalho necessário**. V.4, N 4. Niterói-RJ: 2006.

CHILDE, Gordon. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. MLODINOW, Leonard. De primatas a astronautas: a jor-

nada do homem em busca do conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

WINSTON, Robert. **Instinto humano**. São Paulo: Globo, 2006.

DOS SANTOS, Roberto. **O ser humano e a busca pelo conhecimento**. Webnode, 2013.

RODRIGUES, Jorge Luís. **Breve história do teatro**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná e Secretária da Educação, 2011.

SALATIEL, José Renato. **Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação: Kant - teoria do conhecimento - A síntese entre racionalismo e empirismo**. São Paulo: UOL, 2020.

DA FONSECA, Luís Adão. **O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos 15 e 16**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1992.

SHIN, Dajung Diane; KIM, Sung-i. **Freud e o Conflito Psíquico: a teoria das pulsões**. Aug 19, 2019.

A EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO DO PERÍODO PÓS- GLACIAL ATÉ O FIM DA PRÉ-HISTÓRIA

Jonhnattan Hudson Cadó Sousa¹
 Pedro Igor Rocha Nogueira dos Santos²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo contextualizar a evolução do comportamento do homem desde o período pós-glacial até o neolítico, traçando uma gênese de sua formação sociocultural e enfatizando as mudanças técnicas no processo de sobrevivência, que incluem ferramentas para caça, pesca, domesticação de animais, desenvolvimento nas técnicas de tecelagem, cerâmica e cestaria, levando ao processo longamente demorado da sedentarização com base nisto, explicaremos os resultados dessa “transformação técnica” no padrão de sobrevivência e seus efeitos para a formação de uma sociedade tipicamente sedentária, a qual nos guiou até os dias atuais, realçando sua importância no rumo social e comportamental das sociedades humanas.

No primeiro tópico que fala a respeito dos caçadores no “período pós-glacial”, o objetivo é nitidamente destacar a evolução no procedimento da caça do período glacial ao período holoceno ou, como denominado pós-glacial. Desse modo, é notável destacar os efeitos sociais e comportamentais causados pelas mudanças climáticas que alteraram de maneira radical a forma de sobrevivência e de como as sociedades humanas deveriam adquirir seus alimentos, que deixou de ser uma prática essencialmente caçadora para se transitar em uma atividade mesclada entre a caça e a atividade da coleta, que posteriormente resultou no desenvolvimento das primeiras técnicas de agricultura.

Seguindo com os próximos tópicos, iremos abordar um pouco sobre os 3 períodos marcantes da pré-história, que são paleolítico (idade da pedra lascada), mesolítico (idade média da pedra) e neolítico (idade da pedra polida). Nós iremos apresentar as características de cada um desses períodos, mostrar a evolução do comportamento do homem no meio social, objetos utilizados para caça e armazenamento, as vestimentas desses homens, as presas que eram caçadas, entre diversas outras curiosidades que irão ser desenvolvidas ao decorrer do trabalho.

1 Graduando em licenciatura plena em história. jonhnattan.sousa@aluno.uepb.edu.br

2 Graduando em licenciatura plena em história. pedro.nogueira@aluno.uepb.edu.br

PÓS-GLACIÁRIO

Em primeiro lugar, é importante destacar as mudanças climáticas que ocorreram neste período e seus reflexos nos aspectos geográficos da terra. A última era glacial começou a cem mil anos , e seus impactos afetam principalmente a fauna e a flora terrestre, com uma enorme cobertura de gelo, que ficou conhecida como “manto de gelo”, cobrindo boa parte do solo e impedindo que houvesse a coleta de frutas, verduras e legumes. Diante dessa pouca oferta de alimentos e da necessidade de estocar enormes quantidades de alimento, já que não podiam sempre estar expostos ao frio, o homem passa a se dedicar com mais vigor a atividade da caça e pesca, com foco em animais com grande quantidade de carne, como os mamutes e também começam a desenvolver ferramentas precursoras da tecelagem, como as agulhas de osso , que teciam roupas com peles de animais e , também fogões rústicos para o cozimento de alimentos, já que o aquecimento das comidas era importante para amolecer a carne, dando uma textura mais agradável e regular a temperatura do corpo humano em uma época “congelante” por assim dizer.

Diante dessa necessidade de adaptação ao meio, o homem passa a ter uma vida social mais compacta , estabilizada e estagnada em um certo local, no caso, as cavernas; que passa a sofrer drásticas alterações com o aquecimento do planeta, que resulta posteriormente no fim da era glacial e no início do período holoceno. Com o aquecimento do globo , os animais que até então não foram extintos, passam a não ter mais a necessidade de viver nos poucos lugares onde há oferta de comida , e passam a migrar para outras regiões da terra a fim de suprir suas necessidades, e a partir daí , o homem passa desenvolver e aprimorar ferramentas de caça e pesca para obter uma maior certeza na captura de animais difíceis de serem caçados. Além disso, o homem passou a domesticar animais, prendendo-os em currais , que foram feitos com ovelhas e os bois, com o intuito de tirar um bom proveito do que poderiam produzir e não ter o trabalho de migrar para outros lugares para caçá-los.

Com essa dificuldade na caça e facilidade na coleta de alimentos, as sociedades humanas passam a atribuir um foco maior para as frutas e legumes, e não somente na caça, como era outrora , e isso faz com que permaneçam e visam sempre procurar ambientes ricos em diversidade alimentícia frutífera, principalmente nas épocas de seca e isso por sua vez , possibilita uma interação maior com o meio natural, surgindo

através de muita observação empírica, a ideia de semear e cruzar plantas silvestres. A partir dessa observação e produção de conhecimento a respeito das plantas, nasceram técnicas mais aperfeiçoadas de plantio e cultivo, e por sua vez resultou no desenvolvimento da agricultura.

Outro fator que também deve ser observado com cautela durante esse período, é o fator das relações sociais dentro de uma comunidade. No período pós-glacial, devido a influência do meio externo ser extremamente rigorosa, no que tange a mobilidade e disponibilidade de alimentos, a sociedade e as famílias que a constituíam passaram a ser mais entrelaçadas, no que concerne a laços afetivos e passaram a trabalhar de uma forma mais comunitária, a fim de que juntos, pudessem dispor de alimentos e, com união e firmeza, enfrentar as condições climáticas, fazendo com que assim, assegure a sua sobrevivência. Com base nisso, é possível pensar que as famílias deveriam ser mais unidas, trabalharem para um bem comum e apresentarem um código de conduta extremamente rigoroso, na qual quem o desobedecesse ou trabalhasse por interesses próprios sofreria drásticas punições ou seria expulso do grupo, o que era muito temido, já que as chances de sobrevivência sem o bando eram mínimas e isso também refletiu na maneira de como era repartida a caça, já que deveriam trabalhar para um bem comum, era banal que até então depois da caça os alimentos fossem divididos e extremamente delimitados de acordo com as diretrizes da comunidade para a divisão.

Por conseguinte, no período pós-glacial, devido a uma forte alteração do meio, houve uma série de mudanças nessas relações comunitárias que até então eram muito compactas e “congeladas” a disponibilidade de recursos e alimentos, o homem passou a não temer mais o “exílio” ou a expulsão do grupo e isso levou a cabo para que houvesse um “abertura” no código de conduta moral dessas sociedades. Diante disso, somado a pouca oferta de caça (com a migração dos animais) gerou um enorme conflito entre essas sociedades de caçadores que posteriormente se tornaram coletores, resultando numa diminuição demográfica do número de seres humanos (os *cro-magnon*) que, posteriormente passaram a habitar o continente europeu e asiático.

Com essa “migração forçada” para outros locais, o homem além de desenvolver o hábito de plantar e colher, também passou a ter as primeiras noções de propriedade e as terras passaram a ser extremamente disputadas devido ao seu perfil biótico de assegurar melhores condições de vida, e a humanidade “passou do estado de selvageria para a barbárie”, como conceitua o etnólogo Lewis Morgan, que inspirou Friedrich Engels a escrever o livro: “A família, a propriedade e o Estado”. Partin-

do desse ponto, pode-se deduzir que houve a criação de grupos sociais mais organizados e conseqüentemente de uma sociedade estratificada em classes sociais, já que havia a necessidade de haver uma divisão social na qual houvesse uma separação nos ramos do trabalho, gestão e, devido às constantes guerras, a defesa.

A grosso modo, partindo dessa ideia do surgimento de classes sociais, também houve a idéia da construção de um estado, nascido do contrato social, como enfatiza Thomas hobbes , e que defendesse a propriedade do povo e fosse capaz de regular conflitos entre os indivíduos na sociedade, mas como se sabe que o Estado poderia atender os interesses de alguns poucos, começa a nascer aí o conceito de luta de classes, definido por Karl Marx , em que o homem passa a guerrear pela propriedade (terras e animais) e a caça passa a ser mais restrita.

PALEOLÍTICO

A Idade da Pedra Lascada ou Paleolítico, de παλαιός λίθος – palaiós lithos –, antiga pedra (DICIONÁRIO ACADÊMICO, 2009), se refere ao primeiro período de surgimento humano. O nome se deve evidentemente à utilização da pedra lapidada em forma de lâmina, necessária à caça, colheita e construção de utensílios. A descoberta que marca esse período é o fogo. Teve início há cerca de 2,5 milhões de anos e teve fim a 10.000 a.C. Vale ressaltar que o termo “paleolítico” foi citado pela primeira vez pelo cientista John Lubbock na sua obra “Prehistoric Times” no ano de 1913. No paleolítico, o homem começou a habitar em cavernas devido a clima que era muito frio por conta das geleiras da era-glacial, e também pela necessidade de se aquecer o homem acabou descobrindo o fogo, que além de utilizarem para se aquecer, utilizavam também, para cozinhar os alimentos. Nesse período, se caçava com ossos, madeiras, marfim e principalmente, as famosas lascas de pedras. Como o homem vivia nas cavernas, foi então desenvolvendo o hábito de desenho nas paredes, pela necessidade de representar seu dia-a-dia e suas novas descobertas, então disso foi originado o termo “pinturas rupestres”, que são as pinturas feitas nas paredes das cavernas pelo homem daquele período.

Como não havia nenhum conhecimento relativo à agricultura ou pecuária, os pequenos grupos humanos que habitavam o sul europeu e o norte africano eram nômades. Sua migração dependia exclusivamente da busca por alimento, conforme os vegetais e os animais iam se tornando escasso, se buscava uma nova terra. O interessante é que

para alguns historiadores e arqueólogos, o período do paleolítico foi dividido em três etapas, o paleolítico inferior, médio e o superior. No inferior foi quando surgiram os primeiros hominídeos encontrados na África que no caso eram o australopithecus, homo habilis e o homo erectus. No médio, houve o aparecimento do Homem de Neandertal na Europa. Já no superior, houve um grande resfriamento no planeta e o norte da Europa ficou coberta de gelo como consequência da quarta glaciação, e então os homens começaram a habitar nas cavernas para se proteger do frio, e também caçavam animais como: mamutes, bisões e renas, utilizando para isso armadilhas que eram montadas no chão. No paleolítico existiu uma religião bastante primitiva, que era baseada na mulher sendo uma espécie de “deusa”, pois associavam a ela o poder de dar a vida.

As estatuetas femininas representam o “culto da fertilidade” praticado por esses humanos. Esculpidas em pedra, osso ou marfim, possuem nádegas, seios e barrigas volumosas, além de terem a vulva sempre à mostra. Representam a “Grande Mãe” e a “Deusa”. André Leroi-Gourhan constata que a arte desse período expressa alguma forma incipiente de religião, na qual figuras e símbolos femininos ocupam posição central. (BEZERRA, 2011, p.2).

Foram descobertas também, no abrigo de rochas Cro-Magnon em Les Eyzies, conchas cauris, descritas como “o portal por onde uma criança vem ao mundo”; eram cobertas por um pigmento de cor vermelho ocre, que simbolizava o sangue, e estavam intimamente ligadas ao ritual de adoração às estatuetas femininas, que evidenciaram a função da mulher no período.

Uma curiosidade bem interessante é que, no Brasil não existiu o período paleolítico, pois quando os nativos americanos ou vindo do norte pelo Canadá, ou vindo pelo sul, já chegaram por aqui sabendo manusear a pedra polida. Também já tinham conhecimento da agricultura, e as tribos tinham um certo conhecimento da matemática, pois também já construíam monumentos como pirâmides.

MESOLÍTICO

O mesolítico, nada mais foi do que o período de transição entre

o paleolítico e neolítico, que se deu entre os anos 13.000 a.C. até 9.000 a.C., que significa em outras palavras “Idade média da pedra”. Foi nesse período que além de serem as últimas sociedades de caçadores-coletores, começaram os primeiros indícios de sedentarização, pois com o clima ameno, o homem descobriu que soltando a semente no chão começavam a nascer plantas que davam frutos, e também começaram a cuidar de pequenas crias de animais colocando-os em currais. Assim o homem conseguia manter-se de carne, leite, pele e lã. Nesse período também começaram os trabalhos domésticos.

Após o último período glacial, existiu uma enorme mudança de clima que permitiu a formação de grandes faixas de estepes nas florestas da Eurásia e América do norte, e grandes mamíferos que eram base da dieta do homem do paleolítico, se extinguíram ou imigraram, animais como mamutes e rinocerontes-lanudos simplesmente desapareceram, e as renas e os bisões emigraram para o norte.

Como já foi falado, nesse tempo começaram a domesticação dos animais, e como todos nós já ouvimos algum dia das nossas vidas aquela frase: “o cão é o melhor amigo do homem”, desde esse período os cães eram os companheiros do homem na hora da caça, e sempre estavam presente em diversos momentos. As principais presas que eram caçadas nesse tempo, eram os cervos e os javalis, os homens também se alimentavam de pequenos mamíferos, aves, frutos e raízes.

NEOLÍTICO

O período neolítico durou de 8.000 a.C. até 3.000 a.C, ficou conhecido também como “período da pedra polida”, ganhou esse nome pois, nessa época, os humanos começaram a polir as pedras para fazerem seus instrumentos de caça, como pontas de lanças, pontas de flechas, e machados. Com o aparecimento da agricultura, os grupos humanos não precisavam mais se deslocar em períodos de escassez na busca por alimento, eles descobriram que podiam permanecer num local, e nesse local, começar o cultivo de plantações. Eram escolhidos lugares próximos dos rios para a construção das aldeias, pois com isso os povos iriam usufruir da terra fértil(onde eram colocadas as sementes para plantio) e água para os homens e animais. A fixação em territórios fez surgir muito mais do que a noção de propriedade privada, a partir daquele período, surgiram as primeiras disputas de terras, pois os novos grupos humanos passariam a lutar pelas localidades mais férteis, onde haveria melhor possibilidade de desenvolvimento. Ademais, em parale-

lo à descoberta da cultura agrícola, os humanos passaram a domesticar os animais – porcos, galinhas, ovelhas, cães e cavalos – para servirem de alimento, segurança e tração.

O homem-caçador tornou-se homem-pastor, enquanto que a mulher-colhedora se transformou em mulher-fazendeira. A domesticação animal começou com as cabras ou mais provavelmente ovelhas, sendo que os primeiros agricultores logo aprenderam que as ovelhas segregadas não produziam cordeiros nem leite. Quando um ou dois carneiros eram introduzidos no rebanho, os resultados eram espetaculares (LINZ, 2013, p. 45).

É interessante falar também, que no neolítico, começa a surgir os primeiros indícios de comércio, pois com o aparecimento do “dinheiro”, que no caso eram sementes, que cada qual tinha seu valor determinado, eram usadas para comprar peças de artesanato, outras sementes, utensílios para as aldeias e roupas de lã, linho e algodão, pois o homem não estava utilizando as mesmas roupas pesadas de pele de animais, pois dificultava na caça.

A religião no neolítico apareceu pelo mistério do nascimento, da morte e do renascimento identificado no ritmo da vegetação. As crises que põem a colheita em perigo (inundações, secas entre outros) serão traduzidas, para serem compreendidas, aceitas e dominadas, em dramas mitológicos. A mulher teve um papel importante para a domesticação das plantas, ela que conhecia o “mistério” da criação. Fértil e fecunda como a terra, foi responsável pela abundância das colheitas. Em todos os sítios arqueológicos do neolítico encontramos a religião centrada no culto à Deusa. Por exemplo, em Çatal Huyuk,

A principal divindade é a deusa, apresentada sob três aspectos: mulher jovem, mãe dando à luz um filho (ou um touro), e velha (acompanhadas às vezes de uma ave de rapina). A divindade masculina aparece sob a forma de um rapaz adolescente –o filho ou o amante da deusa –e de um adulto barbudo, ocasionalmente montado sobre um animal sagrado, o touro. (ELIADE, 2010, p.55).

Ao longo do desenvolvimento de sociedades sedentárias, as doenças se espalharam de forma mais acelerada do que durante o tempo em que as sociedades eram nômades. Práticas sanitárias inadequadas e a domesticação de animais são as principais causas do aumento de mortes e doenças após a revolução neolítica, à medida que as doenças saltaram dos animais para a população humana. Alguns exemplos de doenças transmitidas de animais para humanos são gripe, varíola e sarampo. Em concordância com um processo de seleção natural, os humanos que primeiro domesticaram os grandes mamíferos rapidamente acumularam imunidade às doenças, pois dentro de cada geração os indivíduos com as melhores imunidades tinham melhores chances de sobrevivência.

Após as mudanças climáticas que criaram melhores condições de vida para os homens e animais. Com as geleiras, os animais portentosos foram extintos, dando lugar a uma fauna mais parecida com a que temos hoje, e os rios, desertos e florestas tropicais foram formados, o que possibilitou um contato humano mais intenso com a natureza. Com a constante evolução do homem, ele começou a aprender a fundir metais, começando prioritariamente com o cobre. E chegando assim, segundo a determinação de historiadores e arqueólogos, o fim da Pré-História, e o início da Idade dos Metais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a questão da adaptação do ser humano, com a leitura dos textos, analisamos que nós temos realmente a capacidade de nos adaptarmos a todas as situações. Um exemplo é que enquanto o planeta estava extremamente frio o homem deu um jeito e descobriu o fogo, para assim, aquecer-se e cozer seus alimentos. Além disso, observamos como a descoberta de que os homens podiam ficar num lugar fixo, sem ter que se preocupar em se mudar quando faltassem alimentos, pois sozinhos conseguiram desenvolver a questão da agricultura e da pecuária, e além disso, é sabido que houve a necessidade da repartição de tarefas, repartição essa que também foi desenvolvida para que se pudesse haver um crescimento da comunidade.

Portanto, podemos concluir que o estudo do comportamento do homem nos períodos citados contribui de maneira significativa para o estudo da sociologia e da análise minuciosa da evolução dos comportamentos humanos. Sobre a égide de que o ser humano se adapta ao meio, podemos constatar que o instinto humano evoluiu no decorrer

dos tempos, fazendo com que aqueles que se adaptassem ao meio tivessem mais chance de sobrevivência do que aqueles que não eram capazes de se adequar ao meio (seleção natural), podemos mostrar a eficiência do ser humano na transformação do ambiente e os caminhos que ele percorreu para que se chegasse a uma sociedade sedentária a qual serviu como base para chegássemos onde chegamos hoje. Também explicamos o que esse processo de sedentarização aliado a domesticação de animais, criou as primeiras noções de propriedade e divisão de classes que, por sua vez, culminou no surgimento do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAID, Felipe. Homofobia e misoginia na pré-história: genealogia da violência, **Revista Ártemis**, Vol. XXI jan-jul 2016, pp.27-36.

ARSUAGA, Juan Luis. **El collar del neandertal** 2ª edición, 2002 Barcelona: Plaza y Janés.

BEZERRA, Karina. **História geral das religiões**. 2011.

BORTOLI, Marcelo. **Em busca da era glacial**. 2004.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**, volume I: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. **Dicionário das religiões**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LINZ, Regina Navarro. **O livro do Amor I: Pré-história à Renascença**. de Janeiro: Bestseller, 2013.

WILSON, Robert. **Instinto Humano**. Editora O Globo, 2006 p.17-19.

A IMPORTÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO HUMANA NA BUSCA DE PODER E DOMÍNIO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO

José Caynan Nascimento Silva¹
Ithalo Christian Rodrigues Moreira²

AS PRIMEIRAS NECESSIDADES DE SE SOCIALIZAR

Entender o comportamento do homem pré-histórico não é uma tarefa simples, tendo em vista que as únicas fontes e meios de conhecimento que temos sobre eles, vem de fósseis ou objetos pessoais, como armas brancas, por isso demarcar exatamente como ocorria sua socialização é complicado. Encontramos uma arte rupestre em Carnaúba dos Dantas/RN, no sítio Xique - Xique I, que representa o que iremos falar neste trabalho, na arte é mostrado vários homens caçando, realizando práticas sexuais, dançando, além de mostrar cenas lúdicas de violência, compondo o que chamamos de socialização, a necessidade de se alimentar, gerar energia e trabalho, além da necessidade biológica, era maior, e o fato de o ser humano apenas contar com seu intelecto, não possuindo outra defesa, o fez criar armas, abrigos e andar em bandos.

[...] mas será que realmente se pode reconstruir a vida de uma população que nos deixou apenas seus dejetos alimentares e utensílios abandonados? Já temos dificuldade em reconstituir a vida no Egito faraônico [...] (CONDEMI; SAVATIER, 2018, p.6).

De acordo com François Savatier (2009), entender toda a trajetória da humanidade é uma tarefa árdua que necessita de compromisso e dedicação. De acordo com as pesquisas feitas por diversos grupos científicos, juntamente com pesquisadores do ramo, como paleontólogos e historiadores, podemos analisar vários aspectos para tentar demarcar a cultura desses povos, aspectos esses como as maneiras que se enterravam os mortos e os objetos que eram enterrados junto a eles, mostrando muito sobre a religião daqueles indivíduos, o que acredita-

1 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: jose.caynan@aluno.uepb.edu.br

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: ithalo.moreira@aluno.uepb.edu.br

vam e o que cultuavam, como cita Fustel de Coullanges, em sua obra, *A Cidade Antiga* (2009), na qual ele menciona que o fogo sagrado era um culto que vinha de tradições e que por muito tempo estava estabelecido na cultura de muitas civilizações.

Questões como essas, que nos fazem compreender que apesar de difícil entendermos a vida do homem pré-histórico, ainda é possível deduzir como vários aspectos de sua cultura aconteceram, e quais foram as consequências dela para a humanidade. O homem sempre achou por bem ter seu ciclo de “fiéis escudeiros”, pessoas que se podia confiar e que estariam em todas as batalhas. A caça e a pesca, eram rotineiros na vida do homem pré-histórico, com isso vinham as batalhas com outros povos em disputa de diversas regalias, como, carne, água, terras e até mesmo fogo, como mostra o filme de 1982, *A Guerra do Fogo*.

Com isso tudo acontecendo, era de extrema importância para a vida, a interação a partir da socialização que irá nascer laços, amizades, acordos, família, cultura e civilização. “[...] e ainda assim, você não faz pré-história coletando machados de pedra, assim como você não faz botânica colhendo vegetais para salada.” (Leroi-Gourhan, 1986), Gourhan com essa frase, nos mostra que temos que analisar esses povos de forma humana, não apenas para estudos científicos, e nos questionar quanto à evolução do homem, o bem e o mal que ela trouxe.

COMO ERA A VIDA DO HOMEM PRÉ-HISTÓRICO?

Segundo historiadores do século XIX, só podemos enquadrar as sociedades na história, se elas já tiverem a escrita, termo hoje muito controverso, já que temos inúmeras sociedades que ainda não a possuem. Já dizia Chris Gosden em seu livro, *Pré-História: uma breve introdução*, “grande parte da nossa vida é física, não verbal, envolve uma compreensão corporal das propriedades físicas dos objetos e das ações sociais dos outros (que podem ser pessoas, ou ainda plantas e animais)” (GOSDEN, 2012, p.160). Portanto, demarcando em sua obra que não irá usar o termo pré-história como ele é usado no século XIX, na qual ele é delimitado para citar a passagem da “selvageria” para a condição civilizatória, já que ele observa na pré-história, maneiras de entender o futuro, chamando de pré- história do futuro, e mostrando que a escrita não deve ser fator importante nesta definição.

Sendo assim, utilizando esse conceito em nossos estudos, pois veremos o andar do homem desde o passado, para entendermos o que acontece hoje, podemos definir que as sociedades que viveram até

4.000 anos a.C, tempo aproximado do surgimento da escrita cuneiforme, eram chamadas de pré-históricas (no conceito do século XIX), esse período pode ser dividido em duas grandes etapas: idade da pedra e idade dos metais.

IDADE DA PEDRA

Esse período compreende a humanidade desde o seu surgimento, e também pode ser chamado de paleolítico ou idade da pedra lascada, que vai até meados de 8.000 anos a.C. Sendo retratados os primeiros homínídeos, os chamados *Australopithecus*, vivendo nesse correspondente de tempo, as primeiras formas de vida tinham hábitos nômades, não se fixando em um determinado local, “Suas características foram o nomadismo e a subsistência baseada na caça, como também pesca e coleta de vegetais[...]” (BRANCO, J. A. M. ; HEUER, P. J. W, 2007, p.02) e sempre estavam em movimento em busca de algo, moravam em cavernas ou qualquer outro ambiente que pudesse ser habitável, muitas vezes precisando dividir sua “casa” com animais selvagens e muita mata, sendo submetidos à condições insalubres em muitos casos.

J. A. M. ; HEUER, P. J. W, eles viviam da pesca e da coleta, com coleta podemos chamá-los de carniceiros, pois, se aproveitavam dos restos mortais deixados por outros animais carnívoros, para evitar o confronto com animais mais fortes, já que no início não se tinham armas.

Muitos anos depois, na finalização do período da idade da pedra lascada, começaram a se produzir as primeiras ferramentas de pedra e ossos, como lanças e facas, utilizando materiais como o sílex, pedra bastante resistente e afiada, como mostra no livro, Introdução ao Estudo da Pedra lascada, de Francisco Gibaja e Faustino Carvalho (2012), e a partir daí a coleta passou a ser deixada mais de lado, porque agora o homem podia caçar e se defender. Os objetos confeccionados eram divididos para todos do bando, a grande maioria homens, já que desde esse período a sociedade era patriarcal, como retrata o filme, A Tribo da Caverna do Urso, de 1986, isso é o que chamamos de civilização.

A linguagem desses povos era pouco desenvolvida, posto que não dominavam sequer o fogo.

Portanto, a comunicação era em alguns casos, feita por meio de pinturas, que hoje chamamos de pinturas rupestres, pelo qual o homem pré-histórico mostrava seus sentimentos e seu dia a dia, ponto essencial para entendermos como eram a vida dos mesmos, como as pinturas ci-

tadas no início de nosso estudo, mostrando como a arte foi também de extrema importância para o desenvolvimento humano.

A arte está para a vida como o vinho para a uva - disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material (VIGOTSKI, 1999, p.308).

IDADE DA PEDRA POLIDA OU PERÍODO NEOLÍTICO

Nessa fase que compreende de 8.000 anos a.C., até 5.000 anos a.C., o homem já havia melhorado suas habilidades, ele havia descoberto algo inovador, o fogo. A dominação do mesmo alavancou muito a evolução humana, visto que, agora o homem poderia cozinhar seus alimentos, evitando riscos de infecção e deixando o alimento mais saboroso, poderiam iluminar os locais que moravam, podiam se abrigar no fogo, afastando animais e insetos, e obtendo calor. Além dessa descoberta, nesse período o homem passou a cultivar a agricultura e a domesticação de animais, e desta forma passando não mais a dependerem unicamente da natureza, dessa vez eles podiam ter seus próprios alimentos, e os animais foram de extrema importância, já que serviam para ajudarem nas caças, protegerem as famílias e servirem de transporte.

Começou-se nessa fase a fabricação de utensílios mais úteis, que eram polidos na areia, por isso o nome Idade da pedra polida, também passaram a criar objetos de cerâmica para guardar o excedente agrícola, a fabricação de roupas de linho e lã passaram a existir, e as comunicações foram começando a ganhar formas, graças ao surgimento de uma organização social, gerada por laços, idiomas e costumes, formando assim as primeiras pirâmides sociais, a partir daí chegamos perto da civilização que conhecemos hoje. “O aparecimento do sedentarismo permitiu o aumento populacional e o surgimento de organizações sociais mais complexas, com divisão social do trabalho e especialização de funções”(BRANCO, J. A. M.; HEUER, P. J. W, 2007, p.2).

IDADE DOS METAIS

Com o abandono das técnicas primitivas, onde pedras e ossos eram as principais matérias pra fazer armas, a humanidade passou a

evoluir e desenvolver outras culturas bélicas, utilizando de início metais como, cobre ou estanho, depois da união dos dois, formou o bronze, metal mais forte e mais resistente. O ferro era um metal mais complexo de ser trabalhado, já que necessitava de mais domínio do fogo e mais experiência, portanto se difundiu lentamente, mas as primeiras sociedades que passaram a manipular o derretimento do ferro para fabricação de armas, passaram a ser os maiores conquistadores, já que uma espada de ferro não é páreo para uma de bronze por exemplo, a vantagem estaria, lógico, para os mais evoluídos. Assim começa a formar a humanidade que conhecemos hoje, com o surgimento dos primeiros grupos de pessoas, emoldurando o que futuramente chamamos de civilização.

Esse período também foi marcado pelo aparecimento das cidades, que Gordon Childe (1892- 1957), nomeia de revolução urbana (CHILDE, 1930). Esse processo de formação de cidades, como podemos notar, é o fator primordial para a conquista da civilização, pois desta forma, o homem estaria concentrado em seus grupos sociais, formando as pirâmides e o futuro comércio, outro ponto importante nessa construção.

MESOPOTÂMIA, O BERÇO DA CIVILIZAÇÃO ORIENTAL

A mais antiga civilização que se tem notícia, a Mesopotâmia, do grego, que significa “terra entre rios”, uma menção à condição geográfica da mesopotâmia, já que era localizada entre os rios Tigre e Eufrates, o que possibilitou o aparecimento de vida e manutenção da mesma. A região se configura em um excelente ponto para cultivar a agricultura, já que com as cheias dos rios, o acúmulo de matéria orgânica era imenso, então as terras eram férteis e favoráveis ao sedentarismo. As primeiras cidades habitadas por povos como sumérios, assírios e caldeus, foram chamadas de *Ur*, *Uruk* e *Nipur*, tinham autonomia própria, e eram chamadas de cidades- estado. Foi ali onde nasceu a primeira escrita conhecida, a escrita cuneiforme, entrando no termo preconceituoso, segundo Gosden (2012), de “história”, saindo da “pré-história”. Veremos que desde a conquista do fogo e elementos essenciais como armas, a humanidade criou-se um sentimento escrupuloso de conquista e poder, como dizia Yuval Noah Harari, “[...] esses humanos arcaicos amavam, brincavam, formavam laços fortes de amizade e competiam por status e poder [...]” (HARARI, 2015, p. 9).

Não foi diferente com a primeira civilização do mundo, pois os

sumérios que dominavam aquela região, que hoje fica o atual Iraque, foram invadidos pelos povos Acádios, que instauraram seu império, tendo como rei Sargão I, mas não durou muito tempo, quando logo depois veio os povos amoritas, ou mais conhecidos como babilônicos, transformando a babilônia, na mesopotâmia, um grande centro comercial, tendo como rei mais importante Hamurábi, que criou posteriormente o Código de Hamurábi. Configurando nossa razão para a seguinte reflexão desde o início, a socialização humana foi de certo bom ou ruim para a construção das civilizações?

COMO O SURGIMENTO DAS CIVILIZAÇÕES AFETOU O CONVÍVIO HUMANO?

Segundo o psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), em sua obra, *O Mal-Estar da Civilização*, todo homem é inimigo natural da civilização, pois o mesmo tende a ter comportamentos agressivos, anti sociais e anticulturais (1930), obviamente em seus estudos esta vertente foi colocada em outros métodos, mas podemos tomá-la como base para descrever como os processos civilizatórios influíram no retrato que o homem passou a ter para Freud. A busca por poder, riqueza, território, mão-de-obra, mantimentos e até formação de grandes exércitos, tornaram o homem pouco sentimentalista e frio, quando as conquistas na Mesopotâmia e no antigo Egito ocorreram, o único intuito era dominação, quando reis e imperadores destruíram povos inocentes e os babilônicos atearam fogo em Jerusalém, o único intuito era a busca de poder, sem pensar que ali havia uma civilização, o conceito da mesma acaba por se denegrir quando vemos fatores como esse.

A socialização do homem, e o andar do mesmo, desde a criação do fogo, nada mais é que um retro evolucionismo, somos marcados por uma história enopada de conflitos, onde nenhuma civilização se desenvolveu e existe até hoje, a Mesopotâmia caiu, o Egito caiu, Grécia caiu, Roma caiu. O chamado Regime de Historicidade dito por Hartog, mostra que vivemos em um regime presentista, onde o nosso presente é marcado por eventos impactantes, se tornando ainda mais evidente na obra *A Última Catástrofe* (2016), seguindo o pensamento de Hartog, mostrando que todo grande evento ficaria estampado no nosso presente.

Sendo assim lhes faço o questionamento, se desde o surgimento da humanidade, a conquista da civilização além de ser um marco histórico e evolutivo, é um marco histórico e retrógrado, já que demarca o fim das próprias civilizações sendo conquistadas por outras, mostrando

o quão nossa história é marcada por sangue e batalhas, qual seria o nosso último conflito? Você acha que nosso futuro sobreviveria? E se sobrevivesse, você viveria nele.

BATALHAS QUE A HUMANIDADE PASSOU, INDO DA CRIAÇÃO DO FOGO, ATÉ ÀS BOMBAS ATÔMICAS - GUERRAS NA PRÉ-HISTÓRIA

Os conflitos entre povos humanos podem ter sido iniciados muito antes do que imaginávamos, ou seja, há possibilidades de terem existido guerras no período em que a população era nômade. Inicialmente, vale lembrar que no período correspondente ao nomadismo os povos que ali habitavam, não pode ser considerados no sentido literal, uma sociedade civilizatória, pois viviam em níveis de organização necessários para sua sobrevivência, mas não possuíam níveis de hierarquia que definem um bom funcionamento de uma sociedade, como é presente na fase correspondente ao sedentarismo.

Como os nômades não deixaram rastros de seus hábitos e culturas, o único meio de compreender o que aconteceu com aqueles povos é por meio de pesquisas mais aprofundadas como escavações, realizadas por paleontólogos e arqueólogos. Através desses estudos, chegaram a divergências entre grupos de pesquisadores, se existiu ou não guerras entre esses povos. A revista britânica *Nature*, divulgou os estudos de um grupo de pesquisadores da Universidade de Cambridge do Reino Unido, realizado em 2012, liderados por Marta Mirazón Lahr e Robert Foley 10 que afirmam terem encontrado indícios de que houve conflito entre dois grupos nômades, às margens do lago Turkana, no Quênia. Foram encontrados nas escavações, crânios que apresentavam marcas de violência por meio de lâminas, dentre outros restos mortais de 27 pessoas.

Essa descoberta trouxe à tona que apesar do que todos achavam, os resquícios de possíveis atos de violência física em confrontos já existiam há mais de 10 mil anos. Mas qual seria o motivo de tais conflitos? Acredita-se que houve uma disputa por alimentos e território, pois de acordo com a localização geográfica, o lago Turkana seria um ótimo lugar para sobrevivência, além dos recursos hídricos ainda teria alimentos disponíveis para a colheita. O que de certa maneira surpreendeu até quem estava pesquisando. “O mais importante da descoberta de Nataruk não é a data, pois acredito que a violência intergrupala pode ser até mais antiga. Mas sim o fato de o conflito ter ocorrido entre dois

grupos de caçadores coletores”, afirmou Marta.

Logo, é notório que o histórico de conflitos entre povos é mais antigo do que se imaginava. Esses conflitos iniciam-se no momento pré-histórico, e foram intensificando-se ao longo dos anos, atingindo até o seu ápice (até o momento atual) na Segunda Guerra Mundial, em que se obtiveram mais de 60 milhões de mortes.

A CONQUISTA DE TERRITÓRIOS POR ALEXANDRE, O GRANDE

Filho do rei Felipe II da Macedônia, Alexandre, o Grande ficou conhecido como o maior conquistador de territórios da história, apesar de ter reinado por doze anos, seu maior legado foi o império gigantesco que formou. Alexandre se tornou rei com 20 anos e apesar da pouca idade, já carregava um vasto conhecimento, pois teria sido aluno de Aristóteles e já havia assumido o trono temporariamente, enquanto o seu pai estava liderando um ataque contra a cidade de Bizâncio, na Turquia.

General aos 16 anos, rei aos 20, conquistador do império mais poderoso do mundo aos 26, morto aos 33 — Alexandre da Macedônia (conhecido como Iskander nas terras muçulmanas) se tornou um ícone de liderança nas lendas tanto do Oriente como do Ocidente (Weir, 2009, p. 36).

Em busca do domínio da Persa, a primeira conquista de Alexandre foi em Helesponto, na chamada Batalha de Grânico, no qual saíram vitoriosos. A Batalha de Isso, ocorrida onde hoje corresponde à Síria, também teve os gregos-macedônios como vitoriosos. A última batalha foi chamada de Batalha da Gaugamela, localizada em Arbela, o centro do poder da Persa. Esse último confronto foi decisivo e ficou marcado historicamente principalmente pelo número desproporcional entre os dois exércitos. Após a vitória de Alexandre, ele se consagrou como o Senhor da Ásia.

AS GUERRAS MÉDICAS

As Guerras Médicas correspondem aos conflitos entre os povos gregos e os medos-persas durante o século V a.C, ocorridos na região do Mediterrâneo Oriental e ficou conhecida também como Guerras Per-

sas ou Greco-Pérsica. Uma das principais causas da Guerra, se deve a expansão do território persa, e isso significava conquistar colônias gregas. Tal conquista implicaria no domínio do comércio marítimo do Mar Egeu, rota marítima que interligava a polis grega e o império persa. As Guerras Médicas são divididas em dois períodos: Primeira Guerra Médica e Segunda Guerra Médica.

PRIMEIRA GUERRA MÉDICA

A primeira parte da guerra ocorreu no período de 490 a.C., Foi liderado pelo imperador persa Dario I, ele foi responsável por coordenar a invasão no território Grego. A principal batalha desta primeira fase é chamada de Batalha de Maratona, foi chamada assim, pois era o nome de onde ocorreu a batalha. Esta Batalha pôs fim à primeira fase da guerra, na qual o exército persa estava em maior número, mesmo assim, foi surpreendido pelo exército grego na sua maioria formado por cidadãos comuns.

SEGUNDA GUERRA MÉDICA

A segunda fase ocorreu 10 anos após a primeira com a liderança do imperador Xerxes I. Nesse período, os gregos já tinham certo receio de um novo ataque persa, isso os levaram a criar uma Confederação de Delos que se tratava de uma organização militar formada por Atenas para proteger as cidades gregas das tropas do império persa. Esta fase é dividida em 3 batalhas: Batalha de Termópilas, Batalha de Salamina e Batalha de Platéia.

BATALHA DAS TERMÓPILAS

Ocorreu em 480 a. C., no desfiladeiro de Termópilas, na Grécia. Apesar de muito tempo ter se passado, esse acontecimento ainda é estudado por muitos historiadores, tanto por ter representado uma grande estratégia militar, tanto pela quantidade de número duvidoso de soldados persas envolvidos. Segundo Heródoto, chegaram a ser mais de 5 milhões de soldados, mas, atualmente, historiadores estimam que haviam aproximadamente apenas 200 mil soldados, o que de certa forma ainda torna um número bem superior às tropas gregas.

BATALHA DE SALAMINA

Foi uma batalha em que a estratégia foi fundamental, após importantes conquistas os persas foram obrigados a recuar rumo à Ásia Menor. Os embates foram até o ano de 470 a. C., no qual os persas saíram totalmente derrotados.

BATALHA DE PLATÉIA

Foi o último confronto na Batalha das Guerras Médicas, iniciou-se em julho de 479 a. C., deixando mais de 50 mil mortos persas, sacramentando a vitória grega. Principais consequências das Guerras Médicas. Dentre as inúmeras consequências causadas pelas Guerras Médicas, pode-se destacar a rivalidade entre Atenas e Esparta, enfraquecimento do império persa, ascensão de Atenas, revigoração da democracia, dentre outros.

A CONFERÊNCIA DE BERLIM

A Conferência de Berlim ocorreu entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, na Alemanha. Foi liderada por *Otto von Bismarck* (1815-1898), a conferência durou 3 meses e todas as reuniões aconteceram em sigilo absoluto. Com o intuito de dividir o continente africano entre os países imperialistas do século XXI, a conferência tinha suas maiores causas a liberação do comércio na bacia do Congo e no rio Níger, além de assegurar a luta pelo fim da escravidão no continente africano.

CONSEQUÊNCIAS DA CONFERÊNCIA DE BERLIM

Uma das maiores consequências foi a divisão do território africano entre os países integrantes e a extensa exploração dos recursos naturais, além de continuidade da disputa acirrada pelas fronteiras pelos países imperialistas na África, que logo mais tarde causaria a Primeira Guerra Mundial, e consequentemente, a Segunda Guerra Mundial que findou-se com o lançamento da bomba atômica.

USE E CONSEQUÊNCIAS DA BOMBA ATÔMICA

Os primeiros testes para o uso da bomba atômica aconteceram

em julho de 1945, e a partir daí a humanidade não foi a mesma. Neste ano, os nazistas se renderam, mas os japoneses se mantiveram firmes em não recuar e essa foi uma péssima decisão que acarretou danos à toda população japonesa. Com autorização do presidente Harry Truman, o uso da bomba atômica foi liberado em um ataque contra Hiroshima no dia 06 de agosto de 1945, a bomba atômica foi apelidada de “Garotinho” e causou a morte de milhares de civis, apesar disso, o Japão continuou se recusando a recuar. Três dias após esse ataque, outra bomba com elemento radioativo foi lançada, desta vez, em rumo à Nagasaki, causando novamente milhões de mortes. Alguns historiadores, consideram esse ataque como o marco do fim da Segunda Guerra Mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com todas as discussões elaboradas neste estudo, podemos entender que o ser humano passou por vários processos, os quais levaram muito tempo para se tornarem o que são hoje, observamos a importância que a socialização teve na vida do ser humano, desde o início dos tempos, até a idade contemporânea, foi de suma importância socializar, pois sem a devida cooperação, nossa evolução talvez nem tivesse ocorrido. Mas contudo, observamos que mesmo ajudando, o processo de socialização gerou um mal inevitável, um efeito colateral, a própria destruição humana, já que por meio da formação de grupos sociais, foram estabelecidos fatores, como a busca de poder e a luta pela sobrevivência, notas essas que causam inúmeros prejuízos na nossa civilização, já que é graças à esses pontos que surgem guerras, conflitos religiosos e de supremacia.

Portanto é imprescindível entendermos o quão glorioso para o homem foi chegar onde chegamos, e ir até onde iremos, entendermos ainda que mesmo com pontos negativos, ainda temos os positivos, já que sem guerras, não teríamos avanços na medicina, indústria bélica, têxteis, ou até mesmo tecnológica, mas precisamos ter sempre em mente tudo que já aconteceu na humanidade, e lembrar que um futuro bom se faz com um passado bom, e um futuro ruim se faz com um passado ruim, e segundo inúmeros pensadores já citados, nosso passado é recheado de acontecimentos marcantes e ruins, é preciso sermos civilizados, e acreditarmos no homem, até porque, somos o homem. Contudo, ainda cabe à nós refletirmos: será que de agora em diante, nosso futuro será amargo ou doce? Você irá contribuir para isso acontecer?

Conquistamos a dita civilização e muitas outras coisas, falta mais algo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NÓBREGA, W.R.M.; ARAÚJO, F. Cultura, turismo e desenvolvimento: reflexões acerca do potencial arqueológico no município de Carnaúba dos Dantas (RN). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.8, n.1, fev/abr2015, p.93-114.

CONDEMI, Silvana. SAVATIER, François. **Neandertal, nosso irmão: Uma breve história do homem**. Vestígio; 1ª edição (27 fevereiro 2018). p, 6.

COULANGES, F. de. A CIDADE ANTIGA. 2. ed. [S.1.]: Martin Claret, 2009. 540 p.

HARARI, Y.N. **SAPIENS: Uma Breve História da Humanidade**. 1. ed. L&PM Editores, 20 de março de 2015. 443 p.

HARTOG, François. **Regime de Historicidade** [Time, History and the writing of History -

ROUSSO, H. **A última catástrofe**. 1. ed. [S.1.]: Editora FGV, 6 de set. de 2016.

GOSDEN, C. **Pré-história: Uma breve Introdução**. Edição de bolso. [S.1.]: L&PM, 26 de set. 2012. 160 p.

GIBAJA, J. F.; CARVALHO, A. F. **Introdução ao Estudo da Pedra Lascada**. Lisboa. Edições Colibri e Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve, abril de 2012. p. 9.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. [S.1.: s.n.], 1999. p. 308. BRANCO, J. A. M.; HEUER, P. J. W. A DIVISÃO DOS PERÍODOS PRÉ-HISTÓRICOS. In: ARTIGO, 13 de outubro de 2007. [S.1.]: Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, p. 1-4.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da Antiguidade Oriental**. 13 ed.

Petrópolis: Vozes, 1969.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização: NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS E OUTROS TEXTOS**. 1. ed. [S.1.]: Companhia das letras, 2010. 496 p.

O SEDENTARISMO COMO ESTOPIM DA REVOLUÇÃO NEOLÍTICA E AS MUDANÇAS SOCIAIS: O PAPEL DA MULHER NEOLÍTICA

José Douglas Gomes Almeida¹

Maria Eduarda Mendes de Lacerda²

INTRODUÇÃO

Com base nos registros arqueológicos, sabemos que a agricultura surge na região denominada de Crescente Fértil, que se trata de regiões entre rios no Oriente Médio. A Revolução Neolítica deu-se a partir de uma lenta transformação, começando pelos acontecimentos naturais da germinação, a observação e racionalidade humana com relação à natureza, até o ato de cultivo e domesticação das plantas (e posteriormente de animais). Civilizações diferentes domesticaram espécies diferentes de acordo com necessidades e usos de cada, além de que nem todas as sociedades aderiram a esse estilo de sobrevivência. Pois necessitava-se de regiões com condições favoráveis para as plantas e os animais.

Os modos de vida, a agricultura (plantas cultivadas, instrumentos de trabalho, os animais, etc.) daquelas áreas iniciais, seriam estendidas progressivamente a outras zonas cada vez mais vastas e distantes. Estas novas regiões são hoje chamadas de áreas de extensão. Em cada uma destas áreas de extensão, a agricultura e a criação de animais eram mais recentes que nas áreas iniciais e mantinham, ou não, as mesmas características culturais (plantas e animais). (OLIVEIRA JÚNIOR, 1989, p.11).

Por essa transformação gradativa, não se determina o tempo exato de quando houve a decaída do modelo de consumo alimentar de caça e coleta. Mas entende-se o Neolítico, por diferenciarse sendo um período revolucionário, a partir e principalmente, pela a passagem do

1 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: jose.douglas@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: maria.eduarda.lacerda@aluno.uepb.edu.br

nomadismo para o sedentarismo, o início da atividade agrícola (antes apenas caça e coleta), a cultivoção das plantas e o desenvolvimento de ferramentas.

Evidenciando assim, a transformação da vida humana durante o período neolítico, buscando apresentar uma explanação elucidativa do surgimento da agricultura, o desenvolvimento da sobrevivência humana, o surgimento das primeiras civilizações, até as mudanças sociais que ocorreram dentro dessa sociedade pré-histórica.

ENTENDENDO O NASCIMENTO DA REVOLUÇÃO NEOLÍTICA

O período pré-histórico denominado de neolítico, trata-se da última divisão da idade da pedra. Este período é classificado como o início do processo sedentário, onde a partir disso, dá-se surgimento a agricultura e a pecuária. O homem pré-histórico viveu de forma nômade, ou seja, visitando e viajando por diversos locais, uma vez que, o local que ele estivesse fosse acabando os recursos alimentícios, fugindo de secas, tempestades e diversos outros fatores naturais, obrigando-o sempre a migrar de um local para outro e não se fixando em alguma localidade. Suas moradias eram passageiras e sua presença se dava em torno dos rios. Porém, uma revolução acabará com esse modo operante de vida que os homens primitivos viviam.

Uma gama de fatores foi importante no processo da revolução neolítica. Um desses fatores trata-se do período após haver o resfriamento dos continentes, a temperatura aumentou, esquentando e levando a uma temperatura agradável para esses seres primitivos. Onde não havia mais tanta seca para os mesmos fugiram, em diversas tempestades repentinas para se abrigarem em determinados locais, uma vez que, a espécie já havia se espalhado por todo os continentes.

Outro fator primordial foi a observação, onde os seres primitivos, notaram que os restos de comidas (frutas, legumes e outros) deixados pelo caminho, culminaram no nascimento de outra planta naquele mesmo lugar, dando uma pequena origem ao processo que conhecemos hoje, a agricultura.

A agricultura tem sido essencial a partir de sua descoberta, pois assegurou uma fonte de alimento para aqueles humanos. Fator esse, no qual, fez com que permanecessem naquele lugar, abandonando a ideia nômade, de estar transitando por diversas regiões, pois plantariam e comeriam daquilo que eles mesmos plantavam, vivendo de forma se-

dentária. Ficando dependente também da pecuária, característica essa que seria desenvolvida a fundo mais à frente.

O PROCESSO DE SOBREVIVÊNCIA DOS SERES PRIMITIVOS NO PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO: NEOLÍTICO

Após estagnarem em um lugar fixo, diversas características de vidas desenvolvidas pelos humanos primitivos tiveram que ser aprimoradas e mudadas, em relação a diversos aspectos. Suas cabanas, ou seja, suas moradias eram estabelecidas próximas aos rios, pois além de precisar de água doce para a sobrevivência, era lá que estavam as terras mais férteis. Outra mudança notória foi a presença das mulheres e crianças nas cabanas, como cuidadora do lar e dos seus dependentes. As mulheres e crianças tiveram papel fundamental e especial no desenvolvimento da agricultura, pois de maneira inocente e leiga, as necessidades fisiológicas feitas por eles no entorno das cabanas, serviam como espécie de adubo para o solo, e pelo fato do homem primitivo não estar diretamente em casa, não observava isso corriqueiramente, e tal fator, e técnica contribuem até os dias de hoje, onde fezes de animais são comercializadas e servem de adubo para terras que posteriormente serão utilizadas para o plantio.

Essa revolução agrícola proporcionou ao homem primitivo a propriedade de desenvolver técnicas de trabalho e de agricultura. O que posteriormente, em outro período da pré-história, seria responsável por ocasionar a obrigatoriedade da utilização e modificação das ferramentas utilizadas no trabalho por eles desenvolvido.

O HOMEM PRIMITIVO VIVENDO EM SOCIEDADE

Não demorou muito para que todos os homens primitivos aderissem ao modo sedentário de vida. Ainda receosos, e sem muita experiência de como as coisas seriam, pois não estavam preparados para mudança tão drástica, aglomeraram-se em torno dos rios, e de outros homens primitivos ali existentes, formando aldeias, pois perceberam que para produzir precisavam de território. Dessa forma, compreendendo-se que aos poucos, de maneira corriqueira, foi instituindo-se a vivência em sociedade.

Segundo Aristóteles, o ser humano é tendencioso a viver em sociedade, como meio de propagar o bem a ele mesmo, portanto, se vivemos em sociedade, esta é a finalidade do ser humano, iniciou-se assim,

e assim perdurará por diversos anos pela frente. Essa vivência em sociedade, fez os homens primitivos enxergar as dificuldades e habilidades uns dos outros, colaborou para a divisão do trabalho, e diversas outras coisas que culminam até os dias atuais, pois a história trata-se de um eterno ciclo vicioso, fadada sempre a se repetir.

Essa vivência em sociedade gerou mudanças em diversos fatores, principalmente na divisão do trabalho, pois a partir do Neolítico houve a divisão por gênero do trabalho. Com a descoberta da agricultura, iniciou-se as sociedades agrícolas e a partir disso, as atividades foram mudando. No geral, a mulher passou a cultivar, colher e preparar os alimentos, enquanto os homens estavam direcionados à dominação da pecuária, da lavoura e a segurança da aldeia. Com a finalidade de proteger os territórios, também surgiu a hierarquia destas aldeias. Então, o homem mais velho do grupo era escolhido para atuar como chefe.

Segundo Zuleika Alambert, “a mulher [...] trabalhava a terra, domesticava animais, cuidava das crianças, velhos e doentes, além de criar vasilhames, utilizar o fogo, preparar unguentos, poções [...]” (ALAMBERT, 2004, p. 27). Entretanto, a partir do trabalho do homem na lavoura e a invenção do arado, o trabalho feminino foi sendo diminuído até o ponto em que os homens distinguem o seu papel com maior valor em relação a mulher.

Ainda na visão de Alambert, nesse contexto, vai desaparecendo a igualdade que antes existia, antemão a formação das civilizações. E começam a surgir, o que foram denominados de dominadores e dominados, estes últimos os escravos. Então, como a mulher passa a ser tida como inferior, também passa a ser a primeira escrava do homem, sendo subordinada à ele. Nesse momento, a respectiva autora define que, a partir do momento em que a sociedade se divide em classes, o patriarcado se inicia.

Edgar Morin (1977, p. 129) sugere que “a afirmação da superioridade masculina coincide com o nascimento da família enquanto microestrutura social”. Pois a partir das sociedades agrícolas e pastoris, começa a existir a perspectiva de propriedade de território, visto que, para produzir era-se necessário um. Coincidindo com a ideia de Saffioti, (2004) na qual afirma que “um dos elementos nucleares do patriarcado, consiste no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa ao marido”.

Desse modo, a necessidade de assegurar que os territórios e bens fossem perpassados aos descendentes, restringiu as condutas das mulheres e as relações passaram a ser monogâmicas para as mulheres,

para que garantissem a legitimidade dos herdeiros, assim instituiu-se o princípio da família patriarcal. Houve também, na Revolução Neolítica, as alianças por casamentos entre as aldeias, não só para evitar conflitos, mas também, com a finalidade de gerar mais crianças. As mulheres em si, se tornara um subsídio de contratação feito por homens passando a ter um papel secundário, totalmente diferente aos dos períodos antepassados.

A ATUAÇÃO DA MULHER NA AGRICULTURA E SOCIEDADE NEOLÍTICA

O termo Revolução Neolítica foi emergido por Gordon Childe, para expressar a mudança da vida nômade e caçadora do ser humano, para o sedentarismo e a capacidade produtiva. De acordo com Childe, o papel da mulher neste período neolítico foi, sem dúvidas, a causa para que tudo ocorresse.

Para realizar a revolução neolítica, os homens, ou mais exatamente as mulheres, não só tiveram de descobrir plantas adequadas e métodos apropriados de cultivo, mas também de inventar ferramentas especiais para lavar o solo, segar e armazenar a colheita e transformá-la em alimento. (...) Todas as invenções e descobertas precedentes foram, segundo as provas etnográficas, obra das mulheres. (CHILDREN, 1977, p.60-62).

O supracitado autor, afirma que além das mulheres estarem inteiramente envolvidas com a agricultura, também estavam com a descoberta da botânica e utilização do algodão e do linho, da fabricação da cerâmica, entre outras invenções. Essas conjunturas nos levam a refletir o verdadeiro papel da mulher pré-histórica, que pouco se é aprofundado, percebendo que a sua importância esteve oculta por milhares de séculos, ao passo que na verdade foi muito mais ativo e fulcral do que pensávamos.

A revista científica Science Advances, divulgou em 2017 as principais descobertas feita em um estudo realizado pela Universidade de Cambridge: a primeira pesquisa que compara a estrutura óssea da mulher neolítica com a da mulher moderna. Revelando que a estrutura óssea dos braços das mulheres do período neolítico era bem mais forte,

levantando a conjectura de que essa força óssea se deu a partir dos trabalhos agrícolas.

Alisson Macintosh, arqueóloga e antropóloga que fez parte da coordenação da pesquisa, traz em questão a ideia de que provavelmente as mulheres também tinham suas funções na pecuária e no artesanato de tecidos. Ideia esta, que se identifica com a de Gordon Childe e ratifica as provas etnográficas, sobre o amplo trabalho e descobertas da mulher neolítica em diversas regiões, durante a revolução agrícola e conseqüente a ela. Macintosh, complementa ao dizer que é muito provável que as mulheres cuidavam dos animais domésticos, ou seja, também atuavam na pecuária, deles retirava-se alimento e matéria prima para tecidos.

A PEDRA POLIDA E OS ELEMENTOS ARTÍSTICOS

Portanto, a partir do entendimento das curiosas participações da mulher, especificamente no artesanato, na fabricação da cerâmica, na tecelagem, entre outras descobertas. É possível concluir que as obras das mulheres foram de imprescindível importância para a história e o desenvolvimento humano.

As cerâmicas neolíticas foram não só importantes para a utilização de utensílios domésticos, mas também passaram a ser decorativas. Nas pinturas decorativas das cerâmicas desse período, podemos acatar o estilo característico como geométrico e abstrato. As figuras representadas nas cavernas retratavam o cotidiano e passaram a expressar movimentos, nesse significado, a pintura rupestre ia além do próprio ato da pintura a partir de uma natureza mística ligando-a às representações da vida real.

Durante o Neolítico, as esculturas foram se tornando mais usadas, já que durante o período, o ser humano estava se fixando em locais e não precisariam transportá-las, o que tornaria mais fácil o motivo da produção. Notamos também, o desenvolvimento da cultura megalítica, os monumentos megalíticos se dão a partir da organização de pedras colossais que são erguidas e organizadas de diversas formas em conjunto, ou separado. As construções que demarcam o neolítico, são denominadas de dólmens e menires.

O menir é o monumento solitário vertical afincado no solo, que geralmente são encontrados alinhados, em forma circular ou outras formas variadas. Não possuíam a finalidade funerária, mas as suas funções estavam ligadas à rituais até registros astronômicos. Já as estruturas

arquitetônicas dos dolmens, consistem em duas ou mais pedras colossais, erguidas, também, em posição vertical no solo, porém semelhantes a paredes, e uma outra pedra era posicionada na horizontal em cima das outras, como um telhado. As informações sobre os dólmenes é que serviam para rituais e cultos, não só para moradias (o que na verdade é visto como quase improvável). Desta forma, há várias conjecturas atuais sobre essas estruturas, pois nenhum âmbito de estudo relacionado a eles conseguiu explicar a real significação dessas construções.

Stonehenge é um dos monumentos de pedra mais conhecidos do período Neolítico. Construído cerca de 3000 a. C., está situado em Salisbury, na Inglaterra. As pedras que o compõem possuem aproximadamente 5 metros e pesam cerca de 50 toneladas. O grande mistério dessas estruturas é que foram deslocadas de áreas distantes e nenhuma técnica foi utilizada para fixar as pedras no solo. Alguns estudos levantam a hipótese de que estudiosos consideram que elas também poderiam ter sido usadas para celebrações e rituais religiosos.

Os ritos religiosos e os atos de culto tomam lugar da magia e da esconjuração. Ao tomar consciência da dependência que tinham do bom e mau tempo (quando começaram a criar gado e plantas) o homem começou a admitir que seu destino era dirigido por forças sobrenaturais e é aí que surge o espírito de culto, a crença na sobrevivência da alma e do culto dos mortos.

Com essas crenças e os atos de culto surge a necessidade de ídolos, e os atos de culto surge a necessidade de ídolos, amuletos, símbolos sagrados, ofertas nativas, cerimônias fúnebres e monumentos funerários. Surge a distinção, entre arte sagrada e profana, arte de representação religiosa e arte de ornamentação secular.

CONTRIBUIÇÕES DO PROCESSO NEOLÍTICO PARA A VIDA HUMANA

O processo de formação de sociedade contribuiu para a modificação no estilo de vida dos nossos antepassados. Podemos tomar como referência a domesticação dos animais, onde foi perceptível que alguns dos animais, antes até mesmos caçados, serviam de ajudantes do homem, sendo possível auxiliar na caça e na guarda, como no caso dos cães. Até mesmo os gatos possuíam finalidades com cunho de trabalho, pois estima-se que houvesse uma grande plantação de trigo por alguns indivíduos primitivos, onde levava a uma grande incidência de ratos na região, sendo necessário a presença dos gatos para combater essa praga

de ratos, contribuindo, de maneira arcaica, para a cadeia alimentar. Já outros animais, mais fortes e robustos, serviam para transporte de pessoas, ou pesos.

O período neolítico contribuiu para o manejo arquitetônico do homem, onde foi responsável por desenvolver habilidades arquitetônicas. Contribuiu também, para a construção dos monumentos megalíticos, nos quais acredita-se que possuíam o objetivo de homenagear entes do passado, registrar pinturas referentes a animais e seu cotidiano, e até mesmo, registro do tempo e astros.

Houve uma forte contribuição na observação dos céus, e análise das estrelas. Onde na idade dos metais, intensificou-se os estudos, e descobriram questões climáticas, e as estações do ano, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, compreende-se que nossa sociedade atual, na qual é resultado de uma trajetória moldada e aperfeiçoada ao longo dos períodos históricos. É possível também concluir que o processo neolítico foi de extrema importância em nossas vidas em diversos quesitos, pois herdamos diversas características dos humanos primitivos. Tanto no quesito do trabalho, com as práticas agrícolas, adquiridas pelos mesmos, como na já citada, revolução agrícola, que foi revolucionária no modo operante de conseguir alimento.

Conclui-se também que a mulher possui um papel importantíssimo na sociedade primitiva, desempenhando diversas funções, e de mão sendo precursora, de maneira rude, do descobrimento da agricultura e o nascimento de diversas flores locais. Partindo desse pressuposto, é importante darmos ênfase para o surgimento de um estilo de pensamento machista, onde se intitulava a mulher primitiva como sendo sexo frágil. Onde só restava, para as mesmas, o serviço doméstico e cuidar de crianças. Todavia, estudos comprovam que as mulheres primitivas possuíam estruturas esqueléticas mais firmes e fortes do que a do próprio homem primitivo.

Faz-se necessário uma menção à importância do processo neolítico para o desenvolvimento de estudos artísticos e estudos estelares. Pois a partir da sua estagnação num determinado local, os humanos primitivos tinham demasiados tempos disponíveis e livres para a observação dos astros.

É importantíssimo destacar que o presente trabalho, diante dos fatos aqui expostos, serviu na colaboração direta, acerca de conheci-

mentos acadêmicos, em relação ao nosso passado, nossos antecedentes, sua maneira de vida, como se relacionavam e sua influência direta nos dias atuais. Bem como, detém de uma disponibilidade de recursos nos quais servem como fator social, como no exemplificado caso da mulher na luta contra o machismo, luta na qual, perpetua se até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHILDE, Gordon. **O que aconteceu na história:** Tradução de Waltensir Dutra. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SOFFER et al. **Sexo Invisível. O verdadeiro papel das mulheres da pré-história:** Tradução de Hermano de Freitas. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

JANSON, H. W e JANSON, Anthony F. **Iniciação à história da arte,** 2ªed. São Paulo, Martins, 1996.

HAUSER, Arnold. História social da Arte e da Cultura. Vol. **I. Jornal do foro.** Lisboa, 1959. pp.19/39.

CCTA UFCG. **Origem e evolução da agricultura.** Disponível em: [www.ccta.ufcg.edu.br > admin.files.action.php](http://www.ccta.ufcg.edu.br/admin/files/action.php). Acesso em: 15 nov. 2020.

C7S. **Pré-história tempos históricos.** Disponível em: <https://www.c7s.com.br/wp-content/uploads/2018/06/C7S-Pre-Historia-tempos-historicos-12.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

AS-PT. **Cartilha:** Notas sobre a história da agricultura através do tempo. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2014/09/Notas-sobre-a-hist%C3%B3ria-da-agricultura-atrav%C3%A9s-do-tempo.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

JUSBRASIL. **O trabalho e sua ressignificação ao longo da história.** Disponível em: <https://anajusbrasil.jusbrasil.com.br/artigos/644609903/o-trabalho-e-sua-ressignificacao-ao-longo-da-historia#comments>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BBC. Análise de ossadas mostra que mulheres pré-históricas eram mais fortes do que se pensava. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42179093>. Acesso em: 21 nov. 2020.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **O cotidiano da mulher na Pré-História;** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historia-g/o-cotidiano-mulher-na-pre-historia.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

SCIENCE. **Strong women did a lot of the heavy lifting in ancient farming societies.** Disponível em: <https://www.sciencemag.org/news/2017/11/strong-women-did-lot-heavy-lifting-ancient-farming-societies>. Acesso em: 23 nov. 2020.

PRIMEIROS MODERNOS E SUA NOVA FORMA DE VIDA APÓS A ÚLTIMA ERA GLACIAL

José Tony Vidal Santos Junior¹
Bruno Gonçalves da Silva²

INTRODUÇÃO

O fim da última era glacial foi um marco para o ser humano, devido todas as mudanças que estavam acontecendo no mundo, porém na área europeia-mediterânea estava acontecendo algo novo, diferente do resto do mundo que ainda estava criando e utilizando ferramentas de pedras. Esse novo era uma tradição baseada em ferramentas de lâminas que estava conseguindo cada vez mais força no extremo oeste da Ásia e na Europa. Essa novidade chegou para mudar a forma de vida dos homens, que podia variar de ferramentas, instrumentos para caças até artigos de artes, ou primeiros modernos que passaram a ser denominados nesse mesmo período da última grande era glacial.

FERRAMENTAS DE LÂMINAS: A NOVA TRADIÇÃO

A sociedade como conhecemos atualmente surgiu após um longo processo evolutivo como já conhecemos, porém, como se deu todo esse processo? Um dos maiores passos dados pela humanidade durante sua jornada de evolução foi a criação e utilização de ferramentas de pedra, à primeira vista parece algo bem simples, afinal o que tem de mais em um martelo de pedra ou simplesmente em uma pedra? Foi a partir dessas pedras moldadas com pontas afiadas para se cortar carne, caçar, pescar, entre outras atividades que o homem começaria a ganhar um espaço diferencial de outros primatas ganhando assim um destaque considerável.

O uso de ferramentas não é algo exclusivamente humano, mas, a sofisticação de nossas ferramentas comparadas com as usadas por outras espécies e nossa dependência sobre elas nos diferencia de outros animais nesse quesito. Então quando a produção de manufatura de ferramentas começou e porquê? O que isso influencia na evolução

1 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: jose.tony@aluno.uepb.edu.br

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: bruno.goncalves@aluno.uepb.edu.br

de nossos ancestrais? Como ferramentas fósseis podem ser datadas por análises geoquímicas da camada de sedimento em que elas foram enterradas. O mais antigo já encontrado foi em sedimentos da África Oriental, formado 2,5 milhões de anos atrás. Os quase dois milhões de anos em sedimentos da Tanzânia de Olduvai Gorge, ficaram primeiramente famosos pelas milhares de ferramentas de pedra encontradas lá por Louis e Mary Leakey.

Avançando no tempo para 40.000 a.C., falando sobre o Egito e o norte da África, ainda eram utilizados métodos antigos de lascas de pedra conhecido como técnica Levallois que é um tipo de distintivo de lascas de pedra, desenvolvido pelos precursores dos seres humanos modernos durante o período paleolítico. Entretanto, ao mesmo tempo ocorria um avanço tecnológico no extremo oeste da Ásia e na Europa, uma tradição com ferramentas de lâmina. O que seria uma lâmina de pedra? E qual sua importância para os primeiros modernos? “Uma lâmina de pedra é, na verdade, apenas um longo floco de lados paralelos. Tem pontas afiadas e é uma faca muito útil.”(Braidwood, p.71.) Um dos fatos mais importantes foi a criação da lâmina, pois com ela era possível escavar os órgãos de carcaças de animais mortos e assim, explorar os ossos quebrando- os e conseguindo assim a medula óssea, fonte de proteína e muitos outros nutrientes que favoreceram a evolução e sobrevivência daqueles homens. Vale a pena citar que era algo muito difícil fazer ferramentas de lâmina, só se era possível fazer com dois tipos de rocha o sílex (pedra ao qual causava feridas não coagulantes, ou seja, o animal morria por hemorragia.) ou a obsidiana, e mesmo assim era um método bem específico, onde se usava uma pedra que era chamado de núcleo em formato de cone, e dela eram se retirados as lascas de lâmina.

Onde se deu origem ao processo de fabricação de lâminas? Segundo a professora Dorothy

A. Garrod, não se sabe até hoje ao certo onde começou de fato a fabricação, porém, alguns achados arqueológicos juntamente com algumas pesquisas e teorias ajudam a fortalecer a teoria de que teria sido no Oriente próximo, onde havia iniciado o processo de trabalhos em pedras afiadas e pontiagudas. Comparadas com as encontradas na Europa, as achadas lá não são tão boas em questão de acabamento e forma, fortalecendo ainda mais o fato de que realmente pode-se ter sido lá o ponto de partida, e que na Europa já se havia aperfeiçoado este tipo de atividade.

Logo, ocorreria a popularização deste tipo de utensílio, aparecendo assim, diversas indústrias independentes de manufatura de fer-

ramentas, tantas que é algo muito complexo de se explicar. Porém de forma simples, ao redor da Europa começou-se mais especificamente depois do fim da primeira era glacial a fabricação das lâminas, e assim também em outras partes, junto com os achados arqueológicos é quase impossível definir com precisão onde foram feitas cada ferramenta, porque em várias partes foram encontrados diversos modelos, dando a entender que a sociedade da época era muito adaptativa, visto que neste ponto da história já se havia ferramentas para fazer outras ferramentas.

Após sabermos sua origem, de onde vieram e o porquê, afinal quais eram as principais ferramentas utilizadas por eles e suas finalidades? Antes de citá-las e explicá-las, vale a pena ressaltar que as ferramentas mais úteis e mais utilizadas do período pós glaciação (40.000 a.C.) eram ferramentas com lâminas, vamos a algumas delas: “Lâmina apoiada” esta é uma espécie de faca relativamente simples feita de sílex, com um gume propositalmente cego, certamente para não cortar os dedos de quem quer estivesse a utilizando, poderia ter diversas utilizações, desde cortar carne de animais, até ajudar no processo de desossar o animal para se quebrar os ossos chegando na medula óssea.

O buril ou gravador, ele era basicamente o cinzel (é um instrumento de corte manual que possui numa extremidade uma lâmina de metal aguçada e do outro um cabo de madeira reforçado, nos extremos, com anéis de aço de modo proteger a zona impactos desferidos por uma terceira ferramenta como um martelo.) original. Seu fio de corte é transversal parecido justamente com o cinzel, alguns buracos são feitos lembrando algo como uma chave de fenda, com a diferença de que eles são afiados, algumas modificações desta ferramenta tinham arestas parecidas com a lâmina do cinzel ou avião de empurrar, com apenas um bisel. O fato que chama mais atenção nessa ferramenta é que ela era usada para fazer marcas em ossos, assim como arranhões em madeira.

O ponto tangente, era algo como uma flecha ou ponta de lanças leves. Essas pontas de pedra eram feitas de lâminas e tinha um longo espigão na parte de baixo com o objetivo de amarrar ou prender a flecha ou lança. A principal utilidade, era quando se fazia com sílex, atirando as flechas ou acertando o animal com golpes à distância, fazendo-o sangrar e aos poucos se desfalecer, conseqüentemente, morrendo de hemorragia. O furador, ou broca, era uma ferramenta afiada semelhante a um cravo, provavelmente era utilizada para se fazer buracos em madeira, osso, concha, pele entre outras. Lâmina entalhada, para se fazer as flechas é necessário que se faça a haste da flecha ou da lança, esse é o papel dessa ferramenta. Trazendo para o nosso, ela seria algo

como um canivete, essas lâminas dentadas arranhavam em vez de cortar, diferentemente do canivete, se pararmos pra pensar é isso que deve fazer uma lâmina dentada de sílex, afinal o objetivo dessa ferramenta é auxiliar na fabricação de lanças e flechas que são basicamente armas com a finalidade de cortar e machucar, que no caso não é a finalidade desta lâmina citada.

Essas indústrias de manufaturas de ferramentas, também produziam ferramentas com características um pouco diferentes com lascas e ferramentas de núcleo, agora serão citados alguns desses utensílios. O raspador redondo em forma de quilha, normalmente ele é bem pequeno e redondo, seu nome o define literalmente tanto em sua função e sua forma, ele basicamente tem bordas externas afiadas em toda sua volta, era uma ferramenta usada para raspar coisas no geral.

Ao contrário do raspador redondo, o raspador de ponta em forma de quilha é bem maior, chegando ao ponto de ser agarrado, sua ponta é bem trabalhada e provavelmente era usado para raspar coisas maiores com mais agilidade.

Um tipo de ferramenta que era usada nesse período, eram as ferramentas de ossos: facas, alfinetes, lanças, até mesmo anzóis que eram duas barras pequenas, a linha era fixada no meio delas, e quando o peixe mordida a isca as barras o prendiam. Um tipo específico de lança de osso, que levava uma ponta plana longa em uma lança leve. Tem um entalhe na sua parte inferior que é chamado de ponto ósseo baseado na divisão, existem alguns exemplos com contas de osso, e cabos de osso para ferramentas de sílex.

O chifre também foi utilizado em algumas ferramentas, principalmente na Europa central e ocidental. Não se tem conhecimento sobre o uso específico dessas ferramentas de chifre, algumas teorias indicam que possivelmente serviam como alças para correias de couro, ou endireitador de hastes de flecha. Outra ferramenta bem peculiar era o lançador de lanças, que era bem simples na verdade, era um pedaço de pau com um entalhe ou gancho na ponta, com a ajuda da largura da lança permitia que se colocasse muito mais força no lançamento. Também haviam arpões de chifre que geralmente tinham farpas em ambos os lados, eles eram mais encontrados na última metade deste período (40.000a.c.-10.000a.c.) na Europa ocidental.

Após esta pequena amostra de algumas ferramentas das mais variadas e utilizadas, visto que existem muito mais do que as que citei, notamos que foi um período longo de evolução, as primeiras ferramentas foram inventadas a 2,5 milhões de anos, mas, só depois da última

glaciação iriam começar a fazer lâminas, então foi uma evolução demorada, entretanto, muito importante pois mudou completamente o curso da nossa raça, permitindo que ela conseguisse superar adversidades, e desta forma permitindo-nos estudar nossos ancestrais e nos surpreendemos ainda mais com o que nós podemos fazer com tão pouco recursos, desde uma faca multifuncional feita de sílex, até flechas super sofisticadas com ferimentos anticoagulantes. Tudo isso só mostra o quanto nós evoluímos e continuamos a evoluir, e mostra ainda mais, a importância de estudarmos e aprendermos a história de nossos antepassados para compreendermos ainda mais nosso mundo e nossas atividades.

ARTES RUPESTRES: AS CONVERSACÕES ATRAVÉS DAS GERAÇÕES

As artes feitas nas cavernas ao redor do mundo, feita por vários povos ao longo da história, nunca por um povo ou tribo exclusiva, já mostrava qual rumo o ser humano vinha tomando ao começar a transmitir seu dia e o modo da cultura do seu tempo. É meio impossível dizer uma data precisa para o nascimento dessas pinturas rupestres, mas especula-se que tenha surgido por volta do período paleolítico que vai de 2.5 milhões de anos a 10 mil anos a.C.

E o que se pode entender através dessas obras construídas com tanto afincos e dificuldades pelos povos antigos que a fizeram? Bom, obvio que não tiveram tanto trabalho apenas pela a arte, pois no período em que viviam o sentido comunitário era essencial para sobrevivência de todos, por que através das gerações houveram muitas transformações, que foram de fundamental importância para as condições sobrevivência e proteção do seu povo, de forma que seria necessário passar as informações aos seus sucessores, informações essas através das pinturas que mostravam seu cotidiano, as formas de caças, de sexo e várias outras. Pensando dessa forma é possível ver como a arte surgiu não por um pensamento ou atitude comum, e sim por uma naturalidade do ser humano que tinha como objetivo prolongar sua espécie.

As pinturas rupestres são encontradas em todos os continentes, por isso são consideradas uma arte universal, porém ainda é possível identificar que algumas são mais bem trabalhadas do que outras, já que possuem vários tipos dessas artes que variavam de acordo com sua localidade, como por exemplo as interessantíssimas pinturas rupestres franco-cantábrica. E o que faz dessas pinturas serem uma das grandes obras artísticas de todos os tempos são duas características, o perigo ne-

cessário para fazê-las e os motivos que levaram a realizar tais obras. Essas pinturas franco-cantábrica, eram feitas nas partes mais profundas, escuras e perigosas das cavernas, mesmo que eles vivessem nas partes próximas a saídas da cavernas, mas nessas altura do período humano já tinha conhecimento do fogo, o que tornou possível realizações das pinturas em áreas de difícil acesso, mesmo com uma forma de iluminação rústica. Outro fator determinante que tornam essas diferentes das outras são as formas que são pintadas, cheia de energia e vividas, características de hábitos feitos por conhecedores dos animais grandes daquele tempo, e sabiam composições de sua pele, seus músculos, os perigos que enfrentavam ao caçá-los, de forma que o hábito de pintar tinha o que eles acrescentada uma forma de “recompensa” citado pelo o autor que elabora da seguinte maneira, “Possivelmente ele acreditava que, ao fazer isso, ganhou algum tipo de poder mágico sobre o mesmo tipo de animal quando o caçou ao ar livre.” (BRAIDWOOD, 1957, p. 85).

ARTES MÓVEIS

Durante vários milênios de obras artísticas desenvolvida pelo homem ao longo de sua história e que estão exposta em vários locais pelo o mundo, uma escultura que data do período paleolítico é a chamada, vênus de Willendorf, escultura de 10,45 cm de altura, e que é uma das mais famosas da chamadas artes móveis, e que tinha características que evidenciavam as partes femininas, que pelo os estudiosos de hoje essas características tinham o objetivo de representar a fertilidade da mulher, como também era o possível padrão de beleza da época, que no período paleolítico onde viviam principalmente da caças de animais, mesmo sendo uma época boa para isso, os volumes nas mulheres indicavam que ela poderia trazer crianças fortes e saudáveis. Por isso a deusa mãe como também é chamada entra para história embora não seja a única.

As Artes móveis não se limitavam a isso, pois também tinham como objetivo a estética em si, pois os homens faziam muitas artes para decorar suas ferramentas e armas.

COMO VIVIAM OS PRIMEIROS MODERNOS NO FIM DA ÚLTIMA ERA GLACIAL DA EUROPA

Última era glacial que representa o fim do período Pleistoceno, e é a partir desse momento que se considera o homem moderno (*sapiens*)

sapiens), e foi o período em que todo o resto do mundo começou a desenvolver agricultura e a domesticação de animais menos a Europa.

Entretanto, isso não foi um problema para os primeiros modernos na Europa, devido aos indícios que mostram o quanto o período foi bom para caça e pesca, pois contavam com ótimas ferramentas que estavam à sua disposição, de forma que não ficou restrito a isso. Como as árvores davam muitas frutas, o que não tornou a agricultura e a domesticação tão necessárias quanto em outros locais, porém mesmo com atraso de quatro milênios acabou adquirindo essa prática com a migração dos habitantes do Oriente Médio.

Vivendo em vários lugares diferentes como em abertura de caverna, sob rochas ou em cabanas rústicas quase subterrâneas, métodos que dependiam de sua localidade da Europa, onde mesmo com o fim da última era glacial ainda se encontravam cobertas de gelo, o que não se tornava um problema, pois como é citado pelo autor, o homem já possuía o fogo que ajudava a superar as temperaturas assim como ferramentas de raspa e agulhas que indicam que usavam peles de animais caçados como roupas.

E o autor desenvolve mais esses homens, ao trazer a possibilidade de que já tinha uma mentalidade muito além do que a de simplesmente sobreviver e usar seus recursos somente para isso. Já tinham uma conexão com o sobrenatural, se for observado os enterros que já existiam em sua época, assim como a prática de ritos, como deixar presentes, provavelmente coisas que os que morreram utilizavam, e uma possível tentativa de magia, onde era jogado ocre vermelho ao corpo, vermelho que podia ser imaginado como calor, cor do sangue e do fogo por exemplo, para reanimar o cadáver.

Juntamente com a ideia de concepção sobre a morte, a arte como já foi abordado anteriormente, foi de fundamental importância para entender o homem moderno no período em questão. De forma que não era exclusivo de uma única tribo, afinal as artes rupestres eram pintadas em cima de outras que já tinham sido produzidas, onde o autor Robert J. Braidwood chega a conclusão supondo que “cada um desses grupos parece ter compartilhado igualmente as conquistas culturais da época, por tudo o que os arqueólogos podem dizer.” (BRAIDWOOD, 1957, p. 87).

MICRÓLITOS, SURGIMENTOS E SUAS FORMAS

Nesse artigo já foi citado muito sobre ferramentas, e como elas foram importantes para os homens modernos, porém um conjunto de

ferramentas em específicos se destacam das demais, e pode servir como um ponto determinante para o fim da última fase da era glacial.

Elas são chamadas de micrólitos, e o foram um conjunto de ferramentas lascadas bem afiadas e pequenas, intencionalmente pelo os primeiros modernos, e o que chamam atenção nesses itens, são os tamanhos e os formatos, que eram pequenos com de várias formas geométricas que variam entre triângulos, trapézios por exemplo.

Juntamente com suas formas e tamanhos, outra coisa que chama atenção nessas pequenas lâminas eram suas funcionalidades. Que variava de arpões farpados até sua serventia para pontas de flechas com suas variantes, em relação a como era projetada suas pontas, onde os micrólitos de pontas pequenas e afiadas, deviam ter perfurado com facilidade as peles dos animais com mais facilidade, enquanto outras de pontas mais largas era responsável para causar mais sangramentos que as pontas de flechas comum, assim supõem o autor ao indicar que “Ao caçar animais de pés velozes como a gazela, que corria quilômetros depois de ser atingida por uma flecha, era uma vantagem causar o máximo de sangramento possível, pois o animal cairia mais cedo.” (BRAIDWOOD, 1957, p. 88).

Referente ao seu surgimento realmente, não se sabe qual o primeiro micrólito criado, nem muito menos sua localidade, dessa forma assim menciona o autor, ao afirmar que “Não temos certeza de onde os micrólitos foram inventados pela primeira vez. Há algumas evidências de que eles aparecem no início do Oriente Próximo. Seu uso era muito comum no noroeste da África, mas isso veio depois.” (BRAIDWOOD, 1957, p. 88). Essas ferramentas ornamentadas que ficavam geralmente em hastes ou alças, são encontradas em vários locais, o que indicam que seus fabricantes andaram por muitos lugares da Europa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discutimos, sobre a importância das artes na época pós última glaciação, mostrando seu papel na sociedade daquele tempo servindo como uma espécie de quadro escolar, mostrando caçadas, sexo, entre outras coisas, passando assim seus conhecimentos para as gerações futuras. Falamos sobre o surgimento das ferramentas, sobre o impacto que isso teve naquela época, facilitando muito em atividades básicas, e até mesmo em coisas cruciais como alimentação, plantação, gado, etc. Mostramos assim, suas finalidades, detalhamos algumas coisas consideradas importantes ou mais exóticas, como por exemplo o

lançador de lanças. O mais importante que buscamos ressaltar, é o quão vasto e crucial é o tempo e a história de nossos antepassados, afinal a maior parte da história que estudamos são de grande parte em torno de 1000 a.C., até os dias de hoje, porém, não podemos ignorar mais de 2 milhões de anos em história, nisso que se dedicam milhares de historiadores buscando fontes, objetos, quaisquer coisas que lhe dê uma pista acerca da majestosa história do ser humano, ou seja, da nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROBERT J. BRAIDWOOD. Homens Pré-históricos. Chicago: 3. ed. Chicago Unb. 1957.

PALEOLÍTICO INFERIOR: PERÍODO MAIS LONGO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Kermilin Taissa de Oliveira dos Santos¹

Mônica Agra de Azevêdo²

INTRODUÇÃO

A habilidade de transformar uma pedra em um instrumento funcional, capaz de auxiliar em tarefas do dia a dia, para conseguir alimento, se proteger de animais ou até mesmo na caça é realmente algo notável. Pode parecer difícil levando em consideração que o único instrumento capaz de auxiliar nessa produção seja outra pedra, partindo do ponto de perspectiva que o indivíduo está criando algo totalmente novo, sem possuir um molde ou algo para se inspirar tendo em mente apenas a necessidade de alguma ferramenta que o auxilie antes mesmo que o termo ‘ferramenta’ seja criado, bom, é no mínimo surpreendente. Este feito foi realizado pelas primeiras espécies de homínídeos.

Obviamente isso só foi possível após o homem evoluir ao ponto de se tornar bípede, onde caminhava apenas com suas pernas, adquirindo a postura ereta e deixando as mãos livres, seja para carregar coisas, seja para desenvolver habilidades manuais citadas anteriormente. Isso influenciou no modo de vida, já que agora eram capazes de matar animais maiores, consequentemente tinham mais carne para alimentar mais pessoas. Não se sabe ao certo quem foram os primeiros a produzir tais objetos, há divergências entre estudos arqueológicos e paleontológicos embora ambos concordem que foi crucial para o segmento no desenvolvimento do cérebro das espécies e da forma de vida humana como conhecemos hoje.

Estes instrumentos foram encontrados em vários lugares do mundo, principalmente a partir do século XX, e nos permitem uma maior compreensão do modo de vida de nossos antepassados. É perceptível uma evolução seja nos instrumentos que passaram a ser mais precisos e afiados para melhor desempenho da função a qual eram criados ou necessários, seja nos materiais, no tipo de pedra que era escolhida para ser trabalhada.

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: kermilin.santos@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: monica.azevedo@aluno.uepb.edu.br

PALEOLÍTICO INFERIOR: PERÍODO MAIS LONGO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

O período Paleolítico, é também conhecido como Idade da Pedra, pois nesse período o homem passa a produzir as primeiras ferramentas, feitas de pedra lascada, que proporcionaram grandes melhorias para a sua sobrevivência. Esse período foi subdividido de três formas, de acordo com suas particularidades. No entanto, o Paleolítico Inferior, destaca-se como o mais antigo e mais longo. Estima-se que durou de três milhões a 250 mil anos, até que mudanças importantes deram origem a uma nova fase.

As descobertas dessas ferramentas começaram a surgir em maior escala, a partir de meados do século XX, quando a escola dos *Annales* trouxe uma nova visão de historiografia. O documento escrito deixa de ser a única fonte válida, e a partir daí, passam a valer os vestígios. Para Bloch: “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. (2001, p.79).

Nesse sentido, a ferramenta é uma comprovação de que o homem inicia um processo de evolução. Segundo Sofhiati e Wolfraya: “a utilização dessas ferramentas de pedra tornou-se uma vantagem evolutiva sobre os indivíduos que não faziam uso dela. Ao mesmo tempo que encontravam uma facilidade maior para conseguir o alimento. (2013, p. 79). Eles poderiam usar as ferramentas como arma e consequentemente se proteger de possíveis predadores.

Tais peças juntamente com restos de fósseis encontrados são capazes de representar o modo de vida dos primeiros hominídeos. Acredita-se que eles tenham surgido na África. Desse modo, inúmeras pesquisas atestam e classificam a África como “berço da humanidade”, apesar de não haver provas concretas de que a África tenha sido o lugar de origem desses hominídeos, o grande número de fósseis encontrados e estudados nas últimas décadas, tem levado a muitas hipóteses e teorias, evidenciados principalmente pelos encontrados na África do Sul.

Em 1924, o paleontólogo australiano Raymond Dart, caracterizou uma nova espécie de hominídeo. Através do fóssil do crânio de uma criança de cerca de cinco anos, encontrado em uma caverna em Bechuanalândia (Botsuana). Essa nova espécie recebeu o nome de *australopithecus africanus* e é conhecido cientificamente como a “criança de Taungui”. A capacidade de andar sob duas pernas, adquirindo a forma ereta, torna-se crucial para a capacidade de manusear objetos, utilizando as mãos, e executar trabalhos diferenciados. Quando passaram a não

dependem das mãos para locomoção, elas estavam livres para segurar e manipular coisas.

Um dos nossos ancestrais talvez tenha descoberto que se batesse uma pedra em outra poderia alterar sua forma, tornando-a mais afiada. Isso poderia ser muito útil para uma criatura que não possuía garras, mas que agora poderia rasgar o couro ou a carne de um animal morto que ele tivesse a sorte de encontrar. Além disso, e mais importante, esse inventor pré-histórico foi capaz de passar esse conhecimento adiante. (CARVALHO, 2017, p. 19).

Através deste instrumento a evolução dos hominídeos torna-se perceptível. O crescimento do cérebro, o torna apto para elaborar técnicas de criação de utensílios que foram se diversificando gradualmente no decorrer do tempo. Esses utensílios não determinam o início da hominização, mas o seu desenvolvimento. A caça e o consumo de carne possibilitaram que o homem primitivo desenvolvesse a habilidade de fabricar artefatos que facilitasse sua alimentação. Ao matar animais maiores, mais pessoas seriam alimentadas, podendo utilizar as ferramentas para cortar a carne ou os alimentos de origem vegetal.

Apesar de muitos pesquisadores duvidarem da capacidade intelectual de algumas espécies de *australopithecus* em fabricar ferramentas, há controvérsias.” Um recente experimento feito em Bristol demonstrou de maneira pitoresca que um jovem orangotango podia fazer lascas a fim de obter comida, depois de lhe ter ensinado o processo e de ter percebido o uso possível de lascas”. (KI-ZERO, 2010, p. 559). Como é natural encontrar fósseis de *australopithecus* e hominídeos nos mesmos lugares e habitats, é possível, segundo essa teoria, que o *australopithecus* do tipo *robustus* fosse apto a produzir utensílios. Isso foi possível, a partir de 1970, quando pesquisadores conseguiram comprovar que vários hominídeos existiram ao mesmo tempo, derrubando assim a teoria de que havia existido uma espécie por vez.

Geralmente, costuma-se estudar apenas hominídeos que apresentam mais vestígios. Esses primeiros hominídeos eram seminômades, isto é, ficavam nos acampamentos temporariamente e depois procuravam outro lugar, onde tivessem condições melhores de conseguir alimento. Viviam em grupos (clãs), dividiam a caça entre si. A expectativa de vida era muito pequena, em média de 25 a 30 anos, devido às con-

dições adversas e os perigos constantes. Além dos fósseis de *australopithecus*, também foram encontrados do *homo habilis*, que por serem o primeiro hominídeo relacionado diretamente ao uso de ferramentas, foram classificados como homens habilidosos. Parecidos com os *australopithecus*, no entanto possuía um cérebro maior, entre 550 cm³ e 687 cm³.

Quando a África passou por uma mudança climática, houve uma diversificação na morfologia dos hominídeos, que tiveram que se adaptar ao novo meio, passando por uma evolução genética bastante rápida. O ambiente torna-se seco e frio. O resfriamento contribui para a devastação das florestas e o aumento das regiões planas, como as savanas. Quem se adaptasse, possuía melhores condições de sobrevivência. Nesse cenário podiam ser caça ou caçador. Isso vai de acordo com as teorias de Charles Darwin (1809-1882), que em 1859 publicou o livro: “A Origem das Espécies”, no qual ele afirma que todas as espécies descendem de um único ancestral comum e que através da seleção natural havia evoluído e originado toda a diversidade existente. (DARWIN, 1859/2003).

O fim dos *australopithecus* se deu pela extinção das florestas, eles precisavam das árvores. As últimas espécies de *australopithecus* foram o *A. gardi*, *A. africanus* e os *paranthropus*, que assim como o *homo habilis* não dependiam tanto das florestas. Com temperaturas cada vez mais baixas, o *homo habilis* acostumado com o clima tropical se extingue. Surge então uma nova espécie, o *homo erectus*, possuidor de um cérebro maior, elaborou ferramentas mais complexas, e foram os primeiros a migrarem para outras regiões, provavelmente Europa e Oriente Próximo, em busca de alimentos. A princípio viviam da caça e da coleta nas savanas.

INDÚSTRIAS LÍTICAS

Essas descobertas só foram possíveis graças aos achados encontrados nos sítios. Esses sítios são uma porta de acesso para compreensão do passado. Na região de Olduvai, na Tanzânia, foram encontrados alguns seixos lascados, que datam de aproximadamente 2,5 a 3 milhões de anos, possivelmente associado ao *australopithecus boisei* e *homo habilis*. Esse tipo de fabricação de ferramentas é conhecida como indústria lítica ou indústria da idade da pedra, e a procedência dos objetos é de diversos lugares.

Para a produção de ferramentas, era necessário escolher o tipo

de rocha a ser trabalhada, e em seguida era preciso uma outra rocha que fosse mais resistente, para retirar as lascas. Isso se deu quando os homínídeos perceberam que ao bater uma rocha na outra de forma correta, elas produziam lascas finas e pontiagudas, capazes de cortar. Para isso, usavam materiais diversos como sílex, obsidiana, basalto, quartzo, alguns deles encontrados facilmente em regiões vulcânicas.

OLDUVAIENSES

Ainda não se sabe ao certo quem foi o primeiro a fabricar ferramentas olduvaienses. É comum associá-las ao *homo habilis*, apesar de haver divergências entre os indícios arqueológicos e paleontológicos. Mas, há também suspeitas que o *australopithecus garhi* também tenha fabricado essas peças perto de utensílios em Afar (Etiópia).

A indústria olduvaiense é a mais antiga indústria lítica, conhecida no mundo, com instrumentos feitos há cerca de 2,6 milhões de anos. Essa cultura pertence a tipos diferentes de homínídeos, por isso utiliza-se frequentemente a expressão “*homo faber*” para se referir ao artesão dessas peças, compostos de seixos talhados e lascas, a maioria encontrados próximos aos rios.

No que diz respeito ao olduvaiense, o talhe de lascas a partir de núcleos, técnica que mais frequentemente lhe é associada, mostra já um admirável desenvolvimento cognitivo na capacidade mental de antecipar a sequência de gestos necessários para um aproveitamento otimizado do bloco original. O aparecimento de sítios com indústria lítica associada ao olduvaiense reflete assim um importante passo adaptativo na evolução humana. (MAGALHÃES; ARAÚJO, 2011, p.16).

Além de Olduvaiense, há outros nomes diferentes como cultura do seixo lascado, pebble culture, pré-acheulense. Essa variação se dá de acordo com os lugares ou com os pré-historiadores que as distinguiram pela primeira vez. Os seixos talhados fazem parte da pebble culture. Lovis Leakey criou o termo “olduvaiense” para a *pebble culture* da Garganta do Olduvai. A princípio houve muitas controvérsias em relação às descobertas em Olduvai, onde o seixo talhado poderia ter sofrido atrito e se fragmentado sem necessariamente ter sido lascado.

No entanto, a família Leakey conseguiu provar suas teorias, através de novos achados.

INDÚSTRIAS DE *SHOPPERS*

Possivelmente, os vestígios mais antigos tenham sido lascas de quartzo encontrados nos sítios do lago de Turkana (Quênia) e no vale de Omo (Etiópia). Logo depois, foram encontrados seixos lascados, do tamanho de um punho, que sofreram lascamentos de outras pedras para produzir utensílios cortantes. Já os trabalhos mais pesados, exigia o uso de instrumentos com lascas mais finas e mais cortantes, que pudessem cortar peles de animais. Esse tipo de indústria denominada “indústria de *choppers*”, aparece nos níveis inferiores da Garganta do Olduvai e em Melka Konturé (Etiópia).

As pedras usadas para a fabricação desses *shoppers*, nem sempre eram seixos, geralmente usavam ossos ou madeira. Por isso, a preferência de certos arqueólogos em chamar esse período no qual essa cultura está inserida no período olduvaiense. Por intermédio de fósseis e utensílios, acredita-se que eles abatiam animais de grande porte como elefante, mamutes e bisões.

ACHEULENSES

Também conhecida como “civilização dos bifaces”, deriva do nome Saint acheul, local onde foram encontradas ferramentas pertencentes aos acheulenses. Os bifaces são instrumentos feitos lascando o seixo em seixos de quartzito e sílex. De forma oval, com um gume, talhado nos lados. Essas indústrias são bastante numerosas na África e facilmente identificadas, devido a produção de utensílios de grandes proporções. Esse tipo de indústria está associada ao *homo erectus*. As técnicas utilizadas na fabricação contribuíram para o desenvolvimento do modo de vida desse hominídeo. Divide-se em Acheulense Antigo (mais simples) e Acheulense Evoluído. São encontradas nos sítios de Olduvai, Olgorgesailie, Kariandusi, Rif Valley e Melka Kronturé. Os instrumentos utilizados eram: biface, *hand-axe* (acha de mão), utilizadas para cavar, e machadinha, que serviam para esfolar animais.

As lascas eram mais afiadas e precisas, e os instrumentos feitos com lascas maiores, que cabiam na palma da mão. O surgimento dos Acheulenses, indica um aperfeiçoamento dos recursos explorados pelo olduvaiense, com métodos melhores de utilização. Os locais de habita-

ção situavam-se perto dos rios e no litoral, como em Amanzi (África), onde os instrumentos foram abandonados e pisoteados por elefantes. Além dos bifaces, utilizava machadinhas, picões e lascas que formavam raspadores. As lascas clactonienses, muito usadas no Acheulense I, no estado bruto, eram obtidas pelo choque entre a rocha e uma bigorna. O processo de lascamento mostra uma evolução na capacidade de criação. A obtenção do instrumento não se dá só pelo atrito entre duas rochas, há todo um processo que vai desde o lugar correto onde se coloca o preceptor até o local onde se extrai essas lascas.

ÁFRICA

Após as descobertas em Botsuana, foram encontrados instrumentos em várias outras cavernas da África: Sterkfontein, Swartkrans, Kromdraai e Makapansgat. A partir de 1955, a família Leakey, descobriu cerca de setenta espécies de homínídeos, na Garganta do Olduvai (Tanzânia). Em 1969, pela primeira vez são encontrados fósseis ao lado de instrumentos de pedra e osso, na jazida de Omo na Etiópia e no lago Turkana no Quênia. Esses sítios se destacam na quantidade de utensílios que vão desde seixos trabalhados de forma rudimentar até as bifaces mais aprimoradas.

Paralelo ao Olduvai, está a cronologia de seixos lascados do Saara, do Marrocos e da Argélia, estima-se que seja de dois a um milhão de anos. Quanto a Magreb e Saara não se diferenciam da França, ambos não possuem diferenças em relação aos bifaces. No tempo que o Saara ainda possuía rios, era comum a formação de terraços, denominados terraços: antigo, médio e recente. No Djebel Idjerane, localizado no Saara argeliano, apresentou seixos lascados, rio, nos quais foram retiradas algumas lascas para obter um gume grosseiro e sinuoso. Certamente, esses objetos teriam sido fabricados pelo *homo habilis*. No Saara nigeriano, também há grandes quantidades desses seixos, o que nos leva a afirmar que essa cultura expandiu-se por todo o Saara. Lamentavelmente nenhum fóssil chegou aos dias atuais, existem apenas algumas hipóteses levantadas a partir de instrumentos rudimentares espalhados nos sítios por todo o Saara. Tachenghit e Tabelhala se destaca pelos bifaces em arenito quartzoso avermelhado, e revelam uma técnica de machadinha bastante evoluída. Ao passar para o biface houve uma evolução para peças bem acabadas, através da mudança na técnica de lascamento e da substituição do martelo de pedra, pelo percutor mole de osso ou madeira.

Apesar do homem ter feito na pré-história, utensílios de diferentes tipos: ossos, madeira e pedra. A madeira dificilmente é preservada, e devido o solo da África não ser favorável, raramente os ossos são conservados. Por isso, é mais comum encontrar pedras em formatos de seixos. No vale do Zambeze, na África Austral, desenvolveu-se um tipo de técnica diferente, a *clactoniense*, que consiste na obtenção de peças maiores com grandes golpes, feitos por sílex e substituído posteriormente pela técnica *levallois*, uma técnica mais aprimorada, que permitiu um controle sobre o tamanho e a forma da pedra. No Sudão (África Ocidental) foram descobertos em 1949, seixos grosseiramente lascados, formando utensílios rústicos.

ÁSIA

A China destaca-se como uma região importantíssima para o estudo dos vestígios paleolíticos. Com várias jazidas na qual destaca-se a de Chu-Ku-tien, com mais de 15 sítios. Foi nesse lugar que Teilhard de Chardin descobriu em 1920 o famoso *Sinantropo Pekinesis*, também conhecido como “homem de Pequim”, visto como importante elo da evolução humana. Esse tipo de homem primitivo pertence ao *homo erectus* e foi encontrado nas proximidades de Pequim. Acredita-se que ele conseguiu sobreviver às mais diversas condições climáticas. Dados recentes afirmam que ele teria vivido em Pequim, entre 700 a 800 mil anos, ou seja duzentos mil anos a mais do que se pensava. Ele foi descoberto por Davidson Black (1884-1934), há hipóteses de que ele tenha sido o primeiro a trabalhar com ferramentas.

A nova datação do homem de Pequim feita com uma técnica mais fiável pela equipe de Guan-jun Shen, da universidade Normal de Nanjeing, significa duas coisas. Por um lado, que este homem primitivo conseguiu sobreviver no clima frio e seco de uma série de glaciações que atingiram o seu habitat naquele período. Por outro, põe em causa o percurso dos homens primitivos desde o seu berço africano. (GERSCHEN-FELD, 2009, p. 22).

Junto com os fósseis foram encontradas ferramentas de pedra e osso, além de vestígios de fogueira e a presença de uma indústria de quartzo talhado, que recebeu o nome de Chukuteniense, um tipo de *pe-*

bble culture evoluída. Além do quartzo, há peças de seixos, *shoppers*, bifaces. O Sinantropo era um caçador, que segundo indícios já dominava o fogo, evidenciado pelos achados constantes de restos de fogueiras, o que possibilitou uma Grande conquista para o homem paleolítico, pois eles conseguiram se proteger do frio, espantar os animais predadores e esquentar os alimentos no vale de Fen, os sítios de Tinha T's ou Cheng-Chia-Chuang, apresentam instrumentos que estão na transição entre a cultura Chukuteniense e a Ordosienses, denominada cultura do Fenho. Esse tipo de cultura se assemelha muito com a Achuelense.

Os traços comuns com o chukutenienses são numerosos e sem nenhuma dúvida trata-se umamesma região técnica, mas a cultura do Fenho baseia sua originalidade na presença de lascas finamente retocadas de bifaces e em blocos ou em lascas (sítio de Lits'un) e o emprego de técnicas de retalhamento mais evoluído. (Gourhan, 1981, p.72).

Uma das regiões mais famosas da Ásia é a ilha de Java (Indonésia). O homem de Java foi a primeira espécie de *homo erectus* descoberto. Foi encontrado em 1891 por Eugene Dubois, e recebeu o nome científico de *anthropopithecus erectus*. Apesar de ser uma importante descoberta, nenhum artefato foi associado a ele. À semelhança do homem de Java e do homem de Pequim levou o biólogo Ernst Mayr a renomear em 1950 as duas espécies como *homo erectus*. Foi o primeiro a migrar da África para a Europa e Ásia.

ORIENTE PRÓXIMO

O Oriente próximo sempre foi uma região importante no contexto da pré-história, visto que estudiosos e pesquisadores procuram entender quais foram as rotas que os primeiros seres humanos escolheram para sair da África. Essa região encontra-se entre os três continentes: África, Ásia e Europa.

Na Síria foi encontrada na jazida de Jabrud, várias indústrias e o Líbano apresenta indústrias acheulense e levalloisense. Vale salientar que esses países vítimas de guerra, sofrem com a interrupção das pesquisas e que também alguns os artefatos e sítios foram destruídos.

Em expedições recentes na Jordânia, pesquisadores italianos e brasileiros encontraram ferramentas de cerca de 2,4 milhões de anos e

que foram associadas ao *homo habilis*. Até então imaginava-se que o *homo erectus* era migrado para outras regiões. O arqueólogo e antropólogo Walter Neves professor do instituto de estudos avançados da USB afirma:

Com nossas descobertas demonstramos que o homem saiu da África cerca de 500 mil anos antes e a transição entre o *homo habilis* e o *homo erectus* aconteceu no Cáucaso e não na África pode ser que a espécie encontrada em Cáucaso portanto seja do *homo habilis* ou intermediária entre o *habilis* e o *homo erectus* (TERRA, 2019).

EUROPA

Calcula-se que os primeiros seres humanos chegaram à Europa há 45 mil anos atrás, acredita-se que eles tenham chegado na Europa e no Oriente Próximo ao mesmo tempo e que a ocupação humana na Europa tenha surgido em Dmansi (Geórgia), entre 1 a 1,8 milhões de anos pelo *homo erectus* ou *homo ergaster*. As jazidas do vale de Dnieper mostram que nessa indústria era utilizada sílex e que era tanto talhado no local como transportado.

A Alemanha apresenta a simultaneidade das culturas *clactonienses*, *acheulense* e *levalloisense*. Através das *levalloisenses* é possível notar procedimentos mais complexos após uma preparação do núcleo e que ao final tinha a possibilidade de predeterminar a forma da lasca que iria ser extraída. Tanto as indústrias como os tipos humanos não apresentam datas precisas, por se tratar de uma fase de transição. Já os instrumentos encontrados na França em Vallonet, se assemelham muito com os cestos africanos. Os de Hungria tanto os *shoppers* como as lascas *clactonienses* se parecem com os de Chu-Ku-tien.

A *acheulense* tão tradicional se alterou para a *pré musteriense*. Se extraía o artefato que desejava e era comum a fabricação de lâminas e lascas *levalloisense*, que trouxeram uma revolução na maneira de confeccionar tais peças, além de tudo acredita-se que ela evoluiu de forma paralela à cultura *acheulense*.

Na Europa ocidental a adaptação ao tema contribuiu para que a idade *risiana* evoluísse para indústria *moto-Quina*, bem como a origem de outras tradições de bifaces no norte europeu. Não se sabe ao certo se essas indústrias apresentam uma idade mais recente do que a que lhes

foi atribuída, visto que atribuem traços de antigas tradições técnicas.

Existem algumas controvérsias entre a África e a Europa, sobre o modo de subdividir a pré-história. Como as indústrias líticas são muito encontradas na Europa, os arqueólogos procuram fazer uma subdivisão parecida com a da África. Sendo assim, o Paleolítico Inferior da África também é o Paleolítico Inferior da Europa com as culturas olduvaiense e acheulense. O Paleolítico Médio corresponde ao Mustierense da Europa com pontas de levallois, raspadores e facas. E o Paleolítico Superior também corresponde ao paleolítico superior da Europa, com a confecção de buris, agulhas de marfim de pequenas esculturas. Seja qual for a subdivisão, a importância desses achados arqueológicos é inegável e se configura como um grande avanço na construção de um entendimento desse “nosso” passado ancestral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o paleolítico foi o período mais longo da humanidade, dissertamos sobre as indústrias líticas, nas quais o homem percebeu que após bater uma pedra na outra lascas se despediam tornando-a mais afiada e pontiaguda o auxiliando em diversas atividades, estudos esses que só foram possíveis após a descobertas de sítios arqueológicos espalhados pelo mundo como observamos anteriormente, e são de extrema importância pois nos possibilitam uma visão mais antropológica do passado e de nossos ancestrais. Embora, não se entre em concordância sobre quais espécies desenvolveram estas indústrias líticas.

Embora utensílios tivessem sido produzidos com outros materiais anteriormente, as rochas são as que se mantêm preservadas por séculos nos permitindo estudo aprofundado sobre a origem não apenas de suas criações mas também para entender como as espécies viviam, suas rotas de migração, dieta a qual se alimentavam e até o clima do local. Por fim, se conclui que essa inovação surgida a milhares de anos foi de extrema importância na sobrevivência de nossos ancestrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFAGALI, Crislayne; PREVIALLI, Ivete; SOUZA, Martins. **História da África**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2018.

ARAÚJO, Ângela; MAGALHÃES Bruno. **Das primeiras ferramentas ao Olduvaiense: “salto” tecnológico ou processo gradual 2011.** Monografia- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Algarve.

BLOCH, Marc. **Apologia da História:** ou o ofício do historiador. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUENO, A. et al. **Extremo Oriente Conectado.** Ed. Especial. Pernambuco, 2019.

CARVALHO, Thiago de Paula. **Nossa Origem África:** A História antes da História. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora.

DARWIN, Charles. **A Origem Das Espécies.** Tradução: Joaquim da Mesquita Paul. Porto: Lello e Irmãos-editores, 2003.

GERSCHENFELD, Ana. **Paleontologia:** Homem de Pequim é mais velho do que se pensava. Público, 2009. Disponível em: <<http://www.publico.pt.com.br>> Acesso em: 12 de mar. De 2009.

GOURHAN, Leroi. **Pré-História.** Tradução: Josefa Uratauka, Caio Del Rio Garcia. São Paulo: Pioneira: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

HOEBEL, E. Adamson. **Antropologia Cultural e Social.** Tradução: Euclides Carneiro da Silva. 1.ed. São Paulo: Cutrix, 2006.

KI-ZERBO, Joseph. **Metodologia e pré-história da África.** 2.ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.

SILVA, Hilton. **Evolução Humana, Biologia, Cultura e o Ambiente Iantrogênico da Modernidade.** Universidade do Pará, 2014.

SOPHIATI, Daniela; WOLFRAM Johanna. **Pré-história.** Indaial: Uniasselvi, 2013.

VIALOU, Águeda; VIALOU, Denis. **Utensílios líticos revelam sua história e a da Pré-história a propósito de Coleções Limur e Medi-**

terrâneo e Oriente Médio. São Paulo: ISSN 2317-3599; N.17, 2013.

SOCIEDADE E CULTURA NA PRÉ-HISTÓRIA: ORIGENS E TRANSFORMAÇÕES DOS COSTUMES E CONVIVÊNCIAS AO LONGO DA HISTÓRIA

Larissa Diniz Dantas¹

Maria Clara da Rocha Barbosa Souza²

PRIMEIRAS FUNDAMENTAÇÕES: PRÉ-HISTÓRIA E O ADVENTO DA ESCRITA

A Pré-História é caracterizada como um período histórico, no qual ainda não havia a escrita, portanto, não seria possível a existência de documentos escritos para análise de fatos. Em contrapartida, a Arqueologia proporcionou aos historiadores e pesquisadores a oportunidade de analisar documentos referentes àquela época, de maneira abstrata, que variava desde um fóssil até uma pintura rupestre. Foi estabelecido que o desenvolvimento humano tivesse apenas cerca de 3,5 milhões de anos, enquanto os documentos escritos, cinco mil anos. Partindo desses dados, é possível perceber que, caso não tivesse havido o estudo arqueológico, através de seus profissionais, a escassez de documentos referentes à Pré-História seria bastante.

É possível afirmar de acordo com Braidwood (p.7, 1985) que a pré-história buscava expressar o tempo antes da história, começando através do surgimento da escrita. Destarte, e mais de 99% da trajetória humana encontra-se justamente na pré-história e o homem, enquanto ser pensante, dotado de racionalidade, caminha pela Terra há pelo menos dois milhões de anos, porém só veio colocar em prática a escrita cinco mil anos atrás, provavelmente na crescente fértil.

Dessa forma, o conceito de pré-história, vai além da compreensão, bem como a problematização da demarcação da história através da escrita, afinal, a bagagem documental histórica é muito maior do que o que realmente se registra desde o surgimento da mesma. É importante destacar que há milhares de anos atrás, existiam povos que deixaram seus registros por meio de documentos não escritos e isso deveria ser levado em consideração como parte da história, e não como uma inicialização dela.

Quando se analisam grandes nomes da historiografia, pode-se

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: flarissa.dantas@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: maria.rocha@aluno.uepb.edu.br

trazer ao campo da pré-história, um dos fundadores da Escola dos *Annales*, o historiador Marc Bloch (1886-1930), que critica o ensino de uma história positivista, mecânica, que se resume apenas à escrita, sem valorizar a arte, as manifestações e objetos que caracterizam determinado período. Ora, voltando o olhar para o que tange a pré-história, um período que antecede justamente o advento da escrita, não se tem muitas coisas além de profundas manifestações de cunho artístico que podem ser vistas em pinturas rupestres, como as de Lascaux, no sul da França e, em nível de Brasil, um sítio arqueológico que fica no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, por exemplo. Tais pinturas podem revelar aspectos importantes no que diz respeito à cultura, como também as relações sociais entre os povos pré-históricos, mostrando que a escrita não é algo essencial para a análise e a compreensão das sociedades pré-históricas.

NOMADISMO E AS MULHERES PRÉ-HISTÓRICAS:

Considerando as questões básicas do convívio entre os povos pré-históricos, percebe-se o forte nomadismo existente na Idade da Pedra Lascada (período paleolítico), que acontecia devido à necessidade de locomoção em pequenos períodos, visto que, ainda não existia o conhecimento de ferramentas que tornasse possível a domesticação de animais, além do que, o clima era instável, o que impulsionava o homem a ser nômade. É importante ressaltar, que o conceito de família foi criado aos poucos, ou seja, a convivência entre povos de uma mesma linhagem era pouca no período paleolítico, afinal, eles não conviviam no mesmo ambiente e estavam em constante migração.

Ampliando as percepções da Pré-História, compreende-se a presença primordial dos princípios do patriarcado no termo “homens das cavernas”, utilizado constantemente, e com isso torna-se possível questionar: afinal, onde estavam as “mulheres das cavernas”? E uma das respostas é que elas não praticavam apenas atividades domésticas, como cozinhar ou cuidar dos filhos. O cenário feminino pré-histórico foi ocultado pelas narrativas históricas ao longo do tempo, porém, assim como os homens, as mulheres precisavam se alimentar. Enquanto nômades, era imprescindível a necessidade de autonomia, e com isso elas caçavam, pescavam e tratavam de sua própria segurança.

Através dessa formulação, pode-se aprofundar a percepção atual em relação à mulher na pré-história. A visão freudiana, na qual se tem um homem movido pelos seus instintos sexuais, animais e que en-

contrava na mulher, de forma irracional, um objeto para saciar seu desejo sexual, pode ser analisada no capítulo do livro “Educação, Tecnologia e Sociedade: novas abordagens educacionais” no qual o professor Dr. Matusalém Alves Oliveira, orientador desse projeto, disserta acerca da concepção de Freud sobre o comportamento do homem na pré-história:” Por outro lado, a horda primal refere-se a um grupo primitivo de Homo Sapiens, no qual um homem poderoso governava esporadicamente o resto” (OLIVEIRA, p.7, 2019). Ou seja, não se enxerga uma mulher enquanto líder de tal horda, mas sim, uma mulher que é posta como objeto de gratificação sexual para o homem e seus impulsos.

No que tange a biologia da mulher pré-histórica, pode-se ver que não a favorecia. Devido a sua força física, o homem se destacava muito, principalmente por defender o grupo como também por garantir a alimentação. Ademais, a Pré-História raramente é vista pela perspectiva feminina, porque ela simplesmente não tinha um espaço definido. Esta visão sobre este período só foi rompida com a descoberta dos fósseis de Lucy e Luzia. Porém, a grande maioria das descrições relacionadas à mulher pré-histórica ainda estão resumidas apenas ao ambiente doméstico. No entanto, com a descoberta destes fósseis, é colocado o seguinte questionamento: Qual seria a real participação e representação feminina no cenário pré-histórico?

Os vestígios desse período mostram que, antes mesmo da criação da agricultura (Neolítico, 7000 a.C- 2500 a.C), a mulher se mostrava ativa no que tange a questão do processamento da caça, auxiliando no corte das carnes e também ajudando nos deslocamentos dos restos dos animais mortos para servir de alimentação. Seguindo adiante, ao longo dos períodos que caracterizam a pré-história, a presença feminina se mostra através de pinturas, atividades artesanais e na fabricação de armas. Consequentemente é possível observar o surgimento de formas de vida mais sedentárias.

As primeiras aldeias são criadas próximas a rios, de modo a usufruir da terra fértil (onde eram colocadas sementes para plantio) e água para homens e animais. Também neste período começa a domesticação de animais (cabra, boi, cão etc). [...] A disponibilidade de alimento permite também às populações um aumento do tempo de lazer e a necessidade de armazenar os alimentos e as sementes para cultivo, o que leva à criação de peças de cerâmica, que vão gra-

dualmente ganhando fins decorativos. (DENIS, 2008, online).

RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

A Pré-História brasileira reflete um cenário repleto de descobertas socioculturais das raízes de um povo, e como consequência dessa riqueza de fatos históricos no território brasileiro pode-se detectar uma vasta compilação de sítios arqueológicos que se têm nesse território. Para ressaltar uma das grandes contribuições brasileiras na Pré-História, deve-se discorrer acerca do fóssil feminino mais antigo das Américas, denominado Luzia, que foi encontrado em Lagoa Seca- BH.

Em estudos, descobriram que Luzia era uma mulher de origem africana e, assim como muitos outros povos, deslocou-se até a América, no período em que houve fortes mudanças climáticas, que implicaram na locomoção e desbravamento de diversos povos.

Acerca das sociedades pré-históricas que viveram no território brasileiro, devem-se ressaltar três povos: os povos de Lagoa Santa; os povos de Umbu; os povos de Sambaquis. Segundo estudos do naturalista dinamarquês de mais renome do século XIX, considerado pai da paleontologia e arqueologia no Brasil, Peter Wilhelm Lund (1801-1880), os povos de Lagoa Santa viveram entre 8000/4000 a.C. Se apresentavam de baixa estatura, magros e não tinham tantas habilidades no quesito caça, sendo assim, se alimentavam de pequenos animais como peixes, caramujos e veados. Como a maioria dos povos pré-históricos, sua expectativa de vida era baixa, não ultrapassando os 30 anos de idade.

Mais adiante, surgem nas florestas do Sul e Sudeste brasileiro os povos de Umbu. De grandes habilidades, traziam inovações como o arco e a flecha e a boleadeira (instrumento composto por três bolas de pedra ligadas entre si por cordas de couro), ferramentas excelentes para caça de animais velozes. Além do que, esses povos tiveram forte influência no desenvolvimento de facas de corte afiado. Ademais, os povos de Sambaquis ou das Conchas, se alojaram próximos ao mar devido aos benefícios que ele oferecia. Alojando-se lá, se tornaram sedentários, ou seja, já não se tratava mais de povos nômades.

Eles também eram de baixa estatura e cabeças volumosas, se alimentavam de peixes e, em grande maioria, moluscos, que eram retirados de conchas. Através das conchas dos moluscos, eram feitos montes onde eles enterravam seus povos. Neste processo, os corpos dos mortos

eram pintados de vermelho, assim como, eram deixados presentes para o uso do morto no outro mundo. Tais rituais colaboraram para a descoberta de fósseis humanos e animais entre as conchas, que ainda podem ser encontradas em montes pelo litoral brasileiro. No decorrer dos anos, os Sambaquis foram vencidos pelo povo Tupi, o que desencadeou no desaparecimento dos famosos povos das Conchas. Através dessa apresentação, entende-se que a Pré-História brasileira é riquíssima no que diz respeito à cultura dos povos desse período e, como consequência deste, tem-se uma organização social que nunca sequer foi imaginada.

Pesquisas realizadas no estado da Paraíba, encontra-se a Pedra de Ingá, identificada como “Itacoatiara” (que significa “pedra pintada” na língua Tupi-Guarani), que está localizada há 50 km de Campina Grande, na zona rural de Ingá. Segundo o historiador paraibano, Erik Brito, os entalhes da Pedra podem ser caracterizados como os do Período Neolítico, algo em torno de 6 a 10 mil anos e seu significado ainda é uma incógnita, porém, existem algumas especulações sobre ele. Com isso, pode-se perceber claramente a riqueza relacionada à pré-história no que diz respeito ao estudo arqueológico no Brasil.

O PAPEL ANTROPOLÓGICO NA DESCOBERTA DE DOCUMENTOS PRÉ- HISTÓRICOS

A Antropologia pensa diferente da ciência Histórica. De acordo com a referente ciência, tudo é história e à medida que cada registro deixado por um ancestral de qualquer linhagem permite recuperar dados de determinado passado, para a História, a escrita é um marco delimitador e, à medida que para a modernidade a escrita é o que valida o discurso, registra com fidedignidade a história.

Para a Antropologia toda e qualquer forma de criação/invenção humana representa uma fonte histórica. Qualquer vestígio material (fóssil paleontológico ou arqueológico) conta uma história. Por exemplo, uma pintura rupestre é uma forma de escrita (inscrição); uma cerâmica, um colar de conchas, uma ponta de lança, etc. São artefatos que permitem ler um grupo, saber sobre o grau do seu domínio sobre a natureza, suas crenças. Então, para a Antropologia não existe essa diferença. Ela compreende que todos os registros que representam a marca do homem, a sua presença, vestígios do seu longo processo de existência na terra, são representações da sua história, da sua trajetória de existência. Sendo assim, para a Antropologia, tudo é história. Logo, no que tange a cultura, afirma-se que:

Uma cultura arqueológica pode ser então definida como um grupo de comunidades que compartilham uma cultura material semelhante ou revelam variações no material cultural em proporções explicáveis por diferenças profissionais ou de classe, dentro de uma única tradição cultural. Uma cultura fica, assim, definida em termos das semelhanças tipológicas encontradas entre unidades mínimas socialmente definidas (isto é, comunidades). Embora não haja concordância a respeito do grau exato de semelhança em causa, existe, todavia, a exigência de que a cultura deva normalmente refletir um quadro geral de vida. (TRIGGER, 1973, p. 47).

O FOGO ENQUANTO ELEMENTO CRUCIAL PARA A EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA

Segundo o professor e historiador ambiental Stephen J. Pyne, a espécie humana é uma criatura de fogo vinda da era do gelo. Desta forma, Stephen diz de forma direta que, o único elemento capaz de diferenciar a espécie humana dos outros animais e torná-la a espécie dominante na terra, foi o fogo. Os seres humanos viam o fogo como um presente dos deuses, e assim ele foi passado por diversas gerações durante milhares de anos, como um mito. Afinal, porque não seria um presente dos deuses algo que os proporcionava proteção, calor, nutrição e comunicação?

O fogo é o causador da transição dos seres humanos de caça para caçadores, a manipulação do mesmo leva a espécie humana à defesa mais firme e a uma caça mais certa. A criação de fogueiras possibilitou a culinária, que foi essencial para o desenvolvimento humano, visto que, a comida cozida proporcionava a chegada de nutrientes ao corpo e, conseqüentemente, a expansão do cérebro. Além do que, proporcionava mais energia e tempo livre, uma vez que o tempo de mastigação era reduzido, devido à maior facilidade deste processo, ocasionado por uma comida mais macia, recurso do cozimento. Adiante, com a expansão do cérebro humano dentro do útero, os partos se dificultaram e surge então uma maior necessidade de assistência durante este processo, e assim, gerando uma maior comunicação e empatia entre as tribos, formando comunidades.

As fogueiras, como nos dias atuais, eram responsáveis pela união e comunicação. Era ao redor delas que todos podiam se aquecer e cozinhar seus alimentos. Porém, com o passar dos tempos, descobre-se uma utilidade nas fogueiras que mudaria completamente o cenário da idade das pedras. Com enormes fogueiras e calor nas terras, era possível derreter minerais e dar a eles novas formas. Derretendo o estanho junto ao cobre, formava-se o bronze, e logo em seguida, o ferro, o aço, etc. E assim, o fogo tornou-se o mais importante elemento da evolução humana, e com isso iniciou-se a era dos metais.

No que tange o universo cinematográfico, pode-se citar o filme “Uma noite no museu”, do diretor Shawn Levy, no qual em uma de suas partes se tem a representação dos homens pré-históricos tendo o seu primeiro contato com o fogo. Apesar de todo o lado humorístico dessa produção, é relevante trazê-la aqui buscando analisar historicamente a forma com que estes homens reagiram, por ser justamente algo que não fazia parte do cotidiano deles.

O fogo, como foi dito anteriormente, assume um caráter divino porque ninguém é capaz de controlá-lo e ele foi o principal elemento capaz de nutrir, aquecer, entre outras dádivas para os povos pré-históricos. Com apenas ele, grandes passos foram dados para o desenvolvimento físico do homem (aqui colocado de forma geral). O crescimento de sua capacidade encefálica é um exemplo, pois surgia a necessidade de um esforço físico e mental para entender o atrito entre o graveto e a palha que gerava fogo, assim como também o contato entre duas rochas, como por exemplo os seixos.

Podem-se citar também os fenômenos da natureza, que provocavam o surgimento do fogo, como a queda de raios, entre outros. Estes são eventos que, por não terem, na época, uma explicação científica, eram atribuídos a divindades. O fogo foi um dos mais importantes elementos, que possibilitou inúmeros avanços na perspectiva social e cultural da pré-história.

Conclui-se então que a Pré-História apresenta-se riquíssima em sua subjetividade. É o período histórico em que, apesar de não haver nenhuma documentação escrita, mostra explicitamente que ela não é o principal instrumento para a obtenção de dados; e essa afirmação é validada pela Antropologia. Logo, deve-se salientar como funcionou todo o processo de evolução do ser humano, desde sua juventude até a fase mais madura:

A educação dos jovens, nesta fase, torna-se o

instrumento central para a sobrevivência do grupo e a atividade fundamental para realizar a transmissão e o desenvolvimento da cultura. [...] O homem primitivo, que através da imitação, ensina ou aprende o uso das armas, a caça e a colheita, o uso da linguagem, o culto dos mortos, as técnicas de transformação e o domínio do meio ambiente. (VIRTUOUS, 2008, online).

Em seguida, deve-se concluir que a Pré-História foi um período de extrema relevância para se compreender a formação social que se tem nos dias atuais. Determina-se essa relevância quando se discute acerca do nomadismo, sedentarismo e sobre o desenvolvimento da agricultura, além de inúmeros outros aspectos. Ademais, é reafirmada também a necessidade de um olhar historiográfico voltado para a mulher pré-histórica, que na maioria das vezes é superficialmente estudada, expondo desta forma a necessidade de estudar a história com base em outros pontos de vista, não reforçando apenas a história escrita e contada pela perspectiva masculina, afinal, a mulher na pré-história teve uma grande relevância sociocultural naquele período.

A riqueza cultural, artística e ritualística deixada em território brasileiro pelos povos pré-históricos que permaneceram neste por um longo período de tempo, como os povos de Lagoa Santa, de Umbu e também de Sambaquis, que se estabeleceram em comunidades/tribos e deixaram rastros que hoje são alvos de estudos antropológicos e de historiadores. Tais rastros, além de proporcionarem o desenvolvimento de diversos estudos, possibilitaram a criação de sítios arqueológicos, encontrados por todo o país.

Igualmente, relaciona-se a evolução humana com o único elemento capaz de proporcionar a sobrevivência, o fogo, cuja importância e significância são inquestionáveis. Afinal, sabe-se que foi a partir dele que a espécie humana se destacou diante das outras. A dominação do mesmo proporcionou segurança, alimentação e evolução encefálica, ou seja, ele foi o responsável pela sobrevivência da espécie humana, caso contrário, ela seria extinta ou estagnada no processo evolutivo. Por fim, há muito que se aprender acerca de algo tão essencial quanto à origem da sociedade humana, assim, é importante considerar a necessidade de pesquisar e indagar-se a respeito da vida dos povos pré-históricos e do enorme legado e herança sociocultural que eles deixaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIDWOOD, R. J. **Homens Pré-Históricos**. Trad. Carlota Barriounuevo. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1985.

DENIS, Léon. **Educação primitiva**. 2008. Disponível em: <http://www.pedagogiaespirita.org/escola_virtual/pedagogia/educacao_primitiva.htm> Acesso em: 25 nov 2020.

NIGHT at the Museum. Direção de Shawn Levy. EUA: 20th Century Fox, 2006. 1 DVD (108 min.).

OLIVEIRA, M. A. Educação, Tecnologia e Sociedade: novas abordagens educacionais. In: **A Concepção de Freud sobre o Comportamento do Homem na Pré-história**. / Carla Emanuele Messias de Farias, Olindina Ticiane Sousa de Araújo et. al. (Org.). 1ºed. João Pessoa: Ideia, 2019, v. 1, p. 21-29.

Trigger, Bruce C. **Além da história: os métodos da pré-história**. Tradução de Ulpiano Bezerra de Menezes. Editora da Universidade de São Paulo: 1973.

VIRTUOUS, Grupo. **História da educação-período primitiva**. 2008. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/historia/primitivo.Php>>. Acesso em: 25 nov 2020.

REVOLUÇÃO CULTURAL: PERSPECTIVAS ACERCA DO INÍCIO DA CULTURA PRÉ- HISTÓRICA

Lucas Lima Nunes¹

Marcos Felipe Fonseca de Andrade²

INTRODUÇÃO

Será que realmente a cultura possui um início marcável? Ou sempre existiu no âmbito social da humanidade? Cultura é uma palavra de muitos significados, seu conceito é um dos mais importantes das ciências humanas. Ele é sobretudo, um termo bastante explorado pela antropologia, ciência que surgiu na mesma época que a sociologia, que tem por fim estudar e analisar as sociedades humanas a partir de sua produção cultural de organizações sociais e até as mais complexas. Na verdade, a cultura é utilizada pela antropologia desde o século XIX para seus estudos e definições. De acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos:

O significado mais simples desse termo afirma que a cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em todas as palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo o comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (VANDERLEI; HENRIQUE, 2018, p.85).

Nessa ótica, alguns Antropólogos concordam que tal termo, faz parte individualmente de cada ser humano existente no planeta, nos quais cada um possui sua determinada origem, a sua forma, sua diferença, uma “cultura diferente”; um conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos diferentes que trazem à tona toda a singularidade de uma sociedade, povo, etnia. É essa a maior característica da cultura que é

1 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: lucaslimanunes23@gmail.com

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: marcosff-da03@gmail.com

importante destacar, a sua capacidade de diferenciar e destacar a individualidade de cada local, indivíduo e etnia que “a criou”. Além disso, a sua capacidade de perdurar entre inúmeras e inúmeras gerações faz extremamente necessário o seu entendimento e seu estudo.

Somando a isso, partindo para o tema principal que iremos abordar neste artigo, referente ao início do processo cultural no período da pré-história, muitas pesquisas realizadas apontam que a única manifestação cultural dos pré-históricos são algumas ferramentas confeccionadas pelos homens, a construção dos seus lares, e suas lápides onde enterraram seus parentes. Mas, ao observar de forma mais atenta e através de estudos aprofundados, veremos que o início da revolução cultural na pré-história vai muito além de tais acontecimentos, pois, a cultura, como foi mencionado anteriormente, não se resume apenas à confecção de/e a coisas materiais. E é esta ótica que iremos abordar de forma direta no presente artigo.

VALORIZAÇÃO CULTURAL E A IMPORTÂNCIA DE ENTENDER A CULTURA PRÉ- HISTÓRICA

Vivemos uma situação no âmbito social da atualidade, em que cada país tem a sua cultura, seus costumes, seus preceitos; e ainda, essa especificidade cultural ainda se estende de uma maneira forte; cada região, cada estado, cidade, e até mesmo grupos de indivíduos possuem uma cultura única e singular. Sendo assim, tornando tudo o que existe em um fruto de culturas. Consequentemente, na pré-história não foi diferente, cada região e indivíduos possuíam culturas próprias e singulares, cabendo a nós seu conhecimento.

Mas, a priori, é necessário entender a necessidade de estender uma cultura e registrá-la para a sua perduração. Pois, mesmo que uma cultura possa durar por muito tempo, por maior que seja esse período, em algum momento ela poderá ser esquecida, correndo o risco de até mesmo tornar-se um mito; como aconteceu com muitas culturas no decorrer do processo histórico. Com isso, vivemos por milhares de anos, e é evidente que já existiram várias culturas que talvez nunca conheçamos, estas, talvez tenham um grande peso na historiografia da humanidade. Por isso têm-se a necessidade de preservar o processo cultural.

A cultura pré-histórica não é diferente dessa linha de raciocínio, pois só sabemos dela através do trabalho de outras ciências, como a arqueologia e a antropologia, o homem conseguiu desvendar alguns mistérios desse período por nós ainda tão desconhecido. Dessa forma a

pré-história é, assim, encontrada em livros didáticos, escolas, universidades, graças ao processo de perduração da cultura desses indivíduos; resultado do trabalho de historiadores, antropólogos, sociólogos, alunos e professores espalhados por todo o território mundial. Pode-se assim, considerar o estudo de tal grade disciplinar, necessário e universal, pois o mundo todo precisa o conhecer, e, assim como foi mencionado anteriormente, perdurar por gerações acadêmicas futuras, todos os acontecimentos culturais e descobertas, que são resultado de tal estudo. E assim, tornar cada vez mais conhecida a revolução cultural do que se conhece como Idade da Pedra.

DEPÓSITOS BIOLÓGICOS: FONTE DE ENTENDIMENTO CULTURAL PRÉ- HISTÓRICO

As primeiras descobertas, enquanto a cultura pré-histórica, foram feitas ao longo do tempo, grande parte da pré-história, antiguidade e de toda a história da humanidade está toda soterrada. Consequentemente, pouco sabemos sobre este período e sobre o dia a dia dos indivíduos, dificultando terminantemente o processo de entendimento acadêmico.

Os depósitos geológicos, como são conhecidos, são as regiões com as maiores fontes atuais de instrumentos e outras questões dos primeiros ancestrais da humanidade, e, estes podem ser formados por alguns processos biológicos diferentes. Como exemplo comum, podemos citar alguns depósitos geológicos na Europa. Nos quais, especificamente nesse caso, seu processo de formação se deu pelo fato de uma alteração climática: em determinada região habitada por um grupo de indivíduos, eles viviam de forma comum produzindo suas ferramentas para poder caçar e desenvolverem outras atividades. Com isso, o clima teve uma alteração e diminuiu, quando uma geleira estava se formando no norte da Europa. Com isso, foi notado que os animais caçadores estavam se locomovendo, e assim, os levou a se locomoverem também. Então os ancestrais ingleses mudaram-se, deixando seu antigo habitat. Para arqueologia, esses lugares “abandonados” pelos antigos, são os depósitos biológicos, e são vindas deles as fontes que temos hoje para entender a cultura Pré- histórica.

FERRAMENTAS, PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES E AS MAIS EVIDENTES

Grande parte das ferramentas que utilizamos no nosso dia a dia, foram também utilizadas pelos nossos ancestrais. Essas foram uma das primeiras manifestações culturais que o indivíduo pré-histórico obteve, e nos auxiliam terminantemente no processo de entendimento do seu dia a dia.

Tais ferramentas foram criadas para facilitar o cotidiano dos antigos povos, e, para confeccioná-las eles juntavam pedras e madeira e diferenciavam de inúmeras formas, veremos de forma mais detalhada à frente. Sendo assim, desde instrumentos de caça, como armas e etc, até utensílios de cozinha e sobrevivência, o homem primitivo obteve através da criação dessas ferramentas, um avanço terminantemente considerável, resultando conseqüentemente no avanço de toda a humanidade.

PROCESSO DE CONFECÇÃO DAS FERRAMENTAS

A vida nos primeiros tempos foi muito diferente da nossa hoje em dia, como já foi mencionado anteriormente, era muito complicado a sobrevivência, devido aos mais vastos climas, animais, a própria natureza. Desse modo, os antigos povos tiveram que reinventar-se, para poderem viver dia após dia; com isso, as ferramentas métodos de sobrevivência desenvolvidos, puderam caçar a se defender de tudo o que era perigoso para eles.

Para a criação dessas ferramentas, os homens primitivos utilizavam-se de rochas como sílex, eles as lixaram para moldá-las da forma como desejavam, essas rochas, que foram chamadas de eólitos ou pedras do amanhecer, são hoje em dia muito famosas em museus. Hoje, esses eólitos são conhecidos como grandes artefatos da pré-história; certas pesquisas afirmam que não são pedras e sim “geofatos” (fragmentos de pedra produzidos por processos geológicos totalmente naturais, como a glaciação), entretanto, há divergências nas ideias.

Houveram três etapas na fabricação de ferramentas na concepção atual da arqueologia: o primeiro passo seria o que eles achassem, ou seja, uma rocha sílex, uma rocha comum, aquilo que promovesse uma certa funcionalidade ao indivíduo, seria usado com determinada finalidade. Nesse sentido, partindo para a segunda etapa, vemos a modelação, também sendo feita de forma aleatória para dar corpo e uma forma

a ferramenta, promovendo maior utilidade e funcionalidade a mesma. E por fim, a terceira etapa propõe a padronização dessas ferramentas e na forma com que elas são confeccionadas, futuramente sendo estabelecida para cada função ou determinado momento criando uma certa especificidade cultural. Essa fase estabeleceu certa tradição entre os grupos primitivos; essa tradição foi dividida em quatro, e foram conjuntos de hábitos para a produção das ferramentas de pedra/rocha.

FERRAMENTAS DE PEBBLE

Como foi mencionado anteriormente, existiam ferramentas de camadas geológicas muito antigas; as primeiras ferramentas foram oriundas da África, marcando a grande glaciação alpina, as mesmas são feitas de seixos quebrados ou partidos. Seixos são pequenos fragmentos de minerais ou de rochas, esses seixos também são conhecidos como Pebble, nomenclatura mais utilizada no meio acadêmico.

A estrutura e forma desses pebbles era ideal para fazer objetos cortantes, assim, facilitando a caçada dos antigos povos, por perfurar a pele dos animais de uma maneira facilitadora. Nesse sentido, fazer agasalhos e camas, ajudar a cortar frutas e cozinhar se tornou cada vez mais fácil, e a evolução, cada vez mais evidente.

As rochas do seixo atualmente são encontradas em costas do litoral; tendo vista que os antigos povos se acomodavam em lugares perto do mar, para evitar se locomover muito para buscar água, e assim, usavam suas ferramentas de Pebble para poder pescar e pegar água. Algumas pesquisas apontam que essas ferramentas são muito encontradas na África do Sul, mas, também comum encontradas em áreas do velho mundo, um termo generalizado e relativamente recente que define o mundo conhecido pelos europeus no século XV, ou seja, a Eurásia e África que são os continentes europeu.

Nos dias atuais, é muito comum ver seixos como decoração artificiais em casas. Entretanto, são encontradas até hoje ferramentas feitas a partir dela, essas ferramentas podem ser encontradas em museus específicos, que destacam a função de cada ferramenta, assim, facilitando nossa concepção sobre essas rochas, e sobre o processo cultural que ela favoreceu aos homens primitivos.

DIFERENÇAS NAS TRADIÇÕES DE FABRICAÇÃO DE FERRAMENTAS

Com o decorrer do tempo as tradições foram se alterando, conseqüentemente, assim como elas, também foram observadas mudanças nas ferramentas. Isso se deu pelo fato de, com as novas adaptações e novas culturas que foram surgindo, considera-se que a raça humana foi evoluindo para sua versão ainda mais moderna. As ferramentas seriam muito melhores e com maior desempenho na sua execução, do que as já produzidas antes. Cada ser humano, e cada grupo de indivíduos com sua tradição e com sua forma de pensamento diferente desenvolveram maneiras diferentes de manifestação cultural na produção de ferramentas e isso os levou evoluindo cada vez mais.

Atualmente, os arqueólogos conseguem diferenciar nitidamente cada ferramenta, pois, pela comparação de cada uma delas, é possível discernir, o período, a cultura, a forma e até mesmo o local em que ela foi confeccionada. As suas diferenças facilitaram terminantemente o saber, de qual tipo de rocha e material era feita, assim levando em consideração cada tribo da época, cada uma das ferramentas foi nomeada e colocada em museus como uma forma de homenagem aos nossos antepassados. Vale ressaltar a importância que isso tem para nossa sociedade moderna, saber o quanto nossa espécie evoluiu para poder sobreviver e se tornar o que é hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, para entendermos de forma mais clara esse surgimento cultural, é terminantemente necessário o entendimento da singularidade que esse processo trouxe para o homem. Como foi visto, na confecção individual e única de cada instrumento e de cada cultura, o homem construiu também o seu próprio legado, e aumentou ainda mais o seu processo evolutivo. Por isso, tendo em vista essa importância, se faz necessário debruçar-se cada vez mais em livros, pesquisas, e assuntos do tipo, para que possamos desvendar o desconhecido, e escrever mais um capítulo nessa ainda tão incógnita página da história da humanidade.

Mediante a tudo o que foi exposto no presente artigo, cabe a nós, leitores, como pessoas de uma maior convivência com o meio acadêmico, nos sensibilizar acerca do conteúdo destacado. Sendo assim, saber valorizar a importância da cultura para o indivíduo primitivo resulta

cordialmente em também valorizar a cultura no nosso âmbito. Tendo em vista que ela, nos auxilia no entendimento de tantos conflitos, sejam eles sociais, políticos, econômicos. A cultura por si só possui um valor único para uma sociedade, e o homem que a valoriza, está valorizando e escrevendo de uma forma grandiosa a sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIDWOOD, Robert. **Homens Pré-históricos**. Terceira edição. Chicago: Chicago Natural History Museum Imprensa, 1957.

VANDERLEI, Kalina; HENRIQUE, Maciel. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

HOMENS PRÉ-HISTÓRICOS E CONTEMPORÂNEO: SEXO E QUESTÕES EVOLUTIVAS DA REPRODUÇÃO

Josefa Francielle Gomes da Rocha¹

Marcos Jerônimo dos Santos²

INTRODUÇÃO

É perceptível que existem tentativas de buscar compreender o que influencia e como algumas condutas são tidas na sociedade moderna. A partir desta constatação, teceremos por meio do presente artigo algumas comparações acerca dos comportamentos tidos pelos primeiros homens, relacionando-os a condutas efetivadas pelos homens contemporâneos, com isso, averiguando que antigas condutas influenciam as atuais. Logo, este estudo tem por objetivo analisar e, possivelmente, tentar esclarecer como nossos primeiros impulsos moldam os atuais.

Em relação às condutas ligadas ao sexo, é notório que tenham se modificado ao longo do tempo, tanto entre os humanos quanto entre as diversas espécies existentes. Os divergentes tamanhos e formas corporais revelam muito acerca do modo como essas relações são efetivadas, tanto no passado quanto no presente, conseqüentemente, o tamanho testicular e peniano também. Quanto ao tamanho, entre os machos estritamente, pode ganhar conotações de benefícios, a proporção que um macho possuidor de um corpo maior, claramente deterá vantagens sobre os outros em possíveis disputas pela disponibilidade de sexo com fêmeas. Essas disputas mostram-se constantes na atualidade, e não se mostram de maneira diferente nos primeiros tempos.

Os hominídeos, nossos ancestrais comuns, certamente também deviam lutar por fêmeas para poderem acasalar, praticando a poliginia; logo, assim como homens lutaram por mulheres, hoje ainda lutam. Dessa forma, é extremamente visível que diversas condutas tidas atualmente são reflexos de antigos comportamentos.

Em relação às questões evolutivas dos seres vivos, abordamos a figura do homem, fazendo comparações dele com os outros seres, analisando as táticas de reprodução desenvolvidas por cada um, averiguando que os progressos das técnicas reprodutivas foram importantes para todos os seres, englobando a relação do cuidado parental, que se

1 Graduanda em licenciatura plena em História - UEPB. E-mail: josefa.rocha@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História - UEPB. E-mail: marcos.santos@aluno.uepb.edu.br

mostra essencial para os descendentes, assim, garantindo o sucesso e a disseminação do gene de cada indivíduo.

Por conseguinte, também é abordado que toda ação feita por um ser desde a reprodução ao cuidado com os filhos vão interferir no futuro de toda a sua descendência, decidindo o futuro do seu legado genético. Nesse cenário, o ser humano destaca-se de todos os outros seres, porque possui uma outra forma de chegar às táticas reprodutivas, visto que, o homem possui um pensamento moderno e racional, muitas vezes deixando seu legado genético de forma inconsciente por ação da própria natureza.

A discussão aqui realizada constitui-se de uma revisão bibliográfica, cujo foco é debater acerca do sexo e de questões evolutivas ligadas a reprodução, traçando comparações entre os primeiros homens e os modernos, com finalidade o entendimento de algumas condutas tidas atualmente. O texto-base para a produção deste trabalho é o capítulo 4 do livro “Instinto humano” do britânico Robert Winston.

DIFERENTES TAMANHOS E SUAS INFLUÊNCIAS QUANTO ÀS CONDUTAS SEXUAIS

Nas relações sexuais das mais variadas espécies, os diferentes tamanhos e formatos corpóreos encontrados nos homens e mulheres dizem muito acerca de suas condutas sexuais e de que forma essa relação é efetivada. Entre os machos especificamente, essa divergência de tamanho e forma corporal mostra-se benéfica, especialmente para aqueles que dispõem de um maior tamanho corporal em relação aos outros. Este benefício está centrado principalmente ao que diz respeito às batalhas ocorridas entre eles para a obtenção de sexo com o maior número possível de fêmeas. Esse comportamento é encontrado tanto entre os animais quanto nos humanos.

Entre os gorilas das montanhas, por exemplo, o macho dominante possui um vasto número de fêmeas com as quais possui relações sexuais; logo, há agressivas disputas físicas entre eles, possuindo como resolução final a disponibilidade de sexo com várias fêmeas. Nessas competições evidentemente tende-se a obter vantagem aqueles que são mais fortes e possuem um corpo maior, fazendo surgir a pressão evolutiva quanto ao aumento do tamanho dos machos. Assim, o tamanho do corpo torna-se importante nesses embates, entretanto não configura-se como único meio. Há peculiaridades animais que diversas vezes pen-

samos estarem ligadas a sua defesa, mas, na verdade, são mais usadas em disputas por sexo, como o chifre dos alces. Claramente, as disputas ocorridas entre os machos das espécies surge do desejo de obter relações sexuais com um grande número de fêmeas, mostrando-se presente no decurso do tempo, constituindo-se até como uma maneira de possuir poder. Segundo Robert Winston, “Parece que, de um ponto de vista estritamente evolucionista, a natureza competitiva que leva o homem a buscar poder e status está fortemente ligada ao sexo, e ao número de mulheres com quem eles podem fazer sexo.” (WINSTON, 2006, p. 176).

E os homens que compartilham genes com outras espécies animais? Em relação aos humanos, na maioria das vezes eles também possuem corpos maiores que as mulheres. Quanto aos hominídeos, nossos ancestrais comuns, esse fato revela algo intensamente atrativo acerca deles; certamente eles também deveriam lutar para poder acasalar, assim, preconizando a prática de poliginia, ou seja, os machos monopolizavam as fêmeas. Caso a prerrogativa esteja certa, vivíamos uma versão primitiva do sistema de harém, mesmo que não na proporção dos gorilas. Entre os homens é possível a existência de competições físicas como maneira de garantir o alcance das fêmeas e, conseqüentemente, efetuar sua reprodução, podendo perpetuar sua espécie. Visivelmente, assim como homens lutavam por mulheres, hoje ainda lutam.

Assim, as manifestações físicas quanto à sexualidade dos homens são verdadeiramente integrantes. A diferença de tamanho entre homens e mulheres são consideráveis e não possuem relação apenas com o peso ou altura, mas também encontram-se ligadas até com o tamanho testicular, o qual pode revelar bastante acerca de suas práticas sexuais. Sobre essas questões, Winston discute que “o tamanho importa, e não falo apenas de altura e do peso de machos e fêmeas. Acredite se quiser, mas o tamanho dos testículos de um animal pode revelar muito a respeito de suas práticas sexuais.” (WINSTON, 2006, p. 178).

Os homens atingiram um considerável tamanho de testículos, o suficiente para enfrentar uma equilibrada disputa com outros machos relativa à quantidade de esperma que cada um possui. Tendo esse parâmetro como indicativo dos nossos ancestrais hábitos sexuais, nitidamente integramos uma comunidade desordenada. Detíamos de um componente do sistema de harém, perceptível a partir dos diferentes tamanhos corporais entre homens e mulheres. Além disso, aparenta-se que a dimensão testicular mostra-se divergente entre os integrantes da espécie humana. Um estudo realizado acerca do tamanho testicular evi-

denciou que coreanos e japoneses tendem a dispor menores testículos que europeus.

Por conseguinte, verifica-se que o tamanho peniano também configura-se como extremamente valoroso, estando intimamente ligado à percepção de masculinidade concebida pelo indivíduo, assim como, também demonstra aspectos comportamentais gerados sexualmente. “De fato, verificamos, que os aspectos dimensionais ligados ao órgão reprodutor masculino influencia diretamente na masculinidade do indivíduo, em suas atitudes e comportamentos, ditando características peculiares em suas relações sexuais.” (NASCIMENTO; LEMES, 2014, p. 88).

Notoriamente, assim como na atualidade, a dimensão peniana é tida pelos homens como marca de sua masculinidade e, a partir disso, revela perspectivas de suas condutas sexuais. Essa percepção não se manifesta de forma divergente nos primeiros tempos. Entre os primatas, evidentemente, o tamanho peniano também é detentor de imensa importância. A partir do momento em que os hominídeos começaram a locomover-se sobre duas pernas, seus órgãos genitais passaram a ser mais visíveis aos outros integrantes do grupo. Quanto ao tamanho do pênis humano, é considerado grande, possuindo um tamanho médio entre 13 e 15 centímetros, já os chimpanzés medem 7, e os gorilas por volta da metade disso.

Diante de toda essa divergência acerca das dimensões do órgão reprodutor masculino, diversos biólogos as examinaram e desenvolveram algumas hipóteses a respeito. Em uma delas, evidencia-se que um pênis grande poderia certamente despertar maior interesse nas mulheres. Em outra, o macho que detêm um maior tamanho peniano representaria uma ameaça para o seu adversário nas disputas pelas fêmeas. Entretanto, nota-se que possuem uma certa relação, guardadas as devidas proporções e que a segunda, encontra-se efervescente na atualidade. Segundo Robert Winston, “é possível, então, que um pênis longo e proeminente amedronte os outros machos que poderiam competir pelas mesmas delícias.” (WINSTON, 2006, p. 180).

Dessa maneira, é imensamente perceptível que durante os últimos 5 ou 6 milhões de anos, nossas condutas sexuais moldaram-se, revelando alterações nas relações sexualmente concebidas com o decurso do tempo. No período de Lucy (a *Australopithecus afarensis* que viveu há 3 milhões de anos), homens e mulheres divergiram em maior grau acerca de seus tamanhos. Se só o tamanho for considerado como demonstrativo, é perceptível que Lucy e os seus contemporâneos viven-

ciaram um sistema de harém.

Em relação ao homem moderno, constata-se disposição a dois impulsos distintos, ligando-se tanto a propensão ao sistema supracitado quanto a perspectivas repulsivas ligadas à libertinagem sexual. Assim, a conservação de relações sexuais com um único cônjuge, provavelmente passa a ser vista como normal. De acordo com Robert Winston, “para o Homo sapiens moderno, no entanto, há duas forças opostas: as atrações do harém e os aspectos negativos, sociais e emocionais da promiscuidade. Talvez a monogamia seja nosso estado “ natural ”, a solução para a complexa equação do acasalamento.” (WINSTON, 2006, p. 181). Todavia, não quer dizer que as práticas da monogamia irão permanecer fatalmente efetivas durante a vida inteira, mas, provavelmente, sugere que possuamos um cônjuge de cada vez, logo, dispondo de diversos parceiros no decorrer da vida.

PRÁTICAS SEXUAIS

É extremamente notável que a vigência das práticas do sistema de harém em algumas sociedades pode passar a ser visto até como ariscado, a medida em que pode transcorrer a exclusão de alguns machos dessas práticas, elencando-os como indesejáveis. Sendo assim, também é visível que nenhum macho deseja ser integrante do grupo dos excluídos. Conseqüentemente, os machos excluídos através de seus impulsos competitivos tendem a não aceitarem essa exclusão de maneira pacífica, assim, desencadeando agressivos comportamentos.

Por esse motivo, os hábitos da poliginia tendem a estar mais presentes em sociedades nas quais o poder encontra-se mais concentrado, portanto, permitindo ao macho detentor desse poderio o refreamento de possíveis condutas violentas que possam ser cometidas pelos excluídos. Dessa forma, os tamanhos entre homens e mulheres revelam as formas pelas quais dá-se os envoltimentos sexuais, evidentemente também ligando-se ao psicológico. Robert Winston nos diz que

Nossa psicologia sexual é repleta de complicações. Os tamanhos relativos de homem e mulheres sugerem promiscuidade, haréns e poligamia, mas há excelentes razões para supormos que a monogamia, ou pelos menos a monogamia “ em série , sempre foi o modelo familiar mais comum. (WINSTON, 2006, p. 182).

Ao tratar-se de termos evolutivos e práticos, nota-se que esse pressuposto é repleto de sentido, tanto que, durante o tempo em que os homínídeos viviam nas savanas, eram cercados de hostis condições e, com isso, caso um macho possuísse o desejo de reter para si mais de uma fêmea, logo, protegendo-a e garantindo os subsídios necessários para sua manutenção, assim como a de seus filhos, iria certamente defrontar-se com numerosas dificuldades, pela grande escassez de recursos. Então, não teria as essenciais condições de manter um grande grupo, por não poder garantir que seus rivais roubassem essas fêmeas como consequência de suas insatisfações com a pouca disponibilidade de fêmeas para o sexo.

Em relação aos humanos, provavelmente esse padrão tenha começado a mudar a partir do momento em que estabeleceram moradia, conseqüentemente, deixando vagarosamente de serem apenas caçadores e colhedores, marcando sua passagem evolutiva. Destarte, é perceptível que inúmeras condutas concebidas atualmente, são reflexos de comportamentos tidos no passado, assim, também permeiam a evolução.

QUESTÕES EVOLUTIVAS QUE ENVOLVEM A REPRODUÇÃO

A passagem de evolução trazida ao longo do tempo sempre é marcada por muitos acontecimentos que são gerados por motivos peculiares. Essas passagens evolutivas pelas quais todas as coisas existentes atravessam, inclusive o ser humano, é essencial, pois o indivíduo ao viver uma passagem de evolução, há o envolvimento de seus genes, ganhando transformações em seu biológico, aparência e ações; esses genes se modificam por causa da seleção e adaptação do meio, em que cada um se encontra. Ao serem modificados, podem gerar benefícios ou malefícios para cada indivíduo e sua descendência, concebendo diversidade e residência, ou, o fim de suas próximas gerações. Em relação aos envoltimentos sociais, vão lhes proporcionar novas formas de integrar, formas estas, que podem ser propícias ou competitivas para cada grupo envolvido nas causas de reprodução.

Ao analisar o homem pré-histórico e o contemporâneo, evidencia-se que algumas práticas parecem não possuir divergências, mostrando que muitas vezes só muda o espaço e tempo em que esse homem se encontra, uma vez que, alguns tipos de comportamentos assemelham-se, mostrando que o homem ao passar pelo processo evolutivo

muda. Porém, ainda deixa incubado alguns hábitos encontrados em nossos antepassados e, ao traçar esse caminho entre o contemporâneo e o pré-histórico, é notável que o tempo trouxe um indivíduo novo, que por meio da evolução tornou-se sábio, capaz de desenvolver pensamentos e conceber afetos compreensíveis, uma vez que, entre nossos ancestrais, esses atos eram demonstrados a sua maneira, de uma forma menos sensível e menos inteligível, pois para chegar ao que somos hoje, um caminho lento foi percorrido.

Os homens pré-históricos habitavam em um tempo em que seu nível de pensamento era diferente do nosso, seus atos eram efetuados naturalmente e sem consciência do que se tratava. Um exemplo era a vida em harém; isso era comum para eles, dado que, eles não tinham consciência que estavam praticando a poligamia. Desse modo, ao viver assim, certamente era mais fácil ter a todas as mulheres do grupo, podendo escolher quantas quisesse, e as que lhes agradassem, para ganhar benefícios sexuais sem possuir um sentimento monogâmico, sendo levado em consideração um espírito competitivo para mostrar poder e, desse modo, poder levar seu gene adiante, de forma rápida, através de muitos filhos. Vivendo esse estilo de vida, o homem moderno não se distancia desse tipo de ação, pois acaba fazendo isso de uma forma diferente sem perceber. Robert Winston cita que:

Homens que se casam com uma série de mulheres mais jovens - um pouco como os Donald Trumps ou Hugh Hefners deste mundo - estão conseguindo mulheres em seu apogeu fértil. Em um nível inconsciente e biológico, podem estar se empenhando para maximizar seu legado genético (e, ao mesmo tempo, lembrando a todo mundo que são o macho alfa). (WINSTON, 2006, p. 198).

É comum que o homem escolha qual mulher quer para ser sua parceira, e nessa escolha, é perceptível que alguns homens optem por querer aquelas que possuam uma certa diferença de idade, que sejam mais jovens que ele próprio. Robert Winston nos deixa claro que ao fazer isso, esse homem está conseguindo ganhar privilégios sobre os outros, pois, ele vai favorecer seu legado genético, mesmo que, não possuía intenção nenhuma de fazer isso, porque a consequência de ter uma mulher mais jovem como parceira sexual, é um fato propício para a descendência desse indivíduo, pois as mulheres no ápice da fertilida-

de têm mais filhos.

Adentrando no processo evolutivo que envolve a reprodução animal e as questões de transmissão de seus genes, para deixá-los acessos nas próximas gerações, é possível observar que existe uma ação envolvendo táticas de reprodução. Com isso, um macho vai usar de vários feitos para impressionar as fêmeas de sua espécie; esses feitos foram constituídos ao longo do processo evolutivo, por causa da necessidade que cada espécie tinha, fazendo o possível para conseguir acasalar e, assim, deixar descendentes. Essas disputas pelas fêmeas e exibições são muito comuns no mundo animal, porque conquistar a parceria significa aumentar o sucesso reprodutivo, favorecendo o gene desse ser que vai se espalhar rapidamente, caso esse gene for dotado de boa qualidade.

Ao observarmos os seres humanos pré-históricos, as suas táticas para chegar a reprodução eram basicamente favoráveis para quem fosse o líder do grupo ou aquele que possuísse melhor empenho na briga. Em relação aos seres humanos atuais, essas táticas competitivas também existem só que, diferentemente dos animais e dos nossos antepassados, elas são feitas de maneira mais sucinta, pois o ser humano moderno passou por um longo e demorado processo de evolução, logo, desenvolveu o pensamento racional, demonstrando sentimentos e afetos perceptíveis, dado que é comum indivíduos do sexo masculino executarem algumas disputas para conquistar uma mulher. Com isso, acabam mostrando seus charmes e qualidades, a fim de ganhar o coração da escolhida. Dessa forma, é preciso executar atitudes que expressam interesses por ela; é comum presentear com algo que ela goste - um exemplo muito comum é dar-lhes flores, as quais possuem todo um sentimento criado, com a finalidade de chamar a atenção da mulher, pois, assim, provavelmente vai conseguir conquistar a parceria e, mesmo sem intenção, esse homem está colaborando para a sua reprodução.

Essa passagem da evolução que envolve questões de desenvolver a melhor maneira de conseguir a reprodução foi essencial para a sobrevivência de várias espécies, pois, ao ser desenvolvida, garantiu que diversos seres existentes deixassem o seu legado genético vivo. Esse espírito competitivo desenvolvido em todas as espécies irá prevalecer. O ser humano atual também está incluso, mesmo que faça isso sem intenção, ele está deixando seu gene sobreviver, mostrando que todos os seres humanos, sejam os antepassados ou contemporâneos, e também os animais, detêm instintos que não conseguem ser reprimidos, habitando automaticamente em todos, sendo originados desde os primórdios até o hodierno, dado que, deixar descendentes é algo necessário entre

todos os grupos, é a própria natureza que comanda tudo, especificando apenas o modo como cada um faz.

É nítido que quanto maior for o número de descendentes deixados por um grupo, as chances do gene distribuir-se se dobram, e assim, vão garantir sucesso de reprodução para as futuras descendências dos integrantes desse grupo. Desse modo, é perceptível que os pais, no decorrer da criação de seus filhos, têm uma forte ligação com eles, a qual, acontece de forma natural, por ser um instinto maternal e paternal que cada um desenvolve ao ter filhos. Os pais vão se preocupar em amar e proteger seus descendentes, pois esses sentimentos de amor e proteção são automáticos, ninguém ensina, é fato da própria natureza. Logo, todo esse processo de cuidado vai interferir no futuro de seus descendentes, porém, há crianças que são bem cuidadas, e também há casos de crianças que muitas vezes sofrem a dura infelicidade de ter uma família problemática, que não sabe cuidar nem estabelecer o verdadeiro amor parental.

Existem animais que não cuidam de seus descendentes. Um exemplo é o urso-cinzentos; os machos dessa espécie matam os filhotes, sem fazer distinção se são seus ou não, cometendo esse ato por falta de alimento, ou, para eliminar os descendentes dos ursos rivais, pois, assim, vão conseguir fecundar as fêmeas e deixar os seus próprios descendentes. Enfim, há grupos que dedicam mais cuidados com os filhos e outros não. Quanto ao ser humano, também estão inseridos nesse cenário, uma vez que, muitas vezes, ele próprio comete crimes contra suas crianças por diversos motivos, como abandono pela falta de amor ou condição social. Esse fato de um indivíduo cuidar melhor da sua descendência do que outro, diz muito sobre o futuro de seu legado genético. Segundo Santos, “o cuidado parental constitui um importante aspecto na evolução das estratégias de acasalamento, uma vez que o comprometimento de cada sexo com o cuidado à prole pode influenciar fortemente os custos e benefícios da reprodução dos indivíduos.” (SANTOS, 2010, p. 8).

Um ser que é atento no cuidado com o seu grupo vai ganhar como recompensa a sobrevivência de seu gene por mais tempo, diferente de um ser que não faz isso. Esse cuidado vai fazer seu gene se disseminar rapidamente. Ao criar laços afetuosos e cuidar dos seus filhos, o homem está fazendo com que seus genes não morram, pois ele quer o bem de seus descendentes, protegendo o futuro deles e dos que virão sucessivamente, ensinando o bom exemplo de cuidar da família, mirando em uma reprodução saudável, cercada de afetos e cuidados,

diferente dos pais que não zelam pelo bem estar de seus filhos; esses, com certeza, acarretam problemas para a reprodução dos seus descendentes. Tudo isso faz parte da evolução do homem e do progresso de táticas da reprodução. Alguns se empenham mais, e outros não; essa evolução é automática e muitos ficam para trás, e assim, acabam enterando seu legado genético. Essa ação de cuidar ou não engloba todos os seres, fazendo a maioria progredir suas táticas reprodutivas a sua forma singular.

O homem, ao passar pelo processo evolutivo, vai constituir tudo que ele é hoje, seus progressos de maneira geral e acontecimentos ocorridos durante a sua formação. Isso vai agregar instintos e impulsos compressíveis; o que o homem foi no passado ainda está presente no hoje, só que de uma forma lapidada. As questões de táticas reprodutivas assemelham-se, como a escolha da melhor parceria para seus descendentes. Esses acontecimentos apenas ganharam outro modo moderno de serem efetuados por causa da evolução de consciência do homem moderno, pois os ancestrais não possuíam tal pensamento. O pensamento evoluído do homem contribuiu para que ele se tornasse organizado e diferente dos outros seres vivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto no presente artigo, torna-se visível que nossos comportamentos têm-se alterado ao longo do tempo. A partir da análise das comparações feitas entre os primeiros homens e os contemporâneos, evidenciou-se que durante os últimos 5 ou 6 milhões de anos, nossos comportamentos efetivados sexualmente sofreram alterações. Todavia, constatou-se ainda, e é extremamente perceptível, que diversas condutas tidas atualmente são influenciadas por antigos comportamentos. Assim, nossos primeiros impulsos verdadeiramente moldam o que somos atualmente.

Por conseguinte, o progresso de táticas reprodutivas por causa da evolução foram importantes na vida das espécies. Dessa maneira, o empenho de cada uma contribui para o sucesso, por desenvolver a sua melhor maneira de chegar a reprodução de acordo com a necessidade que possuía, garantido o futuro de seu legado genético e favorecendo uma longa descendência. O homem, como todos os outros seres vivos, também entra nesse contexto, mesmo que algumas táticas de sua reprodução - algumas vezes - seja feita de maneira inconsciente, sempre vai

levá-lo a chegar na reprodução, pois é fato da própria natureza, sendo suas táticas diferenciadas, efetuadas de maneira organizada, sucinta e compreensível. uma vez que o homem conseguiu, ao longo do tempo, obter o pensamento racional em sua caminhada evolutiva, diferente dos animais, que são irracionais e dos nossos antepassados, que não possuíam um modo moderno entre eles. Por isso, o ser humano atual destaca-se entre as outras espécies, porque segue um outro padrão

Desta forma, foi necessário o cuidado parental e a melhor parceira escolhida para a descendência das espécies estarem vivas até hoje, pois, todos os seres que existem vêm de um longo processo evolutivo pelo qual seus antepassados viveram. O grupo que melhor cuidar de seus filhos e ensinar bons exemplos vai ganhar vantagem sobre os outros grupos que não fazem isso, perpetuando seu legado, pois todos que estão vivos hoje são por causa de seus antepassados que, de alguma forma, lutaram para que nossos genes permanecessem acesos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMO, Viviane Arruda do; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. **Charles Darwin, Alfred Russel Wallace e a seleção natural: um estudo comparativo. [Tese de Doutorado].** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Departamento de História da Ciência, 2006. p. 335 - 348.

CARVALHO, Luciana. **5 péssimos pais e mães do mundo animal.** Exame, 2012. Disponível em: [https://exame.com/casual/5-pessimos-pais-e-maes-do-mundo-animal/](https://exame.com/casual/5-pessimos-pais-e-maes-do-mundo-anim/). Acesso em nov. 2020.

NASCIMENTO, Vagner Ferreira do; LEMES, Allisséia Guimarães. **Saúde do homem: sentimento de masculinidade comprometida.** Mato Grosso do Sul: Revista Eletrônica Gestão e Saúde, 2014.

SANTOS, Camila Zatz de Oliveira. **Seleção sexual e evolução do dimorfismo sexual em duas espécies de opiliões (Arachnida: Opiliones).** [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Ecologia, 2010.

WINSTON, Robert. **Instinto humano.** Rio de Janeiro: Globo, 2006.

A GRANDE REVOLUÇÃO NEOLÍTICA E O PROCESSO INICIAL DA COMPLEXIDADE DO MUNDO HISTÓRICO E DE SUAS ORGANIZAÇÕES

Maria Janáina Moreira Bernardo¹

Raquel Alves Aleixo Salvador²

INTRODUÇÃO

A Revolução Neolítica ocorreu há 10 mil anos a.C., e proporcionou notáveis e significativas transformações (CHILDE, 1923). Tais mudanças sucederam-se não somente na vida dos homens e mulheres contemporâneos a esse acontecimento, mas também nas futuras gerações que herdarão um mundo bem diferente daquele que antecedeu a revolução agrícola. Anteriormente, no período Paleolítico, e ainda em boa parte do Neolítico a caça e a coleta eram os únicos meios de sobrevivência que a humanidade tinha conhecimento e domínio, dessa forma, a vida nômade era fundamental para que essas pessoas garantissem alimento e abrigo. Diante disso, o presente artigo aborda a temática, Primeira Revolução Agrícola, trabalhada na disciplina de pré-história e tem por intuito mostrar como ocorreu o processo de transição do modo de vida totalmente baseado nas atividades dos caçadores coletores ao desenvolvimento da agricultura. Além do mais, dar ênfase a ideia de que esse marcante acontecimento constituiu um processo lento e gradual, que demandou, por sua vez, tempo e evolução, e ainda abarcou uma série de fatores que não ficaram restritos somente a questão econômica, mas expandiu-se e influenciou vários âmbitos da vida humana, trazendo consequentemente mudanças significativas.

Destarte, com base em pesquisas e estudos referentes ao período Neolítico, é notório que o início do cultivo dos alimentos, necessários a sobrevivência, ocorreu em consequência de uma gama de razões que interferiram nos meios utilizados pelos homens, que necessitadamente recorreram a outras fontes que não fossem unicamente a dependência da atividade mais primitiva que dispunha. As habilidades de raciocínio que os homens já apresentavam, também, foi de suma importância na efetivação das novas práticas que estavam em início de formação e

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: maria.janaina.bernardo@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: raquel.salvador@aluno.uepb.edu.br

que permitiu o domínio não somente da agricultura, como também da domesticação dos animais e da própria interferência no meio natural, uma vez que a observação da natureza, um pouco limitada, todavia já em processo de desenvolvimento foi primordial para que esses grupos primitivos prosperassem em suas descobertas.

Portanto, por muito tempo, a revolução agrícola neolítica foi pensada e posta como algo tanto inovador como rápido, ou seja, que a necessidade imposta pelo meio levou os homens a pensarem em outra maneira de obter seus recursos, substituindo total e imediatamente a caça e a coleta. Contudo, estudos evidenciam toda a gradualidade desse importante processo, na medida em que sua complexidade foi essencial para o engrandecimento do enredo que viria a englobar toda a questão social e cultural que estava em desenvolvimento. Posto isso, nos valem enquanto metodologia da revisão bibliográfica de obras dos autores Mazoyer e Roudart (2010), Childe (1958), Engels (2002), dentre outros. Desse modo, nos seguintes tópicos iremos abordar como eram os modos de vida, a econômica, a cultura, a relação com o mundo natural e as crenças, antes e depois da grande revolução que alterou o cenário e o feito desses povos. Ademais, explanaremos também a questão da arte, representada nas pinturas rupestres e produções megalíticas, elaboradas pelos homens do Neolítico, que por sua vez evidenciam uma transformação mais abrangente. Outrossim, como esse acontecimento estabeleceu um processo que envolveu diversas questões e demandou tempo, evolução e profundas modificações no que tange às organizações e funções sociais desempenhadas por homens, mulheres e crianças em seus clãs nesse período, classificado como parte da Pré-história, e que constituíram-se como base dos sistemas que integram o nosso mundo histórico.

ECLOSÃO DA REVOLUÇÃO AGRÍCOLA NEOLÍTICA

Depois de um longo período, há cerca de 10 mil anos ocorreu o fim do paleolítico, também denominado de idade da pedra lascada, no qual já havia ocorrido certas evoluções tanto biológicas quanto culturais em que o homem mesmo com aspectos de grau rústico, conseguiu dominar de modo peculiar habilidades físicas e técnicas que o permitiu garantir e aprimorar seu meio de sobrevivência, de modo limitado o mesmo coletava alimentos oferecidos pela natureza ou realizava outras atividades, como a pesca e a caça. Porém, essas habilidades só foram aperfeiçoadas e acentuadas com a transição do paleolítico para o neo-

lítico, ou idade da pedra polida. Entre tais avanços podemos focar em aspectos que revelaram as principais diferenças de um período para o outro: “de caçador a criador, de coletor a agricultor. Grupos humanos sofreram essa transformação em momentos diferentes, com intensidade diversa, em diferentes locais do mundo.” (AQUINO, 2012, 1). Ou seja, o homem passou por uma mudança radical de atos e costumes que mudaria não somente sua geração, como também as demais. Acredita-se que o fator principal para o acontecimento dessa grande transformação, foi o fim da glaciação, propiciando assim, um ambiente em que o solo fica mais fértil influenciando o cultivo de alimentos e criação de animais.

[...] o aquecimento pós-glacial do clima trouxe consigo a substituição progressiva da estepe fria de artemísia pela savana de carvalho e de pistácia, rica em cereais selvagens (cevada, espelta, trigo, rico em amido etc.) e possuindo também outros recursos vegetais exploráveis (lentilha, ervilha, Ervália, e outras leguminosas) assim como caça variada (javali, veados, gazelas, auroques, onagros, argalis, cabras selvagens, coelhos, lebres, pássaros, etc.) e em alguns lugares peixes. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p.68).

Pode-se entender, a partir dessa citação que o homem antes da revolução, vivia apenas em prol do deslocamento, pois só ele garantiria a sua sobrevivência, uma vez que os coletores não achavam animais ou comida em curta distância, pequenos grupos ou bandos estavam sempre preparados para deixar suas cavernas e ir em coletar alimentos e caçar animais em outras regiões, sempre submissos a essa realidade. Sem tempo para agir de forma diferente toda uma espécie viviam como animais, sem utensílios adequados, quase sem material para vestimentas, sempre com alimentos limitados, dependentes de onde os animais iam aparecer ou atrás de canteiros de frutas ou outras espécies de alimentos, o que desencadeia uma baixa expectativa de vida. Além do mais desfavorecia idosos e crianças que eram vistos como improdutivos e sem utilidades, pois retardavam os outros nessas atividades.

Já com a Revolução Neolítica a realidade muda de configuração, com ambientes propícios à criação de animais e solo para cultivar seu próprio alimento (uma vez que, o homem observa que ao soltar uma

semente no solo, a mesma com certos cuidados, poderia crescer e dar origem a novas plantas, surgindo assim com várias adaptações a prática da agricultura); e a inevitável necessidade de mudança, o homem primitivo começa a modificar seus hábitos, entre os quais pode-se destacar os que divergem totalmente com as práticas anteriores a esses eventos, como: sedentarização, domesticação dos animais, agricultura, descoberta das artes da tecelagem e da cerâmica... Vale ressaltar que, para se chegar a esse ponto foi preciso muito tempo, tal processo aconteceu de forma gradativa e lenta, visto que, foram mudanças verdadeiramente significativas, de modo radical e de grande eficácia na realidade daquela geração, onde com o passar do tempo foram tomando forma e se aprimorando cada vez mais.

[...] agricultura neolítica, essa lenta transição da depredação para a agricultura durou mais de 1000 anos (J. Calvin, O Nascimento das Divindades, o Nascimento da Agricultura, 1994*), e revolucionou todos os aspectos, técnicos, econômicos e culturais do modo de vida dos homens. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p.68).

NOVA ORGANIZAÇÃO DO MODO DE VIDA

Após essa grande mudança, conseqüentemente, todos os aspectos desses grupos humanos, vem a modificar-se. Por isso o nome dado a esse período: A Revolução Neolítica. Posto que fixados em uma região, para esperar o crescimento do alimento, o homem começa além da sedentarização, a expor novas práticas e divisões, “O desenvolvimento deste modo de vida sedentária foi condicionado por toda uma série de inovações que permitiram explorar e utilizar mais largamente os novos recursos.”(MAZOYER; ROUDART, 2010, p.34).

Vivendo agora em comunidades, o homem se multiplicou e seus problemas já não eram apenas a alimentação, mas também já havia necessidades de organização, limites e regras para que pudesse conviver em sociedade, então começaram as divisões, dentro das unidades familiares, divisão de trabalho e das responsabilidades por idade e sexo. As mulheres assumiram tarefas domésticas, ficavam incumbidas da educação dos filhos, preparo do solo e dos alimentos e posteriormente teciam roupas e moldavam cestos e objetos de cerâmica. Os homens, por sua vez, ficaram responsáveis pela segurança das aldeias, domesticação e criação dos animais (que proporcionou aos grupos, fonte regular de

carne, leite, couro e peles, utilizadas na confecção de vestimentas e outros...) e também pela construção de cercas, ferramentas (como machados, foices, enxó, enxadas e etc.) e moradias - Que com a fixação dos mesmos foi necessária, tanto porque as comunidades foram estabelecidas na beira dos rios para melhor aproveitamento das águas na produção e consumo, tendo que prevalecer habitações mais resistentes, construídas com pedras, madeiras e barro, sendo mais comuns casas de madeira com cobertura de folhagem, quanto para o armazenamento de alimentos colhidos e tragos pelos homens, pois foram criados recipientes para esta finalidade dentro das moradias; como aborda Braidwood em seu livro *Homens Pré-históricos*:

[...] o da vida do homem após o início da produção de alimentos. Sua carne era armazenada “com os cascos”, seus grãos em silos ou grandes potes de cerâmica. Ele morava em uma casa: valia a pena construir uma, porque não podia se mudar para longe de seus campos e rebanhos. Em sua vizinhança, comida suficiente poderia ser cultivada e animais suficientes criados para que muitas pessoas estivessem ocupadas. Todos viviam perto de seus rebanhos e campos, em uma aldeia. A aldeia já tinha um tamanho razoável e estava crescendo também. Todo mundo tinha mais o que comer; eles eram provavelmente todos mais fortes e havia mais filhos. (ROBERT J. BRAIDWOOD, 1975, p. 100).

A aldeia neolítica foi se adaptando, crescendo e evoluindo, a qualidade de vida dos humanos ali presentes melhorou significativamente, que acarretou no aumento da expectativa de vida, e os homens já com o tempo e espaço organizados, começaram a investir seu tempo livre em outras atividades, ou seja, após a dominação da natureza o homem tinha como principal foco a melhoria de suas propriedades, onde além das atividades agrícolas, se dedicaram a atividades baseadas no artesanato, como cerâmica, tecelagem, produção de utensílios de pedra. Essas práticas com o passar do tempo foram tão bem exercidas que se produzia/possuía alimentos e outros bens a mais do que o necessário, o que ocasionou o surgimento do processo de troca, no qual esses excedentes serviam como moedas:

[...] de um lado, junto com uma maior divisão na distribuição do trabalho (o artesanato avança e se torna relativamente mais especializado), produzem-se bens que, não sendo utilizados no autoconsumo da comunidade, destinam-se à troca com outras comunidades – está nascendo a mercadoria e, com ela, as primeiras formas de troca (comércio). De outro, a possibilidade da acumulação abre a alternativa de explorar o trabalho humano [...] (NETTO; BRAZ, 2012, p. 57, grifos do original).

Nas manifestações artísticas e religiosas, essa gama de eventos também teve suas contribuições. Visto que a Revolução Neolítica não despertou apenas o lado das técnicas braçais nos homens, como também seu desempenho para outras manifestações.

A Revolução agrícola neolítica exigiu certamente dos homens que a fizeram, mesmo que isso seja impossível de compreender e descrever, uma infinidade de invenções, de escolhas, de iniciativas e de reflexões em todos os domínios do pensamento, das crenças, da moral, da linguagem e dos outros meios de expressão. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p.127).

Conclui-se que o homem desperta sua subjetividade, quando através das suas manifestações artísticas, ele tem consciência da sua própria existência. Amplia-se seu campo de noções da forma humana, a figura da mulher representada diversas vezes em forma de estátuas, é vista como símbolo de fertilidade, assim como os deuses agora teriam o papel de resguardar seus campos e rebanhos. Produções marcadas pela agilidade e formas, nas quais só eram representadas (pinturas, rituais, monumentos...) com o seu grau de importância para tal sociedade.

ARTE RUPESTRE E PRODUÇÕES MEGALÍTICAS COMO VESTÍGIOS DA REVOLUÇÃO

Arte rupestre consiste em manifestações gráficas realizadas em abrigos, grutas, paredões, blocos e lajes feitas através da técnica da pintura e gravura. As gravuras podem ser elabo-

radas através de picoteamento ou incisão; já as pinturas foram realizadas por meio de diversas técnicas: algumas, com a fricção de um bloco de pigmento seco e duro na pedra; outras, com o uso de um pincel feito de galhos de árvores; em outros casos, a pintura foi feita com o próprio dedo ou o pigmento foi transformado em pó e soprado na rocha. (GASPAR, 2006, p. 15).

Posto isso, entende-se que essas produções representam as primeiras formas de eclosão artística, que compunha os períodos classificados como constituintes da Pré-história, e que são denominadas por pinturas rupestres. Assim sendo, esses registros realizados por homens e mulheres que viveram há cerca de 10.000 a.C., constitui-se como um dos elementos importantes e essenciais para compreender os hábitos e a cultura dos povos primitivos ao decorrer dos três períodos (Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais). Por intermédio desta arte, tornou-se perceptível de acordo com estudos e pesquisas efetuadas por arqueólogos em paredes e rochas, como na caverna de Chauvet localizada no Sul da França cujas produções são consideradas as mais antigas. Além do complexo de Cavernas de Lascaux, também localizado na França e que constitui, no que lhe concerne, património mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura-1945). À vista disso, é perceptível que houve juntamente com a evolução que o Neolítico proporcionou, mudanças não somente nas técnicas e simbologias que essas pinturas apresentavam, mas também nos costumes que faziam parte da diária desses povos e que eram manifestadas nas paredes das rochas.

Portanto, a pintura rupestre do período Paleolítico exibindo principalmente as atividades de caça e predação, que eram constituídas como base da sobrevivência nesse período, e além do mais demonstrando seus hábitos por meio de técnicas e ferramentas produzidas por eles mesmos, mas que ainda eram muito limitadas, forneceu espaço para a complexidade das técnicas e dos significados da arte que homem pós revolução agrícola desenvolveu. Ademais, estas produções foram alteradas com a passagem desses períodos e com as mudanças que a primeira revolução agrícola acarretou, uma vez que os desenhos mostravam principalmente a atividade caçadora, proporcionou espaço para uma nova visão que foi desenvolvida acerca da natureza, e foi sendo transformada em favor das necessidades da humanidade, contento mais abstracionismo. Esse fato é resultado do novo modo de vida, a seden-

tarização.

Em suma, essa passagem do Paleolítico ao Neolítico, foi representada com algumas de suas diversas alterações, na arte florescente elaborada por esses povos. Têm-se dessa forma uma variante no que tange a essa manifestação, uma vez que o naturalismo cotidiano cedeu espaço para a complexidade das técnicas de elaboração, e como maior enfoque nas produções megalíticas, construções de caráter monumental designada pela arqueologia como típicos das sociedades pré- históricas do Neolítico. Esses edifícios, estavam pautados em um cunho religioso ou fúnebre, característico da nova organização social surgida, desenvolvidos por esses povos e intensificados de acordo com a perspectiva e compreensão no que diz respeito à natureza, que estruturou-se a partir do surgimento da agricultura, e do novo modo de interpretar os acontecimentos naturais. Portanto, o homem reconheceu ser dependente dos fenômenos e ciclos que a constituem, mas que poderia também interferir no meio natural, uma vez que o cultivo das sementes propiciou isso.

GRADUALIDADE NO PROCESSO DA REVOLUÇÃO NEOLÍTICA

Durante muito tempo a primeira revolução foi entendida como resultante de acontecimentos, tais como mudanças climáticas ou ainda uma superexploração do meio natural, que levaram a humanidade procurar novos recursos de sobrevivência, uma vez que os métodos de caça e coleta já não eram suficientes para mantê-los. Porém, essa tese camufla uma importante característica evidenciada na obra, “História das agriculturas no mundo”, ou seja, a gradualidade desse processo como fundamento para uma revolução que tornou-se cada vez mais complexa, tendo em vista que transcende o espaço econômico. Portanto:

[...] a transformação de uma sociedade que vivia da predação simples e dispunha de instrumentos, de organização social e do savoir-faire necessários para uma sociedade que vivia principalmente dos produtos dos cultivos e das criações – e contava com os meios materiais, de organização social e de conhecimentos correspondentes – aparece como um encadeamento complexo de mudanças materiais, sociais e culturais que se condicionam umas às outras e que se organizam por várias centenas de anos

(MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 101).

Assim sendo, as metamorfoses que desencadearam essa transição ocorreram bem antes do homem tomar conhecimento de seu domínio sobre o meio natural, dado a importância que as ferramentas, já produzidas no período paleolítico, desempenharam. Essas, foram aperfeiçoadas durante o neolítico e tiveram funções significativas quanto ao desenvolvimento de uma maneira de produção, nova e revolucionária. Por conseguinte, o polimento da pedra encaminhou a fabricação de novos materiais, como foices, machados, mós, discos e facas. Esses, estavam ligados à agricultura e eram basilares para que os homens conseguissem cultivar as sementes e coletar os recursos, em quantidades bem significativas, que agora constituíam sua dieta alimentar.

Desse modo, por meio do progresso na construção dessas ferramentas, e também por interferência de outra questão fundamental que foi a formação das complexas aldeias com um número populacional extremamente elevado, acarretado justamente pela sedentarização desses povos, teve início um processo de transição. Essa substituição passou por fases de oscilação entre aldeias que pautavam sua sobrevivência na atividade mais primitiva que dispunham, em outras palavras a predação constitui-se como fonte única de obtenção dos alimentos, e por outro lado em algumas épocas praticavam o cultivo das sementes para extrair seus frutos, tinha a agricultura como atividade principal. Ainda de acordo com Mazoyer e Roudart, o que explicaria a passagem de um modo de vida ao outro seria a limitação dos recursos naturais disponíveis em habitações de populações sedentárias, atrelado a superexploração do meio, que interfere em sua capacidade produtora e torna-o pouco eficiente. Consequentemente, fez-se necessário optar por essa nova atividade, a agricultura, que mostrou-se bem mais vantajosa em diversos âmbitos, porém ressaltamos novamente que essa variante não configurou-se de imediato, nessas sociedades que viveram por tantos séculos como caçadores recolectores.

A revolução provocada pelo surgimento do modo de produção agrícola, não esteve somente ligado ao âmbito econômico, espalhou-se e influenciou as diversas alterações que acompanharam a vida dos homens e mulheres do Neolítico e das gerações que o sucedeu e que, de modo consequente, herdou toda a complexidade coletiva e cultural que teve seu embrião a partir desse significativo avanço que a humanidade experimentou há mais de 10.000 anos atrás, configurado por uma verdadeira revolução social:

[...] o difícil não era semear os grãos preferidos em um solo já preparado para esse fim, nem capturar e aprisionar, para finalmente criar, entre as caças preferidas, as mais fáceis de manejar. Isso até mesmo os caçadores-coletores sabiam fazer difícil era dispor de uma organização e de regras sociais que permitissem às unidades ou grupos de produtores-consumidores retirarem do consumo imediato uma parte importante da colheita anual, para reservá-la como semente. Igualmente difícil era excluir do abate os animais reprodutores e jovens, em crescimento, para permitir que o rebanho se renovasse. Difícil era também preservar os campos semeados por um grupo com direito de “coleta” até então reconhecido pelos outros grupos, e preservar os animais de criação de seu direito de “caça” [...] (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 108).

A partir do advento da agricultura, teve início, também, sua propagação para aquelas sociedades que ainda estavam ligadas completamente aos métodos de predação e para áreas que não tinham sido habitadas anteriormente e que estavam propícias a passarem por uma completa colonização agrícola. Para tanto, registros arqueológicos evidenciam que após sua descoberta na região do Crescente Fértil, situada entre dois rios, por volta de 10.000 e 9000 antes da atualidade. Esta inovação foi transmitida para diversos lugares do planeta, por meio da troca de experiências, saberes técnicos necessários na fabricação dos instrumentos polidos, além das trocas culturais referentes à produção da cerâmica e do artesanato, ou seja, atividades que surgiram após a grande revolução. Os povos que receberam tais transformações, converteram-se gradativamente na produção agrícola e a domesticação dos animais, quando perceberam as vantagens que essa atividade proporciona, embora a colonização pioneira seja a teoria que possui mais adeptos. Ademais, quatro grandes centros irradiantes são citados como originários da revolução agrícola: os centros próximo-oriental, centro-americano, chins e neoguineense (História das agriculturas do mundo- obra já citada) e foi através desses pontos centrais, que os avanços propiciados no neolítico ganharam mais espaço e interferiram nas mais variadas formas de organização produtiva, econômica e social que foram base para os sistemas complexos que constituem nosso mundo histórico.

O EMBRIÃO DOS SISTEMAS E DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

Com as transformações experienciadas nas pequenas aldeias, em sua estrutura concreta e nas funções sociais que seus habitantes desempenhavam, foi induzido o surgimento das cidades, do comércio e das divisões de poderes. Esses sistemas, que são fruto da primeira revolução, e perduram até a nossa contemporaneidade, tiveram seu embrião e uma parcela de seu desenvolvimento, ainda durante o Neolítico, pelos olhares e fazeres de homens e mulheres que vivenciaram esse período. Assim sendo, a fixação do homem em um local e as novas atividades, as quais ele estava incumbido, além da agricultura e domesticação dos animais, o artesanato e um pequeno sistema de comércio. Tinha-se o gado como parâmetro e função de moeda, ou seja sendo padrão para determinar o valor dessas trocas (ENGELS, 2002).

Suscitaram, por sua vez, no surgimento de um arranjo político, denominado aristocracia, em que o poder, ordens e decisões estavam na mão de uma parcela das pessoas que possuíam mais terras, gados e remanescentes produtos. Esse sistema de organização deu início ao surgimento do estado e da propriedade privada.

A partir de então, família, estado e religião, termos adotados posteriormente a esse período, mas que tiveram por base os clãs, os cultos realizados pela humanidade às divindades em que acreditavam, principalmente as que tinham ligações com a natureza, e os papéis desempenhados por homens e mulheres, que marcam as diferenças entre suas funções. Essa distinção social entre os sexos não era marcante no Paleolítico em virtude do nomadismo em que viviam e das estruturas bem menos elaboradas dos clãs, que só vieram a tornar-se complexas a partir da primeira revolução agrícola, como posto na obra de Friedrich Engels.

[...] o homem vai à guerra, incumbe-se da caça e da pesca, procura as matérias-primas para a alimentação, produz os instrumentos necessários para a consecução de seus fins. A mulher cuida da casa, prepara a comida e confecciona as roupas: cozinha, fia e cose. Cada um manda em seu domínio: o homem na floresta, a mulher em casa. Cada um é proprietário dos instrumentos que elabora e usa: o homem possui as armas e os petrechos de caça e pesca, a mulher é dona dos utensílios caseiros. (ENGELS, 2002, p. 178-179).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a todos os aspectos mencionados, conclui-se que o objetivo do presente artigo, é evidenciar o processo da Revolução Neolítica, evento esse que proporcionou imensuráveis transformações na vida do homem primitivo, com medidas contrastantes aos hábitos vivenciados antes dessa evolução. Esse período revolucionou tanto as gerações presentes quanto as posteriores, estabelecendo assim um marco na história do ser humano.

Diante dos temas expostos ao decorrer do artigo, torna-se evidente o quanto essa mudança foi radical e eficaz, trazendo consigo o progresso da chamada revolução agrícola, a qual o homem nômade começou seu processo de sedentarização fixando-se em regiões propícias à moradia, deixou de ser submisso a caça e coleta, começando assim a técnica do cultivo de alimentos, e conseqüentemente desenvolve a prática do armazenamento, tornando possível a acumulação do excedente produtivo, que é um dos elementos fundantes da diferenciação social, também operou a criação de animais que concedeu vários derivados de sua prática. Com tais atos incorporados no modo de vida dos homens, foi possível estabelecer normas e divisões por idade e sexo, que foi de extrema importância para a aprimoração de novas técnicas na sociedade neolítica, uma vez que, os integrantes da mesma já organizados, teriam tempo livre para atuar em outras áreas como na produção de cerâmicas, tecidos, utensílios, entre outros.

Contudo, vale ressaltar que toda essa nova perspectiva de vida, aconteceu de um processo de caráter gradual, ou seja, aos poucos, do período paleolítico a quase metade do neolítico o homem teria realizado alguns feitos, porém de pequenas proporções, nada comparado aos avanços conquistados no apogeu da Grande Revolução Agrícola Neolítica, a civilização foi se aperfeiçoando, moldando-se e evoluindo. Em virtude disso, a aldeia de modo geral teria uma qualidade de vida bem avançada comparada a anterior, cuja expectativa de vida também aumentou.

Em suma, resta considerar, o quão importante foi a descoberta preponderante da agricultura para o ser humano primitivo, ela trouxe avanços em todos os campos da sociedade, modificou sua organização, espaço, atividades, criou um novo modo de ver a vida e de vivê-la, pode-se assim dizer. Atingiu de forma diferente e com intensidades variáveis todas as comunidades de seres humanos existentes, sendo assim uma revolução que se perpetuou, propagou e influenciou todas as de-

mais futuras eras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIDWOOD, J. Braidwood. **Homens Pré-históricos**. 3. ed. Chicago: UnB, 1957. 167 p.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GASPAR, Madu. **A Arte rupestre no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GHIDINI, Rafael. MORMUL, Najla Mehanna. Revolução agrícola neolítica e o surgimento do Estado classista: breve construção histórica. **Revista de Ciências do Estado**. Belo Horizonte: v. 5, n. 1, e19725. ISSN: 2525-8036.

MAZOYER, Marcel; Roudart, Laurence. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Unesp, 2010. 568 p.

NOSSA ORIGEM: DE ONDE VIEMOS?

Milena Araújo de Souza¹

INTRODUÇÃO

Nossa descendência: de onde viemos? Uma pergunta intrigante, não é mesmo? Neste artigo serão mencionadas algumas teorias com o objetivo de responder ou induzir novos questionamentos sobre esse tema.

Falar sobre um passado misterioso, ou até mesmo pouco descoberto, que passa por mudanças a todo momento não é uma tarefa fácil, todavia é um ponto para se questionar nossas origens, nosso passado, nossos ancestrais, nosso modo de vida e nossa descendência. Tais respostas são fundamentais para nos conhecermos melhor, entender nossas escolhas e nosso comportamento.

Será desenvolvido também sobre algumas espécies de *Homo* que habitaram nosso planeta antes - e durante - dos *Homo Sapiens*, nossa espécie atual.

Outro ponto relevante a ser discutido durante o desenvolvimento do artigo são acerca de duas teorias elaboradas por Yuval Noah Harari (2010), autor do livro: *Sapiens - Uma breve história da humanidade*, cuja obra foi utilizada como fundamentação teórica para esta pesquisa.

Suas teorias se fundamentam em comportamentos feitos a partir do que se encontro sobre nossos pré-históricos ancestrais e muito mais, levando a questionarmos qual das duas teorias - teoria do cruzamento e miscigenação e teoria da substituição - são mais aceitáveis e que se concretizam mais sobre todo o conhecimento que temos (levamos em conta, contudo, que na história não existe uma verdade absoluta).

Por fim, conheceremos um leque de opções e conhecimentos sobre nossa descendência e origem que a pouco tempo era totalmente desconhecida, ou melhor, desatualizada.

ORIGEM E DESCENDÊNCIA

Durante muito tempo nos questionamos qual a nossa origem. De onde viemos? Como surgimos? Como chegamos até aqui? Qual foi nosso ponto de partida? Quem foram nossos ancestrais comuns? Quem

¹ Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: milenaaraujo-souza0@gmail.com

nos deu a vida? Quem é nossa mãe universal? Perguntas como essas ficaram sem resposta durante muito tempo, e mesmo hoje as respostas que temos não são concretas, ou melhor, podem variar muito a cada nova descoberta.

Antes de dar continuidade, devemos levar em consideração que nossos parentes mais distantes e antigos são os *Australopithecus* (que significa “macacos do sul”), que viveram a cerca de 2 milhões de anos no sudeste africano, tiveram que se adaptar a outros climas e outros lugares a qual se estabeleceram, onde o clima, a alimentação, a necessidade de sobrevivência fez com que tais espécies evoluíssem, o autor do livro *Homo* afirma: “Há apenas 6 milhões de anos, uma mesma fêmea primata teve duas filhas. Uma delas se tornou a ancestral de todos os chimpanzés; a outra é nossa avó” (HARARI, 2010, p. 10).

Este, entretanto, seria apenas o ponto de partida para irmos em busca de nossas origens de fato e de nossa descendência. Muita coisa ainda não tinha respostas, somos ancestrais dos primatas, mas e depois? O que ainda tínhamos pela frente para chegarmos até onde estamos?

Recentemente foi apontado um novo estudo, que foi nomeado “Nova África: Berço da Humanidade”, que ressalta que nossa origem veio da África, em que, como os estudos apontam veio nossa Eva Genética (termo usado pelos estudiosos para descrever a nossa mãe genética, a que deu origem aos demais *Homo Sapiens* posteriormente). Nossa Eva Genética teria dado vida aos primeiros *Homo Sapiens* e assim, suas filhas teriam tido seus filhos, seus filhos reproduziram e consequentemente nascemos, homens sábios.

Muito se foi encontrado para que tal teoria fosse tão bem elaborada, fósseis, resquícios de civilizações, instrumentos e muito mais manifesta esse vestígio do *Homo Sapiens* vindos da África. Zahi Hawass (2012), arqueólogo e egiptólogo, afirma, no entanto, que toda nossa tecnologia veio do Egito, enfatizando que desde de muitos anos todo nosso desenvolvimento veio diretamente da África.

Muito ainda se é especulado sobre essa teoria recente, especialmente pelo simples fato de os *Homo Sapiens* terem habitado muitos continentes desde sua aparição na Terra. Com essa questão abre brecha para inúmeras perguntas: os *Homo Sapiens* poderiam ter surgido em outro continente? Como seres sábios poderiam se adaptar em qualquer lugar, certo? De fato, tais questionamentos são válidos, porém vale salientar que foi justamente por motivos como esses que os *Homo Sapiens* habitaram outros continentes.

Com a escassez de recursos como água, vegetação, alimentos e

A África de fato é um continente quente e tropical, fazendo assim com que seja difícil a existência com aquele clima tão severo enfatizando a necessidade dos primeiros humanos de se locomoverem em busca de climas mais agradáveis à sobrevivência.

Outro motivo que pode responder tais questionamentos é a seleção natural ou a adaptação do ambiente. Assim como os *Neandertais* tiveram que se adaptar ao clima frio do Oriente Médio e da Europa, resultando em um cérebro maior e músculos corpóreos, para suportarem o frio; os *Homo Floresiensis* tiveram que se adaptar a escassez de alimentos resultando em seu nanismo; o *Homo Sapiens* precisou se adaptar ao clima e ambiente que estavam inseridos, independentemente de onde fosse, isso pode explicar toda a diferença física entre todos dessa espécie.

Nossa Eva genética é uma descoberta extraordinária para responder algumas perguntas que durante anos ficaram sem respostas. Muito se deve ser descoberto ainda, e cada vez mais desvendaremos nossa origem e descendência.

ESPÉCIE HOMO E SUAS LINHAGENS

Nas primeiras linhagens da espécie humana estão os *Sahelanthropus tchadensis*, viveu há 7 milhões de anos e representa para os estudiosos o encontro entre a linhagem humana e a dos chimpanzés; os *Orrorin Tugenensis* é o único de seu gênero descoberto até hoje, viveu aproximadamente há 6 milhões de anos e seus fósseis foram encontrados em Tugen Hills no Quênia; o *Ardipithecus Kadabba*, descoberto no noroeste da atual Etiópia. Esses homínídeos tinham uma postura ereta, mas com dimensões de um chimpanzé, estima-se que viveu entre 5,4 e 5,5 milhões de anos; o último dessa linhagem é o *Ardipithecus Ramidus*, datado de aproximadamente 4,4 milhões de anos, viveu na Etiópia e tinha uma cabeça bem pequena, não medindo mais que 410 cm³.

Os *Australopithecus Anamensis* viveram a cerca de 4 milhões de anos e sua principal característica era sua pouca (ou menos) semelhança com os chimpanzés, tinham uma postura bípede e seu peso estimado não passava de 46 a 55 quilogramas. Já os *Australopithecus Afarensis* foram datados de aproximadamente 3,4 milhões de anos e viveram na região do atual Depressão de Afar. Lucy, que foi o primeiro esqueleto humano dessa espécie encontrado quase o esqueleto inteiro, tem como principal característica o tamanho de seu cérebro: 450 cm³. Os Aus-

tralopithecus Africanus viveram entre 2 e 3 milhões de anos durante o período conhecido como Pleistoceno, mesmo suas características são cabeça pequena, e sua dentição era comparada aos dos sapiens. Na sequência vem os *Paranthropus Aethiopicus* que viveram entre 2,2 e 2,8 milhões de anos, no Plioceno, seu principal destaque vem da forma peculiar de seu crânio (pequeno com dentes muito grandes). Por último, os *Australopithecus* que viveram a cerca de 2 milhões de anos no sudeste africano até que as condições climáticas fizeram com que eles habitassem outras terras em busca da melhor sobrevivência.

O *Homo Habilis* (habilidoso) viveu no princípio do Pleistoceno inferior, a 2,2 milhões a 780 mil anos, acredita-se que eles foram os primeiros da espécie *Homo* a usarem a pedra lascada como ferramenta. Os *Homo Erectus* ocuparam o leste asiático e viveram por cerca de 2 mil anos, mediam entre 1,30 e 1,70 de altura e não passavam de 70 quilogramas. Já os *Homo Soloensis* viveram na Ilha de Java na Indonésia e viveram adaptados ao clima tropical daquela região, é uma subespécie do *Homo Erectus*. O *Homo Ergaster* teve seus fósseis encontrados em Swartkrans, na África do Sul, e viveu há cerca de 1,8 milhões de anos. O *Homo Rudolfensis* viveu aproximadamente a 1,9 milhões de anos no Quênia.

O *Homo Floresiensis* que habitou a Ilha das Flores, viveu com escassez de alimentos e nutrientes para sua sobrevivência, ocorrendo assim muitas mortes e o nanismo. Com a falta de alimentos para sobreviver, o corpo passou a usar sua reserva de energia tão brutalmente que os músculos e ossos dos *Floresiensis* acabou diminuindo, fazendo com que não medisse mais que um metro e pesasse mais que 25 quilos. Eles possuíam instrumentos feitos de pedra e sua principal fonte de alimentos era a caça aos elefantes, que assim como eles eram pequenos por escassez de alimentos para eles também.

Já o *Homo Denisova*, encontrado na Caverna de Denisova, na Sibéria e viveu a cerca de 1 milhões de anos no mesmo habitat onde Neandertais e Sapiens viveram, essa espécie é uma das mais recentes descobertas (março de 2010).

Os Neandertais, que viveram no Oriente Médio e na Europa a cerca de 500 mil anos atrás, sua principal característica era o cérebro maior que o das outras espécies (principalmente o *Homo Sapiens*) e eram mais robustos, conseqüentemente por habitarem um ambiente mais frios, essas características favorecem a eles. Outra grande habilidade dos Neandertais era sua forma de cura, muitos fósseis encontrados onde supostamente eles habitaram mostra que alguns *Neandertais* ti-

nham alguma deficiência física mais que viveram durante muitos anos.

O *Homo Sapiens*, a espécie do homem moderno, do homem sábio, viveu a cerca de 300 mil anos e vive até hoje, sua capacidade de inteligência faz com que sua evolução seja constante. É uma espécie com um cérebro grande e que se adaptou a muitos ambientes, permitindo assim com que a seleção natural fosse aplicada.

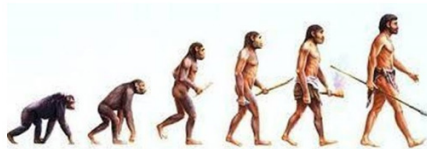


Imagem 2: "Evolução Humana". Fonte: Imagem do Google - Educação Humana.

TEORIA DO CRUZAMENTO E MISCIGENAÇÃO

Uma das teorias sobre a nossa espécie e de como chegamos até aqui é a teoria do cruzamento e miscigenação, onde Harari (2011) explica sua teoria em seu livro *Sapiens - Uma breve história da humanidade*. Tal teoria se fundamenta em alguns resquícios que nos fazem acreditar que de fato os *Sapiens* se fundiram com outras espécies.

Essa “miscigenação” ocorreria da seguinte maneira: com os *sapiens* desbravando o mundo e saindo de seu habitat natal (África) em busca de novos meios de sobrevivência, teriam encontrado outros homens em locais diferentes em que passaram. Na Europa por exemplo, teriam encontrado os *Neandertais*; na Ásia, os *Homo Erectus*; na Eurásia, os *Homo Denisova*; nas Ilhas de Flores (Indonésia), os *Homo Floresiensis* e assim encontrando mais e mais espécies ao longo do seu caminho.

Com esse encontro entre espécies surgiu a atração, o desejo por sexo, esse desejo do novo, do proibido, do diferente; dessa forma surge a nossa miscigenação, a junção dos DNA levaria a forma genética diferente, resultando conseqüentemente no físico, no intelecto, no emocional, ou melhor, em 100% do nosso corpo. Hoje, a partir desta teoria temos traços diferente, a explicação que Harari (2011) nos dá é a seguinte: hoje os europeus teriam seus traços da junção do DNA dos *Sapiens* e *Neandertais*; os chineses e coreanos teriam seus traços vindo da junção do DNA dos *Homo Erectus* e dos *Homo Sapiens* e assim sucessivamente.

TEORIA DA SUBSTITUIÇÃO

Outra teoria bem debatida é a teoria da substituição, que também é debatida no livro *Sapiens - Uma breve história da humanidade* de Harari (2011). Essa teoria tem uma visão totalmente contrária à comentada anteriormente (Teoria do Cruzamento e da Miscigenação).

Novamente, com a necessidade de se locomover em busca de meios melhores de vida e alimento, os *Sapiens* passaram a habitar locais onde já existiam humanos, ou melhor dizendo, outras espécies de *Homo*. Com isso, a disputa por território e alimento teria provocado guerras, que conseqüentemente geraria a morte tanto por briga corpo a corpo, como pela fome, levando em consideração que a espécie *Sapiens* são superiores em inteligência e força. Outro fato também discutido são as grandes diferenças corpóreas, resultando em repulsa e até em genocídio. Harari (2011) afirma:

Sapiens e neandertais tinham anatomias diferentes, e muito provavelmente hábitos de acasalamento e até mesmo odor corporal diferentes. Provavelmente tinham pouco interesse sexual uns pelos outros. Mesmo que um Romeu neandertal e uma Julieta sapiens se apaixonassem, não poderiam produzir descendentes férteis porque o abismo genético separando as duas populações já era intransponível. (HARARI, 2011, p. 20).

Partindo dessa teoria, os outros muitos *Homo* de espécies diferentes teriam sido extintos pelos *Sapiens* que substituíram todas as espécies e fazendo da sua a única existente - até o momento.

Vale salientar, contudo, que essa teoria foi válida por muitas décadas entre os estudiosos, todavia, recentemente (2010) depois de quatro anos de estudos dos DNA dos *Neandertais* descobriu-se que: “Revelou-se que de 1% a 4% do DNA das populações modernas no Oriente Médio e na Europa são DNA de Neandertal” (HARARI, 2011, p. 22).

Mas os estudos não pararam por aí, pelo contrário, essa foi a chama que os estudiosos necessitavam para irem em busca de mais. “[...] foi mapeado o DNA extraído do dedo fossilizado de Denisova. Os resultados comprovaram que até 6% do DNA humano dos melanésios e dos aborígenes australianos modernos são DNA denisovano!” (HARARI, 2011, p.22).

Apesar disso, a teoria da substituição não está totalmente equivocada, ela tem sua parcela de “verdade” ainda mais se levarmos em consideração que a parcela de DNA descoberta das outras espécies citadas são bem inferiores ao próprio DNA dos Sapiens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, entendemos um pouco dessa incógnita que gira em torno de nossa origem e nossa descendência, vários pontos foram expostos para que fosse explicado ou ao menos que algo tenha sido entendido sobre todo o tema.

Como discutido anteriormente, dissertar sobre esse tema não é fácil, falar do que não vivemos, do que não vimos, do que não aconteceu conosco é um assunto de extrema delicadeza. Conclui-se, no entanto, que, nossa origem vem da África, melhor dizendo, lá foi o berço da nossa humanidade (me refiro aos Homo Sapiens), foi lá que nasceu nossa Eva Genética, a mulher que deu origem a toda nossa espécie. Contudo, para entendermos melhor todo esse assunto acerca da nossa origem africana, foi apresentado um tanto sobre algumas espécies de Homo que habitaram nosso planeta e que contribuem significativamente para nossa evolução e desenvolvimento, tanto pessoal, como em sociedade.

Por fim, um dos assuntos mais complexos foi apresentado para os questionamentos com relação a nossas diferenças físicas, intelectuais e emocionais. Foi exposto, no entanto, duas teorias - teoria do cruzamento e miscigenação e teoria da substituição - feitas por Yuval Noah Harari (2010) em seu livro Sapiens - Uma breve história da humanidade, que nos mostra verdadeiras hipóteses sobre sermos quem somos hoje. Tais teorias, desenvolvidas e expostas de forma clara, para fazer você, leitor entender todos os possíveis pontos e entender todas as teorias já feitas até hoje sobre toda a humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARARI, Yuval Noah - Tradução de Janaína Marcoantonio. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre. L & Pm. 2015. P. 8 - 462.

SANTOS, Fabrício R. **A Grande Árvore Genealógica Humana**. Belo Horizonte. Periódicos UFMG. 2014. p.7.

Título: **Como os homos sapiens se espalharam pelo mundo?** Ano de produção: 2017. Dirigido por: Nexo Jornal.

Título: **Nova África:** Berço da Humanidade. Ano de produção: 2012. Dirigido por: TV Brasil.

A CONSTRUÇÃO DA VISÃO OCIDENTAL ACERCA DA SOCIEDADE PRIMITIVA E SEUS IMPACTOS

Naiara Guimarães Abreu¹
Pedro Henrique Araújo Ferreira²

INTRODUÇÃO

Com o avanço social e tecnológico, a antropologia aparece desde a segunda metade do século XIX como uma disciplina científica. Decorrente dos estudos sobre a diversidade cultural, usando as sociedades primitivas como área de experimento através da observação participante no território e pesquisas de campo, podemos previamente entender a totalidade do homem, indo além das pluralidades históricas e regionais, culturais e sociais.

Neste ensaio tentaremos abordar concepções sobre a vida e o meio em que vive este selvagem, através de debates ideológicos atribuídos pela ideia antropológica ocidental. Ao pensar em sociedades primitivas muitas vezes associamos a tribos atuais ou até mesmo a imagens que nos são apresentadas por meio cinematográfico e/ou digital. Pode espantar o fato de viverem à margem de toda tecnologia existente em nossa atualidade e os malefícios e benefícios trazidos por ela. Entende-se que essas tribos não evoluem devido a sua própria vontade de não abdicar de tudo aquilo que viveram nas primeiras épocas, como que presos a infância da humanidade. Essas imagens que herdamos há muito é vinculada na mídia e parte da tradição ocidental de normalidade colocam-nas como opostos a nós, inacabada, insuficiente. As qualificações negativamente por suas faltas, são sem história, sem Estado e sem escrita.

Desprezamos os primitivos devido a eles faltarem nossas utilidades e por estarmos agradados com nós mesmos. Em contrapartida, é fundamental uma observação lúcida através de diferentes perspectivas, pois o primitivismo pode não só representar um povo inferior por suas faltas, mas sim um povo que nos traz uma verdadeira noção do que é liberdade, uma forma de vida mais saudável e natural e a como cuidar do nosso meio ambiente.

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: Naira.abreu@aluno.uepb.edu.br

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: Pedro.henrique.ferreira@aluno.uepb.edu.br

UM POVO TAXADO POR SUA FALTA DE HISTÓRIA OU CIVILIZAÇÃO

Até onde vai a noção de que somos frutos de acontecimentos passados? Essa é uma ideia reluzente, entretanto, limitarmos somente a acontecimentos dos últimos séculos seria como apagar uma parte da história da humanidade. Ou seja, “tudo começou” há milhares de anos, isso significa que os denominados primitivos foram e são tão importantes para nosso planeta quanto qualquer outra geração que aqui tenha estado.

É um desacerto comparar nossa realidade com a primitiva e assim os julgar inferiores ou menosprezá-los. Entretanto, ao longo dos séculos (e hoje na contemporaneidade) ainda existem pessoas que se submetem a tal desrespeito.

As sociedades primitivas são “frias”, repetitivas, imutáveis. Seu modelo cíclico as situa fora da história. Aí está um primeiro discurso misticizador. Parte de um preconceito evolucionista: os antropólogos do fim do século XIX (Bachofen, Morgan, MC Lennon) esforçaram-se para definir os estádios de desenvolvimento pelos quais toda sociedade deveria necessariamente passar. (ROGNON, 1991, p.18).

Com esse pensamento segregacionista, os europeus concluíram que era seu dever como cidadãos, cumprir a missão de levar aos povos primitivos os “benefícios” da civilização, pois decorrente do ideal evolucionista, o mantimento destes povos na situação em que se encontravam era um “fardo do homem branco”. Em contradição, esse prejulgo foi, de certa forma, refutado. Houve então uma reação aos excessos antropológicos.

[...] pesquisadores anglo-saxões do período entre as duas guerras (Malinowski, Radcliffe-Brown) compararam as sociedades primitivas a organismos vivos. Cada elemento exerce uma função exata, responde a uma necessidade e concorre para a perpetuação do sistema. (ROGNON, 1991, p. 19).

Dessarte, entendendo sua importância, todo cuidado e apreço

deve ser zelado a esses povos. Pois, uma rápida mudança poderia resultar em um drástico desequilíbrio entre eles. Assim, é preferível manter o meio social tradicional em que vivem, para que não haja uma desintegração desse povo. Caso busquem algo do meio tecnológico e afins, que seja por livre, espontânea e independente predileção. Entretanto, essas colocações não são mais defensáveis na atualidade. Entende-se que a evolução não segue impreterivelmente uma única estrutura, como antes era acreditado na cultura ocidental. Por conseguinte, não é mais plausível acreditar que a evolução de nossa espécie tenha sido sequencial, mas sim variada. Dessa forma, compreendemos que os selvagens presentes em nossa modernidade não são precisamente nossos ancestrais. Identifica-se que as sociedades primitivas eram heterogêneas, diversificadas, o que foi crucial para o encadeamento de nossa civilização. Já não é consciente determinar esses povos como “as crianças da humanidade”, visto que todo corpo social é adulto, independentemente de ter deixado documentado de alguma forma os fatos de que há muito viveu.

O conceito (de sociedade primitiva) como um todo é fundamentalmente débil. Não há nenhuma via sensata na qual se pode especificar o que é uma sociedade primitiva. O termo implica algum ponto de referência histórico. Ele presumivelmente define um tipo de sociedade que antecede formas mais modernas, análogo à história evolucionária das espécies naturais. Entretanto, as sociedades humanas não podem ser traçadas retroativamente até um ponto singular de origem. Tampouco há algum meio de reconstituir formas sociais pré-históricas, ou de classificá-las e alinhá-las em uma série temporal. Não há fósseis de organização social.” (KUPER, 2008, p.22).

Proferir sobre esses povos, seus costumes, sua imagem e sua história é um desafio a ser tomado, uma vez que temos nossa cultura fortemente enraizada, em algum momento podemos acabar nos rendendo ao etnocentrismo e julgar essas sociedades através da nossa organização de parâmetros. Essa perspectiva egocentrada é coletiva, todavia é classificado como uma perversão aos antropólogos, afronta a inflexibilidade científica.

É significativo destacar que as informações que temos sobre os povos primitivos são decorrentes em numerosa parte de hipóteses sobre

a ideia de sociedade primitiva. Ideias que perseveraram do século XIX até os dias atuais, porém sem tanta magnitude para antropologia como antes era.

POR SUA FALTA DE ESTADO

Seguindo a análise da caracterização das “sociedades primitivas” por suas faltas vemos que são ditas sem Estado, mas seria isso realmente uma falha evolucionista, uma escolha ou apenas uma característica que as difere da visão Ocidental de sociedade?

Na visão evolucionista temos que uma sociedade passa por quatro etapas de organização política: o bando; a tribo; a chefaria; e, por fim, o Estado. O nascimento do Estado se daria a partir do surgimento de uma maior divisão de trabalho e o surgimento dos comerciantes, onde se coincide com o aparecimento da moeda, da propriedade fundiária privada e da hipoteca. Este se faz necessário pelos conflitos que surgem e irrompe com uma força pública e cobrança de impostos que domina um certo território. Mas seria correto afirmar que toda e qualquer sociedade passa por esses processos? Como dito por Rognon, essa análise é correta para sociedades específicas, como Atenas, Roma ou sociedades germânicas, mas aplicar este pensamento a todas as sociedades é redutor e etnocêntrico. É importante ressaltar que o etnocentrismo não se caracteriza somente pela visão do outro a partir de nós, pode-se também manter, ou até radicalizar, a alteridade glorificando o outro ou analisando suas faltas de um modo apreciativo. Ao analisar a visão de Pierre Clastres (1974, p. 40, 160), vemos esta colocação de que a ausência de um Estado seria algo positivo nessas sociedades. Coloca-a como uma vantagem consciente ou até mesmo um domínio do meio social, como que um mecanismo de defesa contra a divisão da sociedade. Para Clastres, tudo o que se ocorre nessas sociedades é parte de sua esfera política com base em uma instituição onde poder é em essência coerção e transcender esse poder pode ser um risco mortal para o grupo. Com isso não seria correto afirmar que o primitivismo é a infância da humanidade, mas sim uma negativa consciente da divisão social, das desigualdades e do Estado. No entanto, para Rognon, essa visão pode caracterizar o excesso inverso da visão evolucionista pois coloca-se que as “sociedades primitivas” estariam em posse de todas as virtudes e soubessem manter relações sociais e de convívio harmoniosas. Pode-se colocar ainda que Clastres não deixa de classificar as sociedades entre as “com” e as “sem” Estado, modo que tanto criticara

nos evolucionistas.

[...] a sociedade primitiva não deixaria de ser por ele [Clastes] definida por uma falta e uma negativa — como vimos, a ausência de uma força como potência de sujeição e com capacidade de coerção — ainda que se trate de construção da imagem positiva de uma sociedade que recusa o trabalho, a desigualdade e a sujeição (LANNA, 2005. p. 442).

Nas duas visões apresentadas vemos o agrupamento de todas as sociedades em um só bloco que estaria em oposição ao pequeno bloco ocidental, esquecendo-se de sua diversidade. Ao analisar as “sociedades primitivas” por si é possível perceber que muitas das vezes o que compartilham é somente a oposição ao Ocidente moderno por não ter um desenvolvimento industrial ou um Estado. Sempre terá alguma mais próxima de nós, porém, seus sistemas sociais são tão variados que se torna errôneo agrupá-las em uma só categoria devido a essa falta.

POR SUA FALTA DE ESCRITA

Outro termo a ser analisado, que muito é utilizado, é o de “sociedades sem escrita” sem se considerar o impacto ou significado implícito que o termo pode trazer. Ao se definir uma sociedade dessa forma é passada uma ideia de desvalorização em relação as sociedades que possuem escrita ou que por intuição esta sociedade escolhe a oralidade para assim evitar as desigualdades que a escrita pode ocasionar. A escrita vem em favor da contabilização e listagem populacional por ter maior nível de armazenamento de informações. “Mas não é isso atribuir outra vez às sociedades primitivas intenções oriundas de nossas próprias utopias?”, pergunta Rognon (1991, p. 23). Ao abordar desta forma coloca-se de lado a consciência que as sociedades primitivas têm, seus modelos de organização social ou seus sistemas metafísicos. Como bem exemplificado por Rognon (1991, p. 26) “É possível citar um melanésio capaz de desenhar na areia o sistema de parentesco de seu grupo ou um sábio dogon revelar as estruturas explícitas da cosmologia elaborada pelos seus”. Como então poderiam recusar a escrita, que ignoram?

Para Rousseau a oralidade era uma marca da autenticidade primitiva. Passar da oralidade para escrita é ir da expressão para a exatidão. Ao se escrever todas as palavras são pensadas para aceção comum,

mas o orador consegue através de seu tom determinar as acepções que deseja. Não se foca na clareza do enunciado como principal objetivo, mas sim na força. Ao se pensar dessa forma tem-se que a vivacidade contida na oralidade não pode ser tão bem mostrada na escrita e, mesmo que se pudesse, não se prolonga, pois, se torna muito mais passível de interpretação de quem a lê. Muitos antropólogos perpetuaram simplesmente esse pensamento, como que projetando seus ideais, ou fantasmas, a estes estrangeiros que por si só, sua cultura ou costumes, não lhes inspirava interesse. Sem o comparativo com o ideal Ocidental eles não poderiam ser objetos de estudo. Pode ser dito que sua busca ecoava nesses povos e só assim eles passavam a fazer sentido, se tornavam pertinentes.

No imaginário ocidental, com a binaridade “escrita/oralidade”, projeta-se nas múltiplas culturas existentes uma divisão entre “culturas com” e “culturas sem”. Dois pensamentos, acerca da visão do ocidente e acerca da escrita, se fazem relevantes:

Como escreve com toda razão Remo Guidieri, o ocidente nunca pensou as culturas outras senão como figuras do anti-ocidental. A escrita, por outro lado, constitui critério vago para estabelecer uma clivagem entre as sociedades. Jack Goody vê nos modos de comunicação um elemento essencial à definição dos modos de pensamento: a escrita, pela permanência de seu enunciado, a retificação e a confrontação crítica que permite influência segundo ele nossas categorias de entendimento (ROGNON, 1991, p. 26-7).

Ao pensar culturas não-ocidentais devemos ter em mente que a definição de escrita que se tem não é a mesma em todos os povos. Não podemos afirmar onde a escrita começa pois ela possui diversos meios de se apresentar - os alfabetos; os hieróglifos; pictogramas; gravuras em bambu; ideogramas; e outros símbolos figurativos - que podem ser ou não considerados como escrita de fato a valer-se da concepção de quem as estuda. Assim, a escrita se torna aparentemente um ponto de comparação pouquíssimo confiável.

Ao longo do tempo muitos qualitativos foram empregados para descrever estas sociedades. Em referência ao seu local pode-se citar “autóctones” ou “indígenas”. Em épocas mais distantes se falavam dos

bárbaros, os naturais ou os selvagens situando-os à margem da cultura, pois só era considerada cultura a urbana, na natureza onde o avanço da civilização não ocorria devidos as características do ambiente. Mas o intuito em comum era desumanizá-los. Atualmente vemos ser empregado “sociedades tradicionais”, onde subentende-se que se teria um zelo maior pela conformidade a seu próprio modo do que pela reflexão autocrítica. Em uma forma mais neutra de colocá-las em oposição ao Ocidente se utilizam os outros, às diferentes ou não-ocidentais. No entanto, ainda se tem a utilização de “sociedades primitivas” com um esforço para esquecer a pesada herança desse termo. As sociedades não-ocidentais existem, mas a construção de nossa visão acerca delas se dá muito mais por essas representações do que por um contato real, pois estas por si só não levantam interesse massivo, são apenas figuras da alteridade, base de comparação. Quando citadas, em grande maioria, se fala delas a partir de uma visão dos nossos próprios problemas, nossas origens e nosso por vir. Segundo Rognon (1991, p. 28) “Os primeiros interessados estão excluídos do debate e reduzidos ao silêncio. Um pouco surdos e bastante tagarelas, procuramos assimilar a alteridade. Em que situamos as respostas às nossas próprias angústias.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a visão criada acerca das sociedades não-ocidentais percebemos a influência, até mesmo nos dias atuais, da visão que se tinha desde a antiguidade. Pode-se perceber uma continuidade de termos e tratativas sem que estes sejam criticados ou problematizados e até mesmo sem se questionar o significado ou peso que se tem por traz. Alguns pensadores até tentam introduzir uma nova visão acerca do tema ao longo dos anos, mas, em grande parte dos casos, ainda se percebe uma visão etnocêntrica pois analisam estas sociedades a partir dos costumes e valores ocidentais, seja ao caracterizar suas faltas ou ao enaltecê-las como se fossem o ideal que não se consegue alcançar no ocidente. Utiliza-se de parâmetros que muitas das vezes não condizem com a sociedade que está sendo analisada por não fazer parte de sua história, ou até mesmo colocam todas essas sociedades como um único bloco com as mesmas evoluções. Do ponto de vista antropológico podemos observar que já se tem uma visão não tão limitada destas sociedades, problematizando a visão pré-estabelecida que muitas das vezes se apresenta.

Se a noção de sociedade primitiva foi constituída, implícita ou inconscientemente, como projeção invertida da nossa, e se a função latente dessa projeção foi a de objetivar ou ratificar uma certa imagem de nós mesmos, isso significa que, para os primeiros antropólogos, a contribuição da antropologia para a análise das sociedades complexas deveria ser apenas parcial e indireta. Conhecendo aquilo que não somos — ou ao menos que deixamos de ser —, estaríamos simplesmente delimitando um campo a ser coberto por outras disciplinas, como a sociologia, a ciência política ou a economia (GOLDMAN, 1995 p. 113-4).

Olhando um pouco mais a fundo essas sociedades podemos perceber que são deveras variadas, cada qual com seu modo de agir acerca dos acontecimentos e com costumes, ou cultura, individuais. Todas tiveram processos diferentes de evolução, tomaram caminhos diferentes e se tornaram sociedades distintas. Vale ressaltar que a comparação entre si pode resultar em tamanha diferenciação como a comparação de algumas delas com a sociedade ocidental e, também, podemos encontrar sociedades específicas que se aproximam mais, ou que se distanciam mais, da forma de cultura ou evolução do ocidente. Deve-se prestar atenção até mesmo na forma de nomear essas sociedades, pois como vimos, muitas terminologias são carregadas de significados que atualmente se pode perceber que não condizem com estas sociedades. O mais neutro utilizado seria o de “sociedades não-ocidentais”, mas é preciso ter atenção ao se utilizar para não ser empregado de forma a abrigar todas essas sociedades em um só bloco, como outros termos o faziam. Assim, podemos concluir que ao se estudar e se apresentar estas sociedades deve-se sempre buscar uma forma de se libertar da visão pré-estabelecida, observá-las pelo que são e não pelo que nos disseram ser. Cada uma tem sua própria voz, sua própria história, seu próprio meio de registrar seus acontecimentos e sua forma de estabelecer ordem enquanto sociedade sem que necessariamente esteja de acordo com a visão ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDMAN, Márcio. **Antropologia Contemporânea**, Sociedades Complexas e outras questões. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

KUPER, Adam. **A reinvenção da sociedade primitiva**. Recife: Ed Universitária da UFPE, 2008.

LANNA, Marcos. **As sociedades contra o estado existem?** Reciprocidade e poder em Pierre Clastres. Rio de Janeiro: Mana vol.II no.2, 2005.

ROGNON, Frédéric. **Os primitivos, nossos contemporâneos**. Campinas: Papirus, 1991.

COMPREENDENDO A NATUREZA HUMANA ATRAVÉS DA PSICANÁLISE FREUDIANA NA HORDA PRIMA

Nailde da Silva Costa¹

Igor Vieira Costa²

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará os estudos freudianos embasados intrinsecamente nas análises desenvolvidas pelo biólogo britânico Charles Darwin, conhecido através de estudos realizados acerca da teoria evolucionista. Darwin traz à tona uma temática que gerou e ainda gera grandes discussões, como as seguintes questões: o ser humano descende de Adão e Eva? E seus instintos são punições pelo pecado de seus antepassados? Ou simplesmente os instintos humanos são frutos da selvageria que habita cada um de nós?

Desde o período da Pré-História o homem lutava contra feras para poder sobreviver e posteriormente, teria que lutar com outra fera mais selvagem e impiedosa, que eram seus instintos. O pai da horda primordial ou primeva tinha a função de líder de determinados grupos e a ele era atribuídos direitos que acarretavam indignações nos outros membros daquele bando. Segundo os estudos realizados por Freud, ao líder da horda – que seria o macho e pai – eram atribuídos privilégios em relação aos demais.

Através do estudo do fenômeno denominado de complexo de Édipo, Freud analisou a conjuntura da união e desejo desenvolvido pelos os homens através dos séculos, onde o instinto carnal muitas vezes sobressai à racionalidade. Até onde o desejo do homem será mais forte que sua razão? O homem sempre esteve preso ao seu instinto ou é mais um refém dos desejos mais obscuros de sua mente?

Determinam-se objetivos desse artigo, assim, saciar essas dúvidas através do discurso de Freud exposto, principalmente, em sua obra Totem e Tabu (1913), bem como compreender aspectos da natureza humana através dos estudos freudianos interpretados pela visão de outros autores.

1 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: naildecosta824@gmail.com

2 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: igor_vc07@hotmail.com

HORDA PRIMITIVA DE DARWIN X HORDA PRIMAL DE FREUD

O estudo desenvolvido por Freud e apresentado no seu livro *Totem e Tabu* (1913), aborda a temática acerca da horda primitiva que mostra o convívio do pai primevo e os demais integrantes do grupo. O líder e pai do clã detinha a exclusividade para desposar das mulheres que viviam em meio ao seu domínio e, ali, haviam outros homens que Freud classificou como sendo os “filhos da horda”, que deviam lealdade e submissão ao pai. Os filhos não tinham direito a manter relações carniais com as fêmeas do bando, sendo estes privilégios concedidos em exclusividade ao pai. No entanto, os instintos dos demais membros sobressaíam à lealdade, assim gerando uma revolta interna, e entre os filhos uma união contra o pai da horda. A análise freudiana acerca da horda primitiva foi inspirada nos trabalhos do evolucionista Charles Darwin, que alegava que o chefe dos clãs detinha um temperamento efervescente e agressivo com as mulheres e homens daquele grupo. Os filhos da horda que queriam ter direito a gratificação sexual revoltavam-se contra o pai, assim eles tomavam posse da liderança, assassinavam o pai da horda e ofereciam um banquete totêmico com os restos mortais daquele que um dia tinha sido seu líder, os filhos acreditavam que, após ingerir partes do corpo do antigo chefe, iriam adquirir para si sua força e aspectos de sua liderança, passando assim a ter os mesmos direitos que outrora pertencia a outro. Freud analisou que após o ato de assassinar o pai, os filhos desenvolviam um sentimento de remorso e culpa, dando, assim, início ao aparecimento do superego.

Os homens primitivos odiavam o pai, que apresentava um obstáculo tão formidável à ânsia de poder e desejos sexuais, mas também o amavam e admiravam. Depois que se livraram dele, satisfazia seu ódio e puseram em prática seus desejos de identificar-se com ele, o afeto, que todo esse tempo fora empurrado, estava fadado a se fazer sentir. Fez isso na forma de remorso. Um sentimento de culpa apareceu, o que coincidiu com o remorso sentido por todo grupo. O pai morto ficou mais forte do que os vivos tinham sido. (FREUD, 1913, p. 143).

A partir do momento que o homem passa a ter o sentimento de

culpa após assassinar seu pai, surge à passagem do instinto primitivo para o processo de racionalização, o homem transcende do seu estado irracional para acender a cultura e a razão. Os instintos animalescos dos homens são controlados com o passar dos séculos pela conduta da moral e ética desenvolvida no advento das regras estabelecidas pela sociedade. Regras estas que proíbem a prática do incesto, estabelecendo assim a instituição matrimonial e a formação familiar que até hoje é adotada pela civilização, o homem passa do ser primitivo que busca saciar seus desejos para o homem que busca conviver com eles, o ser humano luta para controlar o instinto selvagem que o acompanha desde os primórdios da humanidade, desejos estes que os igualam a quaisquer outros animais que buscam sobreviver em meio aos seus iguais.

O COMPLEXO DE ÉDIPO

O mito de Édipo é parte da mitologia grega e também uma narrativa escrita por Sófocles por volta de 427 a.C., na lenda, Édipo é filho de Jocasta e Laio, rei de Tebas. Ao consultar o oráculo de Delfos, Laio descobre que foi amaldiçoado pelos deuses, estando destinado a morrer pelas mãos de um filho seu que, em seguida, iria casar-se com sua esposa (Jocasta) e governar a cidade no seu lugar.

Jocasta engravida e dar luz a um menino e, com medo que a premonição virasse realidade, Laio ordena a um de seus servos que abandone o menino no Monte Citerão (situado entre Tebas e Corinto), entretanto, o menino é resgatado por um pastor que o cria como filho. Édipo já adulto, decide visitar Tebas para consultar o oráculo, lá descobre o seu fatídico destino. Estarrecido com sua descoberta, Édipo entra numa briga com um desconhecido e acaba assassinando o homem, casando-se com sua viúva e torna-se líder da cidade, viúva esta que era própria Jocasta. Édipo casou-se com sua mãe e após descobrir esse fato, ambos envergonhados com essa relação incestuosa tomam medidas drásticas, Jocasta comete suicídio e Édipo fura os próprios olhos.

A partir da análise do mito grego, Freud desenvolveu um complexo estudo baseado nos relatos descrito pelos antigos. Dedicando-se apenas um texto sobre a temática, Freud aborda o tema pela primeira vez no ano de 1924, intitulado o texto de “A Dissolução do Complexo de Édipo”, trabalhando assim a questão da passagem do incesto para a misogamia, Freud trabalha as formas de instintos dos homens primevos desde a horda primal. No complexo de Édipo, vemos uma análise desenvolvida para explicar a hostilidade dos filhos para com os pais, des-

de a convivência na horda primordial é perceptível os desentendimentos entre os homens da horda, os desejos sexuais sobressai à lucidez da razão. Freud associa ao complexo de Édipo apresentado pelos gregos à restrição sexual para beneficiar o convívio em sociedade. Com isso, justifica-se o terror exalado pela prática do incesto e a transição para harmonia em convívio com os demais no âmbito social.

Vemos no desenvolver do estudo freudiano a concepção dos desejos e intrigas de uma criança, nesse caso um menino, para com seus pais. Pela mãe, o garoto nutre uma admiração sem igual, gerando assim sua primeira paixão. Já no caso paterno, por outro lado, o filho desenvolve a visão e vontade de ser como ele. Nessa situação é nítida a presença do desenvolvimento do super ego que neste caso representa abstração do processo incestuoso assemelhando-se a lei do totem. Com a introdução do superego surge a instância da representação da lei, que no caso do complexo de Édipo, essa figura de lei é posta na figura paterna, chegando assim ao saldo final dessa discussão, nos estudos freudianos acerca desse tema é claro o alinhamento da lógica moral desenvolvida pelo estereótipo totêmico da horda primal.

O ASSASSINATO DO PAI DA HORDA

Como evidenciado anteriormente, o pai da horda descrita por Freud (1913) era o macho dominante do clã familiar e, assim, era o único que obtinha o privilégio de despojar sexualmente das fêmeas, além de liderar a família como bem entendesse. Paralelo a isso, o pai obtinha uma postura dominante e ciumenta, expulsando os outros machos da horda para que estes não o desafiassem. Os privilégios exercidos pelo pai somados a sua dominância fariam com que os filhos se curvassem à sua vontade, deixando a horda, ou o enfrentassem a fim de dominá-la.

Como resultado da frustração sexual e do ódio pelo pai, os filhos da horda iriam se unir para enfrentar o líder dominante: “Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente.” (Freud, 1913, p. 216-217). Isso resultaria no assassinato do pai o que, na mesma medida que satisfazia a vontade dos filhos, causava neles um sentimento de culpa e remorso, uma vez que os filhos também amavam e admiravam o pai por sua força e liderança. Para LIMA E SOUZA (2016), é nesse momento que surge o que Freud irá chamar de superego, isto é, o princípio moral da psique humana:

Após eliminar o pai e satisfazer o seu ódio, além de imporem o seu desejo impetuoso de realizarem a identificação com ele, forçosamente foram tomados pelas emoções ternas que se ocultavam no ódio. Sobrevém o arrependimento e nasce o *sentimento de culpa* comum a todos, decorrente da satisfação parricida. O pai temido era também o pai amado, e será este universal sentimento de culpa irreversível que irá desencadear e orientar todo o movimento posterior quanto ao encaminhamento dado pelos irmãos às consequências de seu ato *princeps*. (LIMA; SOUZA, 2016, p. 423).

O PAI SE TORNA O ANIMAL TOTEM

Apesar do ódio e temor que impunha aos filhos, o pai da horda era amado e respeitado por eles e, por isso, passa a ter uma função definitiva de influência mesmo após sua morte, exercendo um papel totêmico. Freud (1913) enuncia que os filhos consumiram a carne do pai a fim de absorver suas virtudes e força, marcando um ritual que poderia ser a primeira festa da humanidade. É através desse ritual antropofágico, ainda, que os filhos tomaram para si o conceito de igualdade, uma vez que todos consumiram a carne do pai coletivamente, adquirindo suas qualidades de forma igualitária:

O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo, eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião. (FREUD, 1913, p. 216-217).

Após a morte do pai primevo, seguido pelo ritual de consumo de sua carne, surgiria a dúvida de quem ocuparia o lugar do pai, o que levaria a uma disputa de poder entre os irmãos, agora iguais entre si. O pai, então, se torna o animal totem, um deus que deve ser enaltecido.

Através do totem, são feitas as leis que deverão ser seguidas pelos seus descendentes.

De acordo com LIMA E SOUZA (2016), observa-se a necessidade da firmiação do tabu do incesto, com a finalidade de evitar que a disputa por prazeres sexuais ocorra novamente, dessa vez entre os irmãos. Essa proibição é feita sob a autoridade do pai totem, favorecendo a saída dos irmãos da horda em busca de outras fêmeas, competindo, então, com machos de outras famílias por elas. Determina, também, que a norma do tabu do incesto trará a resolução por completo para o complexo de Édipo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avalia-se, portanto, que o psicanalista Sigmund Freud apropriou-se dos conceitos de horda primitiva do biólogo Charles Darwin, adaptando-os com o propósito de analisar o surgimento do consciente humano no que ele chamou de horda primeva, demarcando, dessa forma, transição do homem primitivo e instintivo para consciente.

Na horda primeva, o pai era o homem com maior aptidão física que iria submeter os outros machos, os filhos primevos, às suas vontades. O pai da horda ainda despojava do privilégio de manter relações sexuais com as fêmeas, algo que era negado aos outros machos. Alimentados pelo ódio e pela frustração sexual, os filhos da horda se uniam e mataram o pai, se alimentando posteriormente de sua carne em um ritual antropofágico.

Conclui-se que, por consequência do assassinato do pai, os filhos desenvolvem o que Freud chama de superego, o remorso. Isso ocorre porque o pai, apesar de temido e odiado, era também admirado e amado. Marca-se, a partir disso, o surgimento do princípio da moral no homem. Além disso, o ritual canibalesco irá registrar aparecimento do conceito de igualdade, uma vez que os filhos absorvem, oralmente, as virtudes do pai. Fica entendido, ainda, que o pai da horda se torna um totem, uma vez que o ritual de consumo da sua carne o eleva a um valor que jamais possuía em vida, constituindo-se no começo da religião.

Em adição a isso, é em nome do pai, agora possuindo função totêmica, que estabelece-se o tabu do incesto, isto é, os filhos, agora possuindo força e poder iguais entre si, não poderão despojar de privilégios sexuais com as fêmeas de sua própria família como fora com o pai. Os irmãos primevos, agora, serão obrigados a deixar a horda em busca de fêmeas de outras famílias, passando a competir com outros machos.

É daí que se constitui o conceito matrimonial que segue estabelecido até a atualidade. Por consequência, esse processo finaliza o que Freud chamou de complexo de Édipo, onde os filhos competem com seu pai pelo amor da mãe.

Por fim, fica concluído que, apesar de um dia ter sido um animal guiado por instintos, o homem desenvolveu, através do assassinato do pai da horda primeva, a moral, a religião e a família. Consequentemente, todos esses conceitos irão guiar o ser humano a controlar seus instintos, marcando a passagem do instinto primitivo para a racionalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, D. P. (2017). Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Revista Psicologia em Pesquisa**. UFJF. v 11. n 1. p 1-10.

FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu**. (SOUZA, P. C. L., Trad.). 2012. São Paulo, SP: Companhia das Letras. P13-244.

FREUD, S. (1974). **A dissolução do complexo de Édipo**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924).

LIMA, A. S.; SOUZA, M. R. (2016). O pai da horda e o supereu: de um prenúncio da instância. **Revista Psicologia USP**. v 27. n 3. p 420-428.

OLIVEIRA, M. A. **A concepção de Freud sobre o comportamento do homem na pré-história**.

ROGNON, F. (1991). **Os primitivos, nossos contemporâneos**. (SANTORO, C. C., Trad.). 1991. Campinas, SP: Papirus. p 35-41.

O CÉREBRO: INTELIGÊNCIA, SALTO DE DESENVOLVIMENTO E INTERLIGAÇÃO COM A MUDANÇA DO SER SOCIAL E DA SOCIEDADE

Pedro Augusto Barbosa Hermínio¹
Sonaly Araújo de Melo²

INTRODUÇÃO

Os homens deveriam saber que é do cérebro, e de nenhum outro lugar, que vêm as alegrias, as delícias, o riso e as diversões, e tristezas, desânimos e lamentações. É por ele e de maneira especial que pensamos, vemos, ouvimos e distinguimos o feio do belo, o doce do desagradável... É este mesmo órgão que nos torna loucos ou delirantes e nos influencia com terror e medo. Tudo isso é produzido através do cérebro... Acho que as funções cerebrais são o mais poderoso que tem o homem. (HIPÓCRATES, 400 a.C.).

O cérebro é o órgão mais importante em todos os seres vivos vertebrados, responsável pelo controle das funções vitais, tais como a respiração, a frequência cardíaca, a temperatura corporal, entre outros; pelas emoções, comportamentos recebimento e processamento de todas as informações que recebemos através dos nossos sentidos, além de controlar todos os nossos movimentos e todas as funções cognitivas das mais simples às mais avançadas: memória, aprendizagem, percepção, pensamento, raciocínio e comunicação.

Segundo Hipócrates (460-370 a.C.), o cérebro humano é uma das criações mais enigmáticas, complexas e, ao mesmo tempo, perfeitas do universo. Hipócrates conseguiu desenvolver um estudo sobre diversos assuntos da medicina, entre eles a epilepsia, sendo considerado o “pai da medicina”. Apesar de atualmente possuímos tecnologias capazes de realizar um estudo mais aprofundado sobre o cérebro, algumas perguntas permanecem sem respostas.

1 Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: pedro.hermínio@aluno.uepb.edu.br

2 Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: sonaly.melo@aluno.uepb.edu.br

Ao decorrer do tempo passamos por diversas mudanças, nosso corpo evolui e se adapta às condições em que vivemos. O cérebro também passou e passa por evoluções desde os primeiros hominídeos, um exemplo disso é o seu tamanho, mas, como pode ter se dado esse aumento? De que maneira esse desenvolvimento teve influência sobre a inteligência?

Dessa forma vemos que esse órgão tão falado mais ainda desconhecido nos mostra que durante o perpassar dos tempos a evolução foi necessária para que existisse o avanço da raça humana e pudesse marcar o período pré-histórico e com ele fazer-se compreender o quanto o cérebro era poderoso mesmo sem ser tão evoluído e com isso interligar todas as emoções à inteligência que já era unida ao poder do cérebro humano.

Com isto, temos diversos pesquisadores, historiadores e cientistas que formulam teses que reforçam o poder do cérebro humano e como ele funciona em meio a toda uma consciência e inconsciência que forma o ser e mostra toda uma ligação entre o desenvolvimento, entendimento e inteligência, e de que maneira ele foi usado para que nossa sociedade pudesse ter tido toda a mudança que ocorreu até os dias atuais.

EVOLUÇÃO DO CÉREBRO HUMANO

A evolução do cérebro se deu de uma forma gradual e consistente, começando antes mesmo de os nossos ancestrais descobrirem o fogo. Mas, não se sabe, ao certo, o que causou essa evolução, levando em conta que não é possível o estudo direto do órgão, sendo apenas através da análise dos crânios de alguns indivíduos, mesmo assim diversas mudanças foram perceptíveis.

Em um estudo publicado na revista *The Proceedings of the Royal Society*, são levantadas algumas hipóteses para justificar essa evolução, entre elas está a ideia de que esse aumento cerebral se deu através do aumento aleatório do órgão em alguns indivíduos, gerando novos indivíduos com cérebro maior e extinguindo os com volume inferior, bastante parecida com a teoria da seleção natural desenvolvida por Darwin (1809-1882).

Esse aumento também exigiu um cuidado extremo principalmente na alimentação, pois surgiu a necessidade de uma dieta rica em proteínas associada a energia utilizada para o funcionamento correto do cérebro, pois requer comprometimento de cerca de 25% do nosso meta-

bolismo, além da indispensabilidade de um sistema de difusão do calor, pois temperaturas extremas poderiam acarretar mal funcionamento ou até ser fatal, principalmente em áreas de extremo calor como na África oriental.

A evolução humana teve origem aproximadamente há 6 milhões de anos, quando os primatas do noroeste da África se dividiram em duas linhagens, uma permaneceu no ambiente da floresta tropical originando os chimpanzés, a segunda se adaptou em ambientes abertos como as savanas, dado origem aos primeiros hominídeos, os *Australopithecus*.

O gênero *Australopithecus* já possuía características como a postura semi ereta e a mandíbula mais semelhante à da espécie humana. O primeiro fóssil encontrado foi do *Australopithecus africanus* que habitou na terra há cerca de 2,8 a 2,3 milhões de anos atrás, porém outros fósseis foram encontrados entre eles: o *A. afarensis*, o *A. robustus* e o *A. boisei*, com cérebro medindo cerca de 300- 500 cm e aproximadamente 30-35 bilhões de neurônios.

A partir da extinção deles, surgiu o gênero *Homos* que se destacou pelo grande desenvolvimento do sistema nervoso e da inteligência, apresentando diversas adaptações evolutivas entre elas a postura bípede, que permitiu o homem maiores chances de sobrevivência, como evitar situações de fome, pois colhiam frutos com seus braços e abatiam animais lançando pedras. Além de serem capazes de longas caminhadas facilitando ainda mais a expansão para outras regiões.

Ao liberar as mãos, a postura bípede possibilitou ao homem o uso de suas mãos para construir e manipular ferramentas; esse é o início do desenvolvimento das habilidades manuais do homem. Ela só se modernizará com o desenvolvimento de outra parte do corpo: o cérebro. (D'AMARO, 2006, p.56).

Devido ao uso livre das mãos o *Homo habilis* foi o primeiro hominídeo do gênero, viveu por volta de 2,2 milhões a 1,4 milhões de anos atrás, desenvolvendo habilidades como construção de cabanas e ferramentas. Possuíam um crânio com cerca de 600 cm e aproximadamente 40 bilhões de neurônios. Estudiosos acreditam que a técnica de produção de ferramentas foi de extrema importância para o desenvolvimento do cérebro, pois, a partir das ferramentas era mais fácil matar os animais e extrair o tutano dos seus ossos, que conseqüentemente fornecia energia para sustentar um cérebro maior e sem isso a evolução

não seria possível.

Para Storer et al. (2000, p. 738), “o aumento do tamanho e da complexidade do encéfalo acompanhou o envolvimento com ferramentas e a caça.” Devido a essa habilidade de desenvolver e criar ferramentas específicas para cada atividade, o homem transformou seu modo de vida, melhorando-a e facilitando-a, além de estimular as áreas do cérebro responsáveis pela criatividade e estratégia.

É notável que o *Homo erectus* foi o homínideo que mais evoluiu, vivendo por volta de 1,5 milhões a 300 mil anos atrás, possuindo um cérebro com cerca de 900 cm³, devido a isso houve uma expansão no lobo frontal surgindo a chamada área de Broca, responsável pela compreensão da linguagem escrita e falada, o que possibilitou uma comunicação mais avançada, além de que foram os primeiros a dominarem o fogo, permitindo-lhes habitar regiões de clima frio e cozinhar alimentos, tornando-os mais fáceis de consumir, construíam objetos mais complexos e cobriam os corpos com peles de animais. A partir deles começaram a surgir os grupos, pois, viviam entre vinte e trinta membros.

Muitos desses *homos* migraram para a Europa, Ásia e Oceania, surgindo assim, o *Homo ergaster* na Europa que antecedeu o *Homo neanderthalensis*. Vivendo há cerca de 200 mil a 30 mil anos o *Homo neanderthalensis* possuía um cérebro com cerca de 1500 – 1600 cm³ e aproximadamente 85 bilhões de neurônios sendo capaz de fabricar armas, abrigos com ossos de animais, sepultar seus mortos em cavernas com objetos e flores. Apresentavam também uma organização social, tudo isso diferindo com os hábitos dos seus antecedentes.

Por fim surgiram os *Homo sapiens* há cerca de 100 mil anos atrás, o conhecido homem moderno capaz de produzir variados objetos de pedra, osso e marfim, desenvolvendo a pintura (rupestre) e esculturas. Possuíam um cérebro parecido com o dos homens atuais, com uma capacidade média de 1300 cm³, o que acarretou mudanças na comunicação, planejamento, resolução de problemas e outras funções cognitivas mais avançadas.

Atualmente o cérebro humano mede cerca de 1600 cm³, toda mudança que ocorreu durante esse período, como a postura bípede, um crânio maior e mais espaçoso e a forma da coluna foram imprescindíveis para sustentar o cérebro humano. Devido a essa evolução o ser humano pode tomar decisões mais ponderadas, sensatas e corretas, com análise em fatos passados.

O desenvolvimento não foi apenas no tamanho,

algumas áreas do cérebro desenvolviam novas funções. As áreas responsáveis pelo comportamento instintivo foram recobertas por muitas camadas de neurônios do córtex cerebral, desenvolvendo funções ligadas à razão, observação, discernimento e memória.(D'AMARO, 2006, p.56).

Com o surgimento dessas novas funções do cérebro, principalmente a capacidade de conviver com outras pessoas, foi se tornando possível e comum a ideia de viver em sociedade, sendo assim, surgiu a necessidade de uma organização social capaz de estruturar e formar novas sociedades a qual conhecemos atualmente. Esse foi um ponto crucial na evolução humana, pois foi o que formatou o mundo como conhecemos hoje.

Desde o início dos tempos o cérebro foi um órgão que instigou conhecimento e curiosidade por parte das pessoas e até mesmo dos nossos ancestrais, tudo se iniciou no período pré-histórico, onde de acordo com pesquisas os cérebros que existiam a 2,5 milhões de anos atrás tinha uma capacidade cerebral de aproximadamente 600 cm³, donde correspondia ao tamanho de um feto, porém isso se deu por um crescimento lento da espécie e, conseqüentemente, um desenvolvimento retrógrado.

Dessa maneira o que se é estudado até os dias atuais é como o cérebro pode ter tido um desenvolvimento tão rápido com o perpassar de poucos milênios e de como ele adquiriu características, tamanhos e formas tão evoluídas em comparação aos ancestrais estudados, como o *Homo Habilis*, *Heidelbergensis*, *Neanderthalensis* e o *Australopithecus*, donde apresentaram diferença de muitos milênios para que houvesse uma evolução significativa no cérebro e essa mudança fosse feita primordialmente pelos os avanços que eram necessários para a sobrevivência e continuação da linhagem.

Inicialmente devemos nos atentar que o cérebro é um órgão que possui diversas áreas específicas para cada função do nosso corpo, é um órgão mais que completo e fundamental que até os dias atuais não se sabe de maneira afirmativa como ele funciona e como ele pode reagir a diversos impulsos que levam os seres humanos a viverem a vida e serem responsáveis pelas suas decisões.

O homem pré-histórico é estudado pelos segredos que carregam e como eles podem explicar a partir das suas ossadas encontradas nos dias atuais como pudemos chegar ao nível de inteligência que temos

nos dias atuais, na organização social e como nos relacionamos com outros seres e com a natureza. Diante disso, vemos que esse órgão que se desenvolveu tantos nos últimos milênios que fez se provar ser mais poderoso do que podíamos imaginar e como ele evoluiu para se tornar um meio de avanço para toda a sociedade que vem se formar desde o período da pré-história, pois ele, com a evolução que aconteceu também fez valer um convívio social muito mais íntimo, e em consequência a mudança da sociedade que se existia nos primeiros milênios.

Com o cérebro se vem os instintos, onde são amplamente ligados, pois as heranças genéticas são muito fortes e elas trazem toda uma explicação para as habilidades que apresentam desde que os bebês são concebido como o aprendizado, o conhecimento da voz, da língua, do cheiro, do comportamento daqueles que convive mais intimamente e a procura incessante pela a sobrevivência e pela vida.

Assim, vemos que o cérebro é mais que só raciocínio, ele é o que rege e o que faz com o passar dos tempos tornar os seres humanos mais evoluídos e sábios de acordo com o que é trabalhado e exercido por aquela sociedade. Todos nós pegamos traços do local em que convivemos e com quem convivemos e esses hábitos são reproduzidos sem que possa imaginar, pois eles são automáticos e isso se dar pelo o motivo do cérebro ser um órgão que não é somente de coisas voluntárias, mas que também age por meio de adaptação ao que está presente no seu convívio, demonstrando assim uma forma de inteligência e adaptação incrivelmente grande o que se faz se diferenciar de qualquer outro ser existente na natureza.

As formas de como os seres se desenvolveram com o perpassar do tempo tem uma forte ligação com o ambiente em que habitavam e da maneira de como toda organização social se dava em torno dos mesmo, dessa forma vemos que com toda evolução o que predominou sobre o ser foi o pensamento crítico, no qual *o termo crítico*, etimologicamente, provém do grego *kritiké*, que significa a arte de discernir, separar, julgar e o termo pensamento, etimologicamente, provém de der pensar + mento como esp pensamento, que significa faculdade de pensar, ideia, reflexão, consideração.

Dessa forma vemos que a união do pensamento mais o crítico traz a reflexão e o ato de julgar e dessa forma isso era disseminado entre os povos pré-históricos mesmo que de forma indireta, pois eles já raciocinavam para os atos de caçar e sobreviver, de decidir seus líderes e tomarem decisões que não fossem botar o bando em risco. Mesmo que diante dos estudos o pensamento crítico só foi desenvolvido pelo os

gregos, pois eles começaram a pensar sobre o ser intelectual, mas desde das primeiras espécies de *homos* vemos que mesmo com o cérebro pouco desenvolvido existia discernimento e ideia do que poderia fazer e acontecer, e com o passar dos milênios e com a evolução desse órgão primordial isso foi se tornando cada vez mais racional e essencial para a difusão e avanço do ser em meio aos processos evolutivos.

Com o estudo da evolução vemos que muitos pensamentos se sobressaíram principalmente os instintos humanos e como ele foi circunstancial para a sobrevivência e a criação de hábitos por parte do ser. Para Hume, a natureza humana é dotada de disposições e instintos, todos de utilidade para a sobrevivência do ser humano. João Paulo Monteiro afirma acerca do hábito:

Com esse instinto, foi a própria natureza que nos ofereceu a possibilidade de prever as suas próprias regularidades. Mas em que sentido devemos tomar aqui a palavra “sabedoria”? Qual será esse peculiar procedimento da natureza, através do qual se supõe que ela foi capaz de nos oferecer esse instinto, o qual nos permite inferir efeitos semelhantes de causas semelhantes e prever acontecimentos futuros, conseguindo assim sobreviver no mundo em que habitamos? (Monteiro, 1984, p. 113).

Assim para Hume o instinto vem ser algo primordial para a continuação da espécie, gerando assim algo que pode ser definida como hábito e ser gerida de maneira fundamental na vida do ser assim protagonizando o poder da inteligência em meio aos instintos que necessariamente nasce por muitas vezes de forma involuntária, e assim Monteiro vem com questionamentos de como esse instinto poderia ser datado como poderia sobreviver em meio a todo o caos e predileção pelo mundo em mudança. Em meio ao período pré-histórico vemos que há uma longa caminhada para desenvolver pesquisas de como os instintos se desenvolveram em meio aos acontecimentos e como eles vieram a serem primordiais em meio a sequência e sobrevivência dos povos antigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados podemos notar que a evolu-

ção do cérebro humano se deu de forma gradativa, desde os primeiros hominídeos até os atuais, passando por diversas mudanças e adaptações que vieram a beneficiar a espécie humana, porém esse passado ainda é algo incerto já que ocorreu a milhões de anos atrás, e seu estudo é permitido apenas através dos fósseis encontrados em diversas regiões do mundo. Apesar dessa dificuldade em estudar os homens pré-históricos muitas descobertas foram feitas acerca da vida daquela época.

Através do estudo desses fósseis tornou-se perceptível o aumento do cérebro, além da descoberta de ferramentas e outros utensílios que ajudaram os cientistas a deduzirem como os hominídeos viviam desde sua alimentação, moradia e demais atividades que de algum modo influenciaram direta ou indiretamente na evolução desse órgão vital para todos os seres vivos, sejam eles racionais ou irracionais. Diversos cientistas discorrem o que de fato desencadeou tamanha evolução, mas algumas respostas continuam ocultas.

Assim vemos que o cérebro é um órgão que veio se desenvolvendo desde do início dos tempos, mostrando como o conseguiu se desenvolver e se tornar o órgão mais evoluído existente, demonstrando dessa forma o seu processo de evolução com o passar dos tempos e como o ser humano conseguiu se adaptar a todo esse processo revolucionário que se tornou de extrema importância para a sociedade antiga e contemporânea.

Com o passar do tempo tudo foi se moldando de acordo com o crescimento do ser social e histórico que foram alavancados pelos princípios fundamentais da inteligência e da maneira de coexistência entre os indivíduos. Dessa forma, muito do que temos construídos mentalmente nos nossos dias atuais foi fruto de todo um processo de evolução de hábitos, de instintos, inteligência, sentimentos, razão e emoção e assim tudo foi se moldando e criando características que iriam ser perpassadas com o passar dos tempos se tornando assim o que somos hoje e todo o nosso processo estrutural e dinâmico que é regido pela a evolução do cérebro.

Diante de dados que comprovam todo o processo cronológico de desenvolvimento do tamanho cerebral e da caixa craniana, podemos explicitar todo o salto desenvolvimentista dos dados que o esse órgão armazenava e de como ele se expandiu, adquirindo mais lóbulos e partes que vieram a ser partes fundamentais para o entendimento de muitos questionamentos e ações que anteriormente não se fazia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5^o ed. Martins fontes. São Paulo 2007.

CASTRO, Fabiano dos Santos. FERNANDEZ, J. Landeira. Alma, mente e cérebro na pré- história e nas primeiras civilizações humanas. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.23 no.1. Porto Alegre Jan/Apr. 2010.

CASTRO, Fábio Guimarães de. Pensamento Crítico. **Portal São Francisco**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/filosofia/pensamento-critico#:~:text=Essas%20e%20outras%20perguntas%20servir%C3%A3o,de%20autoria%20de%20Immanuel%20Kant.> Acesso em: 23/11/2020.

COMO o cérebro humano evoluiu ao longo dos anos. 2013. Disponível em: arqueologia e pré- história. Acesso em 23/11/2020.

D'AMARO, Paulo. **A evolução humana: de onde viemos? Para onde vamos?** 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

DESENVOLVENDO o pensamento crítico. Universia net, 2020. Disponível em: <https://www.universia.net/br/actualidad/actualidad.vida-universitaria.desenvolvendo-o-pensamento-critico-1088980.html>. Acesso em: 23/11/2020.

ETAPAS da evolução humana. 2009-2020. Disponível em: Só História. Acesso em 23/11/2020.

HOUZEL, Herculano. Disponível em: **Hominin Evolution: Estimates of Numbers of Brain Neurons in Prehistoric Homo**. 2012. Acesso em 23/11/2020.

WINSTON, Robert. **Instinto Humano: Como os nossos impulsos primitivos moldaram o que somos hoje**, Rio de Janeiro. Globo. 2006.

MATOS, José Claudio Morelli. **Instinto e razão na natureza humana, segundo Hume e Darwin**. scientiæ zudia. São Paulo. P. 263-86. 2007.

MENDES, Francine. A guerra entre o cérebro primitivo e o cérebro

moderno. **Forbes**, 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com.br/colunas/2020/02/os-dois-cerebros/>. Acesso em: 17/11/2020.

SABBATINI, Renato M.E. A Evolução da Inteligência. **Revista Cérebro & Mente**, Fev/Abr 2001. Acesso em: 24/11/2020.

STORER, Tracy I. et al. Zoologia Geral. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. Acesso em: 24/11/2020.

AS PROFUNDAS RAÍZES DA VIOLÊNCIA

Maria Eduarda Farias de Souza¹

Ruan Lucas Gomes da Silva²

INTRODUÇÃO

A violência é uma constante na história, mesmo não sendo exclusiva dos seres humanos e seus ancestrais, a espécie *homo* e suas variedades se tornaram íntimos dela e a usaram como nenhuma outra, podemos dizer que a violência foi o pilar da história da evolução que resultou no que somos hoje, o *homo sapiens sapiens*.

Uma cena ícone do cinema que retrata bem essa história da violência se encontra no filme *2001 a space odyssey* (Stanley Kubrick, 1968), essa cena em questão mostra um ancestral homínideo remexendo ossos de um animal morto, enquanto usava um osso para espalhar os outros, ele percebe aquele osso como uma ferramenta, então ele começa a bater com o fêmur que segurava com os outros ossos, o tempo avança e logo o homínideo já está usando o fêmur para abater uma caça viva. Uma bela representação da violência como arma, bem próxima da realidade.

Sendo uma espécie desprovida de garras ou chifres, ou mesmo de uma couraça resistente, o que possibilitou os homínideos ficarem em pé de igualdade e posteriormente sobrepujar outras espécies foi o uso de armas: ossos de animais, lanças, fogo, e conseqüentemente, a violência.

É comum associarmos a violência à falta de inteligência, mas então por que nós, seres inteligentes e racionais, continuamos sendo violentos? É fato que temos um passado violento, mas por que não pensamos a violência nesse âmbito evolucionista? Mesmo sendo antagonista à inteligência – que assumiu o papel principal na história da evolução humana – ela foi tão importante quanto.

PREDISPOSIÇÃO GENÉTICA

A natureza é implacável e reina a famigerada lei do mais forte,

1 Graduanda em licenciatura plena em História - UEPB. E-mail: fariaseduarda32@gmail.com

2 Graduando em licenciatura plena em História - UEPB. E-mail: ruangsilva@outlook.com

aqueles que não estão no topo da cadeia alimentar tem que fugir e se esconder, acontece que nossos ancestrais nunca foram especialistas em tais habilidades, viviam o mais longe possível de outros animais, foi necessário alguns milhões de anos até que surgisse o *homo habilis* que foi o primeiro a utilizar ferramentas, a partir daí o gênero *homo* se insurgiu.

Todos conhecemos essa história, já estamos sobre ou mesmo vimos representações em mídias como desenhos, filmes ou documentários, mas dificilmente pensamos nesse processo evolutivo, de animais carniceiros e colhedores para caçadores que faziam uso de ferramentas artificiais e métodos violentos, sem dúvida foi um processo que nos marcou profundamente, mesmo hoje, quando possuímos ferramentas melhores como a nossa inteligência, ainda recorremos ao uso da violência.

Alguns estudiosos como Frederick Goodwin já tentaram investigar as bases biológicas da violência, em 1922 ele estava à frente de um projeto do NIMH (*National Institutes of Mental Health*), porém esta é uma área nebulosa, rumores sobre esse estudo foram disseminados e Goodwin cometeu o deslize de comparar criminosos humanos com macacos; associar a violência a traços primitivos, falar de uma genética da criminalidade em uma sociedade desigual onde existe um discurso ignorante de que negros são inferiores, uma vez que estes são responsáveis pela maioria dos crimes na América (por questões puramente sociais) é abrir caminho para o racismo, chega a soar como um projeto de eugenia.

Como era de se esperar a repercussão desse estudo foi negativa e o projeto foi encerrado, e projetos semelhantes não levaram a nenhuma conclusão sólida. Sem dúvidas é um problema interessante para se trabalhar, quem sabe um dia, com a devida cautela no que diz respeito a questões sociais e étnicas, possam reviver esse estudo.

O ESTADO DE NATUREZA

Procurando compreender o ponto de início do comportamento violento em seres humanos, vários teóricos já procuraram vestígios ou desenvolveram teorias com a finalidade de chegar a uma resposta sobre a natureza do homem. O conceito “estado de natureza”, popularizado por filósofos como Thomas Hobbes e Jean Jacques Rousseau, é utilizado como uma das principais bases de estudo sobre a violência e a humanidade. A grosso modo, estado de natureza nada mais é que uma situação de sobrevivência regida pelas leis da natureza, sem organiza-

ção social ou leis. Contudo, por mais que concordem com este conceito, esses estudiosos compreendem a “pré-sociedade” de maneiras divergentes.

ROUSSEAU E O MITO DO BOM SELVAGEM

Em seu livro **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**, Rousseau confere várias características positivas ao estado de natureza. O estado natural elaborado pelo filósofo era um ambiente farto e propício para a coexistência humana, no qual o homem não necessitava se preocupar em garantir seus alimentos e meios necessários para sua sobrevivência, já que eles nunca eram escassos.

Outra característica marcante do estado de natureza segundo Rousseau, era a ausência da vida em comunidade, para ele o homem era autossuficiente e não carecia juntar forças e viver em grupo, essa quebra do isolamento ocorria apenas com finalidades reprodutivas:

[...] não tendo nem casa, nem cabanas, nem propriedade de nenhuma espécie, cada qual se abrigava a esmo e em geral por uma única noite; os machos e as fêmeas uniam-se fortuitamente conforme o caso, a ocasião e o desejo [...] logo que tinham forças para procurar seu alimento, [os filhos] não tardavam em deixar a própria mãe e, como quase não havia outro meio de encontrar-se senão o de não se perder de vista, logo chegavam ao ponto de nem sequer se reconhecerem uns aos outros. (ROUSSEAU, 1755, p.160).

Esse isolamento resultava na formação de características e qualidades positivas exploradas e vivenciadas de forma autêntica pelo homem, sendo este autossuficiente, nutria um amor por si mesmo, que estava inteiramente relacionado ao seu instinto de sobrevivência, pois o homem via-se vinculado ao meio natural e consequentemente ele adquire uma necessidade de permanecer nesse meio.

O selvagem, usufruindo do ambiente que satisfazia suas necessidades, não tinha motivos para competir ou usar da violência para com seus semelhantes, pois todos tinham acesso ao necessário para a subsistência e eram essencialmente bons. Porém, Rousseau afirma que apesar

do estado de natureza ser um cenário propício para a sobrevivência, os humanos começam a fazer modificações no meio que vivem, buscando melhorar suas condições de vida. Essas modificações vão resultar em um afastamento cada vez maior do reino animal, e a partir daí o homem se vê estimulado a inserir-se em uma vida coletiva.

Essa transição do estado de natureza para a vida em comunidade marca o rompimento do equilíbrio entre os homens, estes agora vivendo na civilização e sendo dominados pela sociedade, se desvirtuam por causa da desigualdade social e das consequências negativas que brotam da convivência. À medida que as ideias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração se exercitam, o gênero humano continua a domesticar-se, as ligações se estendem e os laços se apertam.

Acostumam-se a reunir-se defronte das cabanas ou à volta de uma grande árvore; o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e do lazer, tornaram-se a diversão, ou melhor, a ocupação dos homens e das mulheres ociosos e agrupados. Cada qual começou a olhar os outros e a querer ser olhado por sua vez, e a estima pública teve um preço. Aquele que cantava ou dançava melhor; o mais belo, o mais forte, o mais hábil ou o mais eloquente passou a ser o mais considerado, e foi esse o primeiro passo para a desigualdade e para o vício ao mesmo tempo; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado a vaidade e o desprezo, do outro a vergonha e o desejo; e a fermentação causada por esses novos germes produziu por fim compostos funestos à felicidade e à inocência.

[...] A partir do instante em que um homem necessitou do auxílio do outro, desde que percebeu que era útil a um só ter provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas se transformaram em campos risonhos que cumpria regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria geminarem e medrarem com as searas. (ROUSSEAU, 1755, p. 187).

A partir das declarações de Rousseau se faz muito perceptível sua filosofia, que defende o homem como um ser puro ao nascer que a partir das convivências sociais acaba se corrompendo diante das situações proporcionadas pelo meio e adquirindo comportamentos indecentes, tal qual a violência.

HOBBES E O ESTADO DE NATUREZA

Ao contrário de Rousseau, Hobbes possuía uma visão pessimista do estado de natureza. Segundo ele, o homem era em grande parte egoísta e egocêntrico e vivia em guerra contra todos, em um estado de instabilidade e insegurança. Hobbes afirma que todos possuem meios físicos necessários para subsistência, assim todos têm a mesma força necessária para adquirir os bens, porém, esses recursos são escassos na natureza e em razão disso é instaurado uma disputa para adquiri-los. É a partir dessa escassez que se instaura a violência, pois aquele que possui bens sempre está em alerta para não o perder, e tanto o possuidor quanto o indivíduo que cobiça suas posses, usam da violência física para alcançar seus propósitos.

A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que qualquer um possa com base nela reclamar qualquer benefício a que outro não possa também aspirar, tal como ele. (Leviatã, c. XIII).

Hobbes destaca que o homem do estado de natureza não está sujeito a nenhuma lei civil que haja como freio para seu comportamento violento, sendo estes completamente guiados pelos seus desejos e paixões e vivendo com medo de uma morte violenta. Para o filósofo, esse caos existente no estado de natureza só poderia ser apaziguado com a instauração de um conjunto de regras ou de um acordo que buscava corrigir esse comportamento humano. Ele chamou este acordo de contrato social.

O contrato social simboliza o fato de que a cooperação é a única saída para a bagunça. É o produto de indivíduos livres, que optam por uma forma racional de política e vida comum, batizada por Hobbes, Bem estar comum. O estado de natureza era tão brutal que a única solução seria criar um Leviatã de imenso poder e controle social.

Porém, mesmo defendendo um estado que coibisse o comportamento agressivo, Hobbes destaca que o poder soberano teria o direito

de se apropriar da violência para estabelecer a paz social. Assim, havia a legitimação da violência praticada por quem está no poder ao mesmo tempo que reprimiam o comportamento agressivo vindo da sociedade.

Hobbes ao concentrar-se na investigação sobre o comportamento humano, estava sendo influenciado pelo contexto histórico da época, a Guerra Civil Inglesa, pode-se afirmar que esse fator foi um influenciador crucial na pesquisa de Hobbes e nas críticas feitas ao estado de natureza humano e aos modelos políticos que não seguiam um papel absolutista.

HIPÓTESES ACERCA DOS POVOS PRÉ-HISTÓRICOS

Não dá para dizer com certeza absoluta de que os *homos* ao longo da história eram de fato violentos, podemos apenas fazer conjecturas (algo comum na arqueologia), as evidências são escassas e intrigantes. (HARARI, 2014, p. 91) levanta uma questão muito interessante acerca disso:

Imagine que há 30 mil anos uma tribo derrotou a tribo vizinha e a expulsou [...] na batalha decisiva dez membros da tribo derrotada foram mortos. No ano seguinte, outra centena de membros da tribo perdedora morreram de fome, frio e doenças. Os arqueólogos que se deparassem com esses 110 esqueletos poderiam concluir facilmente que a maioria foi vítima de algum desastre natural. Como poderíamos afirmar que todos eles foram vítimas de uma guerra impiedosa? (HARARI, 2014, p. 91).

Por outro lado, Harari traz dados de uma escavação onde foram encontrados indícios de violência física em 18 de 400 esqueletos encontrados em sítios pré-agrícolas no vale do Danúbio, isso representaria que 4,5% dessas mortes foram violentas. Em Jebel Sahaba foram encontrados 59 esqueletos com pontas de flecha e lança incrustadas ou próximas aos ossos. Em Offnet trinta e oito esqueletos que apresentavam claros sinais de violência, indicando um massacre.

De fato, é difícil precisar o grau de violência enfrentado por nossos ancestrais, a escassez de evidências pode muito bem nos levar a fantasia, no entanto, podemos fazer conjecturas com base em povos isolados de uma época mais próxima partindo da premissa aceita por mui-

tos estudiosos de que a pré-história acabou em diferentes tempos para os mais variados povos, um exemplo que podemos analisar é a história do capitão James Cook em sua incursão onde ele “descobriu” o Havaí, no dia 17 de janeiro de 1779 ele aportou na baía de Kealakekua e foi bem recebido pelos nativos, no dia 4 de fevereiro de 1779 ele retomou a expedição original cujo objetivo era o Taiti e prometeu aos havaianos que voltaria no ano seguinte, porém para o azar de Cook a proa do navio quebrou e ele teve que retornar ao Havaí poucos dias depois da partida para buscar substituir a proa, a recepção foi outra, uma embarcação foi tomada, confrontos eclodiram, ele e alguns homens foram cercados e mortos por alguns guerreiros e seu corpo foi levado em sinal de triunfo.

O antropólogo Marshall Sahlins explica esse episódio utilizando o ponto de vista havaiano, Cook chegou ao Havaí durante o Makahiki e foi confundido com Lono, o deus daquele povo, ao mapear o Havaí com seus navios ele prosseguiu no sentido horário, tal como a procissão da festividade religiosa, sem saber do significado ele participou de uma série de rituais onde estava vestido como o deus Lono e participou de um confronto ritual. Quando ele retornou bem antes da data de 1 ano, foi como se desafiasse o poder dos chefes havaianos e trouxesse caos para a ordem cosmológica dos havaianos, o que resultou em sua morte. Esses eram povos considerados pré-históricos e que apesar de possuírem certa organização social e religiosa, obviamente não possuíam uma compreensão apurada sobre estrangeiros, assim, não é difícil imaginar os conflitos que ocorriam entre povos mais primitivos quando se depa- raram com grupos migrantes em suas terras.

CONFLITOS E GUERRAS PRÉ-HISTÓRICAS

Um dos prováveis motivos para as migrações que deixaram quase todos os continentes do planeta habitados foi o crescimento demográfico, bandos grandes demais não se mantinham, nossos ancestrais precisaram migrar de uma área para outra para se manter em segurança, suponhamos que dois grupos distintos batalhassem pelo controle de recursos de uma certa área, alguns membros do grupo perdedor até poderiam se juntar ao grupo vencedor, mas a maioria não, a alternativa dos perdedores era a mudança, entretanto essas migrações levavam a novos conflitos com outras tribos.

A xenofobia é um grande problema, não apenas atualmente, mas em toda a história humana sempre foi recorrente conflitos e guerras entre vizinhos e estrangeiros. Na Pré-História, quase com certeza, aque-

les povos não eram mais tolerantes do que somos nos tempos atuais, e essa intolerância sem dúvida aumentou à medida que diferentes gêneros *Homo* foram surgindo, chegou uma época em que as diferenças eram grandes demais: anatomia, pelos, cheiro, linguagem, modos etc.

Por muito tempo a teoria da substituição foi a queridinha dos cientistas, ela perdeu forças em 2010 quando geneticistas conseguiram amostras intactas de DNA de Neandertais e o estudo revelou que 1 a 4% do DNA da população da Europa moderna era Neandertal (HARARI, 2012, p.32), mas isso não significa que a teoria da substituição esteja totalmente errada, sabemos que há 50 mil anos os Neandertais e *Sapiens* se encontram e que os Neandertais foram extintos, não sabemos como ou o porquê, mas a causa mais provável é que os *Sapiens* foram os responsáveis.

Novamente partindo de conjecturas, quase com certeza um grande potencializador da violência foi a revolução agrícola (iniciada há 12 mil anos), “boa parte da história humana é constituída de conflitos desiguais entre os que têm e os que não têm” (DIAMOND, 1997, p. 76). Com a revolução agrícola deixamos de ser nômades, criamos assentamentos e desenvolvemos o conceito de propriedade.

O aumento da quantidade de alimentos resultou em explosões populacionais e elites favorecidas (HARARI, 2012, p.116), mais vizinhos, mais conflitos; disputas por terra, plantações e gados. Quando um vizinho inimigo batia a porta havia duas escolhas, ceder a terra/bens e fugir e se arriscar a morrer de fome ou de ataques humanos e/ou de animais, ou então, ficar e lutar, a segunda alternativa provavelmente era a melhor escolha.

A arte da guerra é, de certo modo, um meio natural de adquirir, uma vez que a caça faz parte dessa arte, que é usada não só contra os animais selvagens como também contra os homens que, destinados por natureza a obedecer, recusam-se a se submeter, de sorte que a própria natureza declara que uma tal guerra é justa. (ARISTÓTELES, 2017, p.42-43).

O pensamento compartilhado pela maioria dos estudiosos da pré-história é de que as guerras eram raras e/ou insignificantes, as sociedades agrícolas de caçadores-coletores dificilmente dariam suporte a grandes conflitos: homens saudáveis, equipamentos, infraestrutura, comida. Obviamente as guerras pré-históricas não teriam as mesmas

características das guerras da antiguidade e modernidade, resumiam-se em emboscadas e feudos. Entretanto, o antropólogo Lawrence H. Keeley traz um excelente estudo sobre essa questão, ele acusa os estudiosos da área de terem “pacificado” o passado.

Ao analisar a guerra pré-histórica ele faz crítica ao que chama de “julgamentos estéticos de forma e estilo”, quando deveria ser feita avaliações práticas ou científicas de efeito, assim como a tendência à relativização dos achados arqueológicos. Ele cita por exemplo construções de fossos e paliçadas nas ilhas britânicas que datam de aproximadamente 4000 A.C., esses fossos estariam repletos de ossos humanos, no entanto, aparecem nos livros didáticos britânicos como um provável local onde os mortos eram expostos por meses antes de serem depositados em covas comunitárias, realmente é difícil imaginar que um vilarejo deixasse propositalmente corpos apodrecendo a sua porta, trazendo insetos e empestecendo o ar com fins fúnebres, “as pacificações interpretativas foram aplicadas a achados arqueológicos de muitas outras áreas do mundo”.

RASTRO DA VIOLÊNCIA

Os ossos são a evidência mais direta desse passado violento, a maioria desses são de até 12 mil anos (início da revolução agrícola), através deles podemos deduzir a natureza do conflito, o trauma pode nos dar uma dimensão da força/violência utilizada, por exemplo, traumatismo craniano, projéteis embutidos (pontas de flecha e lanças), desmembramentos, escarpelamento e inclusive cozimento.

Também é possível chegar a conclusões através de padrões: vários esqueletos desmembrados em uma área podem indicar uma forma de punição ou então que aqueles membros decepados poderiam ser troféus para guerreiros, assim como objetos feitos de ossos humanos; padrões de corte poderiam indicar práticas ritualistas.

Alguns achados mais obscuros indicam até a prática do canibalismo, os ossos humanos provenientes dessas práticas têm características em comum com ossos de animais/caça, o dano encontrado nesses ossos aparece em três formas, quebra, corte e marcas de fogo. A quebra por impacto é uma marca bem distinta de que houve atividade humana, elas produzem fraturas espirais e quando o dano é feito com ferramentas como martelos normalmente deixa superfície esmagada.

O corte pré-histórico é bem distinto, quase sempre são feitos na forma de V e deixam estrias devido ao corte imperfeito das ferramentas

de pedra, as marcas nos ossos de humanos e animais não apenas são semelhantes, mas ocorrem nos mesmos lugares, geralmente perto das articulações, onde ocorre o desmembramento.

Já a queimadura em ossos pode indicar se foi proposital ou não, a queimadura pode ocorrer no osso inteiro ou em partes, assim como a cor resultante do grau de exposição. No sudoeste dos EUA esses ossos provenientes do canibalismo as modificações normalmente são bem destrutivas, enquanto no México foram encontrados milhares de ossos transformados em artefatos.

A posição em que os ossos são encontrados também podem nos dizer muito, em 2012 foram encontradas em Nataruk (Quênia) ossadas de 10.000 anos que mostram um massacre, entre eles ossos de crianças, 10 dos 12 esqueletos encontrados mostravam sinais de morte violenta, os outros dois, um homem e uma mulher, estavam em posição que indica que estavam amarrados, não precisa de muita imaginação para pensar que foi um assassinato com requintes de crueldade, talvez pais que tenham irritado os invasores, e foram obrigados a ver seus filhos sendo assassinados?

UM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE

Quando falamos de pré-história é comum pensarmos em homens da caverna e suas lanças, mamutes e tigres-dente-de-sabre, mas o estudo da pré-história não se limita apenas a tempos tão remotos, a pré-história é a história antes da escrita, por exemplo já citamos a história de James Cook no Havaí, a pré-história daqueles povos acabou no dia 17 de janeiro de 1779, ainda hoje existem tribos isoladas pelo mundo que tecnicamente vivem na pré-história e seus comportamentos podem nos ajudar a entender como povos de tempos mais remotos se comportavam.

Um caso recente é o de um missionário que foi morto a flechadas por uma tribo de caçadores- coletores na ilha de Sentinela do Norte, no Oceano Índico. O costume de tomar cabeças está registrado em muitas culturas da Nova Guiné, Oceania, América do Norte, América do Sul, África e Europa Ocidental (Keeley, 1996, p.215), os nativos da América do norte tinham um costume bem conhecido de tirar o escalpo dos inimigos, troféus menos comuns em diversas áreas do mundo incluíam mãos, genitália, dedos, dentes e ossos longos que eram transformados em artefatos, o canibalismo ritual foi encontrado em diversas tribos ao redor do mundo.

Esses contatos mais recentes com tribos isoladas podem nos ajudar a fazer uma conjuntura mais geral sobre conflitos entre diferentes povos e tribos pré-históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito a níveis de violência, conflitos e guerra pré-históricas, o meio termo é bem razoável, os caçadores-coletores e nossos ancestrais mais antigos da pré-história enfrentaram índices diferentes de violência e guerra, o fato é que, a violência foi sem dúvidas uma das ferramentas mais úteis na escalada da evolução humana.

Através dela atingimos o topo da cadeia alimentar, como consequência dela fortalecemos nossos assentamentos e senso de propriedade. Vilas, aldeias, cidade, países foram saqueados para que outros se desenvolvessem, chegamos onde chegamos por conta da violência, estivemos intimamente ligados a ela durante a história. Dada a tendência ao progresso social é compreensível que queiramos esquecer esse passado, porém analisar esse passado violento é essencial para entendermos que agora a violência se tornou obsoleta, hoje nós podemos resolver nossos problemas com outra ferramenta que aperfeiçoamos através desses incontáveis milênios de evolução, a inteligência da mente humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAMOND, JARED. **Armas, Germes e Aço: Os Destinos das Sociedades Humanas**, 15. Ed. Rio de Janeiro, Record, 2013.

GOSDEN, CHRIS, **Pré-História: Uma Breve Introdução**, Porto Alegre, L&PM, 2019.

HARARI, YUVAL NOAH. **Sapiens: Uma Breve História da Humanidade**, Porto Alegre, L&PM, 2020.

HOBBS, THOMAS. **Leviatã**. São Paulo, Martin Claret, 2009.

WINSTON, ROBERT. **Instinto Humano**, Porto Alegre, Globo, 2006.

KEELEY, LAWRENCE H. **A Guerra Antes da Civilização: O Mito do Bom Selvagem**, São Paulo, É Realizações, 2011.

LEOPOLDI, JOSÉ SÁVIO. Rousseau- estado de natureza, “o bom selvagem” e as sociedades indígenas. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:https://www.academia.edu/download/34249471/Estado_de_Natureza_-_Jean_Rousseau.pdf. Acesso em 14 de nov de 2020.

ROUSSEAU, JEAN JACQUES. **Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**, 2. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

TURNER, CHRISTY G.; TURNER, JACQUELINE A., *Man Corn: Cannibalism and Violence in the Prehistoric American Southwest*, University of Utah Press, 1999.

PALEOLÍTICO MÉDIO: HOMEM DE NEANDERTAL, A DOMINAÇÃO DO FOGO E A INDÚSTRIA MUSTERIENSE

Sebastião Henrique Gonçalves dos Santos¹

INTRODUÇÃO

O Paleolítico Médio é o período que compreende de 250.000 até 40.000 anos atrás. Por ser o segundo maior período do paleolítico, ele abarcou grandes mudanças evolutivas tanto na fauna como na flora do planeta Terra. Esse período foi marcado por diversos acontecimentos que mudaram o rumo da humanidade tais como: A dominação total do fogo, o cruzamento de duas espécies diferentes que originaram o *homo sapiens*, o princípio das práticas funerárias primitivas e a extinção de uma das mais famosas raças de primatas (o homem de neandertal).

O Homem de Neandertal foi uma espécie pertencente à árvore evolucionária a qual se encaixa o *homo sapiens* (O homem moderno). Viveram ao longo da Europa até o oriente médio, surgiram há cerca de 400 mil anos, ou seja, a espécie se deu início no paleolítico inferior, teve o seu crescimento populacional no paleolítico médio, onde foi espécie dominante e teve sua extinção no início do paleolítico superior. Essa espécie era oriunda da Europa e do oriente médio possuíam bastante semelhanças físicas e genéticas com o homem moderno. Eram nômades, caçadores coletores e sua dieta era majoritariamente constituída por animais de médio e grande porte como mamutes, auroques, cavalos e cervos. Existem muitas hipóteses sobre qual foi o motivo de sua extinção, alguns estudiosos por meio de análises genéticas formularam a tese de que devido ao homem de neandertal ter dificuldades de interação com outros indivíduos fora seu grupo, mantinham relações sexuais consanguíneas levaram a esses indivíduos se desenvolverem com deficiências físicas. Outra hipótese acerca da extinção dessa raça ancestral do gênero “*homo*” foram os primeiros contatos que se deram com os primeiros *Homo sapiens* a cerca de 100.000 a 60.000 anos, facilitando assim o contato dos neandertais com doenças que seu sistema imunológico não possuía resistência.

Mas sem dúvidas alguma o acontecimento principal do paleolítico médio foi a dominação do fogo, que tanto interferiu no melhora-

¹ Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: sebastiao.goncalves@aluno.uepb.edu.br

mento da qualidade de vida dos indivíduos que eram detentores dessa tecnologia, pois facilitava a defesa contra predadores e a resistência a períodos de baixas temperaturas, quanto em melhoramentos no organismo humano. Ademais, a diminuição do intestino e o aumento da capacidade cerebral, devido a maior quantidade de energia extraída dos alimentos que passavam por um processo de cozimento antes de serem ingeridas.

Outra característica marcante desse período foi a “indústria musteriense”, prática de talho da rocha e de ossos de animais que melhoraram a qualidade dos artefatos produzidos tanto para caça, a exemplo de ponta de lanças utilizadas para a caça de cervos, cavalos, auroques, mamutes e outros animais que habitavam a Europa e oriente médio nesse período. Tinham características alongadas, escamosas, triangulares e eram feitas em sua maioria de rochas de sílex e ossos de animais.

PALEOLÍTICO MÉDIO

1.1 HOMEM DE NEANDERTAL - A DESCOBERTA

O homem de neandertal pode ser considerado a espécie predominante no paleolítico médio, eram ancestrais dos humanos contemporâneos, surgiram entre 400 e 250 mil anos, na Eurásia, esse ancestral próximo do *Homo sapiens* habitou a Eurásia entre 400 e 28 mil a.C.

A descoberta dos primeiros fragmentos de fósseis que mais tarde foram atribuídos a uma até então não conhecida espécie ancestral humana, se deu na Bélgica em 1829, e mais tarde no território britânico de Gibraltar em 1848. Porém, a descoberta do esqueleto mais completo dessa raça até então só veio ser encontrado em 1856 em Düsseldorf, na Alemanha, em uma localidade chamada Vale de Neander.

Referente às descobertas feitas desde os primeiros achados até hoje, muitas conclusões foram tiradas, esses indivíduos viviam em pequenos grupos de até quinze componentes, alguns fósseis tinham marcas de cortes de ferramentas neandertais, que podem indicar rituais antropofágicos de canibalismo. A falta de cooperação e socialização entre indivíduos de grupos diferentes, mudanças climáticas, relações consanguíneas que originaram má formação nos indivíduos, e a falta de diversificação na convivência com outros grupos, que não fomentou o melhoramento do sistema imunológico dessa espécie, levando assim a uma dificuldade de sobrevivência após o contato com os grupos de *Homo sapiens* que consigo traziam novas doenças que o organismo dos

neandertais não eram capazes de se defender.

1.2 HOMEM DE NEANDERTAL - CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

Kyle Munkittrick, pesquisador da Universidade de Nova York e diretor do Instituto pela Ética e pelas Tecnologias Emergentes, é defensor da tese de que a constituição física dos neandertais era bastante semelhante à de um humano atual. Isso pode ser comprovado após análises genéticas, que comprovam que em nós existe bastante semelhança ao que eram os nossos antigos ancestrais.

Os pesquisadores do Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionária em Leipzig, Alemanha, reproduziram o genoma de neandertais de 38 mil anos e concluíram que temos de 1% a 4% de código genético em comum com eles. (MUNKITTRICK, et. al., 2013).

Outro estudo sobre os homens de neandertal promovido pelo departamento de genética da faculdade de medicina de Harvard afirma que de 1% a 4% do nosso DNA é herdado dos homens neandertais. Estreitando, dessa maneira, ainda mais a tese de que as espécies de *homo sapiens* não só coexistiram com os neandertais como também se relacionaram e originaram híbridos. Os neandertais do paleolítico médio tinham estatura baixa e envergadura menor comparada a um humano atual, um adulto neandertal podia medir entre 1,65 e 1,75 metros de altura e tinham um dorso mais robusto que a média do humano contemporâneo levando assim a crer que possuíam órgãos internos maiores. Os neandertais possuíam o crânio alongado da frente até a parte traseira, característica que mostra que eles possuíam um cérebro 10% maior que o humano, porém não se pode considerar que os neandertais tinham maior capacidade ou complexidade cerebral.

Uma característica bastante marcante nos neandertais era uma protuberância que havia acima dos seus globos oculares, e o grande tamanho do nariz. O nariz do neandertal era maior e mais largo que o humano, dando a eles a capacidade de aquecer o ar antes de entrar para os pulmões, capacidade essa muito útil aos neandertais, devido às baixas temperaturas das localidades onde encontrava-se, Europa e Ásia.

O cérebro neandertal era maior devido ao tamanho da caixa craniana, porém não tão complexo quanto o do *Homo sapiens*, os ossos

do ouvido eram quase tão complexos quanto os ossos do ouvido do humano atual, condição que entregava a ele a capacidade de ouvir com razoável qualidade os sons tanto produzidos pelos indivíduos da sua espécie como os *Homo sapiens* nos primeiros contatos entre eles. Eram indivíduos musculosos, tinham o antebraço um pouco mais largo que o humano atual, eram consideravelmente mais fortes que o humano atual pois eram nômades e dependiam da caça para alimentar-se.

Tinham hábitos alimentares carnívoros e frutíferos, eram caçadores/coletores sendo eles os ancestrais com uma das maiores dietas carnívoras que já existiram na árvore genealógica do *Homo sapiens* já que eram predadores de grandes espécies da fauna existente naquele período como mamutes, cavalos e veados. Essa tese foi comprovada através do artigo “Dieta Neandertal em Vindija e predação Neandertal: a evidência de isótopos estáveis”, do Dr. Michael P. Richards et al, professor de Arqueologia da Universidade de Durham (Reino Unido) publicado nos “Anais da Academia Nacional De Ciência Dos Estados Unidos Da América”. Segundo RICHARDS:

Análises arqueológicas de restos faunísticos e de ferramentas líticas e ósseas sugeriram que a caça de mamíferos de médio a grande porte era um elemento importante da subsistência dos Neandertais. Os alimentos vegetais são quase invisíveis no registro arqueológico e é impossível estimar com precisão sua importância na dieta. (RICHARDS, et. al., 2000).

1.3 HOMEM DE NEANDERTAL - OS PRIMEIROS CONTATOS COM O HOMO SAPIENS E OS EFEITOS

Por ser uma espécie nômade, que viviam em pequenos grupos e que não tinha uma forma de comunicação tão complexa como os *Homo sapiens*, os neandertais tiveram uma dificuldade maior tanto para a adaptação a novos ambientes como a elaboração de técnicas para a caça e o talhe da pedra para a fabricação de ferramentas e armamentos para a caça e combate. Diante disso, é coeso afirmar que ao acontecer os primeiros contatos entre os neandertais e *Homo sapiens* houve um estranhamento maior por parte dos neandertais, pois segundo pesquisas genéticas esses indivíduos demonstravam possuir um déficit cognitivos e sociais, fato esse que pode ter levado os neandertais extinção e o *homo sapiens* que era uma raça mais “sociável”, que viviam em

maiores bandos e que cooperavam mais entre si. Essas afirmações podem ser comprovadas segundo o professor da faculdade de medicina da Universidade da Califórnia em San Diego, Alysso Muotri. Segundo MUOTRI:

Ainda é muito cedo para tirar conclusões do estudo, mas, se nossa hipótese estiver correta, podemos especular que os neandertais tinham sérios déficits cognitivos e sociais. Isso pode ter contribuído para sua extinção (MUOTRI, et. al., 2018).

Entretanto, em uma determinada parte do período paleolítico médio, contatos entre essas duas espécies foram inevitáveis, até mesmo relações sexuais que originaram indivíduos híbridos acontecerem, mesmo com o estranhamento e a preferência pelo distanciamento não sendo abandonadas por esses indivíduos.

Diante disso, é capaz de concluir que os *Homo sapiens* levaram certa vantagem sobre os neandertais pois viviam em comunidade, trocavam conhecimentos e eram caçadores de animais de pequeno porte, facilitando assim a sobrevivência em tempos de mudanças climáticas já que necessitavam de menos alimentos para gerar energia.

2.1 O FOGO NO PALEOLÍTICO MÉDIO: NEANDERTAIS, OS PRIMEIROS A DOMINAR TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE FOGO CONTROLÁVEL

A nossa jornada ao lado do fogo se iniciou a cerca de 1,5 milhão de anos quando os primeiros ancestrais de nós, *homo sapiens*, tiveram os primeiros contatos com o fogo, ainda não criado intencionalmente, mas por meio natural, raios, aquecimento temperatura altas em contato com a mata seca, dentre outros fatores.

Segundo artigo de Andrew C. Sorensen, E. Claude & M. Soresini, publicado na revista científica “Scientific Reports”, é capaz afirmar através de evidências encontradas por meio de micro análise feitas em ferramentas de sílex produzidas pelos neandertais, que essa espécie eram detentores de técnicas que promovia a criação de fogo através do contato entre rochas, e até é correto afirmar que foram os primeiros indivíduos a provocar o fogo intencionalmente. Com base nisso, é válido afirmar que os neandertais já desenvolviam tecnologia bastante

evoluída em relação tanto aos seus contemporâneos quanto aos seus antecessores, nos dando a entender que essa espécie ancestral do humano atual não eram só “homens das cavernas”, pelo contrário, eram indivíduos com um nível avançado de tecnologia. De acordo com Sorensen, Claude Soressi:

Das camadas arqueológicas atribuídas às indústrias mousterianas tardias em vários locais em toda a França, principalmente à tecnocultura Mousteriana da Tradição Acheuliana (MTA) (ca. 50.000 anos AP), identificamos usando a análise de microdesgaste dezenas de ferramentas bifaciais do Paleolítico Médio tardio que exibem ferramentas macroscópicas e microscópicas traços sugerindo percussão repetida e / ou abrasão forçada com um material mineral duro.2) contra os lados planos / convexos de uma biface para fazer fogo. (CLAUD;SORESSI, et. al., 2018).

2.2 O FOGO NO PALEOLÍTICO MÉDIO: A INTERFERÊNCIA DO FOGO NO ORGANISMO DAS ESPÉCIES QUE O UTILIZAVAM

Antes da utilização do fogo como método de preparo para alimentos, os nossos ancestrais tinham um organismo mais rústico já que necessitava de um processo mais complexo para digerir o alimento. Segundo o autor do livro “Catching Fire: How Cooking Made Us Human”(Pegando Fogo: como cozinhar nos tornou humanos), Richard Wrangham: A utilização do fogo no cozimento dos alimentos aumentou a qualidade do processamento dos alimentos e aumentou a produção energética, diminuindo a necessidade de intestino grande aumentando o tamanho do cérebro. Por serem nômades, em épocas de seca onde os alimentos eram mais escassos, as espécies que não dominavam o fogo enfrentavam grandes dificuldades para bater a cota de alimentação e manter uma regularidade na geração de energia.

Já as espécies que eram detentoras da tecnologia de produção intencional do fogo levavam ampla vantagem sobre as outras espécies. Necessitavam de órgãos e músculos menores, pois o processo de cozimento e de assar a carne era responsável por quebrar as fibras presentes na carne e liberar maior quantidade de nutrientes. Como necessitavam

de menor quantidade de alimento, menor tempo caçando e correndo menos riscos frente a predadores, esses indivíduos conseguiram de forma acentuada manter uma crescente qualidade de vida e preservação dos integrantes dos seus grupos quanto aos riscos das maiores quantidades de incursão da caça que os ancestrais dependiam.

Autor do livro “Catching Fire: How Cooking Made Us Human”(Pegando Fogo: como cozinhar nos tornou humanos), o antropólogo Richard Wrangham, da Universidade de Harvard destaca que o cozimento dos alimentos aumentou a quantidade de energia absorvida dos alimentos. Segundo WRANGHAM:

A energia extra deu vantagens biológicas aos primeiros cozinheiros. Eles sobreviveram e se reproduziram melhor do que antes. Seus genes se espalharam. Seus corpos responderam adaptando-se biologicamente aos alimentos cozidos, moldados pela seleção natural para aproveitar ao máximo a nova dieta. Houve mudanças na anatomia, fisiologia, ecologia, história de vida, psicologia e sociedade. (WRANGHAM, et. al., 2009).

3.1 A INDÚSTRIA MUSTERIENSE: DESCOBERTA E CARACTERÍSTICAS

Diante da idade de início e fim do paleolítico médio é capaz afirmar que a cultura de talho musteriense se deu por volta de 300 a 40 mil anos de idade, onde os indivíduos desenvolveram e aperfeiçoaram a técnica de talho referente a cultura musteriense. O nome musteriense foi dado devido a localidade onde os primeiros artefatos, com essas características foram descobertos em 1860 pelo arqueólogo e antropólogo francês Gabriel Mortillet numa região francesa chamada Dodonha.

Após os primeiros contatos dos arqueólogos com esses fragmentos iniciou-se a busca por formar classificações para agrupar e organizar as diferentes formas de “talho” produzidos por esses indivíduos, em categorias e subdivisões sendo elas raspadores, divisores e Buriles.

A indústria musteriense é caracterizada em sua maioria por rochas de sílex e quartzo, tipos rochosos encontrados facilmente no interior de cavernas, fatos que podem ser ligados e culmina na ideia da forte ligação das espécies do paleolítico médio com as cavernas, não tendo a função de abrigar durante a noite ou dias frios como também local onde

se deu início das primeiras práticas funerárias primitivas.

As rochas com talhos da indústria mousteriana eram marcadas pelas lascas de características escamosas, triangulares, agudas e alongadas. De acordo com GOURHAN:

Um traço muito interessante é a longa forma dentada dos bifaces do Paleolítico Médio. Na Europa, como na África ou no Levante, as formas bifaciais persistem muito tempo, após o aparecimento dos traços levalloiso-musterienses (Micoquiense, Musteriense de transição acheulense) nota-se unicamente que o módulo dos bifaces se aligeira e se afina e que seu número é comparativamente pequeno em relação aos raspadores de gume lateral. (GOURHAN, 1981, p.94).

Outra característica mesmo que pontiagudas e extremamente laminar as rochas de talho musteriente, as peças tinham formas alongadas e de fácil empunhadura.

(3.2) A INDÚSTRIA MUSTERIENSE: DIVISÃO

O talho musteriente é dividido em formas de talhos com pouca variação de uma para outra, elas são divididas nas seguintes classificações: Musteriense típico, Musteriense de tradição acheulense, bascones, musteriente de tipo quina- ferrassie, musteriente de tradição acheulense tipo A, Musteriense de denticulados e Musteriense de tradição Acheulense tipo B. Mas a grosso modo é possível afirmar que essa cultura de talho não se difere muito apesar do longo período de ocorrência. Segundo GOURHAN:

Uma causa propriamente tecnológica de variação reside na natureza dos instrumentos pesquisados, que são facas, na maioria. Pode-se admitir a priori que a lasca levallois bruta, a ponta triangular, a ponta oval, o raspador sob suas diferentes formas correspondem a instrumentos de função diferente, mas seria pouco prudente exagerar, a maneira dos velhos autores a extensão da panóplia musteriente. (GOURHAN, 1981, p.86).

Com base nos exemplares encontrados na Europa é possível afirmar que, mesmo após tantos milhares de anos, os neandertais mantinham as mesmas características dos exemplares com datações mais recentes, nos levando a crer que a cultura musteriense não sofreu muitas transformações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos promovidos em sala de aula acerca do tema: Paleolítico médio, e as pesquisas realizadas em artigos científicos, opiniões de profissionais da área de arqueologia, genética e antropologia, é de suma importância destacar toda a importância desse período da história da trajetória humana.

A partir dele surgiram os primeiros indivíduos da raça “Homo sapiens” derivados de duas raças de ancestrais, que entre 100 e 40 mil anos atrás conviveram não tão amistosamente, porém estabelecendo pequenos de contato, mas que influenciaram significativamente o rumo da nossa raça.

Nesse artigo acadêmico buscamos enfatizar a importância dos neandertais e demonstrar as características da raça que por milhares de anos dominou majoritariamente toda a Europa, passando por oriente médio e chegando em algumas partes da Ásia e participou diretamente da criação da espécie homo sapiens.

Após a descoberta dos primeiros fragmentos de ossos neandertais, se deu um salto incalculável para a ciência e a arqueologia. Foi a partir desse achado que descobrimos que em um certo momento da história do planeta terra, existiu uma raça tão evoluída tecnologicamente e, ao mesmo tempo, tão subestimada por parte dos primeiros pesquisadores após o encontro dessa espécie.

Outro acontecimento que marcou a história da humanidade e mudou os rumos da história ocorrido no paleolítico médio foi a dominação do fogo pelos nossos ancestrais.

Devido a pesquisas realizadas para a produção desse artigo, é incontestável a importante influência do fogo desempenhou para a evolução tecnológica da raça dominante no planeta e possibilitou uma certa segurança, tanto contra predadores, quanto contra o frio, nos diferentes biomas em que os nossos ancestrais desse período viviam. A dominação do fogo e o melhoramento das práticas de produção desse elemento promoveu mudanças na forma do planeta e principalmente auxiliou no melhoramento físico, genético e cerebral dos nossos ancestrais, que cul-

minaram na alta capacidade cerebral que temos atualmente. Essas mudanças alavancadas pelo fogo foram responsáveis por determinar qual espécie seria a dominante sobre a fauna e flora terrestre.

Outra característica que também buscamos enfatizar nesse artigo foi a cultura musteriense, a prática de talho da rocha promovida pelos neandertais, que por mais de 250.000 anos potencializou a construção de ferramentas para o manejo dos alimentos e a fabricação de armas como a lança usada para caçar animais de grande porte.

Por fim, queremos enfatizar a importância dessa pesquisa realizada anteriormente para a produção desse artigo requerido pelo professor Matusalém Alves Oliveira, docente da cadeira de Pré-História, que por meio desse assunto discorrido acima engrandeceu de forma muito positiva os nossos conhecimentos acerca do paleolítico médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTOTI, Vitória. Estudos indagam se neandertais tinham déficits cognitivos e sociais. **Revista Galileu**, 25 de jun 2018. Acesso em: 28 nov 2020.

GOURHAN, Leroi. **Pré-história**. Editora: dusp. São Paulo, 1981.

GARNER, Dwight. **Por que os humanos são diferentes de todos os outros macacos? É a cozinha, estúpido**. The New York Times, 26 mai 2009. Acesso em 28 nov 2020.

VAESEN, Kirst, et al. **Endogamia, efeitos de Allee e estocasticidade podem ser suficientes para explicar a extinção do Neandertal**. *Jornal Plos One*, 27 nov 2019. Acesso em: 29 nov 2020.

MUNKITTRICK, Kyle. Vamos recriar os neandertais. **Revista Galileu**, c2013. Acesso em: 28 nov 2020.

RICHARDS, Michael, et al. **Dieta neandertal em Vindija e predação neandertal: a evidência de isótopos estáveis**. Biblioteca Nacional de Medicina dos EUA, Institutos Nacionais de Saúde, 13 jun 2000. Acesso em: 28 nov 2020.

SPECTOR, Dina. **Aqui está o que aconteceu quando neandertais e**

humanos antigos se conectaram há 80.000 anos. Business insider, 29 jan 2014. Acesso em: 28 nov 2020.

SORENSEN, A. C. CLAUD, E., SORESSI, M. **Tecnologia de fabricação de fogo Neandertal inferida da análise de microdesgaste.** Scientific Reports, 19 jul. 2018. Acesso em: 28 nov. 2020.

OS SÍMBOLOS, OS SIGNIFICADOS, E O DESCONHECIDO DAS ITACOATIARAS

Rafael Garcia Correia¹

INTRODUÇÃO

Muito pouco se sabe de como, porque e para que, tais inscrições foram feitas nas pedras itacoatiaras no município de Ingá, no Estado da Paraíba. Tais escritos, estão gravados em alto relevo de forma rupestre, congregando um dos mais representativos escritos no estilo gravura do Brasil. Utilizando – se de figuras quase indecifráveis ou porque não dizer em sua maioria que nada se sabe de que tais figuras elas representam, os painéis trazem um conjunto de significados que ainda instigam os estudiosos do ramo e curiosos pelo desconhecido. Os escritos despertam interesse de cientistas, podendo agrupar muitas informações da vida e os costumes do homem pré-histórico que fizeram morada nas itacoatiaras. Porém, o que se sabe até agora, ou quase nada, é que tais escritos são datados de mais de seis mil anos, muito mais além do que se possa imaginar como tais artes puderam aparecer ali.

Essas gravuras dizem o quão os seres que a fizeram são de extrema genialidade e de expressões que seguiam uma linha (antropomórficas e zoomórficas) artística, geométrica e padrões estéticos, seguidos de simbologia religiosa diferenciando das demais culturas que por ventura poderiam existir no seu meio.

Esses padrões, permaneceram ligados desde o princípio da criação e desenvolvimento desse (s) povo (s) que no passar dos anos se prolongou ao longo da criação deste sítio, trazendo ao conhecimento sua história, guardando os mistérios de uma civilização ainda não conhecida, que desenvolveram procedimentos específicos que ainda não foram interpretados.

As itacoatiaras trazem um conjunto de gravuras sobre a rocha que demonstram um conjunto excêntrico de como foi o procedimento da chegada humana nesta região. Assim também, nos mostra um exemplo claro de como tais povos se colocaram em comunhão com o ambiente natural que os rodeiam, formando assim, tradições religiosas, como também, expressando suas raízes culturais, artísticas e sociais expressada pelas gravuras nas pedras.



Fonte: IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/824>

A finalidade dessa produção é basear-se em elucidar por meio de um testemunho a importância de conhecer a história que envolve as pedras itacoatiaras do Ingá. Buscando as respostas sobre a historicidade, e as atribuições históricas que possam existir na pedra do Ingá com suas escrituras, quanto a pesquisar acontecimentos acerca dos mistérios que submergem das escrituras das itacoatiaras.

Assim, se torna possível encontrar inúmeras obras que abordam as itacoatiaras remetendo ao campo da arqueologia, mas em sua grande maioria abordam elementos como lendas, ocultismo, astrologia. Porém, fazendo uma busca rápida de pesquisadores da área arqueológica, localiza-se a Gabriela Martin (2008), que entende – se esses escritos como uma espécie de adoração às águas, e elementos da natureza. Embora as hipóteses existentes, trazem tais figuras que ainda pairam no campo do desconhecido para os estudiosos. Pode-se analisar que estas figuras esculpidas trazem inúmeros pensamentos em volta dessas inscrições.

Brito (2008) nos mostra inúmeras explicações, e elenca uma série de teorias a respeito dos possíveis significados das itacoatiaras, como também é possível descobrir anotações e hipóteses para as inscrições do Ingá.

Como vimos essa compilação ideogênica ora, apresentada, reunindo várias opiniões inspiradas na Pedra do Ingá, a priori, demonstra quanto ignoto e ambíguo é a expressão encerrada neste suntuoso monumento gráfico e só vem provar o quanto tênue é a fronteira entre a realidade e a ficção (BRITO, 2008 p. 60).

As gravuras existentes na Pedra do Ingá sugerem mais do que demonstram, no entanto, muito se cogitam sobre a origem destes enigmáticos petróglifos adjudicados a diferentes povos vindos de outros lugares do continente, até supostos extraterrestres. Estas suposições fazem das itacoatiaras um lugar historicamente cheio de fatos e mitos sobre seus escritos.

Porém, tais símbolos e seus significados, se assemelham mais com a cultura pré-histórica dos povos nativos ameríndios, que tinham essas atitudes de marcação em rocha os seus costumes e suas práticas de linguagem, que já podemos enxergar no Ingá o enigmático conjunto de signos gravados na rocha. A complexidade das gravuras das itacoatiaras, nunca fora tarefa fácil de saber como elas foram talhadas no gnaisse, haja vista, que seus criadores já não existem mais, há não ser os seus enigmas em suas escritas rupestres.

No primeiro momento, imaginamos que as gravuras deveriam ter sido talhadas com uma espécie de metal, até por que, a localidade das Pedras itacoatiaras tem uma abundante concentração material em minério, fazendo com que possam acreditar que esses povos tenham usado tais técnicas e materiais para essa gravura em rocha. Assim, essa hipótese se sustenta mesmo sabendo que tais métodos metalúrgicos estavam longe do conhecimento dos nativos ou quem quer que foram os executores das gravuras.

O trabalho que foi feito nas itacoatiaras do Ingá no campo da arqueologia, trata a criação dos escritos em uma prática mergulhar um pedaço de madeira e colocá-la sobre areia e transformá-la em uma espécie de lixa, que com o movimento de fricção, fazia - se o retalhamento da rocha, no entanto, outros estudiosos acreditam que o processo de pedra sobre pedra se encaixam mais ainda nas técnicas de retaliação da rocha.

Muitos estudiosos da área acreditam que a prática experimental da pedra sobre pedra poderia danificar os contornos das rochas, não dando assim, as formas milimétricas perfeitas que encontramos no painel principal das itacoatiaras.

Dessa forma, com essa análise semiótica é possível entender que as inscrições e seus elementos potencializam um meio de comunicação, de certa forma instigam ao ser humano a gerar inúmeras possibilidades de vários significados e estabelecendo representações diferentes.

Assim, esses significados que aparecem de acordo com as necessidades de alguns que são voltados às áreas científicas envolvendo pesquisas nos campos da antropologia, arqueologia, história, e outras tantas desse campo de estudo, presunções históricas que aproximam

– se dos elementos míticos e lendas existentes, caminham ao lado do imaginário que vai se modificando ao longo que é transmitido no passar dos séculos.

As pesquisas e estudos que tratam das possíveis interpretações ajudam na preservação das itacoatiaras, mantendo sempre viva e conservada seus inscrites, permitindo assim, que mais produções históricas e científicas possam mais e mais se aproximar – se desta cultural pré-histórica que ainda vive, possibilitando guiar – se para novos caminhos e visões de como fora criado tais escritos.

Não se tem uma precisa idéia de quem ou como se chamavam ou como viviam os vários grupos que habitavam aquela região antes dos escritos, e depois deles serem feitos, assim, os cientistas aplicam aos nativos que viveram por último na região do rio Paraíba que corta o Ingá, a paternidade as gravuras na rocha gnaisse.

As itacoatiaras e suas inscrições rupestres trazem uma extinta civilização de seus habitantes em nosso território, possibilitando um fácil desvendar, no entanto, outras tantas ainda aguçam o imaginário de seus significados. Entretanto, em uma visão geral, há incontáveis linguagens e seu abstrato significado deixados pelos nossos nativos.

Algumas das inscrições rupestres encontradas nas rochas do Ingá nos permitem distinguir alguns motivos de sua criação, no entanto, outras são de difícil entendimento dos seus significados. De certa forma, eles são relatos verdadeiros de como era o comportamento dos povos que ali moravam, e que registravam seu dia a dia de uma forma que pudessem expressar e com também, gravar não só na rocha como na história, uma espécie de marcação de território, não só no seu tempo histórico, como também no passar dos séculos.

Assim, acreditamos que a Pedra do Ingá, é uma inscrição rupestre de criação de uma civilização ameríndia que ocupava várias regiões.

O homem primitivo usou recursos técnicos e operacionais nas representações rupestres que podem ser interpretados como testemunhos de evolução gráfica, diferenciações culturais étnicas ou mesmo cronológicas. Na Paraíba, apresenta de forma geral três modalidades de ‘maia – cana, picotadas e monocromáticas’, que via de regra, contemplam regiões geográficas e ecológicas específicas. (BRITO, 2008, p.143).

A Pedra do Ingá vem sendo há muito tempo a maravilhosa “pe-

dra” no sapato dos cientistas e historiadores que bravamente tentam entender e decifrar seus enigmas. É de extrema importância ressaltar nesse meio de inscrições rupestres, onde não se sabe ao certo as respostas corretas de com foi o surgimento das gravuras, que o faro do pesquisador é importantíssimo para destrinchar os caminhos que o podem levar para a revelação de sua pesquisa, e assim, com máxima dedicação e paciência, poderá chegar ao preenchimento das inúmeras lacunas e abismos que nos separam da verdade das itacoatiaras.

Para uma pesquisa satisfatória, é primordial e indispensável uma máxima elaboração dos métodos e fontes acerca do objeto estudado e do campo que será abordado à pesquisa, assim, quando nos referimos ao estudo das itacoatiaras e seus escritos, não cabe à mecanização da interpretação, até por que, esses testemunhos que existem nas Pedras do Ingá deixam não só um vasto vazio de seus significados, mas também, uma ampliação do conhecimento de quem teimosamente tentam desvendar seus enigmas.

A supostas resposta dos significados existentes na Pedra do Ingá está camuflada no esclarecimento ligado a cultura petóglifa e o significado de seus códigos só poderão ser alcançados se houver a iniciativa de partirmos em um longo caminho indutivo de observação e pesquisa das relações de semelhança e diferença das culturas que supostamente existiram, para que assim, pudéssemos detectar suas integrações mínimas chegando assim, a sua forma mais incipiente.

Em uma análise das composições das Pedras do Ingá, percebe – se em seus signos uma divisão do processo de divisão diária das tarefas como também de status de sua sociedade. Existem indícios simbólicos de ritos aos astros.

Durand (1998) nos mostra que os símbolos detêm de um meio real. A simbologia existente nas itacoatiaras tem uma representação de significados que em primeiro momento sempre faz surgir uma definição do oculto que dependendo da criação da arte pode ou não decifrar – se claro sua correta e verdadeira escrita. No entanto, tal civilização deteve essas práticas como detentoras de uma cultura única, adiando suas interpretações.

A imaginação também tem o poder, natural ou adquirido, de formar imagens de objetos que não foram percebidos, inicialmente, como um todo, bem como a potencialidade de realizar novas combinações de imagens já conhecidas; é uma aptidão inata de criar, mediante a reor-

ganização de ideias que podem ser familiares ou inéditas ao sujeito. O devaneio, o sonho, a invenção, assim como as crenças fantásticas e as superstições somente podem acontecer pela existência da imaginação. (TEREZA, 2009, p.123).

Nesse entendimento, o evento interno ao ser, é a realidade, com no campo as ideias. No entanto, enquanto o imaginário tende a ser concretizado tomando sentido de ser real e sair da subjetividade podendo ou não ser existentes. Porém, isso não exclui sua existência mesmo no campo da ficção.

O imaginário estaria em paralelo e distinto da ideologia, símbolo e imagem e estas são categorias por vezes estudadas sem a menção da matriz primeira – a referida metade concreta do símbolo.

Pode-se significar que há uma necessidade de aceitação do irrisolto campo científico e sua racionalidade, buscando nas argumentações analíticas para inúmeras causas do imaginário, conhecendo assim, os explicáveis e comprováveis, constituindo um fundamento da reflexão científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo demonstrou as diferentes formas e representações que um monumento arqueológico pode causar no campo das ciências e da historiografia. Assim, as itacoatiaras estão entre um dos patrimônios arqueológicos nacionais que mais causa espanto, suposições, e que transcorre o imaginário não só local, mas também em âmbito nacional em diferentes épocas.

Dessa forma, a aliciação no campo científico torna - se primordial para o alcance desde direcionamento, no tanto o trabalho dos órgãos que administram estes bens culturais históricos deve manter - se suas atenções voltadas para a criação de projetos e nas vistorias da manutenção e conservação desse patrimônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Tereza. 2009. **A pedra do Ingá: A reprodução do mito, a reprodução da fé**, Brasil. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB.

ALVES, Cleide. 1999. “**Muralha esconde Pedra do Ingá**”. *Jornal do Comércio*. Recife.

BRITO, Vanderley. 2008. **A Pedra do Ingá: Itacoatiaras na Paraíba**. João Pessoa: RC Ed. 2010. “A Pedra do Ingá sob uma perspectiva ameríndiaológica”.

LE GOFF, Jacques. 1996. **Memória e História**. São Paulo: UNICAMP.

NETTO, Ladislau. **Investigações sobre a arqueologia brasileira**, vol. 06, Rio de Janeiro: Arquivos do Museu Nacional, 1885.

SCHWARCZ, Lília K. Moritz; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Antropologia e História: debate em região de fronteira**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

POSFÁCIO

O PASSADO NOS EVOCA À RESPONSABILIDADE

“Que obra de arte é o homem: tão nobre no raciocínio, tão vário na capacidade; em forma o movimento, tão preciso e admirável, na ação é como um anjo; no entendimento é como um Deus; a beleza do mundo, o exemplo dos animais” (Hamlet).

Assim William Shakespeare, o maior poeta de língua inglesa, define o homem. Isto é, como uma obra de arte, um ser que quando se dedica ao simbólico e ao belo, se aproxima de Deus. Este homem, conhecedor de sua missão e modelo aos demais, inspirou os maiores mitos da antiguidade, como Telêmaco, Hércules e Teseu na Grécia Micênica, Rama e Lakshmana na Índia Védica, entre muitos outros em todas as culturas antigas, mas quando se vira ao material e ao individualismo, o homem se afasta de sua gênese. Sem propósito ou sentido, ele cai na mais profunda melancolia e sua existência passa a ser um peso. Somente quando se reconecta consigo e se submete ao divino e às suas origens, ele volta para a sua essência.

Essa obra de arte, contudo, não se edificou pelas mãos habilidosas de um só artista, e sim de muitos anos de evolução social, política e simbólica. O homem, através das incontáveis eras, foi se aperfeiçoando, seja no campo social e prático, seja no espiritual, encontrando pelo caminho os aspectos e características que o definiriam como ser humano. Ora, se houve um autor para a humanidade em seus inúmeros significados, este com toda certeza é o tempo.

A presente obra é fruto de um árduo trabalho e rígida pesquisa documental e bibliográfica, um projeto, assim como o homem enquanto ser, que não foi feito apenas por uma ou duas pessoas. Esta obra que finalmente ganha rosto foi realizada e edificada por muitas mãos: alunos do primeiro período de História, que tiveram a coragem de aceitar o desafio. Eu e o prof. Matusalém Alves Oliveira temos certeza que este foi o início de uma longa caminhada que em breve dará bons frutos, como é esta obra.

Vale recordar o que escreveu o escritor chileno Alejandro Jodorowsky: “El pasado no es un mal que combatir sino un templo que explorar, ya que solo el que sabe de dónde viene puede comprender a dónde va”. Devemos, portanto, enxergar o homem pré-histórico não

como um ser que está à margem da nossa história, mas como uma lembrança que transcende a metafísica e o mundo manifestado. Estudando pessoas e culturas que há muito desapareceram, podemos entender muito do que somos hoje.

Espero que o leitor termine essa coletânea apaixonado e com a certeza de que a historiografia contemporânea, o campo da pré-história enquanto disciplina acadêmica e a educação brasileira estão entregues às boas mãos dos que hoje se preparam para serem os professores de amanhã.

Matheus Gleydson do Nascimento Sales
Editor Chefe da Editora Antropus
Campina Grande, 18 de julho de 2022.

Diálogos Sobre Pré-História:

MENTE, CULTURA E SOCIEDADE

VOLUME I

"DIÁLOGOS SOBRE PRÉ-HISTÓRIA: MENTE, CULTURA E SOCIEDADE" É UMA OBRA COLABORATIVA CRIADA POR ALUNOS DO PRIMEIRO PERÍODO DO CURSO DE HISTÓRIA, OFERECENDO UMA EXPLORAÇÃO RICA E ENVOLVENTE DAS PRIMEIRAS ETAPAS DA CIVILIZAÇÃO HUMANA. ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE DIÁLOGOS ENTRE ESTUDANTES, PROFESSORES E FIGURAS HISTÓRICAS IMAGINÁRIAS, O LIVRO INVESTIGA COMO A MENTE HUMANA, A CULTURA E A SOCIEDADE SE DESENVOLVERAM DURANTE A PRÉ-HISTÓRIA. ABORDANDO TEMAS COMO A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO SIMBÓLICO, AS ORIGENS DA ARTE, A VIDA NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES E AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS QUE MOLDARAM A HUMANIDADE, ESTA OBRA PROPORCIONA UMA VISÃO ACESSÍVEL E INSTIGANTE SOBRE UM DOS PERÍODOS MAIS FASCINANTES DA NOSSA HISTÓRIA.



FUST
FLORIDA UNIVERSITY OF
SCIENCE AND THEOLOGY